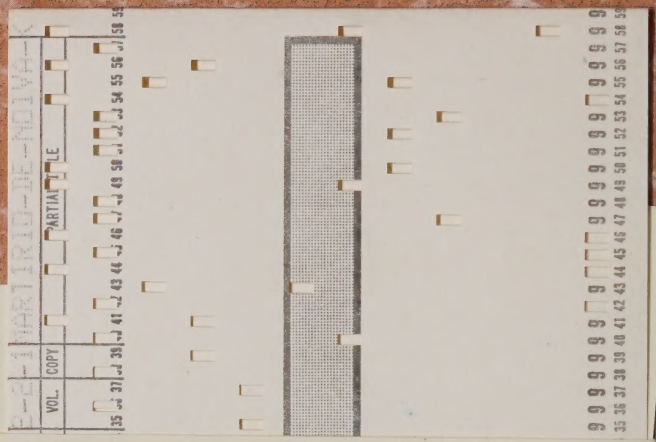

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9175
.B53
v. 2
nos. 7-12

a 00001 33319 5

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
AUG 0 6 1998			
AUG 1 2 1998			
MAY 0 2 '01			
JAN 1 7 2011			
OCT 2 2 2010			

Form No. 513

RC
C

PQ9175
.B53
v.2
no.7-12

Digitized by the Internet Archive
in 2023 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/martiriodenoivan712noro

Biblioteca "Civilização"

Colecção de pequenos romances
portuguêses e estrangeiros

MARTIRIO DE NOIVA

(Novela verdadeira)

POR

Eduardo de Noronha

1925

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - Editora - Porto

TONIO

LIMA

Martirio de noiva

Composto e impresso na Imprensa Civilização
Rua das Oliveiras, 75—PORTO.

Biblioteca Civilização
Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

PQ4175
.B53
v.2

VII

Martirio de noiva

(NOVELA VERDADEIRA)

POR

Eduardo de Noronha

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

1925
LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO-EDITORA
Américo Fraga Lamares & C.a, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

PREVENÇÃO

O assunto da novela que submetto á sua apreciação e sensibilidade, leitora, não é uma fantasia. Aconteceu. Segue passo a passo um caso vivido, em que teve não pequena interferencia a propria rainha D. Maria II. Apenas mudei o nome ás personagens. Existiram. Ainda hoje ha descendentes que usam os seus apelidos de familia. Eis o motivo da sua mudança.

MARTIRIO DE NOIVA

I

— Uniu-nos Deus, não nos separarão os homens!

— Vens então comigo a Lisboa?

— Vou, não ia apartar-me de ti cinco dias depois de nos termos recebido.

— Obrigado, Maria, muito obrigado; não imaginas quanto te agradeço o condescenderes com o meu desejo; todos gostam de vêr Lisboa; só tu não te alegras com essa viagem, que pode muito bem chamar-se de nupcias...

— As nossas nupcias teem sido aqui, na nossa casa, no nosso ninho, tão rescendente ao aroma da alfazema e do feno que o vento dos campos nos traz ás lufadas pelas janelas dentro. Para que interrompê-las e consentir que olhos estranhos profanem a nossa intimidade?...

— Bem sabes, Maria, que se eu pudesse evitar de qualquer maneira esta jornada não te contrariaría fazendo-a; é impossivel adiá-la; vae

nisso o nosso futuro, o futuro daqueles que vierem...

Estas ultimas palavras afoguearam numa labareda de zarcão o setim delicadissimo do rosto oval e expressivo da recemcasada. Acolheu-se ao forte arcabouço do marido e procurou apagar no seu arfar robusto e sereno o incendio que a esbraseara, ao mesmo tempo que as pupilas dos dois se fundiam num mesmo olhar e que os labios se confundiam num só beijo, demorado e cicioso.

— Nem mais uma palavra proferirei, deixando transparecer a angustia dos maus presagios que fincaram a sua garra adunca na minha alma...

— Maus presagios?! Que foram?

— Nem eu tos sei explicar... Nada... Tolices!... Se não fosse o doentío receio de perder a enorme felicidade com que envolves a minha existencia não tomariam corpo, não me esmagariam num aflictivo pesadêlo...

— Ha tão poucos dias que és minha mulher, que se me afigura que o prior acaba agora mesmo de abençoar a nossa união...

— Desculpa-me, perdôa-me, meu caro Antonio; vamos a Lisboa quando queiras; não aludirei nunca mais aos estupidos agouros que se me introduziram no coração... Quanto mais depressa partirmos para a capital, mais breve voltaremos para a nossa casinha.

Os labios dos dois esposos tornaram a

aflorar desenhando o calice perfumado e rubro dessa papoula, sempre viva e capitosa, brotada do amor. Sorvido em hausto profundo a seiva das duas almas, o primeiro a interromper o doce contacto foi o noivo, que disse:

— Muito te agradeço, Maria, o enxotares para longe de nós os morcegos de plumagem sinistra que cortam com o seu vôo denegrido o azul translucido do nosso céo.

— Vou tratar já dos preparativos da nossa jornada, e verás que solicitude ponho em que nada esqueça. Durará muito a nossa ausencia?

— Não mais dos que levamos pertencendo um ao outro...

— Só?! Cinco dias rapido os doba o tempo na sua meada infindavel.

Antonio Valadares, diligente e abastado proprietario do Alemtejo, residente em Montemór-o-Novo, namorara e casara com uma menina das cercanias da mesma vila, filha de agricultores, se não tão ricos como o noivo, dispondo de numerosos bens e provindo de boa ascendencia. Amavam-se os dois, quasi da mesma edade, desde a infancia. Antonio Valadares, de estirpe ilustre, filho unico, enviado pelos paes a Coimbra para ali se formar na faculdade de direito, a fim de, com mais competencia, administrar os importantes recursos da sua casa, não esquecera nos estudos feitos com consciente aplicação, nem na bohemia ruidosa das folias nocturnas, o rosto meigo e a figura gentil de Maria.

As familias dos dois namorados assistiam mais que com complacencia, com íntima satisfação, ao desenvolver e enraizar daquele recíproco afecto. Proximo a completar a formatura, quando se pensava dos dois lados na celebração das bodas, uma apoplexia fulminante derrubou, qual penhasco arrastado pelo impeto do vendaval, a vida do pae de Antonio. Penetrou fundo o desgosto no animo de todos. Se o estudante não adiou a sua comparencia aos actos finaes, sendo em todos aprovado *nemine discrepante,* já não sucedeu o mesmo ao anciado enlace, que teve de ser procrastinado em obediencia ás praxes do luto. Antonio Valadares assumira a administração do patrimonio, entregue na totalidade, pela mãe, á sua gerencia. Não havia de que se arrepender. Activo, zeloso, inteligente, os caseiros perceberam desde logo que lhes surgia na sua frente pessoa a quem não ludibriariam.

Nenhuma casadoira das circunvisinhanças intensificava em redor de si mais densa atmosfera de simpatias, nimbando-a de uma auréola de elogios e de bençãos. A doçura de Maria escancarava as bôcas das pessoas bondosas que, sobre a sua reputação, predicados fisicos e qualidades moraes, vertiam diluvios de entusiasticos encomios, e fechava a cadeado, imobilisando-as, as linguas mais eivadas de peçonha.

Um juri de certamen de belezas, alheio a peitas, não classificaria o seu correcto e oval semblante de formosura extra-concurso. A testa

arqueava-se-lhe naturalmente numa abobada de fartas e ondeantes madeixas côr de asa de corvo, os olhos amorteciam com carinho os ímpetos fulgurantes de mulher do sul ou relampejavam numa scintilação de corisco, reflexo do dealbar do seu coração simultaneamente calmo e igneo; os labios encrespavam-se-lhe, por vezes, num franzir tão expressivo, que deixava duvidas se se abria em corola, sequioso dos osculos das borboletas, se se convertia em patena a conter a hostia da primeira comunhão de uma virgem. Delgada, sem ser magra, bem lançada, de movimentos flexuosos, sem denguice preciosa, merecia o qualificativo de elegante, não provocando, todavia, no pitoresco vocabulario das algarismeiras, o apodo de celestrina. (1)

Antonio de Valadares, mesteiroso, liseirão, desempoeirado de idéas, resoluto, nada inticante, conscio do limite das suas aptidões, nunca se atemorisou com uma discussão, nem abaixou a vista ao mais ameaçador e temeroso dos perigos. Isto no que se referia ao moral. No fisico, bem apessoado, de musculos rijos e em constante exercicio, lavrador na vocação e no pulso, jogava o pau com os mestres, conhecia todos os segredos da picaria, toureava com denodo, raro errava uma perdiz no vôo atravessado, e não considerava tempo perdido o dispendido na esgrima do

(1) Remexida.

florete, na qual educava a vista e a mão no seu manejar calmo de estocadas de aristocratica delicadeza e de filigranas irrequietas de mortíferos resultados.

—A menina sempre vae a Lisboa com o senhor seu marido?

—Vou, sim, Genoveva; a sua presença é indispensavel na capital por uns dias, e não devo deixá-lo ir só com tão pouco tempo de casados.

—Lá isso é verdade; mas...

—Mas o quê?

—A menina desculpe não a tratar por senhora, vi-a nascer... hei de me acostumar...

—Trata-me como quizeres, serei sempre para ti a mesma; foste a minha ama sêca.

—E que bonita a menina era!...

—Deixa-te dessas coisas, continua o que ias a dizer.

—O senhor seu marido vae acompanhado, pois não vae?

—Vão comnosco até ao Barreiro o Manuel e o João...

—Não será pouco? Os ladrões andam desaforados por essas terras e sáem á estrada a toda a gente.

—Não é preciso mais.

—Vão com a escolta de cavalaria, que é de uso acompanhar quem jornadeia pelo Alemtejo, pois não vão?

—Qual?! Os dois creados chegam, não con-

tando com o meu Antonio que vale duas escoltas.

—O senhor sabe bem o que faz; mas eu ficava mais descançada se aproveitassem a escolta, como fazem os outros viajantes.

—Se encontrarmos os soldados no caminho iremos com eles, senão marcharemos sós. Com a pressa com que vamos, e muito em especial com o desejo de voltarmos o mais depressa possível, não dá prazo para aguardar a protecção dos militares que, mercê de Deus, não se fará mister...

—Mas...

—Estás hoje com muitos *mas,* minha querida Genoveva; arranca lá de dentro o que tanto te custa a trazer cá para fora.

—Então com licença da menina...

—Vá, desabafa!

—A menina lembra-se do Vicente do Escoural?

—Não me fales nessa má creatura.

—Desesperado por a menina não lhe querer aceitar os requestos, em vez de estudar como o pae queria, converteu-se num bardino, nunca mais pegou nos livros, viveu á custa dos amigos, assinou letras para pagar depois do falecimento da mãe, jogou, roubou a familia, não tem nada de seu, e dizem que é êle o capitão de uma das quadrilhas mais atrevidas destas imediações...

—A que proposito vem isso?

—Constou aqui, em Montemór, e vieram-mo

dizer, que ele, numa pousada da vila, quando cá dormiu uma noite, jurara pelo mafarrico...

—O quê?

—Que a menina e o senhor seu marido lhe haviam de pagar caro o desaire!...

—Falacias de espiritos invencioneiros.

—Verdades, menina, e não invenções; houve muita gente que o ouvisse, e aquilo saía-lhe lá de dentro, com um rancor que não se finge.

—Repito, não quero ouvir falar mais nesse homem perverso, que matou o pae com desgostos e abreviou os dias da mãe sem o mínimo escrupulo de consciencia.

—Nesse ponto dou-lhe razão, menina; é um malfeitor sem receio dos homens e um hereje sem temor de Deus; não lhe tornarei a pronunciar o nome.

Genoveva, não obstante merecer, sem injustiça, o apodo de quarentona, desenxovalhada, bilistreca, enchia uma casa, e tão trabalhadeira era que as outras servas quasi não encontravam maneira pratica de reflectir as suas acções naquele espelho. Nesse instante cirandava de um para outro lado ajudando a ama a preparar a pequena mala que os dois noivos levariam na sua rapida visita a Lisboa. Tudo lhe parecia pouco para a sua menina ostentar e parecer bonita aos olhos babosos desses pelens de Lisboa e dessas fufias da capital, magras como ovelhas sem pasto e mais ictericas que a marcela quando transita das suas gradações palentes para o verde. A sua

menina havia de dar brado na cidade que ela nunca vira, maior que cem Montemóres juntos, terra de perdição, onde os rapazes descambavam logo em pedreiros livres, e as moças, por mais cuidado que houvesse em as trazer arredadas das malignas tentações de Belzebuth, se quedavam logo destriçadas e esbalgideiras. Tal não aconteceria à sua menina, com a condição do marido não a deixar transpor a ourela da sua sombra e de não aquecer ali o logar.

A jornada efectuou-se sem nenhum incidente que perturbasse o reciproco enlêvo dos dois noivos. A travessia do Tejo, da margem esquerda para a direita, no amplo e majestoso estuario, expulsou com o encanto da sua paisagem as ultimas nuvens de mau presagio que escureciam a alma de Maria.

—Como isto é belo!—exclamou a recemcasada embevecida.

—Não tão bela como tu!—atalhou o marido, exprimindo no olhar que não afirmava com mais eloquencia o seu amoroso asserto por serem muitas as pupilas indiscretas pregadas neles.

Desembarcados no Caes das Columnas, entregaram a pequena bagagem a um mariola ou moço de fretes—pois os dois creados que os acompanhavam tinham ficado no Barreiro, na risonha vila que, por ter sido povoada por pescadores da barra, denominados *barreiros,* perfilhara o apodo—e dirigiram-se para uma hospedaria do Rocio, predecessora dos velhos *Irmãos*

Unidos. Como a demora por poucos dias se prolongava, não quizeram aceitar alojamento em casa de familias de larga abastança, das suas relações, preferindo uma maior latitude de acção a um menor numero de comodidades.

O aparecimento do casal alentejano no Rocio produziu sensação. Um alviçareiro, dos que concentram todo o seu inutil vigor na propagação de estereis ninharias, tocara a rebate na doentia curiosidade do arraial dos janotas sarandas abancados num dos cafés proximos. A nova, disseminada com a electrica velocidade de um moderno radio, resoou por todos os aduares da esturdia alfacinha, pôz em movimento as hostes dos estavanados, dos estoiras-vergas, dos gualdos, dos pavonaços, dos azevieiros, dos galarpos, e imprimiu uma orientação diversa ás conversas sobre o programa politico do novo governo, abrindo uma solução de continuidade nos comentarios á jactanciosa narrativa de um dos sacrafineiros maninelos enfeitando-se com a capitulação de uma aleiona, que nunca esperara pelo esboço de um cerco para se render com armas e bagagens. Preparavam-se os fraldeiros para enriquecer o rol das imoladas com a adição de mais uma victima, quando um dos estoiradinhos de senso mais afiado ou enraivecido pelo despeito, observou:

— Cautela com o marido; segura um toiro na carreira e num sarilho arranca um botão do colete do parceiro sem tocar na fazenda!

Esta informação actuou como amoníaco em

narinas de bebado incipiente. Dissiparam-se os pruridos de ravasco galanteio na antevisão de um murro mais violento que uma marretada, ou de uma bengala despedida com a certeza e pericia de um esgrimista, que enche de arreliadoras echimoses o semblante lacteamente tratado de um semiviro casquilho.

No domingo seguinte ao da sua chegada a Lisboa — uma sexta feira — Maria e Antonio Valadares, depois de ouvirem a missa da uma no Loreto, andaram no Passeio Publico. Ao retirarem-se, concluido o programa executado por uma banda regimental, acaudavam-se com as simpatias das almas boas e os desdens vituperiosos dos que sentiam rebentar o peito de inveja.

— Tens gostado de Lisboa? — perguntou Antonio a sua mulher.

— Tenho, mas desejava muito ver-me no nosso cantinho — respondeu Maria com requintada meiguice.

— Terça feira partiremos.

— Com que vontade eu transformaria as horas em minutos! — disse de si para si a formosa montemorense.

Antonio de Valadares desceu á sala a receber um conhecido que se anunciara. Ainda não se afastara muito quando Maria viu introduzir-se por baixo da porta um papel. Pegou nele, abriu-o e leu o seu conteudo.

— Meu Deus! Meu Deus! — rumorejou após a leitura, com voz sufocada.

II

O corpo de Maria agitou-se primeiro num calafrio de pavor e logo se quedou aterecido como se um magnetisador, dispondo de excepcional força mesmerica, a mergulhasse num profundo sono magnetico. O seus olhos fixaram-se com obsecante pertinacia na mancha branca do papel, mancha que alastrava e inundava o quarto de uma alvura de mortalha de fantasma. Abrira e lêra o tetrico bilhete, se ler se poderia chamar a olhar para as letras sem as conseguir juntar, a examiná-las sem alcançar arrancar-lhes uma articulação, o soletrar uma palavra, colher uma idéa. Na rigidez marmorea, petrificadora, dos seus musculos, os nervos vibravam em dolorosa hyperesthesia de vidente. O nervo optico adormecera na sua funcção, mas na mente estampara-se em caracteres mais fulgidos e horridos que os do festim de Baltazar a formidavel injunção:

«Despresaste-me; o futuro se incumbirá de demonstrar, a ti e a teu marido, como um dia a minha vingança rechinará nas carnes e nas almas».

A feroz ameaça, decorrido o fulmineo periodo, actuou como um poderoso reagente. Maria encontrou na alçaprema da sua vontade e

nos extremos do seu amor conjugal o animo bastante para sacudir o humilhoso torpor que a enervara. Num gesto brusco expulsou de si todas as indecisões. Aturdida ainda, passou a mão pelos olhos como o derradeiro passe de um fascinador para acordar de vez, e, como respondendo a um raciocinio formulado no seu interior, murmurou:

— Não, não lhe direi nada.

Ao mesmo tempo que ciciava estas palavras, rasgava em quasi indivisiveis bocadinhos o irritante e presago bilhete. Emquanto dilacerava o pequeno e alvo rectangulo, muito de si para si, monologou:

— Ele sabe que estamos em Lisboa, conhece onde nos hospedamos e foi o proprio a introduzir por baixo da porta o infame aviso, pois tarefas deste jaez não se confiam a mercenarios.

Não se demorou muito Antonio Valadares. Logo que encontrou pretexto acceitavel descartou-se do seu amigo e voltou para junto da noiva. Appareceu-lhe, como sempre, risonho na intensa alegria de a tornar a ver. Maria, com esse vigoroso poder de dissimulação innato na mulher, mesmo na menos experiente, acolheu o marido com expressão radiante e prazenteira.

— Convidaram-nos para assistir á *abertura das séstas* — disse Antonio Valadares.

— Que é isso?

— Uma festa típica de Lisboa, dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres.

— Se nos vamos embora para a nossa casinha...

— Não importa, ha tempo; temos visto tão pouco da capital, que não é demais presencearmos a procissão e volvermos uma vista de olhos pelas diversões populares, sua natural e apreciada consequencia.

— E o nosso regresso?

— Far-se-ha de tarde, passado o calor, pela fresca, na falua já alugada para isso. Devemos chegar ao Barreiro, se o vento soprar de feição, ao lusco fusco.

— Como quizeres; onde tu te sentires bem, rejubila a tua Maria.

— Praza a Deus que não chova!

— Porque não? «Abril molhado, enche o celeiro e farta o gado».

— Abril, o arauto da primavera, o mez das flores, não ha de desmentir este ano os poetas, encharcando-nos quaes pintainhos caídos em poça.

— Convem não perder de vista o que aconselha a tradicção.

— Que aconselha?

— «Em abril vae onde has de ir e torna logo ao teu covil»...

— Não presumia a tua memoria tão fiel em sciencia de anexins. Conheces mais?

— Inúmeros. Ainda este: «Uma agua de maio e três de abril, valem por mil».

— Em materia de proverbios e de... aguaceiros ninguem lhe nega a abundancia.

Antonio Valadares acercou-se da janela momentaneamente embaciada por um chuvisco, chamou a si Maria e comentou:

— Isto não é nada.

— Vamos.

Puzeram ambos os chapéos, desceram. O acaudalado agricultor mandou chamar uma sege, das chamadas do Lagoia. O arrulhante casal subiu para ela com o cerimonial então usado na conjuntura, não de todo isento de complicações, e ordenou ao bolieiro:

— Para a egreja de Santos-o-Velho.

O pitoresco automedonte cavalgou o osseo e ventrudo rocim da sela, chicoteou o da mão, a derrabada parelha chouteou, ao passo que o veículo solavancava nas pedras esburgadas e saliências da calçada, com balanço mais violento que um navio batido por desabalado temporal.

— Meu Deus, são mais incomodos que as caleças do Alemtejo! — queixou-se Maria rindo.

— Se os alfacinhas ouvissem o teu asserto nunca te perdoariam — objectou o marido.

— Como não tenciono viver com eles...

O tempo, talvez em homenagem a Maria, impelira as nuvens saturadas de humidade para longe e rasgou o denso véo que ocultava o sol. O poderoso vivificador da natureza começou a inundar de luz discreta os rubros telhados do casario, a esmaltar de branco ofuscante as paredes das empilhadas moradias, a cobrir de luzentes esmeraldas os campos verdecidos, a arrancar

scintilações á fita serena e rumorejante do Tejo.

O deselegante e pesado carro rodava, aos baldões, pelo emaranhado labirinto das tortuosas e estreitas ruas e vielas de Lisboa. Maria, infantilmente airosa, deitava a cabeça de fora das cortinas de oleado, enlevando-se e anojando-se, simultaneamente, com o espectaculo grandioso das margens alcantiladas do rio e com os corpulentos macacos a catar vermes na intonsa cabeleira dos mareantes, assoalhados á entrada dos pateos da Ribeira ou acalmando com as unhas tarjadas de negro a comichão das ulceras purulentas abertas nas demoradas viagens á China, ás costas de Africa, ás terras do Brasil.

— Parece impossivel que se consintam coisas destas! — ponderou a gentil montemorense enauseada.

— O melhor é não olhares — aconselhou o marido.

— A par de tão repugnantes monturos surgem quadros tão belos!

— É a imagem da vida: na mesma moldura o attrahente e o repulsivo — conceituou Antonio Valadares, com filosofia.

A desconjuntada carrinhola, deixando atraz de si os formigueiros de varinos dos bairros da Esperança e da Madragôa, focos, nessa época, das mais persistentes endemias, pântanos miasmaticos donde se desprendiam evaporações dele-

terias, vasta e enxameante cloaca acumuladora de putridos residuos, chegou ao termo da vasco-lejante jornada, isto é ao templo.

Costumes seculares levavam a gente trabalhadora, principalmente jornaleiros do campo, a irem *buscar as séstas* na segunda feira da Pascoela, dia da Senhora dos Prazeres, á eminencia do mesmo nome em Lisboa. Sitio que, desde 1835, quando a Camara Municipal tomou posse dos cemiterios publicos, foi ampliado e apropriado para esse effeito. Antes, porém, celebrava-se a procissão. Obedecia á rigorosa pragmatica de um complexo ritual.

Quando Maria e Antonio Valadares se apeavam da sege, transpunha o religioso cortejo o largo portal da egreja.

— Eu, se fosse aos senhores, assistia á passagem da procissão de aqui; depois tornava a meter-me no carro e ia nele até lá acima ao alto dos Prazeres, que é um estirão — aconselhou o bolieiro.

— Parece-me que o homem não anda mal avisado no que diz — segredou o lavrador alentejano para a noiva.

— Como entendas — acedeu Maria, resignada.

— Pois sim, aceitamos — declarou Antonio Valadares ao bolieiro.

— E depois, se Vossas Senhorias quizerem, posso levá-los a casa — aventou o cocheiro com a gananciosa esperança de arranjar freguezes para todo o dia.

— Pois sim; nós lá em cima apenas lançaremos uma rapida vista de olhos sobre o aspecto geral do campo, que nos dizem ser curioso e movimentado, e voltaremos ao Rocio, para de lá seguirmos para a nossa terra.

O devoto prestito coleava todo já na rua e no adro e principiava a subir a encosta em direcção ao topo da colina. No verde forte da erva maninha e no amarelo torrado do pavimento arenoso, as opas vermelhas dos irmãos da confraria manchavam de tons rubros as variadas gradações da acidentada alfombra, que descia da vertente num rôlo de azinhavre e ia esmaecer, fundir-se, na lista cerulea da agua. A crença beatifica da irmandade vestira com riqueza a imagem da Virgem, adornando-a com mais cordões de oiro e alfaias preciosas que as contidas no mostruario de um ourives nas ruas da baixa. Sob o andor, transportado por oito vigorosos terceiros, caminhavam dois penitentes descalços, sangrando os pés nos burgaos acerados do chão e batendo a miudo com a cabeça na parte inferior da charola, no cumprimento da promessa feita. Precedendo o indispensavel pendão, seguro na haste de metal pelas mãos calosas de qualquer hercules piedoso, fracamente auxiliado pelos coadjutores que do lado empunhavam cordões terminados em pesadas borlas de passamanaria, uma filarmonica, onde abundavam os instrumentos de metal e na qual a pancadaria desempenhava o mais ruidoso papel, executava

desconcertados trechos de compositor incognito. Atraz, acaudatando-a, uma guarda de honra, fornecida por um dos regimentos da guarnição, imprimia a nota vistosa e marcial ao pintalgado agrupamento. Ao acercar-se o palio, debaixo do qual deslizava solene e hieratico o sacerdote, Maria e Antonio Valadares ajoelharam e pronunciaram *in mente* uma curta prece.

—Protegei-nos sempre, Senhor!—murmurou a formosa Maria.

—Conservae-nos até morrer a felicidade de agora!—implorou com fervor o venturoso marido.

Emquanto a procissão ascendia pela íngreme ladeira, a caminho do desassombrado planalto, os recemcasados entraram de novo para a sege, que, ao curto e esforçado trote da magra parelha, tomou por um desvio a deanteira á procissão e conduziu-os até á vasta planicie, donde se abrange um dos mais admiraveis panoramas.

—Que lindo scenario!—exclamou Maria embevecida.

—De terra e mar!—aduziu Antonio Valadares, satisfeito com o contentamento da noiva.

—Acolá é a ermida. Ali era a antiga *casa de saude* (1) estabelecida nas terras da Ajuda, no ano da *peste grande*. (2) Havia além uma

---

(1) Lazareto.
(2) 1599.

fonte, na qual apareceu uma imagem da Virgem, que ficou sendo a Fonte Santa, como a imagem Nossa Senhora dos Prazeres — explicou o bolieiro julgando do seu dever fazer as honras da casa aos seus galhardos freguezes.

— E a procissão? Porque se faz?—inquiriu Maria.

— O povo da freguesia de Santos prometeu á Senhora que, se a calamidade da peste desaparecesse pela sua milagrosa intervenção, lhe faria uma festa todos os anos, edificaria uma capela e celebraria a procissão, que ahi vem a desembocar no alto.

A procissão surgiu, serpeou e entrou na garrida ermidinha onde se dissolveu. Não tardou que as pessoas das numerosas familias de todas as classes se assentassem no chão, no largo e verdurengo terreiro, puxassem dos farneis, comessem com apetite e bebessem com sofreguidão.

— Que contentamento transborda da alma desta gente!—exclama Maria, feliz por si e por ver os outros felizes.

— Estás satisfeita por te convenceres que a tua ventura se espelha na ventura dos outros!— segredou num sôpro de meiguice Antonio Valadares.

— Se o vinho não puxar pelo genio, bem vae o caso!—conceituou o bolieiro a meia voz.

De ora em quando a turba espraiava-se pelas searas numa inundação de trajes de gradações arlequineas, não sem que os invectivassem

com insultuosas objurgatorias os donos ou rendeiros, secundados pela rude intervenção das patrulhas da Guarda Municipal, ou invadia, num assalto em forma, as locandas dos arredores, despejando em poucas horas as bojudas pipas repletas de transfegadas mixordias.

—Aqueles onde vão?—perguntou Maria ao cicerone de rutilantes esporas de latão, bota de montar e jaleco de briche.

—Ao cemiterio; atravessam as ruas debruadas de covaes e ouriçadas de jazigos com mais prazer e galhofa que se dessem um passeio na minha sege—criticou o da boleia.

Da massa pintalgada, uma parte visitava o cemiterio, e portava-se a quasi totalidade, senão com a compostura que a veneração aos mortos exige, pelo menos com a decencia imposta pelo sagrado recinto. Os dois noivos seguiram a corrente. O povo, por vezes mordaz nos seus juizos e certeiro nas apreciações, interpretava a seu modo os emblemas e epitaphios dos tumulos. Um popular, divisando num mausoleu um livro e uma pena, virando-se para os companheiros, explicou:

—Este era escrivão!

Outro, num grupo mais atraz, enxergando um mocho a adejar sobre uma coluna, definiu:

—Este era passarinheiro!

—Sabes porque estão aqui todos estes defuntos?

—Porquê?

—Por causa dos medicos.

Resoou uma gargalhada, não obstante a natureza do logar.

— Não riam. Ouçam! Mora aqui perto um cirurgião. Os enfermos não o chamam; a clinica limita-se aos parentes, e mesmo esses não recorrem ás suas luzes senão em casos de pouca ou nenhuma importancia. Quando está em casa debruça-se na janela horas seguidas. Ao ver passar qualquer enterro queixa-se aos seus botões, nas seguintes palavras: « Com a fortuna, que sorte teem os colegas!... Esses é que sabem trabalhar!»

— Acho improprias estas conversas em sitio de tanta respeitabilidade! — desabafou Maria.

— Tambem eu! — concordou o marido.

— Aqui tem o que são as *séstas* — declarou o bolieiro quando os recemcasados se acercaram do carro, mostrando na loquacidade que não desmerecia da profissão.

— Todas as classes as teem? — inquiriu Antonio Valadares no seu afan de investigação.

— Não, senhor; nem todas gosam dessa regalia; ha muitas exceptuadas. Por exemplo não as teem os alfaiates, sapateiros, correeiros, surradores, serralheiros, ferreiros, muitas. Consta...

— Que consta?

— ... Que os alfaiates venderam a sua *sésta* por um prato de salada...

— Essa transacção, se é certa, faz lembrar

Esaú que vendeu os direitos que lhe outorgava a sua primogenitura por um prato de lentilhas...

— Os carpinteiros é que espalharam o boato — assegurou o cocheiro.

O passeio e o espectaculo, completamente novo para Maria, se não tinham dissipado completamente o abalo intimo causado pelo inexplicavel aparecimento do mysterioso e ameaçador bilhete, atenuara-o de certa maneira. Não durou muito a relativa tranquilidade. Um bando de cinco a seis homens, de aspecto suspeitoso e de fisionomias usurpadas ao verdugo, tinha-se aproximado da sege e discutia as ausentes qualidades dos modestos cavalicoques constituitivos da esfaimada parelha. Um de rosto espalachado, encorreando a pele lentiginosa num rictus de repugnante cinismo, virou-se para os companheiros e, com voz aguardentada, em giria, disse:

— Para taes potrincas taes catopéos!

— Quem está, está; quem vae, passa — objectou o bolieiro não gostando que lhe offendessem os freguezes.

— O *Anoto* tem hoje a faladeira bem palrante; parece que a corneta lhe anda a pedir gaspia, ou o saco da borôa a requerer-lhe meio bordo.

O bolieiro, conhecido na praça por *Anoto,* alcunha devida ás suas orelhas microscopicas, comprehendendo que a meia duzia de refaste-

leiros implicava com ele de caso pensado, não se quiz deixar enxovalhar deante dos seus passageiros, muito em especial deante de Maria, e, sem mais preambulos nem explicações, desdobrou uma navalha sevilhana de três molas, que estalaram num crepitar sêco. A luzente e surda arma, denominada em calão tiba, teve o condão de fazer surgir nas mãos dos insolitos agressores outras tantas lâminas de não menores dimensões.

—Meu Deus!—balbuciou Maria, assustada com a iminente rixa.

—Que é isto? Que querem estes homens?! —bradou Antonio Valadares, chispando-lhe as pupilas num fuzilar de indignação.

Esta desordem, evidentemente provocada com um fito, desconhecido para os que dela eram alvo, durara na sua génese menos que a faulha lucilante de um cigarro. O bolieiro, desembaraçado, cresceu sobre o chefe dos implicativos rixosos. Não se arreceando das pontas aceradas dos contrarios, começou a pular deante dos jagunças, como se diz no Brasil. Não porfiou a contenda em largo espaço. O lavrador alentejano, com a rapidez de iniciativa orientadora de todos os seus actos, olhou em redor de si. Viu perto um saloio abordoado a um marmeleiro. Num pulo encontrou-se junto dele, arrancou-lhe o pau da mão sem que o seu possuidor, atonito, esboçasse o menor gesto de protesto, e noutro achou-se junto dos insolentes rebelões. Num sarilho de vertiginosa rapidez, aplicou uma paulada no

braço direito de cada um dos cobardes bulhentos, que, filiando a velocidade e eficacia da arremetida em causas sobrenaturaes, fugiram com mais pressa que a atribuida a Mercurio de azas nos calcanhares. Quando se avisinhou uma patrulha da Guarda Municipal já os miseraveis poltrões se distanciavam do local qual lebre fugida a matilha de galgos.

Antonio Valadares e o bolieiro informavam o arvorado da patrulha da occorrencia, ao passo que Maria, sofreando as palpitações do alanceado coração, murmurava:

—Foi êle! Foi uma emboscada armada por êle! Este homem sabe tudo e tem o poder de se apresentar em toda a parte ou enviar sicarios seus.

O incidente produzira borborinho no dilatado terreiro. Todos queriam ver o famoso jogador de pau que, pela amostra, poderia entrar em competencia com o invencivel José Saloio de truculenta reputação. Maria, baixinho, desejando encontrar-se muito longe de ali, solicitava com repassada meiguice e iniludivel anciedade:

—Vamo-nos embora! Vamos para o nosso cantinho!

III

Nessa mesma tarde, liquidada a conta do hotel, embarcaram os dois noivos na falua, préviamente alugada para o regresso. Maria exultava de contentamento. O marido exteriorisava a sua íntima satisfação fixando nos olhos da esposa os seus, radiantes de uma ventura que nenhuma contingencia alcançaria perturbar. Ela, na sua ambicionada volta ao ninho de amor, que era o seu lar, sacudira para muito longe de si os terrores provocados por causas, mais ficticias que reaes. Considerava-os agora um bando de morcegos a voejar, quasi perdidos de vista, aturdidos por um alvorecer de reflexos vivos, de gloriosa exuberancia.

A largada da embarcação do Caes das Columnas fez-se perto das quatro da tarde, com o sol muito acima do horisonte. Disseminava pela superficie espelhada do Tejo a sua poeira de oiro, alcatifando a esteira do barco de um rasto tremeluzente. A natureza, em preito ao amoroso casal, juncava-lhe o trajecto dos seus mais preciosos elementos. O chovisco das primeiras horas limpara a atmosfera de vapores e tornara-a diáfana, de uma limpidez de gema da melhor agua, facetada por lapidario de fama. De um

e outro lado da tosca nave as gaivotas, aos grupos, abriam as asas alvinitentes e formavam uma escolta de plumagem jaspica, estridulada de gritos sêcos e chirreados.

— Com este vento largo e egual, a viagem não se prolongará muito; poderão desembarcar no Barreiro ainda com luz que baste para fiar uma rocada de linho — aventou o arraes da falua, conhecido de Antonio Valladares, pois era escolhido para transportar para a margem direita do Tejo os produtos da sua lavoura.

— Nem de encomenda, graças a Deus! — assentiu o agricultor.

— Esta noite Vossoria e a senhora sua mulher ficam no Barreiro, ou partem mesmo de noite para Montemór? — inquiriu o maritimo no tom familiar aos da sua classe.

— Esta noite dormimos na vila, e ámanhan, apenas o galo cantar, metemos pés ao caminho para chegarmos a Montemór a boa hora — explicou o interrogado.

— O *shôr* doutor não espera pela escolta?

— Escolta para quê? Para que serve a escolta?

— Para o guardar dos ladrões. Os salteadores andam desenfreados. Cada vez ha mais quadrilhas. Não se ouve falar noutra coisa senão em assaltos, em roubos, em mortes...

— Exageros! Quem conta um conto acrescenta um ponto. São mais as vozes que as nozes...

— Eu não quero desmentir a palavra honrada do *shôr* doutor, mas se por cada pessoa que se encontra morta ahi por essas encruzilhadas se levantasse uma cruz, como era costume antigamente, as terras todas pareceriam cemiterios...

— Eles sabem com quem se metem.

— Como o governo não lhes tem ido á mão, e a tropa é mais para ajudar os generaes nas brigas contra os ministerios da rainha que para guardarem a pele da gente de bem, reverdecem mais que limos em casco de embarcação nunca posta a sêcco. Olhe o Manuel de Alcochete e tantos do mesmo jaez...

— Esse era um guerrilheiro e não um quadrilheiro!

— É a mesma coisa, *shôr* doutor, e Vossoria sabe isso melhor que eu. Organisam guerrilhas para fins politicos e não tardam que descambem em bandos de salteadores para arrancar a quem o tem o que é seu, o que lhes custou a ganhar, quando não lhe tiram tambem a vida, hoje com menos valor que a de um cão danado.

Maria ouvira a conversa sem lhe ligar importancia de maior, embevecida como ia na contemplação da, ahi, baixa margem esquerda do rio, com as suas moradias, moinhos e azenhas edificadas ao lume de agua, com o espirito alheado das coisas do mundo num devaneio, quasi sonho, em que se cifrava nesse momento toda a sua existencia psicologica. Ao ouvir falar em saltea-

dores estremeceu e, por assim dizer, acordou da languescente oneirodymia em que mergulhara. Sentiu uma dôr aguda no coração e cobriu-se de suores frios. Com extraordinaria força de vontade occultou este mau estar ao marido e fez brincar nas suas feições regulares e harmoniosas um sorriso de aparente tranquilidade e ineffavel jubilo, mas não perdeu uma só das palavras trocadas entre os dois interlocutores.

Ao entardecer, num delicioso crepusculo que matizava o poente das labaredas rubras de um incendio longinquo, desembarcaram no caes tosco do Barreiro, onde os esperava um amigo, sua mulher e os dois creados que até ali os tinham acompanhado, mais em especial para tratar dos cavalos durante a sua ausencia.

— Ha alguma novidade? — perguntou Antonio Valadares depois de cumprimentar os seus atenciosos hospedes e de corresponder e agradecer a saudação dos dois servos de confiança.

— Nenhuma, senhor doutor.

— Bem; partirémos amanhan logo que o dia mostre a ponta do nariz.

— Sim, senhor doutor.

O munificente proprietario gratificou com larga generosidade o arraes e mais tripulantes da falua, que lhe patentearam o seu reconhecimento na linguagem floreada e tipica dos embarcadiços, e dirigiram-se á vivenda do amigo, na qual se aposentavam nessa noite, e que os aguar-

dava, como se disse, no momento de pisarem terra de além-Tejo.

*

* *

Na manhan seguinte, apenas o dia riscou o primeiro traço luminoso na imensa umbrela escura, cravejada de scintilações auriluzentes, a pequena cavalgada preparou-se para iniciar a longa marcha.

— Não seria nenhum excesso de precaução aguardar pela caravana custodiada pela escolta — insistiu mais uma vez o amigo onde os recem-casados tinham pousado nessa noite.

— Não vale a pena; os creados, dois homens de absoluta confiança, bem armados, com duas excelentes carabinas, caçadores desde tenra edade, não perdem um tiro; eu tambem levo a minha e acostumei-me, de ha muito, a não gastar polvora sem proveito — argumentou Antonio Valadares.

— De uma cilada ninguem se livra.

— Nunca fiz mal a ninguem, sou liso nas minhas contas, pratíco o bem que posso e, sem vaidade, conto um pouco com o prestigio outorgado por essas qualidades para ser respeitado.

— Os salteadores não respeitam ninguem.

— De mais a mais a escolta só estende a primeira marcha até aos Pégões ou Vendas Novas, pernoita ali, e no dia seguinte é que continua o trajecto para Montemór.

— São mais de onze leguas.

— Não importa; com o bom andamento dos cavalos conto chegar hoje ao anoitecer a minha casa.

— Desejo-lhes a melhor viagem, sem nenhum encontro desagradavel.

— Se algum houver, espero que o desagradavel não seja para nós.

— Deus o ouça.

Este dialogo decorrera em voz baixa. Maria não o ouvira, mas adivinhara-o. O coração batia-lhe com tal força e com tal pressa que a gentil senhora levou a mão ao lado esquerdo do peito como se lhe quizesse sofrear o galope ruidoso e desabalado.

— Minha senhora, até á vista; espero que não seja a ultima vez que se digne honrar minha mulher e este seu humilde servo, aceitando hospedagem nesta sua casa.

— Maria, somos amigas desde a infancia, não espaces por muito tempo a tua vinda aqui — solicitou a esposa do galhardo hospedeiro.

— Ha em Montemór uma vivenda, modestissima é verdade, que, embora o seja, se orgulhará de os receber; só depois dessa obrigatoria demonstração de boa estima eu voltarei aqui — declarou Maria com o seu ar captivante e expressão risonha.

— Até á vista!

— Até breve!

A resumida cavalgada folgou as redeas aos solípedes. Estes iniciaram o percurso num passo

lesto, almocrevado, estradeiro, cómodo. Dos dois lados da carreteira, de leito esburacado, cortado de sanjas, das poucas arvores a crescerem definhadas nas orlas adustas, varios passaros de plumagem denegrida saudavam os matutinos viandantes. Pelos giestaes fora, a miude charneca, esmaltada de raquiticas flores silvestres de momentaneo viço, adquirido pelas chuvas de abril, uma ou outra horta, pomar ou fazenda, cortavam com os seus *montes* abrancaçados os tons esverdeados das searas, dos trigaes, dos milharaes, esculcas revestidos de albornós candidos, a devassar as chans no alto das suas pouco elevadas colinas, vigias dos movimentados episodios sucedidos em redor.

Maria, que cavalgava á esquerda do marido, fixava os olhos, penetrantes e vivos, no panorama largo ou restricto, a desdobrar-se ante o seu campo de visão, num significativo gesto de resignada tristeza como se fôra essa a derradeira contemplação de aspectos familiares desde a infancia.

—É bonito quanto nos cerca—disse ao marido.

—Bonito, não é, por causa da sua ardega aparencia, mas é pitoresco e querido por pertencer á nossa terra—retorquiu Antonio Valadares, mostrando-se condescendente sem deixar de ser verdadeiro.

— Porque permittirá o Senhor que ao lado de coisas tão belas haja tanta maldade e odio?!

— Assim se torna necessario; se não existisse a lei dos contrastes, o creado por Ele mergulharia em aborrecida monotonia, e ninguem apreciaria a benemerencia de ser justo e bom. Maria calou-se. Avistava-se a casaria dos Pégões.

— Tens apetite? — inquiriu Antonio Valadares.

— Se tu o tens, tê-lo-hei eu tambem — acquiesceu galantemente a enamorada esposa.

Para não demorar a jornada, não aceitaram os offerecimentos feitos para almoçar em casa de pessoas conhecidas. Tomaram essa refeição na pousada da localidade, depressa, mas com vontade, ao mesmo tempo que os dois creados procediam da mesma forma depois de darem agua aos cavalos e de os arraçoarem com fartura. Cerca das dez horas proseguiram na interrupta jornada. O sol pouco intenso da primavera agradava mais que incomodava, e successivas e corredias nuvens, novelos de algodão em rama a desfilarem no azul esmaecido do firmamento, interpunham com frequencia a cassa dos seus vapores canescentes formando consecutivos toldos que poupavam a derme lactirosea de Maria.

— Que formosissimo dia! — desabafou numa expansão de entusiasmo Antonio Valadares.

— Que maravilha do Todo Poderoso! — secundou Maria, aflorando-lhe da alma aos labios um sorriso de ventura, convencida já que os seus pensamentos negros não passavam de meros terrores infantis.

A despeito do lépido andamento dos animaes, de boa raça, Vendas Novas ainda ficava longe. Parecia que esta vila, como nos efeitos de miragem nos desertos arenosos do Saharà, mais recuava á medida que dele se acercavam os caminhantes. A pequena cavalgada, ao passo travadinho das montadas, entrava agora num extenso alfoz aceirado. O mato curto pela acção das roçadoiras ou resicado pelas grandes queimadas havia pouco, deixava enxergar a distancia a frondecida coma de delgados pinheiros, aglomerados aos pequenos grupos. No resto, tudo brenha. Nem uma choça que dourasse o baldio com a sua filamentosa cobertura de colmo, nem o recorte de um arcabouço de trabalhador amanhando o esteril arneiro, nem o perfil fugitivo e mal esboçado de um andadeiro estugando o passo para terminar a sua beiradejada peregrinação.

—Que só é isto! — exclamou Maria, sentindo com a solidão recrudescer os seus apavorantes temores.

—Não tardará que entremos em zona mais povoada — socegou o marido.

Arborescia agora num cotovelo da estrada, á esquerda, um camarção de sobreiros, vulgares no Alentejo, escassamente nemorados. O sol descobrira-se. Campeava agora quasi no zenith, dardejando os mais esbraseados dos seus raios. O calor, robustecido pelo esforço da marcha, perturbara um pouco Maria. Diligenciou não o patentear. O marido, porem, conheceu-o e propôs:

— Vamos descançar aqui alguns minutos, á sombra de uma destas arvores.

— Não, não, continuemos! — acentuou Maria.

— Não mais que um quarto de hora — insistiu Antonio Valadares apeando-se, ordenando aos dois creados que se apeassem e ajudando Maria a descer da sela.

Neste momento, quando todos estavam entretidos e de costas voltadas para os sobreiros, uma expedita legião de diabos, ageis como macacos, ferozes como antropófagos, cinicos como verdugos, implacaveis como inquisidores, saltaram sobre os quatro viageiros e sugeitaram-nos nas suas mãos possantes, neutralisando de pronto qualquer tentativa de resistencia que pudessem fazer. Robustos os creados, de uma valentia a toda a prova, mugiam em roncos guturaes de toiros furiosos ao verem-se desta maneira reduzidos á mais humilhante das impotencias. Antonio Valadares comprehendeu, de relance, o que acontecera. Homem de decisão rapida, não levou tempo a arrepender-se da leviandade praticada, atravessando um região infestada de ladrões sem a salvaguarda de uma escolta imponente. Calculou de si para si que teria de pagar avultado resgate. Liquidaria a sua imprudencia dando alguns contos de reis. O seu animo sereno não se perturbou, e com a sua voz bem timbrada onde não se notava a mais leve alteração, pois era o unico a quem os malvados tinham deixado o uso da fala, gritou:

— Que querem de nós? Quem é o chefe?

Os bandidos, quinze scelerados, levavam ao colo Maria e Antonio Valadares e arrastavam os dois creados para a mata de sobreiros. Tinham sido desarmados, amordaçados; e não demorou que os três homens, amo e servos, se encontrassem fortemente ligados aos troncos das arvores mais afastadas da carreteira. A Maria apenas a manietaram com uma tal ou qual delicadeza e puzeram um lenço nos labios para os seus brados não serem ouvidos, se tentasse fazê-lo. Os quinze malvados occultavam cuidadosamente a cara numa especie de gorra, enfiada pela cabeça abaixo, com buracos no sitio dos olhos, nariz e bôcca. A angustiada senhora limitara-se a murmurar:

— Senhor, livrae-nos a todos desta tremenda conjuntura!

O seu espirito, um momento aturdido, logo adquiriu socego, obrigado a equilibrar-se pela sua extrema força de vontade, e muito de si para si balbuciou:

— Que pretenderá este facínora?

Outra idéa a assaltou, que fez agitar o seu gentil corpinho num estremeção superior em violencia ao que sacode o canavial ás lufadas da tempestade. Numa fervorosa oração, não proferida, mas ascendida da sua alma ao céo, suplicou:

— Senhor, a tua infinita bondade não permittiria uma tão abominavel infamia!

—Que querem de nós? Quem é o chefe?— repetiu Antonio Valadares com inflexo imperioso, onde trovejava um temporal de ameaças.

—O chefe sou eu!—declarou um dos salteadores de vestuario mais cuidado, de movimentos desenvôltos e ademanes menos rudes que os dos seus nefarios companheiros.

—Quanto quer para que nos deixe continuar a jornada?—inquiriu Antonio Valadares.

—Nada.

—Nada?—repetiu o opulento agricultor com estranhesa.

—Sim, nada; eu sou um salteador, capitão de uma quadrilha de ladrões, é verdade, mas se agora te assaltei, não é para que me dês dinheiro... é para me vingar...

—Vingar de quê? Não me pésa a idéa de ter feito mal a ninguem.

—Fizeste-me o peor mal que um homem pode causar a outro.

—Não me lembro...

—Roubaste a mulher que eu amava.

O senso da realidade penetrou no cerebro do abastado lavrador como a ponta incandescente de um estilete cauterisador faz rechinar a carne ao tocar na ulcera. Os seus musculos retezaram-se num esforço supremo, as cordas da sua prisão esticaram-se e rangeram prestes a despedaçar-se, a face contrahiu-se-lhe numa expressão medonha de odio e furia, da garganta resequida, esbraseada, desprendeu-se um urro

que nenhuma fera, eslazeirada, sequiosa de prêsa, solta, embrenhada nos andorreaes do Atlas.

—Percebes agora o motivo porque a todos mandei amordaçar e te consenti a faculdade de conversar comigo; quero gosar no maximo do possivel a explosão de cólera e a ignominia da tua impotencia.

— Dou-lhe tudo quanto me pedir para nos deixar continuar a jornada — propoz Antonio Valadares dominando-se e não querendo egualar-se ao refece caudilho do bando tratando-o por tu.

—Podias guardar no teu cofre mil vezes mais dinheiro do que possues, e a mais veloz aguia não conseguir percorrer num dia todos os teus bens de raiz, tudo me ofereceres, nas mais garantidas e solidas condições de segurança, que eu não abnegaria da vingança que premeditei.

— Á traição alia a cobardia; nem sequer posso saber quem é.

— Vaes sabê-lo.

O chefe dos bandoleiros virou-se para os seus infames sequazes, e ordenou-lhes:

— Eh, meus cordeirinhos, aqui não ha medo; somos ladrões, não ha duvida, mas neste momento não queremos roubar ninguem; aspiramos a recompensa mais saborosa; destapem a cara, quero que este senhor e aquela dama nos vejam bem, e fixem, para nunca mais esquecer, as nossas feições.

Alguns dos abjectos sicarios obedeceram com visivel má vontade; outros não; arrancaram com cinica jactancia o gorro encobridor das faces patibulares e patentearam-nas ao sol do poente, que lhas avermelhou num banho de sangue. O ultimo a descobrir-se foi o protervo chefe. Fê-lo á guisa de actor representando no tablado um melodrama. Soergueu a especie de capelo com lento proposito. Depois de mostrar o mento glabro e uns labios tenues, dois cordões arroxeados, corridos num pergaminho livido, puxou de repelão o resto do pano negro, e ostentou na apoteose do ocaso, escorrido em laivros rubros através das secas pernadas dos descacados soutos, o semblante ócre e chupado de uma estrige de catedral gotica.

— Vicente do Escoural! Não me trahiu o coração — balbuciou Maria.

— Não conheço! — rouquejou Antonio Valadares, procurando baldadamente na reminiscencia qualquer mal agourento facto relacionado com a luciferica aparição.

— Não me conheces?! — repetiu o infamissimo algoz, interpretando o pensamento íntimo do seu exasperado interlocutor. — Outro tanto não pode dizer a tua noiva, que transformou a minha existencia serena no abysmo de horridos tormentos que ela é hoje.

Antonio Valadares contrahiu de novo os musculos num arranco gigantesco, a tentar desprender-se dos fortes laços com que o tinham

amarrado ao tronco da arvore. Não o conseguiu. Quem procedera á repugnante operação sabia da força herculea de que dispunha a desprevenida victima, e acautelara-se.

— A formosura e as qualidades da que é hoje tua mulher — continuou o desalmado biltre — fulminaram-me o coração á semelhança do corisco que assombra o viajante e o cega para sempre. Expuz-lhe, com a eloquencia inconfundivel da sinceridade, o meu amor. Recusou-o. Proporcionei-lhe ensejo de crear no meu peito uma alma; repeliu-o. Ofereci-lhe para corrigir em mim a impetuosa maldade que comigo nascera; desdenhou-me. Do homem que eu pretendia ser fez um diabo. Do que vae suceder só ela é culpada.

— Meu Deus, meu Deus, salvae-nos a todos! — orava Maria em angustiosa suplica.

Antonio Valadares não proferiu mais uma palavra. Apenas se ouvia dentro do seu peito o gorgolejar de um estertor de cruenta raiva. As suas pupilas procuravam os rostos de cada um dos scelerados e gravava-os, imprimia-os, abria-os a buril no cobre da sua retentiva. Nunca uma chapa meticulosamente impressionada conservou com mais realidade e vigor os traços do objectivo colocado ante ela; nunca o gravador mais perito na sua arte cavou no metal linhas mais rancorosamente indeleveis.

— Verifiquem se as cordas que prendem esses três homens aos troncos das arvores são

bastantes solidas — ordenou o despresivel cabecilha dessa alcatéa de lobos.

Os quatorze maladrins cumpriram as determinações indicadas. Ao cabo de uns minutos os malvados de cada um dos três grupos, pouco mais ou menos nos mesmos termos, afirmaram:

— Nem o proprio Sansão as conseguiria desatar e menos ainda quebrar.

— Tu vae além, buscar aquela ceira de palha, que está perto dos cavalos — mandou o capitão da quadrilha ao que desempenhava as vezes de seu imediato.

— Onde a ponho? — inquiriu de quem lhe incumbira a tarefa.

— Acolá, deante daquele *Galante,* para ir remoendo emquanto durar o espectaculo — designou o implacavel tigre, apontando para Antonio Valadares.

O ocorrido depois excede em premeditada malvadez e em satanico aviltamento tudo quanto a fantasia mais putrefacta seja capaz de conceber. A desditosa noiva, sem nenhuma especie de protecção no meio daquela partida uivante de chacaes, sofreu os mais injuriantes martirios e exerceram sobre ela as mais grosseiras retaliações. Durou o atrós suplicio mais de uma hora. Só terminou quando os canibalescos verdugos sentiram que se aproximava um tropel numeroso pela estrada adeante. Apavorados com as consequencias do tremendo crime praticado, fugiram.

Eram os viandantes custodiados pela escolta de cavalaria. Os soldados ainda enxergaram dois ou três vultos correndo e perceberam que acontecera alguma anormalidade n'essa época de inacreditaveis assaltos á mão armada, realizados com desconcertante audacia e impunes pela quasi absoluta ausencia de castigo, que as auctoridades não queriam ou não podiam inflingir. Pesquizaram em redor, e não levou muito tempo que se lhes deparassem os três homens atados aos troncos dos sobreiros e a infeliz Maria desfalecida no chão. Socorreram a pobre senhora e soltaram o marido e os dois servos. Custou imenso obter que a desditosa martir voltasse a si do deliquio, arauto da morte, consequencia do selvagem attentado. O cabelo de Antonio Valadares embranquecera em prematura canicie, motivada por esses minutos seculares. O horror do instante sulcara-lhe a testa de leiras profundas rasgadas pelo arado de uma calamidade irremediavel.

Militares e civis, condoídos de tão lancinante catástrofe, fizeram, com os elementos que arranjaram de momento, uma especie de maca onde foi deitada Maria e conduzida pelos homens da caravana, que se revesavam no caritativo intuito. O marido debruçara-se sobre ela com a ancia de uma preocupação asfixiante na ocasião em que a desventurada erguia pela primeira vez as palpebras deixando antever o olhar atono, a iris baça, a expressão dementada. Encarou-o a

principio com estranhesa, clareou-lhe um relampago de alegria, sem demora apagado nas trevas de uma noite de angustioso pavor. Todo o seu donairoso e macerado corpinho se enroscou num estremecimento de violento sofrer e logo se inteiriçou na impassibilidade rígida de um cadaver mumificado, pétreo.

IV

— Senhor conselheiro, esta pessoa traz uma carta do governador civil de Evora para V. Ex.cia e deseja falar-lhe o mais breve possivel.

— Quem é?

Fazendo esta pergunta mais a si mesmo que ao continuo, que lhe apresentava um cartão de visita numa salva de prata, Rodrigo da Fonseca Magalhães, nessa quadra ministro do Reino, relanceava, com pouco ou nenhum interesse, o nome e apelido impresso no pequeno e marfineo rectangulo de papel, e lia:

— «Antonio Valadares...» — e logo acrescentou: — Este nome não me é estranho, mas não sou capaz de me lembrar...

— Se V. Ex.cia me dá licença ...—aventou o empregado menor, com a familiaridade peculiar aos creados de quarto dos homens celebres e muito em especial aos continuos de confiança dos politicos omnipotentes.

— Diga, snr. Antonio — assentiu o estadista com deferencia.

— Ou eu me engano muito, ou deve ser o marido daquela senhora com quem se deu o assalto perto de Vendas Novas...

— É isso mesmo, snr. Antonio; e ainda não

houve meio de descobrir os torpes malfeitores...

— É sobre esse assunto, naturalmente, que vem falar a V. Ex.cia.

— Mande-o entrar, snr. Antonio; vae, com certeza, fazer-me reclamações das mais justas, mas, nem sempre os ministros logram a consecução dos seus desejos.

O contínuo saíu e Rodrigo da Fonseca Magalhães preparou toda a sua fina dialectica para se defender a si e ao governo da impunidade que ainda gosavam os auctores do monstruoso crime. O contínuo abriu a porta do gabinete, correu o reposteiro e introduziu o infeliz agricultor alentejano.

— Sente-se, snr. Dr. Antonio Valadares.

Proferindo estas palavras o habil estadista indicava a cadeira colocada á sua direita.

Antonio Valadares deu alguns passos e ficou, de pé, em frente do titular da pasta do Reino. Ao atentar-lhe na fisionomia acudiu á mente de Rodrigo a visão de um tracto de terreno sacudido com furia por impetuoso terramoto. As feições, transtornadas, tinham perdido a harmoniosa regularidade e adquirido um acerbo rictus de perene amargor. As covas abertas na sua derme empergaminhada, aprofundando-lhe curvas exageradas como as que vincam os comicos na caracterisação destinada a ser vista a distancia, atiravam-lhe para cima dos hombros com mais três dezenas de anos.

Sobre o vigoroso mocetão de hontem a catástrofe escorrera o enxurro limoso de um sexagenario precoce. No entanto os olhos coriscavam com mais fulgor. Espelhavam a febre que consumia a alma do desditoso, semelhante á victima humana encerrada nos idolos incandescentes dos fenicios, queimada a fogo lento. Perdera em corpulencia o que conquistara em rapidez de movimento. Sem se tornar necessario recorrer a minuciosos processos de analise, percebia-se que, naquela creatura tão implacavelmente tocada pela fatalidade, toda a sua vida fisiologica e psiquica se concentrava num extraordinario, num estupendo trabalho de cerebro. Rodrigo da Fonseca Magalhães abrangeu num simples olhar a tragedia desenrolada no íntimo do marido infamissimamente ultrajado e, com a sua voz tantas vezes eloquente, e sempre persuasiva, principiou:

—O governo...

—Não venho pedir nada ao governo, e menos ainda desencadear exprobações; venho, homem de acção, entender-me com um homem de honra...

Este introito, que desnortearia qualquer outro de estofo differente do celebre ministro, despertou nele uma curiosidade que não procurou dissimular, e convidou:

—Queira dizer.

Durante meia hora Antonio Valadares falou com precisão, sem ser interrompido. Cada pala-

vra sua batia nos ouvidos do conselheiro da corôa como um badalo tangendo no bronze do sino um energico toque a rebate. No termo da exposição fixou as pupilas reluzentes nas do interlocutor e esperou. Rodrigo da Fonseca Magalhães, o *Raposa*, antonomazia com que os adversarios politicos tinham alcunhado o seu merito superior, quedou-se mudo por alguns minutos. Reconhecia-se que no seu interior, convertido em ampla arena, se degladiavam sentimentos opostos, irreconciliaveis e irreductiveis. Ao cabo de um largo praso, amenisando a durêsa da recusa num tom repassado de sinceridade, disse:

—O que pede está acima da minha alçada; se o homem lhe concederia da melhor vontade a auctorisação que solicíta, o ministro tem de respeitar a lei, e a sua vingança anceia por se colocar de tal modo sobranceira a ela que não posso aceder aos seus desejos...

—Essa lei, que V. Ex.cia evoca, consentiu que se perpetrasse o mais abjecto dos atentados...

—Á lei nenhuma culpa lhe cabe no sucedido; uma serie de circunstancias fortuitas e de excepção...

—É por isso que reclamo para mim poderes excepcionaes.

—Que o meu cargo me veda outorgar-lhe...

—A magistratura, os exactores, não sabem ou não podem fazer cumprir a lei; existe nos codigos, mas não na prática; o banditismo exerce

funcções, que lhe são paralelas, sem a afrontar, intimidando-a, postergando-a, vexando-a, infamando-a, e quando alguem, offendido no que possue de mais valioso e sacrosanto, sentindo em si a força enorme da justiça, não o fragamento parcimonioso deferido pelos magistrados, mas a amplitude infinita doada por Deus, os representantes da sua suprema auctoridade na terra cerceam-lhe a faculdade de a exercerem. É equitativo isto?

— É. O Estado não pode delegar no particular a sua mais elevada prerogativa; a colectividade apoucar-se-hia abandonando o direito de todos na consubstanciação de um só, no individuo. É o ministro do Reino que lhe fala desta maneira, lamentando que a sua posição actual o não deixe colaborar na tarefa que a si proprio impôs. Todavia...

— Todavia, o quê?...

— O governo tomará medidas extraordinarias para que os criminosos sejam capturados dentro do mais breve espaço.

Antonio Valadares encrespou os labios num sorriso de feroz amargura e, destacando as silabas num retinir violento de cobra cascavel, refutou:

— O braço da policia não alcança os que vivem perto, quanto mais aqueles que interpõem a fronteira como um obstaculo insuperavel á sua acção.

— O seu caso entra no numero dos aconte-

cimentos extraordinarios, e por essa forma será tratado.

Antonio Valadares cruzou os braços e, com a expressão bem definida e assente de que praticaria o impossivel para tornar viavel o seu empenho, perorou:

— Em resumo, não me concede a auctorisação que peço?...

— Não posso; auxilie V. Ex.cia as auctoridades com os recursos que accumulou ou accumularia procedendo exclusivamente por conta propria. Dentro da esfera da legalidade conte com o meu auxilio incondicional...

— Nessas circunstancias impetro-lhe uma mercê.

— Qual?

— A de me apresentar a Sua Magestade a Rainha.

— Será indiscreção perguntar-lhe o seu intuito?

— Obter da soberana o que V. Ex.cia me nega.

— Monarca constitucional, não lhe consentirá o que deseja.

— É mulher, esposa e mãe, comprehenderá o que V. Ex.cia não soube sentir.

Rodrigo da Fonseca Magalhães recolheu o espirito por segundos, mergulhou em funda reflexão, e ao emergir dela, declarou:

— Não quero apagar essa esperança na suprema vontade da senhora D. Maria II por

meu motu proprio. Hoje é dia de assignatura régia; finda ela apresentarei V. Ex.cia a Sua Magestade. Espere-me no palacio das Necessidades, ás duas horas.

— Ali estarei — afirmou Antonio Valadares, curvando-se em sêca inclinação num cumprimento de despedida.

*

* *

Ao chegar ao Paço e antes dos respectivos ministros começarem a apresentar os diferentes diplomas, por baixo dos quaes a filha de D. Pedro IV teria de apôr o seu nome, para os tornar legaes, Rodrigo da Fonseca Magalhães conversou de espaço e á puridade com aquela que já era e foi sempre modelo de esposas e mães. Ouviu a excelsa princesa a longa exposição do seu ministro, atenta, ponderando cada uma das suas palavras. Quando concluiu, sem patentear no semblante o que lhe ocorria no espirito, perguntou:

— O marido onde está?

— Convidei-o a vir aqui ás duas horas — informou Rodrigo.

— Vamos á assinatura.

O acto do expediente semanal realizava-se nessa tarde na denominada sala da Bibliotheca, no malfadado palacio das Necessidades, ao qual a fatalidade imprimiu o seu cunho de perene des-

graça, no que toca á dinastia de Bragança. Escolhido pela desdenhada sobrinha de D. Miguel I para sua usual moradia, ahi se finou, bem como os seus filhos D. Pedro V e infante D. Fernando, sua nora a rainha D. Estephania; ahi expirou o marido; de ali sahiram para a chacina do Terreiro do Paço, no regresso de Vila Viçosa, seu neto D. Carlos e seu bisneto D. Luiz Filippe; de lá partiram para o exílio D. Manuel e a mãe D. Maria Amelia. É muito para uma familia só, que com este sêlo de permanente infortunio conquistou na Historia o triste fôro de ser uma das mais tragicas na nobiliarquia portuguesa.

D. Maria II, assentada na presidencia de uma comprida meza, dava a direita ao esposo, D. Fernando. O ministro que submetia os diplomas a despacho colocava-se á esquerda e informava com minucia a razão de cada documento, informe que a soberana seguia com o maior cuidado, inteirando-se do mais simples pormenor com a maxima solicitude, prova do carinho dispensado aos negocios publicos.

Alheado D. Fernando dos actos politicos, tanto quanto lho consentia a sua posição, o assistir a eles significava, senão sacrificio, pelo menos invencivel enfado. Emquanto os ministros de sua mulher discutiam com a rainha a necessidade da promulgação do decreto submettido á sua sanção, examinava a soberba obra de entalhador da mobilia que ele proprio encomendara. Passeava os olhos pelas artisticas estantes onde se guarda-

vam tesouros das mais ricas literaturas. Acariciava com as suas vivas pupilas de entendedor seguro os vasos etruscos, os belos especimens de preciosa louça de Sèvres. Rememorava os traços nítidos das magnificas gravuras encerradas em largas pastas devidamente rotuladas. Reproduzia os exemplares raros contidos em numerosos albuns de luxuosas encadernações, nos quaes abundavam soberbas edições ilustradas, trabalhos famosos, codices, originaes iluminuras valiosas. Não deixava de receber a distinção daquela visita mental um armario de transparentes vidraças, reservatório bem patente de productos arqueologicos, achados em pesquisas scientificamente dirigidas, e ainda os delicados azulejos, notaveis artefactos de ceramica nacional e estrangeira e cristaes do mais lidimo apuro.

A assinatura régia terminou. Os ministros preparavam-se para saudar a rainha e retirarem-se quando D. Maria II, num gesto muito seu, lhes disse:

— Uns minutos mais; desejo que todos ouçam um homem ferido no que ha de mais levantado na nossa alma.

Os conselheiros da corôa entreolharam-se perplexos. Só Rodrigo da Fonseca Magalhães conservava o parecer mais fechado e enigmatico que a propria esfinge. D. Maria II segredou algumas palavras ao marido, D. Fernando bateu num timbre. Apareceu entre portas um reposteiro. Acercou-se do Rei consorte. Este, em voz

baixa, transmitiu-lhe quaesquer instrucções. Não tardou que se recortasse no fundo escuro das madeiras exoticas e das tapeçarias pintalgadas o perfil energico e varonil de Antonio Valadares. Rodrigo da Fonseca Magalhães apresentou-o a D. Maria II, a D. Fernando e aos seus colegas no ministerio. Todos o contemplaram com um mixto de curiosidade, simpatia e compaixão. A rainha estendeu-lhe a mão com aristocratica bondade e num tom de condoído incitamento convidou-o:

—Exponha o seu caso, fale com franquesa, diga o que pretende. Ouvi-lo-hemos, eu, meu marido e os ministros com a deferencia que a sua situação especial requer.

—Exporei a Vossas Magestades o que já esplanei ao senhor ministro do Reino; fá-lo-hei como num confessionario, ajoelhado aos pés do confessor, ou antes como se fala a Deus no momento supremo de comparecer ante Ele.

D. Maria II inclinou a cabeça num rapido gesto de assentimento. Antonio Valadares narrou quanto lhe sucedera, e que o leitor conhece, não omitindo nenhuma particularidade e completando a narrativa com os informes obtidos depois do abjecto attentado, as presumpções surgidas, os raciocinios effectuados, os considerandos deduzidos, as ilações tiradas.

O excepcional auditorio ouvira-o sem pestanejar. A narrativa saira de um jacto do coração do marido ultrajado, lava incandescente e

terrivel a jorrar da cratera de um vulcão. Quando terminou, a rainha, dissimulando a custo a sua formidavel comoção, após uma pausa para se repôr, disse:

—Quaes são os seus projectos?

—Minha senhora, os unicos dignos de um homem. São quinze os scelerados, quinze hão de ser os atingidos pela minha vingança.

—Porque não confia na justiça?

—Respondi já a essa mesma pergunta feita pelo senhor ministro do Reino. Ao governo faltam-lhe os meios de alcançar todos os culpados, a mim sobram-me a razão e o odio para os colher a todos, sem me escapar um só.

—Com que meios conta para chegar a esses resultados?

—Num paiz onde existem ainda tantas guerrilhas, formarei mais uma para dar caça a esses inclassificaveis bandoleiros.

—E se os capturar, entrega-os aos tribunaes?

—Não, minha senhora; quando os agarrar, e tenho fé em Deus que os agarrarei a todos, serei eu proprio quem os castigará; de contrario ficarão impunes.

—Assim descrê da acção dos juizes?

—Os factos levam-me a essa desoladora convicção.

—Que dizem a isto os senhores ministros?— inquiriu a soberana dirigindo-se aos membros do gabinete.

Rodrigo da Fonseca Magalhães consultou com o olhar os colegas na muda interrogação de responder em nome de todos. O olhar de todos reproduziu um tacito assentimento.

— Tomo a liberdade de repetir deante de Vossa Magestade o que individualmente já dissera ao interessado: o governo não pode outorgar o seu beneplacito a uma pretensão semelhante — acentuou o estadista.

Antonio Valadares moveu os labios para responder. D. Maria II amordaçou-lhe a bocca num gesto imperioso. Em seguida, virando-se para o seu conselheiro, interrogou:

— O governo pode oferecer pronta e inteira reparação ao dano sofrido por este homem na sua honra de marido?

Rodrigo da Fonseca Magalhães preparava-se para replicar com a sua habitual dialectica. A rainha adivinhou-lhe o intento e, com a sua vivacidade de expressão e peculiar mímica, atalhou:

— Desejo que me responda categoricamente sem nenhuma especie de evasivas.

O ministro do Reino, não obstante toda a sua pratica nos torneios da oratoria e a sua comprovada serenidade nas conjunturas mais dificeis das Côrtes, quedou-se perplexo.

— Pode ou não pode? — insistiu a rainha.

— Imediatamente... no instante... — entaramelou Rodrigo.

— Não pode, é o que quer confessar, não é

assim? — porfiou D. Maria II carregando o sobrecenho e assumindo um aspecto soberanamente grave.

— Não, minha senhora, o governo não pode responsabilizar-se perante Vossa Magestade e perante este homem a punir acto contínuo o ultrage recebido — declarou Rodrigo da Fonseca Magalhães resolvido a falar sem ambages naquele momento solenissimo da sua carreira publica.

— Agradeço-lhe a franqueza e a lealdade da resposta — declarou a soberana com o seu ar régiamente severo.

Um silencio torturante pesou sobre todos. Os olhos do agricultor alemtejano chispavam num faulhar de cano de locomotiva accionada a lenha. D. Maria II rompeu a atmosfera lúgubre, que saturava o ambiente, insinuando:

— Senhor Antonio Valadares, proceda como o seu brio lhe indicar.

— Minha senhora, digne-se Vossa Magestade ponderar o que aconselha ao queixoso; vae colocá-lo fora da lei, será um criminoso como os outros e perderá o direito que lhe assiste — objectou o ministro do Reino.

D. Maria II não retorquiu á objecção. Deu dois passos em direcção do cruciado protagonista desta scena, e numa voz simultaneamente comovida e retinente qual clarim de batalha, proferiu estas historicas palavras:

— Préso a minha honra e a de meu marido;

conte com o meu indulto em todas as circunstancias.

Antonio Valadares ajoelhou, pegou nas pequeninas mãos de esfusiados dedos da soberana e beijou-lhas. No momento em que duas lagrimas lhe rolavam pelas faces abaixo, as primeiras vertidas pelos seus olhos esbraseados depois da repugnante eventualidade, murmurou:

— Muito obrigado, senhora!

Os ministros sairam, após reverenciosa despedida. Rodrigo da Fonseca Magalhães acercou-se do seu colega da Justiça, e comentou:

— Com dificuldade se encontrará mais justa applicação do poder moderador!

V

Antonio Valadares levantou umas duzias de contos de reis sobre as suas propriedades e entregou a administração da florescente lavoura a pessoa da sua absoluta confiança. Por intermedio do maioral, João Barranco, rapaz da mesma creação, vivendo a seu lado desde a infancia, mais dedicado e fiel que um cão da Terra Nova, organisara entre a numerosa creadagem uma especie de guerrilha de quinze homens, seus creados, latagões desempenados, caçadores desde que puderam supesar uma espingarda, jogadores de pau eméritos, cavaleiros habituados a montar pôltros serris colhidos na manada e a conduzir ao capricho do certeiro pampilho toiros indomaveis, valentes e sentindo como se fôra feito a eles proprios o insulto que transformara o amo em fera.

Ao cabo de poucos dias achava-se apto para entrar immediatamente em acção. Com o devotado auxilio de João Barranco, um dos dois servos seus companheiros no hórrido desacato, e distribuindo o dinheiro necessario para tal emprehendimento, estabeleceu uma larga rede de espias, a fim de descobrir a pista dos facínoras dispersos, fugidiços, atemorisados com as consequencias do repugnante crime perpetrado.

Antonio Valadares nunca mais voltara a Montemór. Fixara o que se poderia chamar o seu quartel general em Evora e, de ahi, irradiava com a actividade febril de um pião sempre em correpio e com a rapidez de um milhafre voraz arremessando-se em cima da prêsa, em todas as direcções onde se lhe afigurava descortinar algum malvado ou onde o informavam poder acertar com qualquer vestigio.

Um dia de manhan João Barranco acercou-se do expedito chefe e participou-lhe:

— Patrão, o Manuel das Pias está em Lisboa.

— De certeza?

— Absoluta.

— Onde.

— Dormiu ha quatro noites na estalagem dos Camilos...

— Quem to disse?

— O Joaquim da Trave que conversou com êle. Anda escondido, a monte, com medo; tenciona ir para as bandas do Porto; só lá para o norte se julga seguro de não nos caír nas unhas.

— Vamos hoje a Lisboa.

— Quem vae?

— Tu e o Caetano do Seccadoiro; bastamos nós três.

Duas horas depois Antonio Valadares e os seus fieis servos, os mesmos da fatídica jornada, partiam para a capital, montados em três facas das mais velozes da bem provida caudelaría do

lavrador. A marcha efectuou-se sem nenhuma especie de incidente. Desembarcados na margem direita do Tejo, Antonio Valadares, que deixara crescer a barba, tornando-se por isso quasi desconhecido, alojou-se numa casa de hospedes da rua do Amparo, ao passo que os seus dois homens de confiança buscavam pousada na mais popular e frequentada estalagem da cidade, nos Camilos. Ahi, no meio da saloiada, num permanente vae-vae, com alguma precaução, com dificuldade atinariam com a sua presença.

Situada ao fundo da rua do Amparo, entrando pelo lado do Rocio, á esquerda, topava-se com um amplo portão. Por êle se ingressava numa especie de galeria, de uns dez metros de comprimento. No topo, uma sineta chamava, tangída pelos retardatarios, á guisa de despertador, a creadagem mandriona ou sonolenta. Transposta esta segunda entrada, erguia-se uma construcção de dois andares, dividida lá dentro, nos ultimos tempos, em cerca de trinta divisorias, cacifos onde dormitava de noite, ou repousava algumas horas durante o dia, a heteroclita população dos arredores sua frequentadora. Em baixo, no rez do chão, desdobravam-se três vastos recintos lageados, aproveitados simultaneamente para cocheiras e cavalariças, e nos quaes se aglomeravam de cem a duzentos equideos, de nediez problematica, e uma media de cincoenta vehiculos desde a carrocinha de jumento até ás galeras de pesada carga.

Á direita, ao entrar no pateo, trepando por uma pequena escada, abria-se o telheiro. Ahi guardavam as lavadeiras as trouxas de roupa suja ou limpa conforme iam ou vinham. No telheiro fronteiro abrigavam-se alguns animaes, que não cabiam nas cavalariças. No pateo, carros grandes e pequenos encastravam-se por assim dizer uns nos outros, de lanças ou varaes no ar.

—Vocemecês querem dormida para esta noite, ou apenas pousada por poucas horas?— inquiriu uma mulher, a do dono da estalagem, colocada á porta de uma acanhada baiucasita, á esquerda da saída da tipica galeria ou túnel.

—Queremos dormida para esta noite—declarou o recem-chegado, apontando para si e para o companheiro.

A estalajadeira fez um sinal a uma serva, e esta conduziu os dois novos hospedes ao primeiro andar, a uma sala comum, comprida camarata, especie de enxovia, onde se aglomeravam, em barulhenta promiscuidade, uma duzia de homens. O mobiliario do vasto recinto consistia numa despida tarima, egual ás usadas então nos quarteis.

João Barranco e Caetano do Seccadoiro, ambos de alforges ao hombro e de largos capotes á alemtejana, cujas golas quasi lhe tapavam por inteiro os semblantes perscrutadores e inteligentes, relancearam a vista em redor de si e consultaram-se com os olhos.

—Aqui não está?—opinou o segundo.

—Estará noutra parte—volveu o primeiro.

—E se já se tiver raspado?

—Não teve tempo para isso.

—Nunca fiando.

—O melhor é cada um procurar pelo seu lado; tu vaes lá acima ao segundo andar; eu desço ao pateo a meter o nariz em todos os escaninhos da casa.

João Barranco veio até ao pateo, não largando os alforges e menos o capote de ampla roda, no que ninguem reparava, por não abundarem os sitios onde se guardassem taes objectos. O homem de confiança de Antonio Valadares, depois de passar minuciosa revista a todas as dependencias do andar terreo, sem resultado, postou-se á entrada da galeria ou túnel, pediu lume a um saloio perto dele, acendeu o paivante de papel grossissimo do contracto do tabaco e, para se poder demorar naquele ponto estrategico, entabolou conversa, perguntando:

—Porque diabo chamam a isto a estalagem dos Camilos? Era alguma familia desse apelido?

—Vocemecê não é daqui dos arredores de Lisboa?

—Não, não sou; pertenço ao outro lado; sou da Moita.

—Ah! bem se vê; aqui existia um convento, o dos Camilos; ainda por cá aparecem restos da egreja, do altar, o sitio de onde partia a

escada para a torre, etc. A principio, defronte do mosteiro, varias figueiras e latadas ensombravam o local. A saloiada, que trazia hortaliças ao mercado, deixava aqui as bestas e os carros. Sobre as ruinas da casa dos frades e com o desaparecimento da travessa dos Doidos, alguem se lembrou de correr uma vedação de madeira. Com os anos veio a estalagem.

—Ah! não sabia, muito obrigado pela informação; vem então aqui gente de toda a parte?!...

—Vem; durante todo o dia calcurria uma procissão por esse corredor adeante para a recolha de carroças e gado.

—E de noite?

—A porta só se fecha á uma da madrugada, para se tornar a abrir ás cinco, quando afluem vendedores á praça.

—Mas não são só saloios que entram...

—Não; os freguezes da estalagem dos Camilos podem dividir-se em três classes: os de sempre, os de ocasião e os do tempo da novidade, da ervilha, do feijão verde, da fructa.

—Quaes são os de sempre?

—As lavadeiras e os almocreves que veem em determinados períodos á cidade ás terças e sextas feiras, homens dos concelhos dos arrabaldes de Lisboa, de Alemquer, Torres Vedras, Arruda dos Vinhos, etc. Por um tostão deste, dois tostões daquele, fazem a recovagem de pe-

quenas encomendas por preços mais economicos que qualquer outro meio de transporte.

— Tambem aqui pousam vindouros de mais longe.

— De toda a parte; os viajantes, que não querem gastar muito, todos aqui veem parar, mas as lavadeiras são a freguezia mais constante. Pagam uma bagatela pela recolha das trouxas, entre um e dois tostões, conforme o tamanho.

— E as carroças?

— Pagam segundo o rodado e os animaes, ficando a ração por conta dos donos.

— E não ha mais estalagens que esta dos Camilos?

—Ha: um grande telheiro no Arco do Cego, que nos presta excelente serviço; uma estalagem na rua da Magdalena; outra no Jardim do Regedor; outra no largo dos Alamos; na travessa de S. Domingos; a do José Gordo; a do largo do Socorro; mas todas elas são dedaes comparada com esta dos Camilos.

Neste momento acercou-se do interlocutor de João Barranco um homem anafado, de abdomen proeminente assente sobre duas pernas delgadas e pequenas, com as mangas da camisa arregaçadas para cima dos cotovêlos, mostrando a pele dos ante-braços cravejada de cerdas mais intonsas que as dos cevados, de gorro ha tempos branco e agora de côr indefinida e amplo avental, tambem com pretensões a alvo, mas

convertido em mappa de regiões nunca estudadas pelos geógraphos. Era o dono do estabelecimento. Os dois trocaram entre si algumas palavras e afastaram-se.

— Se ha muitas estalagens, o João das Pias é capaz de se ter miscado para outra e nós ficamos aqui a ver navios! — monologou o maioral alemtejano.

A sair da galeria ou túnel e a entestar com o telheiro, metido por entre as saias de côres violentas das saloias e reverberado pelo reflexo afogueado dos seus lenços, caminhava, com a pressa compativel com tão densa aglomeração de anaguas tufadas, um homem com o barrete enterrado pela cabeça abaixo e com a mão posta na cara com a visivel intenção de a encobrir o mais possivel.

— Olá! — exclamou num sobresalto de odio João Barranco — ou eu me engano muito ou aquele é o melro!

Neste mesmo instante aproximava-se o Caetano do Seccadoiro, que abria a bôca para lhe participar que não encontrara nada na inspecção feita, mas que logo a fechou ante o gesto imperioso e significativo do companheiro.

— Que ha? — perguntou.

— Vês alem aquele zambro, que faz toda a diligencia para não mostrar aos outros a ponta da narigota?

— Vejo.

— E' ele.

— Se te enganas...

— Tenho tanta certeza que é ele como se trouxesse a maquineta toda a descoberto.

— Bota-se-lhe já os gadanhos...

— Ainda não; faria barulho, assaralhopava-se a saloiada, apareciam por ahi os segurelhas ou os guitas, e ficava todo o caldo entornado...

— Então?

— Tu não tiras os caixilhos de cima dele; eu vou num instante prevenir o patrão, que não tardará a vir comigo aqui; se o meco no intervalo se quizer esgueirar, então sim, aférra-lo e não o largues ainda que caia sobre ti todo o poder do mundo; se resistir, calmas-lhe até não soltar mais pio.

— Vae descansado, João Barranco; só Deus será capaz de mo arrancar das batas.

João Barranco dirigiu-se para a saída, e Caetano do Seccadoiro, á força de empurrões e mesmo de cotoveladas, colocou-se junto do camponio do barrete e pegou-se mais a ele que a sombra ao vulto.

João Barranco dirigiu-se á hospedaria onde se recolhera Antonio Valadares e participou-lhe o ocorrido. Num instante se encontraram os dois na rua em direcção á estalagem dos Camilos. O lavrador no trajecto forjara o seu plano. Era necessario evitar que a policia se mettesse na contenda. Quando não a sua vingança ou se malograria ou não iria ao ponto que ele assen-

tara. O emprehendimento deveria realizar-se com rapidez, decisão e sem levantar escarcéo. Ao acercarem-se do telheiro do rez do chão, Caetano do Seccadoiro aproximou-se dos dois, e participou-lhes:

—O homem dorme a sesta, ou finge que dorme numa das casas do primeiro andar.

—E tu deixaste-lo só... É capaz de se safar.

—Não tem outra saida senão por aqui.

—Vamos lá acima vêr.

Os três correram pelas escadas carcomidas e oscilantes, que conduziam ao primeiro andar.

—Onde está?—perguntou o agricultor.

—Devia estar acolá naquele recanto.

—Ali não ha ninguem.

—Ai que o patife pôs-se no piro!

—Se ao menos não tiver saído da estalagem...

—Ah! isso não saiu.

O dialogo resaltara rapido. No semblante de todos pintara-se o despeito e a raiva. O scelerado reconhecera Caetano, percebera que era seguido e tratou sem demora de cogitar na maneira de ludibriar o seu perseguidor. Fingiu que dormia a sono sôlto e apenas enxergou que a vigilancia exercida sobre si afrouxara, sumira-se.

Para onde fôra?

—Se não saltou por alguma janela ou por cima do muro, o que não é tarefa facil, muito em especial a esta hora do dia, conserva-se cá

dentro. Mas se se conserva cá dentro, planeia forma de se escapulir. Qual?—monologou Antonio Valadares sem ser ouvido dos servos.

—Patrão, esfolado vivo seja eu, se não dér com ele!—rugia Caetano, chispando fogo dos olhos e espumando de furor.

—No caso presente vale mais manha que força—recomendou Antonio Valadares socegando o seu creado, com receio que destemperasse nalgum arranco intempestivo.

—Patrão, vigie bem com o João que o mafarrico não passe de qualquer forma pela porta. O resto é comigo. Eu darei com essa peste ainda que se esconda nas profundas do inferno—recomendou Caetano mostrando completa segurança em si proprio.

Antonio Valadares conhecia a inteligencia e dedicação do moço. Não o quiz contrariar. No momento, o que havia a fazer era seguir á sua indicação. Colocou-se, pois, de um lado da desembocadura do túnel e João Barranco do outro. Ninguem estranhava ver ahi os dois homens no meio do movimentado torvelinho do pateo. Decorreram assim duas horas. Ao cabo desse termo embocou ao túnel uma pesada carroça acogulada de trouxas de roupa e, da maneira usual, assentadas em cima delas umas três ou quatro saloias.

Caetano avisinhou-se de Antonio Valadares e com um inflexo típico, comunicou-lhe:

—Patrão, êle vae ali, misturado com os trapos sujos; eu vou acompanhar a galera.

Poupa-nos assim o trabalho de o tirarmos da estalagem para fora.

— Estás certo do que affirmas?

— Tão certo como estar vendo o patrão na minha frente.

— E se te enganas?

— Dou-lhe licença que me faça a mim o que o patrão tenciona fazer áquela ruindade.

O moço falava com tal convicção que seria injusto não o acreditar.

— Bem, vamos todos seguir a carroça.

— Vae para Loures; o patrão e o João Barranco que não a percam de vista; eu vou pagar ao estalajadeiro o que lhe devemos e munir-me de uma coisa que nos ha-de vir a ser precisa, me parece.

— Sabes o caminho?

— Sei, sim, senhor; não percam a carroça de vista.

Estas ultimas palavras foram proferidas dirigindo-se Caetano para o interior da estalagem. Antonio Valadares e João Barranco dispuseram-se a acompanhar o pesado vehiculo, trabalho facil, attendendo á sua marcha vagarosa. Pelo largo de Arroyos, com destino ao Arco do Cego, ladeira íngreme, orlada de terras de semeadura e de olivaes, para tomar a estrada do Lumiar, rodou o carro. Não se afastavam dela os que porfiavam acompanhá-la. Não se demorou em lhes aparecer Caetano.

— Que trazes ahi na mão?

—Naturalmente terá de servir.

Os trez homens, afastados uns dos outros, para não chamarem a atenção, regularam as passadas pelo rodar da solavancada carripana. Perto de trez horas levou a vencer o percurso até ao fundo da calçada de Carriche. Ahi o transito diminuiu de forma a, nessa ocasião, só passar entre a ponte de Frielas e o descampado das Marnotas apenas esse vehiculo. O crepusculo principiava a ensombrar o vale antecipando a escuridão da noite. No momento julgado oportuno, João Barranco colocou-se da banda do cocheiro, tirou do bolso uma pistola, apontou-lha, e intimou:

—Páre o carro e não se mova!

—As mulheres que sáiam todas; ninguem lhes fará mal—ordenou Antonio Valadares em tom energico e convincente.

As saloias, tranzidas de pavor, julgando-se objectivo de um audacioso ataque de ladrões, tão vulgares na época, obedeceram sem o menor protesto, chorando e pedindo misericordia.

—Onde está esse velhaco?—perguntou o lavrador.

—É isso que eu vou ver, patrão; é para não levar muito tempo que trouxe este ferrinho; se o patife não dá signal de si, passo-o através de todas as trouxas.

Á medida que dava estas explicações Caetano do Seccadoiro mostrava um ferro egual ao que os guardas barreiras espétam em varios sentidos nas cargas de hortaliça e outras, a fim de verifi-

carem se ali vae escondido qualquer contrabando. Preparava-se para juntar a acção ás palavras quando dentro de uma das trouxas, colocadas ao alto, começou a bolir qualquer coisa.

— Olá, muitas « migalhas de pão com pernas » deve ter esta roupa suja para assim se mexer.

Caetano desatou num instante o enrodilhado e não tardou que surgisse um vulto humano, breve posto completamente a descoberto, com grande pasmo da saloiada e susto do cocheiro, conivente na ardilosa evasão.

— A posição não é cómoda, vou-te livrar dela, mas de mãos e pés atados por causa das moscas — disse ainda Caetano tirando uma parte das cordas que sujeitavam a carga e ligando com elas os musculos do bandido.

— O melhor é matarem-me já e não me fazerem soffrer mais . . . — balbuciou o capturado numa lividez de cadaver a contrastar com o azeviche das barbas.

— Tu não andaste mais apressado, ali para as bandas de Vendas Novas — retorquiu num sibilo de furor mal contido Caetano.

— Trá-lo cá para baixo — ordenou Antonio Valadares.

Caetano do Seccadoiro cumpriu a ordem recebida. Agarrou no preso á guisa de saco de serradura e depô-lo no chão.

— Vocemecês, subam — convidou Antonio Valadares dirigindo-se ás mulheres boquiabertas, espavoridas.

As lavadeiras obedeceram léstas.

— Você toque os machos e metta a carroça a galope; se olha uma vez só que seja para traz, ponho-lhe os miolos ao sol.

O carroceiro não precisou que lhe repetissem a injuncção. Chicoteou os animaes com tal violencia que os chagados machos partiram com mais arranco que a melhor parelha de hanoverianos. O homem das guias cumpriu á risca a determinação imposta. Não virou a cara nem sequer para o lado. Olhou fixo na sua frente, parecendo-lhe vagaroso o galope quasi desenfreado dos açoitados muares. A despeito da velocidade da carreira e da estralejante bulha das ferradas pinas das rodas nas pedras buidas da calçada, chegou até aos seus ouvidos atordoados um grito estridente, lancinante, desesperado, um desses gritos que se aparafusam á memoria e vibram eternamente no tímpano.

Nesse momento, ao longe, no grupo formado pelos quatro homens, sombras lúgubres de ciprestes a desenharem o perfil sinistro na penumbra do ocaso, o vulto de Caetano do Seccadoiro, tomando a vertical, depois de um momento se ter arqueado sobre um corpo a estrebuchar, mostrou, a reluzir-lhe na dextra, a folha de uma navalha. O inflexo rancoroso de uma vingança sanguinariamente satisfeita, repercutindo num ecco funéreo, murmurou com selvageria:

— Este, já pagou a sua divida!

VI

O tempo ennovelou perto de um anno sobre o pouco vulgar episodio da encosta das Marnotas. Decorria o quarto domingo do mez de julho. O mercado e feira annuaes, celebrados nesse dia na povoação e freguesia de Sant'Iago de Escoural, aglomerara no campo um denso fluxo de concorrentes, vindos de muitas leguas em redor. Pertence o típico aldeado alentejano ao concelho e comarca de Montemór o Novo, districto e arcebispado de Evora. Perto dali entranham-se as minas de bom ferro da serra dos Monges.

Á sombra de uma das toscas barracas levantadas, diligenciando ser visto o menos possivel, Antonio Valadares conversava com João Barranco. O maioral dizia para o amo:

—Treze já tiveram o merecido pago; faltam só dois...

Mas esses dois são os que eu tenho maior empenho em haver ás mãos.

—Todas as informações dos nossos espias afirmam que pelo menos um deles, o Vicente...

—O chefe, o principal, virá aqui, que é a sua terra, onde nasceu, e que aproveitará a

affluencia dos feirantes para se disfarçar por meio deles.

— Eu lhe darei o disfarce.

— Se ele cá vier, por mais que procure encobrir-se, nós o descobriremos.

— É o mais culpado de todos, o que preparou e delineou o abominavel crime.

— Por isso o castigo não tem poupado nenhum.

— Nem poupará até atingir o ultimo.

— Já se fala muito nas aldeias, e até nas cidades do que os noveleiros chamam façanhas de uma seita misteriosa...

— Não admira que tenha despapado as linguas dos bedelhosos o aparecerem treze homens punidos com tão implacavel dureza.

— As populações campesinas principiam a assustar-se.

— É preciso acabar com isto depressa.

— Vontade não falta a todos.

— Olho aberto e ouvido á escuta.

— Descance, patrão; ha perto de um ano que qualquer de nós só dorme de meio lado; o outro fica acordado e prompto para o que der e vier.

*

* *

Em todos os países as feiras representaram no curso dos seculos, dos mais recuados aos mais proximos, uma manifestação eloquente e profícua

da actividade dos povos. A falta de communicações nas quadras remotas outorgava-lhes excepcional utilidade. A «feria» ou dia de descanso, que permittia á gente da aldeia abastecer-se nos mercados ou praças visinhas melhor fornecidas, transformou-se em feira. É o primeiro clamor retumbante da vitalidade commercial e industrial. Algumas adquiriram tão lato desenvolvimento que se tornaram universalmente conhecidas, como a de Nov Gorod na Russia, e outras de forma mais restricta, mais popularisadas na peninsula, nossas e hespanholas.

A primeira de que em Portugal ha noticia é a de Constantim, citada já no foral concedido por D. Sancho I a Souto de Panoyas. Depois veem surgindo aqui e ali com os diversos soberanos. Apparece a feira de Melgaço, de Famalicão, de Lamego, de Aguas da Beira. Foram as feiras que primeiro estabeleceram o convivio entre os moradores de povoações afastadas. Foram ellas que aconselharam commerciantes e industriaes locaes a permutarem os seus productos. Foram ellas os primeiros institutos que ensinaram a negociar e a pôr em relêvo o valor das transacções. Por muito a dentro que se penetrasse em Africa lá se iam encontrar feiras. Implantaram-nas os portugueses nas suas consecutivas travessias e hoje mais que nunca cita-se em todo o sertão africano, á guisa de acontecimento inolvidavel, as feiras de Manica e Quiteve, sem falar nas que estabeleceram na India e que

concorreram tanto para assignalar o nosso dominio naquella região como as proezas militares dos nossos heroicos caudilhos.

Voltemos ao assumpto principal da verídica narrativa.

— Recomenda aos nossos homens que não percam de vista ninguem á entrada e á saída.

— Descance, patrão; embora o gentio seja muito não atravessará nenhum as malhas da nossa rêde sem que o pesquem.

— É capaz de encontrar artes de enganar todos... haja vista o que tem feito até agora.

João Barranco não respondeu a esta censura de Antonio Valadares, que, no seu mau humor, se incluia a si proprio nella. Seguia atento a marcha de um homem, ainda a distancia, que se dirigia para aquelle ponto. Depois de bem se affirmar em quem era, exclamou:

— Ahi vem o Caetano do Seccadoiro; traz, com certeza, novidade...

Não se enganara o perspicaz maioral. Ao cabo de dez minutos o fiel servo avisinhou-se do amo e do seu companheiro, levou a mão respeitosamente ao chapéo, á hespanhola, de copa alta e aba curta, e cumprimentou:

— Salve-o Deus, patrão.

— Boa tarde; que noticias trazes?

— Não são boas, patrão...

— Fala, dize depressa, o que ha?

— Os melros levantaram vôo.

— Para onde?

— Para Hespanha; alguem os preveniu que o patrão os esperava aqui na feira de Sant'Iago de Escoural e, vendo as barbas do visinho a arder, puzeram as suas de molho, do outro lado da raia.

— Alguem nos denunciou...

— É possivel, mas não da nossa gente; o Vicente, a sua alma damnada, o André da Fatia, os unicos subreviventes da quadrilha, com receio da sorte que os espera, tambem teem as suas espias... demais...

— Demais o quê?

— As auctoridades não só de Portugal, mas tambem de Hespanha, em vez de nos proteger a nós, que temos limpado o Alentejo e as outras provincias desta cáfila, mostram-se a favor d'eles fornecendo-lhes quantos esclarecimentos precisam.

— É verdade, é; os regedores, os cabos de policia, os proprios administradores desdobram a capa da sua cumplicidade para os furtar ao braço da minha justa vingança; não conseguirão nada. Para que parte de Hespanha fugiram?

— Atravessaram a fronteira perto do Alandroal, de lá pernoitaram em S. Benito, de manhan seguiram para Olivença e, se não mentem as informações obtidas, devem estar agora em Albuera.

— Tens a certeza de quanto affirmas?

— Patrão, falo tão verdade como o Evangelho.

—João Barranco, previne imediatamente todos os nossos homens que passem para o lado de Hespanha cada um por seu caminho, de preferencia pelos trilhos dos contrabandistas, e que me esperem todos em Albuera, nas proximidades de uma fonda, existente do lado do sul.

—E o patrão?

—Eu vou apenas acompanhado pelo Caetano do Seccadoiro.

—Far-se-ha como determina.

Antonio Valadares dirigiu-se para o sitio onde deixara o cavalo a guardar, atirou-se para a sela de um salto e, já montado, ordenou a Caetano:

—Escolhe das eguas que ahi estão á venda uma das que te pareça mais ligeira, compra-a e vem encontrar-me na estrada.

Ao mesmo tempo que transmittia estas instrucções tirava da cinta algumas moedas de oiro e entregava-as ao seu dedicado serviçal.

*

* *

Antonio Valadares e os seus homens não pouparam esforços ás pernas e ás montadas para chegarem a Albuera no mais breve praso. O lavrador e Caetano do Seccadoiro avistaram as primeiras casas do garrido povoado hespanhol num alvorecer radioso de luz e de diafaneidade. No terreno montuoso ondulavam os trigaes e os

campos de cevada. A casaria pouco numerosa, desveladamente caiada, branquecia a distancia, numa aglomeração de lençoes e toalhas alvejantes em lavadouro bem curado pelo sol. Amo e creado marchavam agora a passo, para conceder um certo repouso aos animaes, depois da célere jornada, e tambem para dar tempo a que o pessoal da fonda, para onde se dirigiam, abrisse as portas e a sua presença, no meio doutros cavaleiros e peões não causasse nenhuma casta de estranheza. Conservavam-se ambos calados. O primeiro engolfado nas dolorosas reflexões de cada instante; o segundo amordaçado pelo esfiingico silencio do patrão, que a sua proverbial loquacidade não ousava quebrar. Ao termo de uns minutos o servo não poude soffrear mais a tagarelice e perguntou:

— Ao patrão ouvi dizer que aqui se brigou uma pegada rinha no tempo dos francezes.

Antonio Valadares ergueu a fronte como se acordasse estremunhado de fundo somno, e inquiriu:

—Tu já foste soldado?

—Já sim, patrão, não se lembra? De cavalaria 5, de Evora, e lá andei nessas contendas com os marechaes duque de Saldanha e duque da Terceira, e dos generaes Bomfim e Sá da Bandeira; umas vezes a favor destes, outras a favor daqueles, uma trapalhada de que nunca percebi nada, senão que tinha de ir para a frente, para onde me mandavam.

—É o mal das luctas civis.

—Como foi a tal batalha aqui contra os franceses?—insistiu Caetano não perdendo o ensejo de badalar.

—Que demonio te interessa a ti isso?

—Ah, isso interessa-me muito, patrão.

—Beresford, o general inglês que commandava tropas da sua nação e o exercito português, pôs cerco a Badajoz. Nesta altura appareceu o marechal Soult, enviado por Napoleão I, com vinte e três mil homens e cincoenta peças de artilharia, o que obrigou a suspender o cerco...

—Por causa dos franceses?

—Está visto. Marchou para aqui ao seu encontro com cêrca de trinta mil homens e trinta peças...

—Todos ingleses?

—Não; ingleses eram sete mil, que formavam o centro; hespanhoes, dez mil, ás ordens dos seus generaes Castaños, Blake e Balesteros, á direita; e uns mil portugueses, á esquerda. Á rectaguarda, como reserva, havia uns cinco mil homens, dos quaes dois mil de cavalaria...

—Então o tal Beresford dispunha de mais gente...

—A maior parte eram bisonhos, e os hespanhoes nunca se entenderam com os ingleses...

—Honra lhes seja! Ouvi dizer que o tal Beresford mandava em Portugal com mais arrogancia que se ele fosse o dono e nós uma vara de porcos, com licença do patrão.

— Se me interrompes a cada momento, não digo mais uma palavra.

— Diga, patrão, diga, e queira desculpar.

— A 16 de maio de 1811 os franceses investiram em quatro ataques violentos. A batalha particularizou-se pela desuzada quantidade de sangue derramado. A maior acomettida pronunciou-se sobre a direita, contra os hespanhoes. O inimigo rompeu ahi a linha e tomou seis peças...

— Em tempos, no regimento, contaram-me que o tal general *beef*... Como se chama ele?...

— Beresford...

— Se fartou de fazer tolices.

— É certo, o marechal Beresford tinha tanto de bom disciplinador e organisador como de pessimo comandante em chefe. Quem valeu na conjuntura foi o general inglez Sir Lowry Cole, que acudiu com a sua divisão, refreou a investida e obrigou Soult a retirar para Llerena, a fim de ali aguardar reforços...

— Morreu muita gente?

— Os franceses perderam oito mil homens; os do ládo de cá sete mil, sendo metade ingleses.

— Foram destemidos...

— Mais em especial teimosos, a sua qualidade predominante. O coronel Inglis, ferido de gravidade e não podendo aguentar-se a cavalo, ordenou que o levassem para junto da bandeira e ahi se assentou, exortando a tropa: «Soldados do 57, morrei como valentes!» Embora as baixas

sofridas pelo batalhão, entre mortos e feridos, fossem de dezoito officiaes e quatrocentos e noventa e oito soldados, permaneceu firme no seu posto. Quando os franceses retiraram perseguiu-os sob o comando de um tenente imberbe.

— Como o patrão conserva tudo isso de memoria!...

Antonio Valadares não respondeu, mas raciocinou de si para si:

— O que eu tenho lido e estudado para desviar o pensamento da sua idéa fixa sem o conseguir!...

Em redor do povoado de Albuera fazia-se sentir o movimento matutino de um centro agrícola. Os jornaleiros dirigiam-se para o campo, as mulheres surgiam entre os humbraes saudando com um sorriso o roseo alvorecer e as trez fondas da aldeia escancaravam as portas aos viandantes, que doutros povos ahi iam ou de Albuera partiam com variados destinos.

Antonio Valadares e Caetano do Seccadoiro pararam ante a entrada principal da estalagem indicada aos seus homens. Sem demora um moço se acercou dos dois, pegando nas redeas das montadas e promettendo em castelhano extremenho:

— Vão descansar que não faltará nada aos cavalos.

Antes de terminar a frase já Caetano se arremessara de um salto, ao chão, e arredara o

servo dizendo-lhe, numa miscelanea de portuguez e hespanhol:

— Dos animaes trato eu mesmo.

Antonio Valadares apeou-se, bateu com os pés no chão e distendeu as pernas um tanto entorpecidas com a comprida digressão equestre. Ainda não medira trez vezes o comprimento do alpendre, num passeio mais automático que propositado, quando na sua frente surdiu João Barranco.

— Já! — exclamou um tanto admirado o lavrador alemtejano.

— Em obediencia ás ordens do patrão, atalhamos mais de metade do caminho vindo pelos carreiros de cabras, só trilhados pelos contrabandistas.

— Estão todos?

— Sem faltar um só.

— Quando chegaram?

— Hontem ao entardecer.

— Souberam alguma coisa?

— Novidade, e de costa acima.

— Qual?

— O Vicente do Escoural e o André Fatia estão na povoação.

Antonio Valadares, a despeito do efficaz predominio exercido sobre si, deixou-se empolgar por um desgarrão que lhe abalou os membros e os fez estremecer com a violencia de uma terçan remissa aos mais energicos febrífugos. Repoz-se do accesso e, livido no seu vermelho de sanguineo, inquiriu:

— Onde?

— Acoitados na moradia do alcaide.

— Vão-nos escapar! — rugiu o agricultor.

— Se o patrão me desse licença eu expunha uma idéa que me anda a moer cá dentro.

— Expôe.

João Barranco falou baixinho, quasi segredou ao ouvido do amo um curto arrazoado.

— Está bem; aprovo o teu plano, não ha tempo a perder para pensar noutro; vamos pô-lo imediatamente em execução.

Decorridos cinco minutos após esta conversa o sino da principal egreja de Albuera tocava a rebate com extraordinaria violencia. Os moradores, ainda em casa, a concluir os seus preparativos para a proxima abalada, correram com precipitações para a rua; as mulheres assomaram curiosas e com anceio ás portas e janelas; as creanças saltaram abaixo das camas ou choráram como desesperadas nos berços.

— Fogo! É fogo!

— Onde?

— Para que lado?

A população revolveu-se num instante girando, deixando-se impellir pelo torvelinho do pânico. Rebentara o fogo por toda a parte, mas ninguem via fumo nem labaredas. Todavia, na imaginação de cada um as chamas lambiam as proprias habitações e o incendio lavrava com estranha furia. O alcaide, lavrador mais que remediado da terra, deixara-se empolgar, como os

seus administrados, pelo mesmo comunicativo alvoroço. A quasi totalidade dos homens validos e de muitas mulheres, a quem a coscuvilhisse accionava com mais ímpeto que o cumprimento dos deveres cazeiros, não vendo por fim nada no povoado e sempre suggestionada pela idéa enraizada na imaginação, arremessaram-se quaes toiros enraivecidos para o campo, gritando ainda cada um por sua voz:

—É na herdade do tio Ambrosio!

—É na eira do senhor cura!

—É no palheiro da fidalga!

Em Albuera só ficaram os invalidos, os doentes, os que moral ou materialmente não puderam seguir a corrente geral. Algumas velhas das proximidades da vivenda do alcaide tão dominadas se encontravam pela hipnotização geral, que não viram surgir de todas as embocaduras, atinentes á mesma casa, um magote de homens, cercarem-na uns e outros invadí-la.

—Onde estão?—perguntou Antonio Valadares a João Barranco.

—Escondidos na adega.

—Apenas nos presentirem atiram-se para dentro de qualquer tonel.

—Vamos, depressa; não façam estragos; tudo o mais calado possivel, e, acima de tudo, rapidez.

Com Antonio Valadares penetraram na moradía apenas o maioral, Caetano do Seccadoiro e mais dois dos seus subordinados de maior con-

fiança. A alcaidessa acompanhara o marido no apavorado exodo. Em casa só se quedara, por trôpega das pernas, uma creada octogenaria.

—Não grite que ninguem lhe faz mal; dê-me as chaves da adega—intimou Antonio Valadares.

Os pés da velhota pregaram-se ao chão estarrecida por esta subita invasão. Tartamudeou palavras sem nexo.

—Desta não tiraremos nada bom; nem as unhas rachadas do mesmo Belzebuth lhe causariam mais pavor; o melhor, patrão, é arrombar-se o alçapão que dá para a adega—propôs João Barranco.

—Sabes onde é?

—A habitação não é um palacio, depressa se atinará com a entrada.

Á entrada da cosinha, lageada, a vista prescrutadora do maioral descobriu no soalho do corredor, proximo dela, um quadrado de madeira com as tabuas colocadas ao través das outras e encastrada nelas uma argola.

—É aqui; agora para o abrir é que vão ser elas!

Deitou a mão á argola e puxou para si. O quadrado de grossas pranchas ergueu-se.

—Olha, está aberto; metade do estorvo está vencido—exclamou com jubilo.

Valadares quiz precipitar-se pela escada quasi a prumo, que descia até ao pavimento inferior. O maioral tomou-lhe a deanteira, tirou da cinta uma sevilhana de respeito, e disse:

—Na frente vou eu, que estou mais habituado a descer estas escadas que o patrão.

Antonio Valadares esboçou um gesto de protesto. O tempo urgia. Cedeu. João Barranco metteu pela escada carcomida, oscillante, quasi a prumo. Atraz do amo seguiram Caetano do Seccadoiro e os outros dois homens de confiança. Em baixo, prolongado com a parede, havia bastante vasilhame de variados feitios e tamanhos e algumas pipas. A um dos lados, um portão sufficientemente largo para deixar entrar e sair os receptaculos de maior dimensão, vincava a sua sombra mais carregada, cortada pelo traço redondo de uma forte tranca, que robustecia a solidez das grossas pranchas. O serviço usual da adega fazia-se pelo alçapão; o excepcional pelo portão aberto sobre uma estrada.

Antonio Valadares abrangeu num primeiro relance o conjunto e antes de consentir nas pesquizas, iniciadas desde logo pelos servos, ordenou:

—Tirem aquela tranca, deixem a porta encostada, mas prompta a sairmos por ali.

Em menos de um minuto cumprira-se a determinação. João Barranco accendera uma lanterna colocada em cima de um barril, no extremo da escada e, de sevilhana em punho, começou as suas investigações secundadas por João do Seccadoiro. De subito este soltou uma exclamação de alegria feroz, entrecortada por um grito de dôr violenta.

—Que foi?

—Piquei-me num dos espinhos desta flor.

Ao mesmo tempo puxava para si, com o braço esquerdo, a borbotar sangue, o corpo de um homem escondido no exiguo espaço de dois toneis, e adduziu:

—Só falta o cabeça.

—Não me matem, por amor de Deus! Eu só fiz o que me mandaram.

—O teu chefe?—inquiriu com sêcca intimativa Antonio Valadares.

—Além!—balbuciou o descoberto sicario com os dentes a baterem uns de encontro aos outros, mais forte que castanholas, num calafrio de terror.

João Barranco e os demais protagonistas da dramatica scena seguiram com a vista o gesto do malandrim e correram para uma pipa. Andaram em redor dela e não enxergaram nada de suspeito.

—Mangas comnosco?!—interpelou Antonio Valadares com ar terrivel.

—Dentro—respondeu o miseravel com voz sumida.

João Barranco cavalgou num salto a pipa e, com os olhos já habituados á semi-escuridão do recinto, descobriu no bojo da vasilha uma abertura quadrada, apenas o sufficiente para caber um corpo humano, e comentou:

—Parece feito de proposito.

Introduziu as duas mãos. Como sucedera a

Caetano do Seccadoiro soltou um rugido, e gritou:

—Alguem que venha aqui ajudar-me.

Num relâmpago encontrou-se na mesma posição outro companheiro. Mercê de esforços desesperados arrancaram ambos lá de dentro um homem. João Barranco, numa expressão de feroz contentamento, desabafou:

—Aqui tem, patrão, o senhor Vicente do Escoural, inteirinho; apesar de atordoado pelo bafo do vinho, ainda me ferrou uma dentada na mão direita com mais raiva que um cão damnado.

João Barranco estendia a dextra onde, se houvesse luz sufficiente, se veria uns poucos de fios de sangue a sairem doutros tantos orificios abertos pelos dentes do rancoroso quadrilheiro.

—Nada de perder tempo; João, abre a porta! Dois de vocês que sugeitem bem esses malvados e levem-nos lá para fóra para o sitio onde estão os cavalos, e a galope, em direcção da fronteira, antes que volte toda essa gente que anda em procura do fogo!

Era tempo. A espavorida população não encontrando vestigio de incendio, entreolhou-se intrigada e voltou para o povoado. Comprehendeu, por instincto, que cahira num lôgro. Quem teria interesse em mistificá-la? Ao mesmo tempo a velha creada do alcaide, cometida a imprudencia de não a terem fechado num dos quartos, enxotado o primeiro assombro da desagradavel surpreza, viera coxeando para o limiar da entrada

principal berrar com toda a alma, escancarando as guelas num aguiguiado ainda mais reaucitroante que o fremir tangedor do sino badalando ha pouco no desesperado rebate:

—Ladrões! Ladrões! Socorro! Acudam que roubam tudo ao senhor alcaide!

Os quatro creados de Antonio Valadares, levando aos hombros, bem seguros, os dois capturados facínoras, deitaram a correr em direcção do resto dos companheiros postados em redor da casa e com os cavalos á mão. Chegaram até ahi sem nenhum estorvo.

— Aguentem-nos bem! — recomendou o vingativo lavrador.

— Mais facil seria o demo largar os chavelhos que estes passaros bisnaus escoarem-se-nos das mãos — respondeu no seu tom prazenteiro João Barranco ageitando a sua presa deante de si, de bôrco, na montada.

— Vamo-nos, que acode a gente da vila e não tardará que os tenhamos em cima — ordenou Antonio Valadares.

A cavalgata partiu num tropel desabalado. Os moradores da povoação acreditando, na verdade, no ataque de uma quadrilha de salteadores, armavam-se a toda a pressa com o que podiam haver ás mãos. O barulho, a confusão, o alarido, as opiniões, os guinchos das mulheres, o choro estridulo das creanças, o assobiar retinente dos pastores receosos de um assalto aos rebanhos, o borborinho cavo ou reboante da aglomeração de

muitos sons, levava a acreditar que atravessara a pacifica Albuera uma hoste demoníaca de acheronticos arimanes.

A marcha effectuou-se, sempre por descampados, para não chamar a attenção dos viandantes. Transposta a fronteira, pelos trilhos invios só conhecidos dos que se entregavam ao contrabando, João Barranco perguntou:

— Onde vamos, patrão?

— Ao mesmo pinhal.

Ao cabo de algumas dezenas de horas de galope infrene o troço dos cavaleiros, exigindo o maximo esforço das montadas, entraram na mesma clareira onde se cometera um ano antes o vilissimo attentado. Os dois perversos quadrilheiros chegaram ahi derrancados no fisico, apoucados, torturados, no moral. A perspectiva, o ante soffrimento de um supplicio angustioso fôra para eles ainda mais afflictivo que seria o supplicio em si. Quando apearam Vicente do Escoural e o seu ultimo cumplice, da incomoda posição em que tinham sido transportados, mais não eram que dois corpos inermes. Vicente do Escoural ao fitar Antonio Valadares, que com a terrivel navalha de barba sobre ele se debruçava, tranzido, murmurou:

— Mata-me... Mata-me depressa!...

A implacavel vingança realizou-se.

*

* *

Antonio Valadares veio a Lisboa. Solicitou da rainha D. Maria II uma audiencia particular. Concedeu-lha. A soberana, a despeito da sua índole varonil, olhou para este inexoravel vingador, das mãos do qual gotejava o sangue de quinze homens, e não ousou estender a sua ao obrigatorio ósculo da etiqueta.

— Senhora, a minha missão na terra está cumprida.

— E agora? — perguntou a soberana, a custo.

— Supplicarei a Deus que me leve o mais breve possivel, fazendo esquecer assim o horror do passado e o martirio do presente.

— Expatria-se?

— Para tão longe que não torne ouvir falar a minha lingua nem ver-me ao espelho da minha memoria.

— As suas recordações?...

— A saudade de uma campa, que me crucia nas infernaes vascas de um ciume nunca aplacado, as grelhas sempre accêsas de um infinito e insaciavel remorso.

FIM

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃ

75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77

PORTO

Antonio Ferro

A Amadora dos Fenómenos. 8$00

Maria da Luz Sobral

Barquinhos de papel (contos para crianças) . . . . 10$00

Eduardo de Noronha

A Marqueza de Chaves . 12$50
Com os olhos na Pátria, 1 volume de 500 páginas . . 15$00
Em redor d'Africa . . 10$00
Pina Manique . . . . 10$00
Heroinas, Mulheres. . . . 8$00

Campos Monteiro

Os Lusiadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. . . . . 20$00
Versos fora de moda, 2.ª edição . . . . . 5$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso) 2.ª edição. 8$00
A oito dias de vista (crónicas) 10$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). . . . . 2$50
Miss Esfinge (novela), 3.ª ed. 10$00
O crime duma mulher honesta, drama em 2 actos . 2$50
Saude e Fraternidade, sátira politica (25.º milhar). . 10$00
Moeda corrente, crónicas e contos. (4.º milhar) . . . 10$00
Quando se amava assim, peça em 3 actos . . . . . 8$00
Camilo Alcoforado (romance) 12$50
Auto das três barcas (4 quadros em verso) . . . . 4$00

João Paulo Freire (Mario)

O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos. 2.ª edição correcta e aumentada, com uma carta do Senhor Conselheiro João Franco ao autor deste livro. . . . 10$00
Homens do meu tempo. . 10$00

Augusto Navarro

A Bailarina Loira . . . . 7$

André Brun

Filosofia de Felix Pevide . 10$

Branca da Silveira e Sil

(GIESTA)

Contas do meu Rosário. . 8$
A Herdeira (no prelo).

(Biblioteca Civilização)

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

N.º I — Perdão Tardio (por Campos Monteiro). 3$
» II — A primeira Dulce que houve em Portugal (por Silva Tavares) . . . . 3$
» III — O Vingador (por João Grave) . . . . 3$
» IV — A verdadeira Mãe (por D. Ana de Castro Osorio) . . . 3$
» V — O Patriota (por Rocha Martins). . . 3$
» VI — Paginas da Vida (por Lourenço Cayolla) 3$
» VII — Martirio de noiva (por Eduardo de Noronha) 3$

(Biblioteca Culinaria)

dirigida por Febronia Mimoso

N.º I — Mais de cem maneiras de cosinhar bacalhau.
» II — Cem maneiras de fazer doces para chá
» III — Cem maneiras de fazer dôces de prato.
» IV — Cem maneiras de cosinhar carne.
» V — Cem maneiras de fazer dôces de frutas.
» VI — Cem maneiras de cosinhar peixes.
» VII — Cem maneiras de fazer pudins.

Cada volume 2$5

Biblioteca "Civilização"

Colecção de pequenos romances
portuguêses e estrangeiros

UMA NOITE DE CLEÓPATRA

POR

Teófilo Gautier

(Tradução de CAMPOS MONTEIRO)

1925

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - Editora - Porto

FONIO

LIMA

Uma noite de Cleópatra

Composto e impresso na Imprensa Civilização
Rua das Oliveiras, 75 — PORTO.

Biblioteca Civilização
Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

VIII

UMA NOITE DE CLEÓPATRA

POR

Teófilo Gautier

(Tradução de CAMPOS MONTEIRO)

1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO—EDITORA
Americo Fraga Lamares & C.ª, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
Porto

Uma noite de Cleópatra

I

No momento em que escrevemos estas linhas são passados quasi mil e novecentos anos sobre o dia em que uma canja esplendidamente pintada e doirada descia o Nilo com toda a rapidez que podiam imprimir-lhe cincoenta remos compridos e chatos saltitando sobre a água como as patas de um gigantesco escaravelho.

Era uma embarcação estreita, de forma alongada, erguida nas duas extremidades como as pontas da lua em quarto crescente, esvelta de proporções e maravilhosamente disposta para correr. Decorava-lhe a prôa uma cabeça de carneiro sobrepujada por uma esfera de oiro, — emblema indicativo de que o batel pertencia a alguem da familia real. A meio da coberta, erguia-se uma camara de tecto raso, uma espécie de «naos» ou tenda de honra, colorida e doirada, com or-

natos de palmeira na moldura e quatro pequenas janelas quadradas. Dois outros aposentos, cobertos de hieroglifos, ocupavam as pontas do crescente. Um d'eles, mais amplo que o outro, tinha justaposto um andar de menor altura, á semelhança dos castelos de prôa d'aquelas extravagantes galeras do século XVI desenhadas por Della Bella; o mais pequeno, que servia de alojamento ao piloto, terminava n'um frontão triangular.

O leme era constituido por dois imensos remos ajustados sobre toletes mosqueados de cores diversas, que se estendiam na água, por detrás do barco, como as patas de um cisne; e no punho d'essas compridas peças de madeira, que o piloto manobrava erguido em pé sobre o tecto da camara, viam-se esculpidas cabeças toucadas com o pschent, de cujo queixo pendia o chifre alegórico.

O piloto era um homem de tez fortemente amorenada, com um verniz de bronze novo, os angulos exteriores das palpebras repuxados para a testa, cabelos negríssimos e penteados em pequenas tranças, boca sensual e rasgada, malares salientes, orelhas afastadas do craneo: o tipo egipcio na sua máxima pureza. Cingiam-lhe as

coxas uma tanga estreita e cinco ou seis voltas de avelórios e amuletos que eram todo o seu vestuario. Parecia ser ele o unico homem da tripulação, pois que os remadores, debruçados sobre os remos e escondidos pela platibanda, davam sinal de si apenas pelo movimento simétrico dos remos, abertos como varetas de leque em cada borda do barco e tombando novamente no rio após uma pequena pausa.

Nem um ligeiro bafo da aragem agitava a atmosfera. A grande vela triangular da canja, enrolada e atada com uma corda de seda em torno do mastro estendido na coberta, mostrava que os marinheiros haviam renunciado á esperança de sentirem soprar o vento.

O sol do meio dia dardejava as suas setas de chumbo. A vasa acinzentada das margens projectava revérberos ardentes. Uma luz crua, scintilante e poeirenta á força de intensidade, fluía em torrentes de chama. O azul do céu desmaiava sob o calor, tornando-se alvacento, como um metal aquecido ao rubro branco. No afogueado horizonte pairava uma névoa ardente e avermelhada. Mas nem uma só nuvem enodoava a abóbada celeste, invariavel e calma como a própria eternidade.

A água do Nilo, tranquila e baça, parecia ter adormecido e dilatar-se n'uma larga toalha de estanho fundido. Nenhum bafejo lhe enrugava a superficie, nem inclinava sobre os caules tenros as flores dos lótos, tão hirtas como se fossem esculpidas. Só de longe em longe o salto de um bechir ou de um fahaka punha o brilho de uma escama de prata n'aquela água compacta, cuja película fuliginosa os remos da canja pareciam rasgar com dificuldade.

Estavam desertas as margens. Uma tristeza imensa e solene pesava sobre aquela terra que nunca foi mais que um grande tumulo, e cujos vivos parece não terem tido qualquer ocupação além da de enterrar os mortos: tristeza arida, seca como pedra-pomes, sem melancolia, sem sonho, sem uma nuvem côr de pérola surgindo no horizonte, sem uma fonte recondita onde pudessem banhar-se os pés empoeirados; tristeza de esfinge entediada de mirar perpetuamente o deserto e que não pode desprender-se da peanha de granito em que ha vinte séculos aguça as garras.

Era tão profundo o silencio, que dava a impressão de haver emudecido o universo e de ter a atmosfera perdido a faculdade de propagar os

sons. O unico ruído que se ouvia era o cochichar e o riso abafado dos crocodilos que, assoberbados pelo calor, se espojavam entre os juncos; ou então o vôo de algum íbis que, fatigado de estar de pé com uma pata escondida sob o ventre e o pescoço encaixado entre as espaduas, abandonava a sua imobilidade e, açoutando subitamente o ar com as suas azas brancas, ia pousar sobre um obelisco ou sobre uma palmeira.

A canja corria como uma flexa sobre a água do rio, deixando atrás de si um sulco prateado, que breve se desvanecia; e só alguns glóbulos de espuma, que vinham rebentar á superficie, ficavam testimunhando a sua passagem.

As ribas do Nilo, côr de salmão e oca, desenrolavam-se ràpidamente, como tiras de papiro, entre o duplo azul do céu e da água, tão semelhantes na tonalidade que a delgada lingueta de terra interposta lembrava uma calçada construida sobre um grande lago, e seria dificil discriminar se o rio reflectia o céu, ou se o céu reflectia o rio.

O espectaculo mudava a cada instante: ora eram propileus gigantes que vinham mirar na água as suas muralhas em talude revestidas de amplos paineis cheios de figuras bizarras; pilastras de capiteis envasados; rampas ladeadas por

grandes esfinges acocoradas, toucadas com o barrete de cabelos encanudados e cruzando sobre os seios ponteagudos as patas de basalto negro; palacios desmedidos projectando no horizonte as linhas planas e severas das cimalhas, onde o globo emblematico abria as azas misteriosas, como uma águia de enorme envergadura; templos de colunas formidaveis, grossas como torres, onde avultavam, sobre fundos de deslumbrante alvura, procissões de figuras hieroglificas; todos os prodigios, emfim, d'essa arquitectura de titans; — ora paisagens de uma aridez desoladora; colinas formadas por pequenos pedaços de pedra provenientes de excavações e construções, migalhas d'essa gigantesca orgia de granito que durou mais de trinta séculos; montanhas lascadas pelo calor, zebradas de listrões negros, semelhantes ás cauterisações de um incendio; cômoros corcovados e disformes, agachados como o criocéfalo dos tumulos e recortando na orla do céu a sua atitude contrafeita; margas esverdeadas, avermelhadas, tufos côr de farinha e, de vez em quando, uma escarpa de mármore rosado onde bocejavam as bocas escuras das pedreiras.

Nada mitigava esta aridez: nenhum oasis de verdura refrescava o olhar. Dir-se-ia que

aquele trecho de natureza desconhecia a côr verde. Apenas de longe em longe surgia no horizonte uma palmeira raquitica, dando a impressão de um caranguejo vegetal, um nopal espinhoso brandia as folhas aceradas como alfanges de bronze,—ou um cártamo, que encontrara um pouco de humidade á sombra de qualquer troço de coluna, picava com um ponto vermelho a uniformidade geral.

II

Depois d'este rápido relance de olhos sobre a paisagem, voltemos ao elegante batel movido por cincoenta remadores, e entremos sem mais cerimónia na náos de honra.

O interior mostrava-se pintado de branco com arabescos verdes, entre os quaes destacavam filetes de vermelhão e flores doiradas das mais fantásticas formas. Forrava o soalho uma esteira de junco extremamente delgada. Ao fundo, sobre os seus quatro pés de grifo, erguia-se um pequeno leito, ao qual dava acesso um escabelo de quatro degraus, e junto de cuja cabeceira, estofada como um canapé ou uma poltrona dos nossos dias, se erguia sobre um suporte uma especie de hemiciclo de madeira destinado a cingir a nuca e amparar a cabeça da pessoa que n'ele se deitasse.

Sobre este estranho travesseiro repousava uma cabeça encantadora, uma cabeça adoravel e divina, a mulher mais perfeita de quantas teem existido, a mais mulher e a mais soberana de

todas, tipo admiravel a que a fantazia dos poetas nada soube acrescentar e que os sonhadores encontram sempre no extremo dos seus sonhos: Cleópatra.

Junto d'ela, Charmion, a sua escrava favorita, agitava um largo leque de penas de íbis. A pouca distancia, outra rapariga regava com agua perfumada as pequenas gelosias de canas que guarneciam as janelas da náos, a fim de que o ar, entrando, se impregnasse de frescura e aromas.

Perto do leito, n'um vaso de alabastro ornado de fitas, cujo gargalo afilado e cuja forma esguia lembravam vagamente o perfil de uma garça real, mergulhava um ramo de flores de lóto, — azues-celestes umas, outras de um rosado palido como a ponta dos dedos de Isis, a grande deusa.

N'esse dia — fosse capricho, fosse intenção politica — Cleópatra não se tinha vestido á grega. Vinha de assistir a uma panegíria e regressava a palácio com o trage egipcio que levara á festa.

As leitoras devem sentir-se curiosas de saber como vestia Cleópatra n'essa tarde ardente em que voltava da Mammisi de Hermonthis, onde se adora a tríade do deus Mandú, da deusa

Ritho e de seu filho Harphreu. É-nos facil satisfazer-lhes esse desejo.

A rainha do Egito tinha por toucado uma especie de capacete de oiro muito leve formado pelo corpo e pelas asas do gavião sagrado. As asas, descendo em leque a cada lado da cabeça, cobriam-lhe as temporas, alongavam-se-lhe quasi até ao pescoço e deixavam livre através de uma pequena abertura uma orelha mais nacarada e mais deliciosamente enroscada que a concha de onde saiu Vénus, a quem os egipcios chamam Hâtor. A cauda do gavião ocupava o sitio onde as mulheres de hoje colocam o rôlo; o corpo, recoberto de penas imbricadas e pintadas com diversos esmaltes, envolvia-lhe o vértice do craneo; e o pescoço, graciosamente pendido para a frente, formava com a cabeça uma especie de ponta deslumbrante de pedrarias. Este penteado elegantissimo, posto que extravagante, era completado por uma cimeira simbolica em forma de torre. Cabelos mais negros que uma noite sem estrelas fluiam d'este capacete e caíam em tranças sobre as flavas espaduas, das quaes uma gola ornada de guarnições de serpentina, azerodrack e crisoberil deixava apenas descobrir o principio. Um vestido de linho em listas diago-

naes — verdadeiro nevoeiro de pano, ar tecido, *ventus textilis,* como diz Petrónio — ondulava qual alvacenta bruma em volta do seu formoso corpo, esfumando-lhe suavemente os contornos. Este vestido tinha meias mangas justas nos hombros, mas abertas ao nivel dos cotovelos, e deixando a descoberto um braço admiravel e uma mão perfeitissima, — o braço cingido por seis pulseiras de oiro e a mão ornada de um anel representando um escaravelho. Um cinto, cujas pontas atadas caíam para diante, salientava o talhe da tunica flutuante e solta. Completava o vestuario um mantelete guarnecido de franjas. E se algumas palavras barbaras não ferem ouvidos europeus, acrescentaremos que a tunica se chamava schenti e o mantelete calasiris.

Como ultima particularidade, convém dizer que a rainha Cleópatra calçava umas sandálias leves e finas, recurvadas em ponta e presas acima do tornozelo, como os sapatos á polaca das castelãs medievaes.

Comtudo, Cleópatra não mostrava o aspecto satisfeito da mulher que tem a certeza de ser absolutamente bela e de estar sábiamente enfeitada. Voltava-se e agitava-se no seu pequeno leito e, com movimentos demasiado bruscos, de-

sarranjava a cada instante as dobras do conopeum de garça que Charmion recompunha com inesgotavel paciencia e sem deixar de abanar o leque.

—Abafa-se de calor n'esta camara!—disse Cleópatra.—Se Phtah, o deus do fogo, instalasse aqui as suas forjas, não faria mais calor! O ar é uma verdadeira fornalha!

E passou pelos labios a ponta da lingua. Depois estendeu a mão, com o gesto de um enfermo procurando uma taça ausente.

Charmion, sempre atenta, bateu palmas. Com a rapidez d'uma aparição, entrou um escravo negro, vestido com um saio plissado lembrando o dos albanezes e com uma pele de pantera atirada sobre o hombro, que trazia na mão esquerda uma bandeja cheia de taças e talhadas de melancia, e na direita um vaso comprido munido de um bico como um bule.

O escravo encheu uma das taças, despejando o liquido de muito alto com maravilhosa destreza, e poisou-a diante da rainha. Cléopatra tocou com a extremidade dos lábios a refrigerante bebida, colocou-a a seu lado e, volvendo para a escrava os formosos olhos negros, meigos e iluminados por uma viva scentelha de luz:

—Ó Charmion!—disse.—Sinto-me tão aborrecida!

III

Pressentindo uma confidencia, Charmion fez um gesto de pesaroso assentimento e aproximou-se da sua senhora.

— Aborreço-me horrivelmente — repetiu Cleópatra deixando pender os braços, n'um desanimo.—O Egito aniquila-me e esmaga-me. Este firmamento, com o seu implacavel azul, é mais triste que uma noite do Erebo. Nunca uma nuvem! Nunca uma sombra! E sempre o sol vermelho, sangrento, a mirar-nos com o seu olho de ciclope! Daria uma pérola das minhas por uma gota de água do céu. Este país ignora o que seja a chuva. Das pálpebras inflamadas d'este firmamento de bronze jámais caiu uma unica lagrima sobre a desolação do solo. É uma grande lápide sepulcral, um zimborio de necrópole, um céu morto e ressequido como as mumias que cobre. Pesa-me sobre os hombros como um manto grosseiro. Incomoda-me e perturba-me. Dá-me a impressão de que não poderei pôr-me em pé sem lhe bater com a cabeça. E

depois, esta terra é na verdade medonha. Tudo n'ela é sombrio, misterioso, incompreensivel. A imaginação, aqui, só produz quimeras monstruosas e monumentos desmedidos. A arquitectura e a arte egipcias infundem-me pavor. Estes colossos, cujas pernas agarradas ao granito os condenam a permanecer eternamente sentados com as mãos espalmadas nos joelhos, fatigam-me com a sua imobilidade estupida, obsediam-me os olhos e turvam-me o horisonte. Quando virá o gigante que deve tomá-los pela mão e libertá-los da sua sentinela de vinte séculos? A propria pedra acaba por se cansar. Que senhor esperam eles para deixar a montanha que lhes serve de pedestal e levantar-se em sinal de respeito? Que rebanho invisivel apascentam estas grandes esfinges agachadas como cães de guarda, para nunca fecharem as pálpebras e nunca encolherem as garras? Que misterioso fito as anima, para fixarem tão pertinazmente os olhos de pedra na eternidade e no infinito? Qual o segredo estranho que os seus lábios cerrados recalcam no peito? Á direita, á esquerda, para qualquer lado que nos voltemos, vemos sómente monstros horriveis, cães com cabeça de homem, homens com cabeça de cão, quimeras nascidas de conubios hedion-

dos nas tenebrosas profundezas das siringes, Anubis, Típhons, Osiris, gaviões de olhos amarelos cujo olhar penetrante parece atravessar-nos e ver para alem de nós coisas misteriosas e secretas;—uma familia de animaes e de deuses horrorosos, com asas escamosas, bico adunco, garras incisivas, sempre prontos a devorar quem lhes transpuser o limiar do templo ou a levantar a ponta do véu que os encobre!

Houve um silencio pesado, durante o qual se ouviu apenas o ruído dos remos chapinando na água. Cleópatra continuou:

—Nas paredes, nas colunas, nos tectos, nos pavimentos, nos palacios e nos templos, nas galerias e nos recessos mais profundos das necrópoles, até nas entranhas da terra, onde a luz não penetra e os archotes se extinguem á falta de ar, por toda a parte e sempre, estadeiam-se interminaveis hieroglifos esculpidos e pintados narrando em linguagem ininteligivel coisas que ninguem sabe e que sem duvida dizem respeito a criações desaparecidas:—prodigiosos trabalhos enterrados em que todo um povo se gastou a escrever o epitáfio de um rei! Granito e mistério, eis o Egito. Belo país para uma mulher jovem e que cinge uma corôa! Só se vêem símbolos ameaçadores e

funebres, báculos, taus, globos alegóricos, serpentes enroscadas, balanças de pesar as almas, — o desconhecido, a morte, o nada! Como unica vegetação, estelas mosqueadas de caracteres extravagantes; em vez de alamedas de árvores, avenidas de obeliscos graniticos; em vez de solo, imensas calçadas de granito; em vez de céu, abobadas de granito: a eternidade palpavel, um amargo e constante sarcasmo contra a fragilidade e a brevidade da vida! Escadarias feitas para as pernas de Titan, que os pés humanos não conseguem transpôr; colunas que cincoenta homens não poderiam abraçar; labirintos em que se andaria um ano sem se lhes encontrar a saída, — a vertigem do grandioso, a embriaguez do gigantesco, o esforço desordenado do orgulho que quer a todo o custo gravar o seu nome na superfície do mundo!

Calada, mas atenta, a escrava escutava.

— E ainda, Charmion, ha outra coisa que me assusta. Nos outros países queimam-se os cadaveres e lançam-se-lhes as cinzas á terra, que em breve se confundem com ela. No Egito, não. Aqui, parece que a unica ocupação dos vivos é conservar os mortos. Arrancados á destruição por meio de bálsamos poderosos, os que

morrem conservam a forma e o aspecto. Evaporada a alma, ficam os despojos. Debaixo d'este povo ha vinte povos. Cada cidade tem os pés em cima de vinte camadas de necrópoles. Cada geração que passa deixa uma população de múmias. Debaixo do pae encontra-se o avô, e por baixo d'este o bisavô, todos nos seus sarcófagos pintados e doirados, taes como foram em vida. E quanto mais se profundar, mais camadas de mortos se irão encontrando. Quando penso n'essas multidões enfaixadas, n'essas miriades de ressequidos espectros coalhando os poços funerários, onde jazem ha dois mil anos, face a face, n'um silencio eterno, nem sequer perturbado pelo rastejar dos vermes sepulcraes, e que hão de ser encontrados intactos, d'aqui a outros dois mil anos, com os seus gatos, os seus crocodilos, os seus íbis, tudo quanto viveu com eles, sinto-me aterrorizada, e tomam-me o corpo intensos calafrios. O que dirão uns aos outros, visto que ainda teem lábios? E as suas almas, se voltassem, achariam os corpos no estado em que os deixaram? Realmente, o Egito é um reino sinistro e muito pouco apropriado para mim, que sou alegre e leviana. Tudo aqui encerra uma mumia. As mumias são o coração

e o centro de todas as coisas. Depois de mil voltas, é sempre uma mumia que se nos depara. As piramides são tumulos. Que futilidade, e que loucura! Por mais que perfureis o céu com esses gigantescos triangulos de pedra, não conseguireis aumentar uma só polegada ao vosso cadaver. Ah! Como é possivel ser-se alegre e viver em semelhante país, onde o unico perfume da atmosfera é o cheiro da nafta e do betume que ferve nas caldeiras dos embalsamadores, e onde o pavimento das nossas camaras ressôa cavamente porque debaixo d'ele se estendem as galerias dos hipogeus e dos poços mortuários? Ser a rainha das mumias, ter como unica companhia essas estatuas de atitudes contrafeitas e rigidas, é divertido! Ainda se, para suavizar esta tristeza, eu tivesse no coração algum afecto, qualquer coisa que me prendesse á vida! Se amasse alguem!... Se eu fosse amada!... Mas não; não o sou...

Tomou a taça do refresco, sorveu dois goles lentos, e prosseguiu:

— Aqui tens o motivo do meu tédio. Com o amor, este Egito árido e soturno parecer-me-ia mais encantador do que a Grécia com os seus deuses de marfim, os seus templos de mármore

branco, os seus bosques de loendros e as suas fontes de água viva; e não pensaria na figura estranha de Anubis, nem nos terrores das cidades subterraneas.

Charmion sorriu, com ar incrédulo.

—Não deve ser isso grande motivo de desgosto para a minha senhora—obtemperou—visto que cada olhar seu trespassa os corações como as setas de oiro do proprio Eros.

—Uma rainha—replicou Cleópatra—pode acaso saber se é o diadema ou a sua pessoa que amam n'ela? O resplendor da sua corôa sideral deslumbra os olhos e os corações. Apeada do meu trono, teria eu a celebridade e a fama de Bacchida ou de Archenassa, de qualquer cortezã chegada de Atenas ou de Mileto? Uma rainha é um ente tão afastado dos homens, tão elevado, tão separado, tão inatingivel! Que vaidade pode lisongear-se da victoria em semelhante empreendimento? Não é uma mulher; é uma figura augusta, quasi insexuada, que se adora de joelhos, como a uma divindade, mas que se não ama. Acaso já alguem se apaixonou sériamente pela Héres de braços alabastrinos ou pela Palas de olhos verdes? Quem tentou jámais beijar os pés de prata de Thétis e os dedos roseos da

Aurora? Qual o amador de belezas divinas que tomou asas para voar aos palácios de oiro do céu? O respeito e o terror regelam as almas na nossa presença. Só um meu egual saberia amar-me. Portanto, para ser amada, eu precisaria de descer ás necrópoles onde dormem os reis.

Se bem que não levantasse objecção alguma contra o arrazoado da sua senhora, Charmion deixava errar nos lábios um sorriso vago, indicativo do pouco crédito que depositava n'essa inviolabilidade da realeza.

— Ah! — continuou Cleópatra. — Quizera que me acontecesse alguma coisa, qualquer aventura estranha e inesperada! O canto dos poetas, os bailados das escravas sírias, os festins coroados de rosas e prolongados até ao vir da manhã, as corridas nocturnas, os cães da Lacónia, os leões domesticados, os anões corcundas, os membros da Confraria dos Inimitaveis, os combates do circo, os adornos da moda, os vestidos de bisso, os alfinetes de pérolas, os perfumes da Asia, as mais exquisitas invenções, as mais loucas sumptuosidades, — nada d'isso me deleita já. Tudo me é indiferente, tudo me é insuportavel.

— Vê-se bem — murmurou Charmion comsigo propria — que, de ha um mês para cá, a rainha

não teve amante, nem mandou matar ninguem.

Fatigada de ter falado tanto, Cleópatra tomou mais uma vez a taça posta a seu lado, humedeceu os lábios e, cobrindo a cabeça com o braço, n'um movimento de pomba, dispoz-se còmodamente para dormir. Charmion descalçou-lhe as sandálias e começou de lhe afagar docemente as plantas dos pés com uma pena de pavão. O sono não tardou em deitar o seu pó de oiro nos lindos olhos da irmã de Ptolemeu.

IV

Enquanto Cleópatra dorme, subamos á ponte da embarcação e gosemos o admiravel espectaculo do sol-poente.

Uma larga faxa violeta, fortemente tocada de tons sanguineos para as bandas de oeste, ocupa toda a parte inferior do céu. Encontrando as zonas azues, a côr violeta transforma-se em lilaz claro e dissolve-se no azul com uma meia tinta rósea. Do lado em que o sol, rubro como um escudo caído das fornalhas de Vulcano, lança os raios ardentes, o matiz muda-se em côr de limão desmaiado e produz coloridos semelhantes aos das turquesas. A água do rio, batida por um raio oblíquo, apresenta o brilho baço d'um espelho visto pelo lado do aço. As sinuosidades das margens, os juncaes, e todos os acidentes das ribas, recortam-se em traços firmes e negros que lhes fazem sobresaír o revérbero esbranquiçado. Mercê de esta claridade crepuscular, podereis descortinar ao longe, como um grão de pó caído sobre azougue, um pontosinho escuro que estremece

n'uma rede de fios luminosos. Será um ádem que mergulha, uma tartaruga que deriva ao sabor da corrente, um crocodilo levantando a ponta do bico escamoso para respirar a atmosfera um tanto fresca da tarde, o ventre de qualquer hipopótamo boiando á flor da água? Ou então, será algum rochedo deixado a descoberto pelo decrescimento do rio, visto que o velho Hopi-Mu, pae das águas, já sente a necessidade de tornar a encher a sua urna, exaurida pelas chuvas do solstício, nas Montanhas da Lua?

Nada d'isso. Podemos jurar pelos pedaços de Osiris, tão eficazmente justapostos, que é um homem movendo-se e deslisando sobre a água. Vê-se agora distintamente a canôa que o sustem, verdadeira casca de noz, uma especie de peixe cavado, construído com três tiras de cortiça encostadas longitudinalmente — uma d'elas formando o fundo da embarcação, as outras os bordos — e todas solidamente amarradas nas extremidades por meio de uma corda embebida em betume. Com um pé apoiado em cada amura d'este fragil aparelho, vê-se um homem que o dirige com uma espadela que serve ao mesmo tempo de remo e de leme. E sem embargo da velocidade da canja real, impulsionada por cin-

coenta remadores, nota-se que o pequenino barco se aproxima e se prepara para lhe tomar a dianteira.

Cleópatra desejava um incidente estranho, algo de novo e inesperado. Aquela canôa esguia e insignificante, de aparencia misteriosa, dá-nos a impressão de trazer dentro de si, se não uma aventura, pelo menos um aventureiro. Talvez traga, mesmo — quem sabe? — o heroe da nossa história.

O unico tripulante do improvisado batel era um belo rapaz de vinte anos, com cabelos tão negros que pareciam azues, uma pele loira como o oiro, e de linhas tão proporcionadas e perfeitas que o diriam um bronze de Lisipo. Apesar de vir há muito tempo remando, não se mostrava fatigado, nem apresentava na fronte a menor gota de suor.

O sol mergulhava no horizonte, e ao de cima do seu disco já incompleto desenhava-se a silhueta côr de sépia de uma cidade longinqua que a vista humana não conseguiria distinguir sem esse acidente de luz. Dentro de pouco, desaparecia inteiramente. E as estrelas, nictagíneas celestes, abriram os calices de oiro no azul do firmamento.

A canja real, seguida de perto pela pequena canoa, deteve-se junto de uma escadaria de mármore negro, cujos degraus serviam de suporte a um numeroso grupo d'essas esfinges que Cleópatra tanto odiava. Era o desembarcadoiro do palácio de verão.

Cleópatra, encostada a Charmion, passou rápidamente, como deslumbrante visão, entre duas fileiras de escravos empunhando archotes.

Por seu turno, o mancebo tomou uma pele de leão que trouxera no barco, lançou-a sobre os hombros, saltou ligeiro em terra, puxou a canoa para a praia e dirigiu-se para o palacio.

V

Quem será esse rapaz que, de pé sobre uns pedaços de casca de árvore, ousa seguir a canja real, e que consegue lutar em velocidade com cincoenta remadores do paiz de Kusch, nus até á cinta e besuntados de óleo de palma? Que interesse o impele e o faz actuar? Eis duas perguntas a que nos compete responder, visto que temos obrigação de saber tudo, como poeta dotado do dom da intuição, e para o qual todos os homens, e mesmo todas as mulheres, o que é mais dificil, devem ter ao lado a janela que Momo reclamava.

Não é talvez muito facil saber o que pensava há perto de dois mil anos um mancebo da terra de Kémè que seguia a barca de Cleópatra, rainha e deusa Evergeto, no seu regresso da Mammisi de Hermonthis. Tentá-lo-emos, no emtanto.

Meiamun, filho de Manduschopsch, era um rapaz possuidor de um caracter estranho. Nada do que emociona o comum dos mortaes lhe fazia impressão. Parecia pertencer a uma raça mais no-

bre, e poderia supôr-se fruto de algum adultério divino. O seu olhar tinha o brilho e a fixidez do olhar do gavião, e a magestade serena poisava-lhe na fronte como sobre um pedestal de mármore. Arqueava-lhe os lábios um desdem superior, dilatando-lhe as narinas como ás de um cavalo fogoso. Sem embargo de ter quasi a graça de uma donzela, e um peito mais roliço e mais brunido que o de Dionisio, o deus efeminado, ocultava sob esta branda aparencia nervos de aço e uma fôrça herculea. Singular prestigio, peculiar a certas naturezas antigas, o de reunirem a beleza da mulher á fôrça do homem!

Quanto á côr do seu rosto, somos obrigados a confessar que era fulvo como uma laranja, côr oposta á ideia branca e rosada que hoje formamos da beleza; o que não o impedia de ser um rapaz encantador e pretendido por toda a especie de mulheres, amarelas, vermelhas, acobreadas, bistradas, côr de oiro e, até, por mais de uma branca grega.

Posto isto, não vades crer que Meiamun fosse um conquistador. As cinzas do velho Priamo, o gêlo do proprio Hipólito, não eram mais insensiveis nem mais frios. O jovem neófito de tunica branca que se prepara para a iniciação dos mis-

térios de Isis não leva uma existencia mais casta. Nem a donzela que vegeta à sombra glacial de sua mãe conserva tão ingenua pureza.

Os deleites de Meiamun eram, comtudo, de uma singular natureza tratando-se de um mancebo tão pouco acessivel. Saía tranquilamente de casa ao romper da manhã, com o seu pequeno escudo de coiro de hipopótamo, o seu hárpè, ou sabre de lamina recurva, o seu arco triangular e o seu carcaz de pele de serpente cheio de flexas farpadas. Depois internava-se no deserto, fazendo galopar a sua égua de pernas finas, cabeça comprida e crina flutuante, até encontrar o rastro de alguma leôa. Divertia-o muito a aventura de ir tirar os leãozinhos de sob o ventre das mães. Em todas as coisas, Meiamun amava apenas o perigo ou a impossibilidade. Aprazia-se imenso em caminhar por atalhos impraticaveis, em nadar na água revôlta. Para se banhar no Nilo tinha escolhido precisamente o sitio das cataractas. O abismo atraía-o.

Tal era Meiamun, filho de Manduschopsch.

Havia algum tempo que o seu caracter se tornara ainda mais selvagem. Internava-se durante meses inteiros no oceano de areias e só aparecia com raros intervalos. Debalde sua mãe

se debruçava inquieta do alto do terraço, interrogando o caminho com olhos persistentes e anciosos. Após uma longa espera, via emfim torvelinhar no horizonte uma nuvenzinha de poeira, que dentro em pouco se adelgaçava deixando ver Meiamun, coberto de pó, sobre o solipede magro como um lobo, de olhos congestionados e sangrentos, narinas frementes, e os flancos cheios de cicatrizes que não eram vestigios de esporadas.

Apenas, porem, dependurava no seu quarto as peles de hiena ou de leão que trouxera, Meiamun montava a cavalo, partia de novo.

Comtudo, ninguem poderia ser mais feliz do que Meiamun. Era amado por Nephté, filha do sacerdote Afomuthis e a mais formosa rapariga do nomo de Arsinoíte. Era preciso ser Meiamun para não ver que Nephté possuia olhos encantadores levantados nos cantos com indefinivel expressão de volupia, uma boca onde scintilava um sorriso de fogo, dentes brancos e purissimos, braços delicadamente torneados e pés mais perfeitos que os pés de jaspe da estatua de Isis. E, seguramente, não havia em todo o Egito uma mão mais pequenina, nem cabelos tão compridos. Só os encantos de Cleópatra poderiam ofuscar os de

Nephté. Mas quem se atreveria a pensar no amor de Cleópatra? Ixion, que se apaixonou por Juno, apenas apertou uma nuvem nos braços; e em punição d'esse crime, faz girar eternamente a sua roda nos infernos.

E no emtanto, era Cleópatra a mulher que Meiamun amava!

Procurara a principio dominar essa louca paixão; lutara corpo a corpo com ela. Mas não se estrangula o amor como se estrangula um leão; nem os mais vigorosos atletas conseguiriam semelhante victoria. A flexa ficara na ferida, e Meiamun levava-a comsigo para toda a parte. A imagem de Cleópatra, radiosa e esplendida sob o seu diadema de ponta de oiro, sòsinha e de pé, envolta na purpura imperial, em meio de um povo ajoelhado, resplendia-lhe nas vigilias e no sonho. Como o imprudente que fitou os olhos no sol e que vê sempre uma mancha impalpavel adejando em sua frente, Meiamun via constantemente Cleópatra. As águias podem contemplar o sol sem que fiquem deslumbradas. Mas qual a pupila diamantina capaz de se fixar impunemente n'uma mulher formosa, n'uma formosa rainha?

Desde então a vida de Meiamun era vaguear em volta das habitações reaes, para respirar o

mesmo ar que Cleópatra, para gosar a ventura de beijar na areia — quão raramente, ainda! — o vestigio quasi apagado dos seus pés. Não faltava ás festas sagradas nem ás panegírias, procurando colhêr um raio do seu olhar, surpreender um dos multiplos aspectos da sua gloriosa beleza. De onde a onde, é certo, tomava-o uma subita vergonha da insensata existencia que levava. Fugia então, entregava-se á caça com duplicado furor, procurando atenuar com a fadiga o ardor do seu sangue e a impetuosidade dos seus desejos.

Fôra n'aquele dia assistir á panegíria de Hermonthis e, na vaga esperança de tornar a ver por um instante a adorada rainha, quando ela desembarcasse no palácio de verão, tinha seguido a canja na sua frágil canôa, sem que o atemorizassem as ferroadas ásperas do sol, nem o insuportavel calor, capaz de fundir n'um suor de lava as esfinges ofegantes sobre as suas esbrazeadas peanhas.

De resto, Meiamun compreendia que era chegado o momento supremo em que a sua vida ia decidir-se, e que não podia morrer com o seu segredo escondido no peito.

Amar uma rainha! que singular situação! É como se amassemos uma estrela. Peor ainda.

A estrela, ao menos, retoma cada noite o seu lugar no céu, concedendo-nos uma espécie de misteriosa entrevista. Tornamos a encontrá-la, vêmo-la, e sabemos que ela se não ofende com os nossos olhares. Mas uma rainha...

Ó miséria! Ser pobre, desconhecido, obscuro, sentado no mais infimo degrau da escada, e sentir o coração cheio de amor por alguma coisa de solene, de scintilante, de esplendido,—por uma mulher cuja ultima serva nos desprezaria! Termos os olhos irremissivelmente cravados em alguem que nem sequer nos vê, que nunca nos verá, para quem nada mais somos que uma onda da multidão egual ás outras ondas e que passará cem vezes a nosso lado sem reparar em nós! Não dispormos, caso se ofereça o ensejo de lhe falarmos, de razão alguma que justifique tão louca ousadia: nem talento de poeta, nem génio sublime, nem dotes superiores,—nada mais que o amor! E em troca da beleza, da nobreza, do poder, de todos os esplendores ambicionados, nada mais podermos oferecer além da paixão e da mocidade!

Estas ideias atormentavam Meiamun. Deitado de bruços na areia, com o mento apoiado nas mãos, deixava-se soerguer e arrebatar pela onda

de um inesgotavel devaneio. Esboçava mil projectos, qual d'eles mais insensato. Conhecia perfeitamente que alvejava um objectivo inatingivel. Mas não tinha a coragem de renunciar abertamente ao desejo louco que o tomara. Ao contrario, a pérfida esperança vinha ciciar-lhe ao ouvido não sabemos que mentirosa promessa.

— Hâthor, poderosa deusa! — murmurava ele em voz baixa. — Que mal te fiz eu, para me tornares tão desgraçado? Buscas vingar-te assim da indiferença que me inspira Nephté, a filha do sacerdote Afomuthis? Queres-me mal por ter repelido Lamia, a hetaíra de Atenas, ou Flora, a cortezã romana? Porventura terei culpa de que o meu coração seja insensivel a todas as belezas, excepto á de Cleópatra, tua rival? Porque me embebeste na alma a seta envenenada do amor impossivel? Que sacrificio e que oferendas exiges de mim, para te aplacares? Será preciso erigir-te um templo em mármore rosado de Syena, com colunas de capiteis doirados, tecto inteiriço e hieroglifos embutidos pelos melhores artistas de Memphis ou de Thebas? Responde-me!

Como todas as divindades que os homens invocam, Hâthor não respondia. Meiamun tomou uma resolução desesperada.

Por seu lado, Cleópatra invocava tambem a deusa Hâthor, pedindo-lhe um prazer inédito, uma sensação desconhecida. Languidamente deitada no leito, meditava em que o numero dos sentidos é muito limitado, que os mais requintados prazeres cedem bem depressa o lugar á saciedade, e que uma rainha encontra realmente grandes dificuldades em matar o tempo. Experimentar venenos em escravos, mandar combater homens com tigres, ou gladiadores entre si, beber pérolas dissolvidas, devorar uma provincia, — tudo isto era insipido e banal!

Charmion nada de novo conseguia inventar, e não sabia já o que havia de fazer á sua rainha.

De subito, ouviu-se um silvo, e uma flexa veio cravar-se no revestimento de cedro da parede.

Cleópatra quasi desfaleceu de susto. Charmion correu para a janela e debruçou-se espreitando. Nada mais viu que um floco de espuma na superficie do rio.

A haste da flexa vinha embrulhada n'um rolo de papiro que continha estas simples palavras, escritas em caracteres fonéticos: «**Amo-te!**»

VI

— «Amo-te!» — repetiu Cleópatra, fazendo girar entre os dedos afilados e brancos o pedaço de papiro enrolado á maneira das scítalas gregas. — Eis a frase que eu procurava. Que alma inteligente, que génio oculto compreendeu tão bem o meu anceio?

E inteiramente despertada do seu languido torpor, saltou do leito com a agilidade de uma gata que pressente um rato, meteu os pequeninos pés eburneos nos tatbebs bordados, deitou uma tunica de bisso sobre as espáduas, e correu á janela que Charmion não abandonara ainda.

A noite estava limpida e serena. A lua, já erguida, desenhava com grandes angulos de sombra e de luz as massas arquitectónicas do palácio, que destacavam vigorosamente sobre um fundo de azulada transparencia, e punha tons de prata liquida nas águas do rio em que o seu reflexo se dilatava n'uma longa coluna scintilante. Um leve sopro de brisa, que se diria o hálito das esfinges adormecidas, fazia palpitar

os canaviaes e estremecer as campanulas azues dos lótos. As amarras das embarcações fundeadas na margem do Nilo murmuravam flebilmente, e as ondas gemiam sobre a praia como pombas sem parceiro. Um vago perfume de vegetação, mais doce que o dos arómatas queimados no anschir dos sacerdotes de Anubis, subia até aos aposentos da rainha. Era uma d'essas noites encantadas do Oriente, mais esplendidas que os nossos dias de verão, porque o nosso sol não vale a sua lua.

— Não vês alem, no meio do rio, uma cabeça de homem nadando? Repara! Atravessa n'este momento a faxa de luz e vae perder-se na sombra. Já se não vê agora.

E apoiando-se no hombro de Charmion, Cleópatra projectava todo o seu formoso busto fóra da janela, no anceio de novamente descortinar o rastro do misterioso nadador. Mas úm bosque de acácias do Nilo, de dumes e de saialas, lançava n'esse sitio a sua sombra sobre o rio e protegia a fuga do audacioso. Se Meiamun, n'essa altura, houvesse tido a ideia feliz de se voltar para trás, teria visto Cleópatra, a rainha sideral, procurando-o ávidamente com os olhos através da noite, — a ele, pobre e obscuro egipcio, misero caçador de leões.

— Charmion! Charmion! Manda chamar Phrehipephbur, o chefe dos remadores, e ordena-lhe que envie imediatamente duas barcas em perseguição d'esse homem! — ordenou Cleópatra, cuja curiosidade atingira o máximo grau.

Phrehipephbur apareceu. Era um homem da raça nahasi, de mãos grandes e braços musculosos, cabeça coberta com um gôrro vermelho lembrando um barrete frígio, e vestido com um calção estreito, listrado diagonalmente de azul e branco. Reluzia-lhe ao clarão da lampada o torso inteiramente nu, negro e polido como um globo de azeviche.

Inclinado, recebeu as ordens da rainha e retirou-se imediatamente para as executar.

Duas barcas longas e estreitas, tão leves que o menor descuido de equilibrio as faria virar, fenderam dentro em pouco a água do Nilo, rangendo sob o impulso de vinte esforçados remadores. Mas as pesquisas resultaram inuteis. Depois de ter batido o rio em todos os sentidos, depois de ter esquadrinhado os menores tufos de canas, Phrehipephbur regressou ao palácio sem outro resultado que não fosse o de acordar alguma garça adormecida em pé sobre uma das patas, ou o de perturbar um ou outro crocodilo na sua digestão.

Cleópatra ficou tão vivamente contrariada, que sentiu um desejo furioso de condenar Phrehipephbur ao suplicio da mó, ou a ser devorado pelas feras. Felizmente, Charmion intercedeu pelo desgraçado que, trémulo e receioso, enlividecia de terror sob a pele escura. Era a primeira vez em sua vida que um seu desejo deixava de ser satisfeito, apenas concebido. Experimentava, por esse facto, uma inquieta surpresa, como que uma primeira duvida sobre a sua omnipotencia.

Ela, Cleópatra, irmã e esposa de Ptolemeu, proclamada deusa Evergeto, rainha viva das regiões superiores e inferiores, ôlho de luz, favorita do sol, como se podia ver nos ornatos esculpidos sobre os muros dos templos, encontrar um obstaculo, desejar uma coisa sem a conseguir, ter falado e não ter sido obedecida! Tanto valia ser a simples mulher de qualquer pobre paraschista dissecador de cadaveres, e passar os dias a derreter natro n'uma caldeira! Era monstruoso, era extraordinario; e precisava de ser, na verdade, uma rainha bondosissima e clemente para não mandar crucificar aquele miseravel Phrehipephbur.

Ah! Querias uma aventura, Cleópatra? Am-

bicionavas um episódio singular e inesperado? Vão correndo as coisas á medida do teu desejo. Estás vendo que o teu reino não é tão desolado e tão impassivel como supunhas.

Certamente, não foi o braço pétreo de uma estatua quem despediu essa flexa misteriosa. Não foi do coração de nenhuma mumia que saíram aquelas duas palavras que tanto te emocionaram, a ti, que vês com um sorriso nos lábios os teus escravos envenenados martelando com os pés e com a cabeça, nas convulsões da agonia, os teus belos pavimentos de mosaico e de pórfiro; a ti, que aplaudes os tigres quando os vês enterrar o focinho nas entranhas dos gladiadores vencidos.

Terás tudo que apeteceres: carros de prata constelados de esmeraldas; quadrigas de grifos; tunicas de purpura três vezes tingidas; espelhos de aço fundido emoldurados em pedras preciosas e tão limpidos que n'ele puderás ver-te em toda a tua resplandecente beleza; vestimentas importadas do país de Sérico, tão finas, tão delicadas, que passariam pelo anel do teu dedo minimo; pérolas de um oriente perfeito; taças de Lisipo ou de Míron; papagaios da India palradores como poetas. Tudo podes obter, mesmo que

peças o césto de Venus ou o pschent de Isis. O que não poderás, porem, é ver esta noite diante de ti o homem que arremessou essa flexa que vibra ainda cravada na madeira do teu leito.

Ardua tarefa será a das escravas que ámanhã te vestirem! Caro lhes ha de ficar o menor descuido! Pode muito bem acontecer que os alfinetes de oiro destinados a segurar-te as pregas do vestuário tenham por derradeira almofada o pescoço da desageitada costureira. E a depiladora, se não tiver muita cautela, arrisca-se a ser dependurada pelos pés n'uma das vigas do tecto...

VII

— Quem terá tido a ousadia de me enviar esta declaração de amor presa a uma flexa? Seria o nomarca Amun-Ra, que se julga mais belo que o Apolo dos gregos? Que pensas a este respeito, Charmion? Seria Chéapsiro, o comandante da Hermotybia, de tão orgulhoso que se encontra com as suas victorias no país de Kusch? Não seria antes o jovem Sexto, esse romano libertino que se pinta com carmim, gagueja quando fala e usa mangas á moda dos persas?

— Rainha! Não foi nenhum d'esses. Posto que sejaes a mulher mais formosa do mundo, todos esses homens vos lisongeiam, mas não vos amam. O nomarca Amun-Ra arvorou um unico idolo a quem será sempre fiel, que é a sua própria pessoa. O guerreiro Chéapsiro não pensa senão em contar a toda a gente as suas batalhas. Quanto a Sexto, encontra-se tão sériamente preocupado com a preparação de um novo cosmético, que não pode pensar em outra coisa. De resto, acaba de receber capas da Laconia, tuni-

cas amarelas bordadas a oiro e efebos asiaticos que lhe tomam todo o tempo. Nenhum d'esses brilhantes senhores arriscaria a cabeça em tão perigosa e atrevida empresa. Não vos amam quanto é necessario para o fazerem. Dizieis hontem na canja real que os olhos deslumbrados não ousavam erguer-se para vós, que os homens apenas sabiam empalidecer e cair-vos aos pés implorando perdão, e que não vos restava outro recurso alem do de irdes acordar no seu féretro doirado algum velho faraó cheirando a betume. Enganastes-vos. Tendes agora a certeza de existir um coração ardente e jovem que vos ama. O que lhe fareis vós, a esse homem que vos adora?

N'essa noite Cleópatra dificilmente conseguiu conciliar o sono. Cançou-se de dar voltas no leito, chamou debalde por Morpheu, irmão da Morte. Repetiu muitas vezes a si própria que era a mais desgraçada das rainhas, que porfiavam todos em contrariá-la, e que a existencia se lhe ia tornando insuportavel: — fundos e prolongados queixumes com os quaes a escrava Charmion se comovia muito pouco, posto que fingisse compartilhá-los.

Deixemos a soberana do Egito procurando

o sono que lhe foge e fazendo volitar as suas conjecturas sobre todos os magnates da côrte, e voltemos a Meiamun. Mais sagazes que Phrehipephbur, sempre conseguiremos encontrá-lo.

Assombrado da sua própria ousadia, Meiamun tinha-se atirado ao rio, e alcançara a nado o pequeno bosque de dumes antes que Phrehipephbur lançasse as duas barcas em sua perseguição.

Quando poude retomar o fôlego e atirar para a nuca os longos cabelos negros cobertos de espuma, sentiu-se mais á vontade e mais calmo. Cleópatra tinha em seu poder alguma coisa que proviera d'ele. Existia agora entre os dois uma certa ligação. Cleópatra pensava n'ele, Meiamun, embora o não conhecesse. Certamente era um pensamento de cólera o que lhe vibrava no cérebro. Mas, ao menos, conseguira despertar-lhe um movimento qualquer a seu respeito, fosse de medo, de indignação ou de piedade. Fizera-lhe conhecer que existia. Era verdade que se tinha esquecido de escrever o seu nome no rôlo de papiro. Mas de que serviria que os olhos de Cleópatra lessem este nome: «*Meiamun, filho de Manduschopsch*»? Um monarca ou um escravo eram eguaes diante d'ela. Tanto se aviltaria uma deusa tomando por amante a um ple-

beu, como a um patricio, ou a um rei. Na altura em que Cleópatra se encontrava não se vê n'um homem senão o amor.

As duas palavras que pesavam sobre o peito de Meiamun como o joelho de um colosso de bronze tinham emfim sahido do seu esconderijo, atravessado o ar, chegado junto da rainha, vértice do triangulo, acume inacessivel. N'aquele entediado coração despertara a curiosidade. Progresso imenso!

Meiamun não supunha ter produzido tamanho efeito. Mas sentia-se mais tranquilo porque tinha jurado a si mesmo, pelo Bari mistico que conduz as almas ao Amenthi, pelas aves sagradas Bennu e Gheuhgen, por Tiphon e por Osiris — por tudo quanto a mitologia egipcia tem de formidavel — que havia de ser amante de Cleópatra, embora um dia só, uma noite, uma hora, ainda que para isso tivesse de perder o corpo e a alma.

Explicar como lhe nascera este amor por uma mulher apenas entrevista de longe e para cujo vulto mal se atrevia a erguer os olhos — ele, que os não abaixava diante das pupilas fulvas dos leões — e como essa pequenina semente caída por acaso no seu peito germinara tão de-

pressa e se arreigara tão profundamente, é um misterio que não tentaremos devassar. Dissemo-lo já. O abismo exercia sobre Meiamun uma atracção poderosa.

Quando se certificou de que Phrehipephbur recolhera com os remadores, abandonando a infrutifera pesquisa, Meiamun atirou-se novamente ao rio e tornou a dirigir-se para o palacio de Cleópatra, cuja lampada brilhava através de uma cortina de purpura. Leandro não nadava para a torre de Sestos com mais coragem e vigor. E, todavia, Meiamun não era esperado por uma Hero disposta a verter-lhe sobre a cabeça frascos de perfumes para dissimular o cheiro da maresia e os asperos beijos da tempestade.

Tudo o que ele podia esperar de melhor era algum golpe de lança, ou de harpè. Mas não seria o receio de esse risco quem o fizesse recuar.

Avançou alguns minutos colado á muralha do palacio, cujos pés de mármore se banhavam no rio, e deteve-se diante de uma abertura submersa por onde a água penetrava turbilhonando. Mergulhou duas ou três vezes infrutiferamente. Emfim, foi mais feliz, encontrou a passagem, e desapareceu ao longo do canal abobadado que conduzia a água do rio ao balneário de Cleópatra.

VIII

Cleópatra só conseguiu adormecer de manhã, á hora em que regressam os sonhos evolados pela porta de marfim. A ilusão do sono fez-lhe ver um sem numero de amantes atirando-se a nado, escalando os muros para chegarem junto d'ela. Como recordação persistente da véspera, os seus sonhos eram crivados de flexas carregadas de declarações amorosas. E os seus pequeninos calcanhares, agitados por estremecimentos nervosos, batiam sem cessar no peito de Charmion, deitada de través no leito para lhes servir de almofada.

Quando acordou, um raio alegre do sol brincava no cortinado da janela, cuja trama perfurava em mil pontos brilhantes, e, incidindo sobre o leito, vinha volitar familiarmente como uma borboleta doirada em volta das suas formosas espaduas, aflorando-as ao de leve com um beijo luminoso. Feliz raio de luz, que os proprios deuses invejariam!

Em voz débil, qual a de uma criança doente,

Cleópatra pediu que a levantassem. Duas camareiras correram, ergueram-n'a nos braços, pousaram-n'a suavemente no chão, sobre uma grande pele de tigre de garras de oiro e olhos de carbunculos. Charmion envolveu-a n'uma calasiris de linho mais alvo que o leite, segurou-lhe os cabelos com uma rede de fios de prata, e calçou-lhe os pés com tatbebs de cortiça, em cuja sola, como simbolo deprimente, estavam desenhadas figuras grotescas representando dois homens das raças nahasi e nahmú, atados de pés e mãos, a fim de que Cleópatra merecesse literalmente o epiteto de «conculcadora dos povos», que lhe era dado nas inscripções reaes.

Era a hora do banho. Cleópatra passou ao balneário, rodeada das suas escravas.

Os banhos de Cleópatra eram edificados em vastos jardins cheios de mimosas, alfarrobeiras, áloès, limoeiros e macieiras da Persia, cuja luxuriante ramagem fazia um contraste delicioso com a aridez das cercanias. Longos terraços sustentavam massiços de verdura e erguiam grinaldas de flores até ao céu ao longo de gigantescas escadarias de granito côr de rosa. Vasos de mármore pentélico abriam-se como grandes lirios á beira de cada rampa, dando a impressão

de que as plantas n'eles contidas eram simples pistilos dos seus imensos calices. Quimeras cinzeladas pelos mais habeis escultores gregos —d'uma fisionomia menos rebarbativa que a mascara carregada e a atitude severa das esfinges egipcias—jaziam deitadas indolentemente na relva matizada de flores, como esveltas galgas brancas sobre um tapete de salão: eram encantadoras figuras femininas, de nariz recto, fronte lisa, boca pequena, braços delicadamente torneados, pescoço redondo e correcto, com brincos nas orelhas, colares e enfeites d'uma adoravel originalidade, bifurcando-se em cauda de peixe como a mulher citada por Horacio, desdobrando-se em asas de passaro, boleando-se em garupas de leôa, ou contornando-se em volutas de folhagem consoante a fantasia do artista ou as conveniencias arquitecturaes. Uma dupla fila d'esses deliciosos monstros marginava a alameda que levava do palácio ao balneário.

Ao cabo d'esta rua, encontrava-se uma ampla piscina com quatro escadas de pórfiro. Através da água transparente, viam-se os degráus descer até ao leito de areia doirada. Estatuas de mulheres terminando em bainha como as cariatides deixavam jorrar dos mamilos

filetes de água perfumada que caíam na bacia como um orvalho de prata, salpicando de gotasinhas saltitantes o límpido espelho que os recebia. Alem d'esta função, estas cariatides desempenhavam ainda a de sustentarem um entablamento ornado de nereidas e tritões em baixo-relevo e munido de um anel de bronze onde se prendiam as cordas de seda do velário. Para lá do pórtico, distinguiam-se verduras humidas e azuladas, frescuras de sombra, um retalho do vale de Tempè transportado para o Egito. Os formosos jardins de Semiramis eram coisa somenos junto d'estes.

Não falaremos de mais sete ou oito salas que se seguiam a esta, todas a temperaturas diferentes, com seu vapor quente ou frio, suas caixas de perfumes, cosmeticos, unguentos, pedras-pomes, luvas de crina e tantos outros requintes da antiga arte balneatoria levada ao acume da voluptuosidade e da subtileza.

Cleópatra chegou, com a mão apoiada no hombro de Charmion. Tinha dado pelo menos trinta passos sózinha. Esforço extraordinario! Fadiga formidavel! Uma ligeira tonalidade côr de rosa, espalhando-se sob a cutis macia das suas faces, refrescava-lhe a apaixonada palidez.

As temporas, loiras como o ambar, deixavam ver uma rêdezinha de veias azues. A fronte lisa, um pouco curta como as frontes das mulheres da antiguidade, mas perfeitissima em boleio e forma, ligava-se por uma linha irrepreensivel ao nariz severo e direito, de narinas rosadas e palpitantes á menor emoção, como as ventas de uma pantera com cio. A boca pequena, redonda, tinha o labio superior um tanto curto, porem desdenhosamente arqueado; mas uma desenfreada voluptuosidade, um incrivel ardor de vida radiava no rubor candente e no brilho humido do lábio inferior. Os olhos tinham palpebras estreitas e sobrancelhas finissimas, quasi rectas. Ninguem poderia cabalmente descrevê-los. Havia n'eles um fogo, uma languidez, uma limpidez faiscante capaz de fazer andar á roda a cabeça de cão do próprio deus Anubis. Cada olhar d'aqueles olhos era um poema superior aos de Homero ou de Mimnermo. E um mento imperial, cheio de força e predominio, punha condigno remate a este perfil encantador.

Parou por fim sobre o primeiro degrau da piscina, n'uma atitude cheia de graça e de altivez, levemente inclinada para trás, o pé direito erguido no ar como uma deusa que se prepara

para abandonar o pedestal e cujos olhos fitam ainda o firmamento. Duas dobras elegantissimas da tunica caíam-lhe do pescoço, n'um só jacto, até aos pés. O escultor Cleómenes, se houvesse sido seu contemporaneo e a pudesse ver n'aquele instante, teria feito em pedaços a sua estátua de Vénus.

Antes de entrar na água, por um novo capricho, ordenou a Charmion que lhe desfizesse o penteado seguro pela rede de prata. Charmion obedeceu. Os cabelos soltos de Cleópatra caíram-lhe em catadupas negras pelos hombros e penderam em cachos, como uvas maduras, ao longo das faces.

Depois, a tunica de linho, retida apenas por um colchete de oiro, escorregou-lhe ao longo do corpo eburneo e rojou-se-lhe aos pés n'uma nuvem branca, como o cisne aos pés de Leda.

IX

E Meiamun, onde estava áquela hora?

Ó crueldade da sorte! Tantos objectos insensiveis gosam dos encantos que enlouqueceriam de alegria um amante. O vento que brinca com uma cabeleira perfumada ou que dá em formosos lábios beijos cuja doçura não pode apreciar, a água que é indiferente a tamanha voluptuosidade e que envolve n'uma só caricia o belo corpo adorado, o espelho que reflecte tantas imagens sedutoras, o coturno ou o tatbeb que encerra um pésinho divino,—oh! quantos gosos perdidos!

Cleópatra mergulhou na água o róseo calcanhar e desceu alguns degraus. A onda trémula envolveu-a, formando-lhe um cinto e uns braceletes de prata, rolando-lhe em pérolas sobre o peito e as espaduas como um colar desfeito. Os longos cabelos, soerguidos pela água, estendiam-se-lhe para trás como um manto real. Mesmo no banho, era rainha. E avançando, e recuando, mergulhava rápida, surgia de novo á superficie trazendo nas mãos punhados de areia doirada que

atirava, rindo, a qualquer das camareiras. Por vezes, suspendia-se da balaustrada, ocultando e descobrindo o formoso corpo, ora deixando ver apenas o polido esmalte do dorso, ora mostrando-se toda como a Vénus Anadiómena, e variando incessantemente os aspectos da sua beleza.

De subito soltou um grito mais agudo que o de Diana surpreendida por Actéon. Tinha visto, através da folhagem, luzir uma pupila ardente, fosforescente e fulva como a do crocodilo ou do leão.

Era Meiamun que, de bruços no solo, detrás de um tufo de plantas, e mais inquieto que um cabrito montês n'uma seara, se embriagava com a perigosa felicidade de ver a rainha no banho. Não obstante ser corajoso até á temeridade, o grito de Cleópatra entrou-lhe no coração mais frio que a lamina de uma espada. Cobriu-lhe o corpo um suor de morte. Bateram-lhe as artérias nas temporas com um ruido estridente, e sentiu que a ferrea mão da anciedade lhe apertava a garganta estrangulando-o.

Os eunucos acorreram de lança em punho. Cleópatra apontou-lhes a mouta de verdura, onde foram encontrar Meiamun encolhido e aniquilado. A resistencia seria inutil. Não tentou defender-se, e deixou-se agarrar.

Dispunham-se os guardas a matá-lo, com a estupida e feroz impassibilidade que caracteriza os eunucos, quando Cleópatra, que tivera tempo de se embrulhar na calasiris, lhes fez um sinal com a mão. Os guardas detiveram-se, e trouxeram o prisioneiro junto da rainha.

Meiamun não teve outro recurso mais que o de caír de joelhos, erguendo para ela as mãos suplicantes, como para o altar dos deuses.

— És um assassino a soldo dos romanos? Se o não és, que vieste fazer a estes lugares sagrados, onde homem algum pode penetrar? — disse Cleópatra com um imperioso gesto de interrogação.

— Que a minha alma seja achada leve na balança de Amenthi, e que me castigue Tmei, filha do Sol e deusa da verdade, se alguma vez alimentei contra a vossa pessoa, ó rainha!, qualquer má intenção! — respondeu Meiamun sempre ajoelhado.

A sinceridade e a lealdade estampavam-se-lhe no rôsto em caracteres tão nitidos, que Cleópatra abandonou imediatamente a ideia de que ele fosse um assassino e cravou no jovem egipcio um olhar menos severo e irritado. Achava-o belo.

—Que motivo te trouxe, n'esse caso, a um lugar onde era quasi certo encontrares a morte?

—Amo-vos! —disse Meiamun em voz baixa, mas distinta.

Voltara-lhe a coragem, como sucede fatalmente em todas as situações extremas que se não podem tornar peores.

—Ah! —bradou Cleópatra, inclinando-se para ele e travando-lhe do braço com um movimento brusco.—Foste tu quem me atirou a flexa com o rôlo de papiro? Por Oms, cão dos infernos! És um miseravel bem atrevido!... Reconheço-te agora. Ha muito tempo que te vejo vaguear, como sombra lamentosa, em volta dos palacios onde moro... Estiveste na festa de Isis e na panegiria de Hermonthis... Seguiste a canja que me trouxe... Ah! Queres uma rainha? Não são pequenas as tuas ambições! Esperavas talvez ser correspondido... Vaes ser satisfeito. Serei tua. Porque não?

—Rainha!—volveu Meiamun, n'um tom de gravidade e melancolia.—Não zombeis de mim. Fui insensato, confesso-o. Mereci a morte, sem duvida. Peço-vos, porem, que sejaes generosa. Mandae-me matar.

—Não! Sinto hoje o capricho de ser clemente. Concedo-te a vida.

— Que quereis que eu faça d'ela? De que me serve viver? Amo-vos!...

— Pois bem. Será feita a tua vontade. Morrerás! — respondeu Cleópatra. — Nutriste um sonho bizarro e extravagante. Os teus desejos ultrapassaram em fantasia um limite intransponivel. Julgaste-te César ou Marco António. Amaste a rainha! Não obstante os transportes do teu delirio, sabias perfeitamente que só em virtude de circunstancias que não acontecem mais que uma vez em cada dez séculos, Cleópatra viria a corresponder-te. Pois bem! O que supunhas impossivel vae efectivar-se. O teu sonho vae tornar-se realidade. Apraz-me, d'esta vez, satisfazer uma esperança dementada. Quero inundar-te de esplendores, de vertigem, de fascinação. Quero que a tua fortuna tenha deslumbramentos. Estavas no fundo da escada; vou pôr-te no alto, bruscamente, subitamente, sem tranzição. Tomo-te do nada em que vivias, faço de ti um homem egual a um deus, e torno a mergulhar-te no nada. Eis tudo. Mas não vás chamar-me cruel, implorar a minha compaixão, fraquejar cobardemente quando chegar a hora!

Sou condescendente, presto-me á tua loucura. Tinha o direito de te mandar matar imediatamente. Visto, porem, que me amas, morrerás ámanhã. Concedo-te uma noite em troca da tua existencia. Sou generosa, como vês. Compro-te a vida, quando poderia roubar-t'a.—Mas que fazes ahi a meus pés? Levanta-te, e dá-me a tua mão, para entrarmos no palácio!

X

A sociedade hodierna é muito trivial se a compararmos com a antiga. São de uma mesquinhez espantosa os nossos festins postos a par da admiravel sumptuosidade dos patricios romanos e dos principes asiáticos. As suas refeições ordinárias seriam hoje tomadas á conta de infrenes orgias, e toda uma cidade dos nossos dias viveria durante uma semana com os sobejos de uma ceia oferecida por Lucullo a alguns amigos íntimos. Custa-nos a conceber, em face dos nossos habitos frugaes, essas existencias faustosas realizando tudo quanto a imaginação possa inventar de mais ousado, extravagante e monstruosamente impossivel.

Os nossos palácios são misérrimas estribarias onde Caligula se recusaria a hospedar o seu cavalo. O mais rico dos reis constitucionaes não leva o trem de vida de um sátrapa de segunda ordem ou de um proconsul romano. Os soes radiosos que brilhavam outrora sobre a terra extinguiram-se para sempre no nada da

uniformidade. Já se não alçapremam sobre o negro formigueiro da humanidade esses colossos de formas titanicas que percorriam o mundo em meia duzia de passos, como os cavalos de Homero. Já se não vêem torres de Lylacq, Babeis gigantes escalando o céu com as suas infindas espiraes, templos desmedidos feitos á custa de quasi toda uma montanha, terraços imperiaes em cuja construção cada geração que passava não conseguia erguer mais que uma fiada de pedras, e de onde o monarca, indolente e pensativo, podia contemplar a figura do mundo como n'um mapa estendido a seus pés. Já não existem essas cidades desordenadas, que consistiam n'um inextrincavel amontoado de edificios ciclópicos, com as suas profundas circumvalações, os seus circos rugindo noite e dia, os seus reservatorios cheios de água do mar e povoados de leviatans e baleias, as suas rampas colossaes, as suas sobreposições de terraços, as suas torres de cumes topetando as nuvens, os seus palácios imensos, os seus aquedutos, os seus grandiosos subterraneos e as suas necrópoles tenebrosas. Ah! Temos apenas colmeias de gesso n'um xadrez de calçadas!

Causa admiração que os homens d'aquele

tempo se não tenham revoltado contra o confisco de todas as riquezas e de todas as forças vivas em proveito de alguns raros previlegiados, e que tão exorbitantes fantasias não tenham encontrado obstaculos no seu sanguinolento caminho. É que essas existencias prodigiosas eram a realização á luz do dia do sonho que cada qual tinha de noite,—personificações do pensamento collectivo; é que os povos entendiam viver simbolisados sob um d'esses nomes meteóricos que flamejam inextinguivelmente na noite das edades. Hoje, privado d'esse deslumbrante espectaculo da vontade omnipotente, d'essa funda contemplação de uma alma humana cujo menor desejo se traduz em actos inauditos, em enormidades de granito e de bronze, o mundo aborrece-se perdidamente, desesperadamente. O homem deixou de se ver representado na sua fantasia imperial.

A historia que estamos escrevendo, e o grande nome de Cleópatra que n'ela aparece, lançaram-n'os n'estas reflexões mal soantes para ouvidos civilizados. Mas o espectaculo do mundo antigo é tão esmagador, tão deprimente para as imaginações que se julgam desenfreadas e para os espiritos que supõem terem atingido o limite

máximo da magnificencia feérica, que não pudemos furtar-nos a exarar aqui o nosso pesar e a nossa tristeza por não termos sido contemporaneos de Sardanapalo, Teglath Phalazar, Cleópatra, rainha do Egito, ou sequer de Heliógábalo, imperador de Roma e sacerdote do Sol.

Temos de narrar agora uma orgia suprema, um festim que ofuscaria os de Baltazar, uma noite de Cleópatra emfim. Como, servindo-nos de um idioma tão casto, tão geladamente pudico, poderemos representar esse arrebatamento frenético, esse enorme e transbordante desregramento que se não arreceiava de misturar á purpura do vinho a purpura do sangue, e os furiosos impulsos da voluptuosidade insaciavel desafiando o impossivel com todo o ardor dos sentidos que a longa abstinencia cristã ainda não conseguiu abater?

A noite prometida devia ser esplendida. Impunha-se que todos os gosos possiveis de uma existencia humana se concentrassem em algumas horas; que a vida de Meiamun se adensasse n'um elixir inebriante que ele pudesse beber de uma assentada. Cleópatra queria deslumbrar a sua victima voluntaria e mergulhá-la n'um turbilhão de vertiginosas volupias, embriagá-la, aturdi-la

com o vinho da orgia, para que a morte, se bem que aceite de boa mente, chegasse sem ser vista, sem ser apercebida.

Entremos na sala do banquete.

A nossa arquitectura actual oferece poucos pontos de comparação com essas construções imensas cujas ruinas se nos afiguram, mais que restos de edificios, verdadeiros desmoronamentos de montanhas. Só o formidavel exagero da vida antiga poderia animar e povoar esses prodigiosos palacios cujas salas eram tão vastas que não podiam ter outro tecto senão o céu,—tecto magnifico e bem digno, na verdade, de semelhante arquitectura.

A sala do festim tinha proporções enormes e babilónicas. A vista não podia penetrar-lhe a desmedida profundidade. Colunas monstruosas, curtas mas graciosissimas, de uma solidez á prova de toda a carga, apoiavam pesadamente os fustes afunilados em sócos mosqueados de hieroglifos e sustentavam nos rotundos capiteis gigantescas arcadas de granito avançando por fieiras de pedra como escadarias tombadas. Junto de cada pilastra, uma esfinge colossal de basalto, toucada com o pschent, estendia a cabeça de olhos obliquos e queixo saliente, projectando na sala um olhar

fixo e misterioso. No segundo andar, menos avançado que o primeiro, os capiteis das colunas, mais esveltas na fórma, eram substituidos por quatro cabeças de mulher encostadas umas ás outras, com barbas encanudadas e cabelos enrolados á maneira egipcia. E em vez das esfinges, vários idolos com cabeça de touro, espectadores impassiveis dos delirios nocturnos e dos furores orgiacos, estavam sentados em cadeiras de pedra, como convidados pacientes á espera de que o festim começasse.

Coroava o edificio um terceiro andar de ordem arquitectónica diferente, com elefantes de bronze que deitavam pela tromba água perfumada. Por cima abria-se o firmamento como um grande abismo azul; e as estrelas curiosas pareciam poisar sobre o friso.

Prodigiosas escadarias de pórfiro, tão polidas que reflectiam os corpos como se fossem espelhos, subiam e desciam de todos os lados, ligando entre si aquelas enormes massas arquitecturaes.

Não fizémos mais do que traçar aqui um rápido esboço para que os leitores possam compreender a disposição d'aquela construção formidavel, de proporções alem de toda a medida

humana. Falta-nos o pincel de Martinn, o grande pintor das enormidades já desaparecidas, e dispomos sómente de um ténue traço de pena em lugar da profundeza apocaliptica da «maneira negra» empregada na gravura a talha-doce. A imaginação, porem, suprirá essa deficiencia. Menos felizes que os pintores e os musicos, não podemos apresentar os objectos senão uns depois dos outros. Falámos até agora da sala do festim, deixando de parte os convivas. E ainda assim, limitámo-nos a esboçá-la. Cleópatra e Meiamun esperam-nos. Ei-los que chegam.

XI

Meiamun envergava uma tunica de linho constelada de estrelas sob um manto de purpura e trazia os cabelos enfaixados como um rei oriental. Cleópatra trazia um vestido verde, aberto n'um dos lados e seguro com abelhas de oiro. Cingiam-lhe os braços nus duas fiadas de pérolas. A corôa real, de pontas de oiro, resplandecia-lhe na fronte. Apesar do sorriso que lhe pairava na boca, sombreava-lhe levemente o rosto uma nuvem de preocupação, e as sobrancelhas arqueavam-se-lhe de vez em quando com um movimento febril. Qual será o motivo da sua contrariedade? Quanto a Meiamun tinha estampado na fisionomia o lustre quente e luminoso d'um homem mergulhado no extase ou entregue a uma visão sedutora. Radiantes efluvios, emanados das temporas e da testa, nimbavam-n'o de oiro, como se fosse um dos doze deuses principaes do Olimpo.

Brilhava em todas as suas feições uma alegria sincera e profunda. Tinha abraçado a sua qui-

mera de asas irrequietas sem que ela se evolasse. Atingira o alvo de toda a sua existencia. Ainda que chegasse á edade de Heitor ou de Priamo, ainda que chegasse a ver o seu craneo coberto de cabelos brancos como os do grande sacerdote de Ammon, não experimentaria qualquer sensação inédita, nada de novo poderia conhecer. Fôra, n'um breve dia, tanto alem das suas mais fantasiosas esperanças, que a vida já não tinha coisa alguma a dar-lhe.

Cleópatra mandou-o sentar-se a seu lado sobre um trono ladeado de grifos de oiro e bateu uma contra a outra as delicadas mãos. Imediatamente linhas de fogo, cordões scintilantes, desenharam todas as saliencias da arquitectura. Os olhos das esfinges lançaram scintilações fosforescentes. Do focinho dos idolos saiu um hálito inflamado. Os elefantes, em lugar da água aromatica, sopraram uma coluna avermelhada. Surgiram dos muros braços de bronze empunhando archotes. E nos cálices marmoreos dos lótos desabrocharam penachos de luz.

Nas trípodes de bronze palpitavam grandes chamas azuladas. Candelabros gigantescos sacudiam a sua cabeleira luminosa entre jactos de vapor ardente. Tudo scintilava e resplandecia. Os

iris prismaticos cruzavam-se e despedaçavam-se no ar. As facetas das taças, os angulos dos marmores e dos jaspes, os relevos dos vasos, tudo lantejoulava, brilhava, deslumbrava. A luz jorrava em torrentes, caía de degrau em degrau como uma cascata sobre uma escadaria de pórfiro, semelhante ao revérbero de um grande incendio á superficie de um rio. Se a rainha de Sabá ali entrasse n'aquela altura, ergueria a fimbria das vestes, supondo caminhar sobre água, como lhe aconteceu ao pisar o soalho de cristal do rei Salomão. Vistas através d'este faiscante nevoeiro, as figuras monstruosas dos colossos, os animais, os hieroglifos pareciam animados de uma vida ficticia. Os cordeiros de granito negro sorriam ironicamente entrechocando os chifres doirados, e os idolos respiravam ruidosamente pelas ventas ofegantes.

A orgia tinha atingido agora o máximo grau. Pratos de linguas de flamingo e de figados de sargo, mureias alimentadas a carne humana e preparadas com salmoura de peixe, miolos de pavão, javalis recheiados de passaros vivos—todas as maravilhas dos banquetes antigos decuplicadas e centuplicadas—se amontoavam sobre os três panos do enorme triclinio.

Vinhos de Creta, de Massica e de Falerno espumavam em crateras coroadas de rosas, cheias por pagens asiáticos cujas belas cabeleiras flutuantes serviam para os convivas limparem as mãos. Musicos tocando sistros, timpanos, sambucas e harpas de vinte e uma cordas enchiam as balaustradas superiores e juntavam o seu ruido harmonioso á rumorosa tempestade do festim. Um trovão que n'esse momento ribombasse não seria ouvido.

Meiamun, com a cabeça encostada ao hombro de Cleópatra, sentia a razão fugir-lhe. A sala do banquete redemoinhava á sua volta como um imenso pesadelo arquitectural. Via, através do seu deslumbramento, perspectivas e colunatas sem fim. Novas zonas de pórticos se sobrepunham ás verdadeiras, mergulhando no céu a tamanha altura que veriam a seus pés a torre de Babel. Se não estivesse sentindo na sua mão a mão doce e fria de Cleópatra, ter-se-ia crido transportado ao mundo dos encantamentos por um feiticeiro da Tessalia ou por um mago da Persia.

Quasi no fim do banquete, apareceu um grupo de anões corcundas e comicos gregos que executou dansas e combates grotescos. Depois

raparigas gregas e egipcias, representando respectivamente as horas da noite e as do dia, dansaram á moda jónica um bailado voluptuoso com inimitavel perfeição.

A própria Cleópatra se levantou do trono, tirou o manto real, substituiu o diadema sideral por uma corôa de flores, ajustou crótalos de oiro nas mãos alabastrinas e começou a dansar diante de Meiamun deslumbrado. Os seus formosos braços, torneados como as ansas de um vaso de mármore, desprendiam-lhe do alto da cabeça cachos de notas brilhantes, emquanto os crótalos se agitavam com velocidade sempre crescente. Erguida nas pontas rosadas dos pequeninos pés, avançava rapidamente para aflorar com um beijo a fronte de Meiamun; logo se afastava, recomeçando a dança, volitando em torno d'ele, ora arqueando-se para trás, de cabeça pendida, olhos semi-cerrados, braços estirados e imóveis, cabelos soltos e caídos como uma bacante do monte Ménalo,—ora lesta, viva, risonha, borboleteante, infatigavel e mais caprichosa em seus rodeios que uma abelha adejando sobre flores. O amor do coração, a volupia dos sentidos, a paixão ardente, a inesgotavel juventude, a promessa da felicidade próxima,—tudo isto ela exprimia.

As pudicas estrelas já não olhavam. Não teriam podido as suas castas pupilas de oiro suportar semelhante espectaculo. O proprio firmamento se havia encoberto, e uma cúpula de vapor inflamado cobria a sala.

Cleópatra voltou a sentar-se junto de Meiamun. A noite avançava. Ia evolar-se a sua ultima hora. Uma claridade azulada penetrou como que a medo n'aquele tumulto de luzes vermelhas, tal como um raio de luar que caísse n'uma fornalha. As arcadas superiores tingiram-se docemente de azul. O dia apareceu.

Meiamun tomou a taça de chifre que um escravo etíope, de fisionomia sinistra, lhe apresentou, e onde se continha um veneno por tal fórma violento que teria feito estalar um vaso de qualquer outra substancia. N'um derradeiro olhar, atirou toda a vida que n'ele estuava á sua real amante. Depois, levou aos lábios a taça funesta em que o venenoso liquido fervia assobiando.

Cleópatra empalideceu e poisou a mão sobre o braço de Meiamun, para o deter. Comovia-a tamanha coragem. Abriu a boca para lhe dizer:

—Vive, para o meu amor! Assim o quero!

Mas soou lá fóra um toque de trombeta.

Quatro arautos de armas entraram a cavalo na sala do festim. Eram oficiaes de Marco Antonio anunciando a chegada do seu general.

Os lábios de Cleópatra cerraram-se, abafando a ordem salvadora. Silenciosamente, retirou a mão do braço de Meiamun, emquanto um raio de sol lhe vinha brincar na fronte, como a substituir o diadema ausente.

—Bem vedes que é chegado o momento. Rompeu o dia. É a hora em que os sonhos lindos se desvanecem! — disse Meiamun.

Esvasiou de um trago a taça fatal, e desabou pesadamente no solo, qual se um raio o houvesse fulminado.

Cleópatra abaixou a cabeça. Na sua taça, onde dissolvera uma pérola, outra pérola caíu: uma lágrima ardentissima, a unica que chorou em sua vida.

— Por Hércules, minha formosa rainha! — gritou Marco Antonio entrando. — Por mais que me apressei, vejo que cheguei tarde. A ceia está terminada. Mas que significa este cadaver estatelado no mosaico?

— Nada! — respondeu Cleópatra com um sorriso. — Foi um veneno que eu quiz experimentar para me servir d'ele no caso de Octa-

viano Augusto me fazer sua prisioneira. Vinde, meu querido amigo! Sentae-vos aqui a meu lado, para assistirdes á dança d'estes truões gregos.

FIM

Biblioteca Civilização

DIRECTOR: DR. CAMPOS MONTEIRO

Colecção de pequenos romances nacionais e estrangeiros

CADA VOLUME . . . . 3$00

VOLUMES PUBLICADOS:

1. — **Perdão tardio,** novela regional por *Campos Monteiro.*
2. — **A primeira Dulce que houve em Portugal,** novela histórica por *Silva Tavares.*
3. — **O Vingador,** novela histórica por *João Grave.*
4. — **A verdadeira mãe,** novela por *D. Ana de Castro Osório.*
5. — **O Patriota,** novela militar, por *Rocha Martins.*
6. — **Páginas da vida,** por *Lourenço Cayolla.*
7. — **Martírio de noiva,** por *Eduardo de Noronha.*
8. — **Uma noite de Cleópatra,** por *T. Gautier.* Tradução portuguesa de *Campos Monteiro.*

A SEGUIR:

Sem amor, por *D. Aurora Jardim Aranha.*
Morte redentora, por *Ferreira de Castro.*
A Morgada de Sortelha, por *José de Faria Machado.*
O jogo da morte, por *D. João de Castro.*

BIBLIOTECA CULINARIA

Dirigida por Febronia Mimoso

I Mais de cem maneiras de cosinhar bacalhau.
II Cem maneiras de fazer dôces para chá.
III Cem maneiras de fazer dôces de prato.
IV Cem maneiras de cosinhar carne.
V Cem maneiras de fazer dôces de frutas.
VI Cem maneiras de cosinhar peixes.
VII Cem maneiras de fazer pudins.

2$50 cada volume

Campos Monteiro

MISS ESFINGE

Romance (3.ª edição) . . . . . 10$00

. . . . . .

Miss Esfinge revive nas suas páginas pedaços de história do Porto estroina e galante de ha sessenta anos, recordando os episodios das luctas politicas e civis do constitucionalismo, e põe em foco personagens de nomeada na politica e na literatura, representada esta no seu vulto mais ilustre, o genial romancista **Camilo Castelo Branco**, que no romance desempenha papel preponderante.

Narrativa ao mesmo tempo impressionante e sentimental, **Miss Esfinge** tem paginas admiraveis de descritivo, como esse dramatico capitulo **Uma noite tragica**, que é dos trechos mais impressivos, empolgantes e arrebatadores de toda a novela, bastando por si para definir a tempera de um escritor do talento do Sr. Dr. Campos Monteiro.

MOEDA CORRENTE

Crónicas e contos humoristicos . . . . 10$00

N'esta interessante colecção de narrativas e diálogos humoristicos, versando os mais variados temas, o autor passa em revista, com uma nitidez de *cliché* fotográfico, tipos e episódios da sociedade actual, tão cheia de ridiculos e de aspectos cómicos. **Moeda corrente** é a crónica faceta da época de dissolução e banalidade que sucedeu á Grande Guerra. E é talvez, de todos os livros de Campos Monteiro, aquele em que o distincto escritor revela mais fundamente as suas faculdades de observador e de critico... Quanto ás de prosador, basta citar o conto *A felicidade*, que é perfeitissimo, como se não escreve melhor na Europa.

A OITO DIAS DE VISTA

Crónicas . . . . . 10$00

Livro de crónicas, que sobresae entre todos os similares pela finura da observação, pela fluencia do estilo, pela graça espontânea que brota da primeira á ultima linha. Dizia Musset que muitas vezes se chora rindo. E n'este volume, que faz rir a bandeiras despregadas, vê-se o sofrimento de quem o escreveu, porque nos aponta os ridiculos da sociedade do seu tempo n'um evidente anceio de que eles não existissem e a humanidade fosse melhor. E' a livros d'estes que os historiadores de amanhã hão de vir buscar os materiaes para o estudo da época que corre...

SAUDE E FRATERNIDADE

Sátira politica. 20:000 exemplares vendidos em Portugal — 8.ª edição **definitiva**, completamente remodelada, inserindo 20 caricaturas e a do autor, a cores, no frontispicio e capa. Desenhos de Amarelhe . 12$00

Os vinte mil exemplares vendidos em menos de três meses falam bem alto do valor d'esta obra, que foi o maior sucesso de livraria que tem havido em Portugal. Trabalho de admirável ironia politica, no qual se faz a história futura do periodo que vai de agosto de 1924 a novembro de 1926, na vigencia da republica radical e do bolchevismo, *Saude e Fraternidade* espalhou-se rápidamente por Portugal, colónias e Brazil, fazendo rir — e pensar — todos que tiveram a ventura de o ler. E' que sob aquela forma risonha Campos Monteiro mostra perigos que estao muito longe de serem imaginários, e, revelando fundos dotes de observador, poz em jogo pessoas e acontecimentos, tirando, das premissas estabelecidas, conclusões absolutamente lógicas, «Panfleto terrivel» chamou a esta obra um grande jornalista.

VERSOS FORA DE MODA

2.ª edição . . . . . 5$00

Livro encantador pela expontaneidade da ideia, pelo burilado da fórma, pela candura quási religiosa que o inspirou, e sobretudo pela sinceridade com que foi escrito. Ha n'ele pequeninos quadros regionalistas, doces tonalidades de aguarela que revelam, além do poeta de intensa sensibilidade, a fantasia brilhante de um pintor.

Não há meio de escolher n'este adorável volume. Todas as poesias que o formam são animadas por uma beleza superior.

MUSA IRÓNICA

Monologos e contos em verso (2.ª edição) . 8$00

Um livro delicioso pela graça. Versos de uma técnica irrepreensivel... E' um ramilhete bizarro de poemetos, contos e monólogos, esfuziantes de ironia singela e viva, revelando a mão de mestre que a traçou, e nos quais o artista acamarada superiormente com o poeta... Através de todo o volume, desde o mais insignificante monólogo até á blague teatralizada para fazer rir o público, o poeta e o comediógrafo, o literato impecável e o autor dramático aplaudido transparecem.

QUANDO SE AMAVA ASSIM

Peça em verso. . . . . 8$00

Comédia regionalista, apresentando-nos a vida transmon-

tana dos meados do século XIX, repassada de um sôpro intenso de idealismo, há nesta peça scenas encantadoras. Em *Quando se amava assim*, que tanto pode ser representada num palco como numa sala, a fluência e a elegância dos versos só são egualados pelo profundo conhecimento da carpintaria teatral que fez de Campos Monteiro um dos nossos primeiros dramaturgos.

O CRIME DUMA MULHER HONESTA

Drama em 2 actos. . . . . 2$50

A PROMESSA

Peça em verso. . . . . 2$50

AUTO DAS TRÊS BARCAS

4 quadros em verso . . . . . 4$00

OS LUSÍADAS

Parafraseados e com 2:660 anotações, edição para as escolas, belamente encadernada . 20$00

PERDÃO TARDIO

Novela regional . . . . . 3$00

Campos Monteiro está sendo um nababo literário. Da sua pena brotam, a cada passo, joias raras de variado fulgor e variado aspecto. A poesia lírica, a sátira em prosa, o conto e o romance... N'esta última espécie se filia o **Perdão Tardio**, de pungentissimo enredo, desenrolado na nossa província de Trás-os-Montes, e onde os caracteres, os costumes e a paisagem regionais surgem descritos por mão de mestre, estabelecendo o conflicto da vida em lances amorosos, destes resultando a tragédia que principios de honra rural, rigida, severa, anacrónica, como as agrestes montanhas e os fundos vales que lhe servem de scenário, aguilhoam, deturpando a visão estreita dos seus protagonistas e esmagando a bondade. São páginas empolgantes e soberbas.

CAMILO ALCOFORADO

ROMANCE

Um grosso volume . . . . . 12$50

Sequencia de «Miss Esfinge», mas podendo ler-se independente, foi neste romance que Campos Monteiro se revelou absolutamente seguro dos processos literários que o teem notabilizado como o primeiro dos nossos romancistas. Em «Camilo Alcoforado», alem do interesse do enredo, ha uma técnica perfeita, uma superior beleza de forma, e um fim altamente moral. Aquelas 400 páginas são uma lição de bondade. E ao volver a última página, a alma do leitor sente-se consolada, certa de que ainda há no mundo, apesar da corrupção que o invade, almas puras e perfeitas.

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃ

75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77

PORTO

Campos Monteiro

Os Lusiadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. . . . . 20$00
Versos fora de moda, 2.ª edi. 5$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso) 2.ª edição. 8$00
A oito dias de vista (crónicas) 10$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). . . . . 2$50
Miss Esfinge (novela). 3.ª ed. 10$00
O crime duma mulher honesta, drama em 2 actos . 2$50
Saude e Fraternidade, sátira politica (edição definitiva) 12$00
Moeda corrente, crónicas e contos. (4.º milhar) . . . 10$00
Quando se amava assim, peça em 3 actos . . . . . 8$00
Camilo Alcoforado (romance) 12$50
Auto das três barcas (4 quadros em verso) . . . . 4$00

João Paulo Freire (Mario)

O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos. 2.ª edição com uma carta do Senhor Conselheiro João Franco ao autor deste livro . . 10$00
Homens do meu tempo . . 10$00

Antonio Ferro

A Amadora dos Fenómenos 8$00

Maria da Luz Sobral

Barquinhos de papel (contos para crianças) . . . . 10$00

Eduardo de Noronha

A Marqueza de Chaves . 12$50
Com os olhos na Pátria . 15$00
Em redor d'Africa . . . 10$00
Pina Manique . . . . . 10$00
Heroinas, Mulheres... . . 8$00

Augusto Navarro

A Bailarina Loira . . . . 7$00

M. Delly

A Exilada 10
Uma mulher sedutora . . 10

Ana de Castro Osorio

O Direito da Mãe . . . 8

André Brun

Filosofía de Felix Pevide . 10

Silva Tavares

Rosario de Rimas. . . . 12
Mais Cantigas 10
Varões e... lustres . . . 10

Lorjó Tavares

Inglezes, comédia em 3 actos. 8

Carlos Abreu

Paisagens do Sol Nascente. 8

Eduardo de Sousa

O Poeta do «Só», com um retrato de António Nobre e uma carta inédita de Guerra Junqueiro. . . . . 5$

(Biblioteca Civilização)

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

I — Perdão Tardio (por Campos Monteiro).
II — A primeira Dulce que houve em Portugal (por Silva Tavares).
III—O Vingador (por João Grave).
IV — A verdadeira Mãe (por Ana de Castro Osorio).
V — O Patriota (por Rocha Martins).
VI — Paginas da Vida (por Lourenço Cayolla).
VII — Martirio de noiva (por Eduardo de Noronha).
VIII — Uma noite de Cleópatra (por Teófilo Gautier, tradução de Campos Monteiro).

Cada volume 3$00

Biblioteca "Civilização"

Colecção de pequenos romances
portuguêses e estrangeiros

Sem amor

POR

AURORA JARDIM ARANHA

1925

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - Editora - Porto

ANTONIO LIMA

Composto e impresso na Imprensa Civilização
Rua das Oliveiras, 75—PORTO.

Biblioteca Civilização

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

IX

Sem amor

(NOVELA)

POR

Aurora Jardim Aranha

1925

LIVHARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO-EDITORA
Américo Fraga Lamares & C.ª, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

Reservados todos os direitos de propriedade literária

SEM AMOR

I

Marilena estava casada havia dez anos. A sua vida conjugal, sem êxtases de paixão, nem calôr ou afinidade espiritual, decorrêra sempre infeliz e torturada.

*
* *

Não conhecêra a mãe.

Entregue a si própria, vivendo junto dum pai preocupado apenas com livros e colecções artisticas, tornara-se concentrada, encerrando avaramente na sua alma as emoções que a faziam vibrar e as predilecções que á sua monótona existencia imprimiam algum interesse.

Duma intensa vida interior, dificilmente confiava a outrém os tesouros da sua inteligencia e sensibilidade.

Algumas tentativas fizera para que o pai se interessasse pela sua vida espiritual, mas conseguira apenas que êle lhe indicasse os livros que devia ler e os autores que devia preferir.

De índole comodista, quási sempre abstracto ou inclinado sôbre velhos *in-folio*, não via que a filha deixara de ser a alegre criança que, com os seus risos e travessuras, enchia a casa de luz e de suavidade.

Marilena precisava de alguem que, sem a assustar, lhe dissesse branda e lentamente o que é a vida.

Necessitava duma solicitude esclarecida e dum carinho maternal que a guiassem e preparassem para o mundo.

Não era decerto Miss Lizzie — a insignificante perceptora que a educara — a criatura indicada para lhe formar o espirito e moldar a alma.

Sósinha, isolada, foi crescendo, com algumas boas qualidades e com alguns defeitos.

Quando ao completar dos dezenove anos da filha, o pai descobriu bruscamente que tinha a seu lado uma mulher, no misterioso desabrochar da juventude e da graça, ficou surpreendido e alarmado.

Marilena era uma dôce, meiga flôr de carne, de olhos insinuantes e profundos. Os seus revoltos cabêlos castanhos, que reflexos acobreados irisavam, emolduravam-lhe divinamente o rosto pálido, em que a bôca rubra punha uma colorida nota de amôr.

A sua voz era grave. Não a desperdiçava em banalidades nem em conversas alheias á sua sensibilidade.

Algumas amigas que lhe conheciam a ma-

neira de pensar abstinham-se de vãos *papotages* na sua presença; ás vezes o seu silencio obrigava a subir o nivel da conversa.

Não a compreendiam, e na sua ausencia troçavam-na um pouco.

Não teve nenhuma amizade a quem confiasse os sonhos da virgem que presente o amor; nenhuma alma que pudesse abertamente interrogar sôbre o misterio de viver e sôbre tanto problema que a sua casta ignorancia não sabia decifrar.

Quando o pai a viu tão linda e tão grave, quando lhe notou a ânsia de viver e a chama de esperança que lhe scintilava no olhar profundo, teve medo da responsabilidade que sôbre si caía.

— Vai fazer vinte anos, daqui a pouco. Será preciso levá-la a freqüentar mais assiduamente a sociedade, guiá-la no mundo e penetrar no antro da frivolidade e da má lingua — monologava êle, passeando inquieto pelo sombrío gabinete de trabalho.

E, com tristeza, pensava no tempo inutil que seria forçado a viver longe dos seus livros e dos seus hábitos.

A única solução, donde resultaria o bem de todos, era casá-la o mais depressa possivel. E havia justamente um rapaz que a pedira e que lhe agradava. Era o filho do seu velho amigo de estudo: o advogado Oscar de Sá.

— Bom rapaz, apezar de ter a cabeça leve. Bonita posição, fortuna... Verdade seja que não é muito atraente com o nariz a querer encontrar

o queixo, mas, enfim, gosta dela e promete ser um marido exemplar.

E vendo que estava ali a única maneira de satisfazer o seu egoïsmo, mandou chamar a filha, enquanto continuava o agitado passeio por entre os montes de livros que, de todos os lados, nasciam.

II

Entretanto, Marilena, despreocupada e calma, continuava na sua vida de todos os dias. No seu quarto, em que os níveos cortinados e os móveis de laca branca espalhavam uma nota de alvura imaculada, dispunha rosas côr de carne numa jarra baixa.

O quarto e o *boudoir* constituiam o seu reino, onde ninguem entrava sem autorisação. Em cada objecto estava marcado o *cachet* da sua elegância e da sua delicadeza instintiva.

Iluminada pelas amplas janelas que cortinas de renda vestiam, estava a mezita onde às vezes escrevia as suas impressões e, ao lado, via-se o *divan* baixo, coberto de almofadas, onde se afundava para se entregar à leitura dos seus livros predilectos.

Na meza de cabeceira, irradiando um halo de carinho e doçura, estava um luminoso e suave retrato de mulher que, para dar a vida, recebêra a morte.

Era a mãe de Marilena, a quem ela dirigia fervorosas preces nos seus momentos de tristeza e desalento.

Aquela fotografia era o objecto mais pre-

cioso que possuia; devotava-lhe um culto ardente e comovido.

Nêle concentrara toda a ternura da sua alma, com êle conversava horas seguidas, confiando-lhe as suas ideias e o seu desejo de viver.

Tendo acabado de dispôr as rosas frescas no *potiche* arco-irisado, foi piedosamente colocá-lo junto do retrato querido — fogo sagrado a arder em flôres na ara do seu amôr filial.

Alta e flexivel, cingida num simples vestido de *crêpe* branco, deu um ligeiro retoque nos cabêlos revoltos em face do espelho que lhe enviava a imagem insinuante, e saiu do quarto.

— Aqui estou, meu pai.

Com um gesto, êle indicou-lhe uma cadeira, continuando a passear. Hesitava, não sabia como abordar um assunto que iria modificar por completo a vida de Marilena.

Perdêra o tempo todo a estudar nos livros sem nunca se lembrar de estudar aquela alma que a seu lado vivia — palpitante livro de amôr, de meiguice e de ternura. Se a conhecesse melhor, se soubesse como ela era dócil e resignada, não se sentiria tão intimidado nem gastaria tanto tempo preparando o que lhe havia de dizer. Falou, por fim:

— Minha filha, sinto-me velho e cansado. Pouco tempo terei de vida. Vais fazer vinte anos: estás na idade das aspirações e do amôr. Precisas de ter junto de ti uma pessôa que te

compreenda, uma alma que sinta com a tua e um braço forte a que te possas apoiar quando eu deixar de existir.

Marilena, com as mãos juntas pousadas sôbre os joelhos, os olhos brilhantes de ansiedade e de receio, ouvia silenciosa as palavras do pai.

— Enfim, precisas de te casar.

E à pressa, como que libertando-se dum pêso que o oprimisse, proferiu o nome do noivo que lhe destinava.

— Óscar de Sá será para ti o marido atencioso e afável que te estimará acima de tudo, o guia seguro com o qual estarás bem em toda a parte. De resto, já vos conheceis há muitos anos; brincastes em pequenos... Êstes laços que nos vêm da infância são os que duram até á morte.

A chama de ansiedade que brilhava nos olhos de Marilena extinguira-se para dar lugar a um ténue veu de indiferença e desalento.

Era o seu destino, aquêle! Havia muito tempo que ela, com o seu instinto de mulher, compreendera não ser indiferente a Óscar. Mas uma secreta aversão obrigava-a a fugir-lhe quando êle a envolvia num cúpido olhar que a fazia corar.

Achava-o grosseiro: não via nêle a paixão que os livros lhe afirmavam existir. Muito prudente, nunca tivera para com ela uma palavra de ternura que o denunciasse, mas o *frôlement* das suas mãos e das suas palavras melifluas enojava-a.

Mesmo esta *démarche* que fizera junto do pai antes de lhe falar a ela, seguindo assim a pragmática mundana, mas ferindo a sensibilidade e o livre arbitrio da mulher que desejava para esposa, maguava Marilena, dando-lhe o desejo de, num ímpeto de revolta, recusar imediatamente o que lhe pediam, mostrando a sua vontade de dispôr livremente de si própria.

Mas... erguendo maquinalmente a cabeça viu a atitude receosa e quási suplicante do pai, relanceando um terno olhar de saüdade para o *incunabulum* que o esperava.

Compreendeu, angustiada, que era na sua vida um estôrvo e uma preocupação importuna de que êle desejava livrar-se o mais depressa possivel.

«Se não fôr êste, outro será!» pensou. «Oscar de Sá é honesto, e talvez me tenha amôr. Habituar-me-ei a êle... Seja!»

— Está bem, meu pai. O seu desejo será cumprido.

— Tornas-me feliz com essa resposta, minha filha. Vejo que essa cabecinha é sensata; sabes apreciar o bem que te oferecem. Vai-te preparando para daqui a uns seis mezes te chamarem *madame*...

— Seis mezes só, meu pai? Já?!

— Só? Já? A alegria transtornou-te. Vai. Dá-me um beijo.

E contente por não ter que pensar mais no futuro da filha, sem se preocupar se ela seria

feliz ou não, satisfeito com a sua tranqüilidade readquirida, murmurou num sorriso:

— *Alea jacta est!*

III

Marilena entrara no seu quarto. O espelho fiel enviou-lhe uma encantadora imagem que não viu.

Deixou-se cair numa almofada que a esperava no chão, pegou no retrato da mãe e murmurou num soluço:

— Sem amôr! sem amôr!... Para toda a vida, sem que o coracão bata ofegante, enlouquecido na ância da presença e do olhar do bem amado! Sem que uma palavra de paixão me venha aos lábios, ou a sua imagem me enebrie o pensamento, perturbando-me num êxtase, tornando-me feliz!.. E eu qne toda a vida sonhei com o príncipe encantado, que viria numa rósea nuvem de amôr despertar-me o coração!..

Soluços contraíam-lhe a garganta, enquanto uma lassidão desalentada a prostrava.

— Ó minha mãe! Como fui orgulhosa julgando que só podia viver rodeada de amôr e de paixão como uma flébil sensitiva estiolando-se ao mínimo sôpro de neve!

IV

O noivado de Marilena foi sereno como era de esperar da indiferente amizade que desde crianças os unia. Oscar de Sá esquecia-se ás vezes de que falava com a noiva. Proferia frases da vulgar linguagem que usava com as amantes, e os seus gestos eram por vezes duma baixa ousadia. Mas bastava um olhar ou um retraimento de Marilena para que êle voltasse á atitude correcta que adoptara.

Fôra uma criança amimada. Filho único, sentira sempre á sua volta o amôr carinhoso dos pais a envolvê-lo, amaciando-lhe as arestas da vida e satisfazendo-lhe todos os desejos.

Tinha a paixão do *correct* e a sua ambição era parecer um fleumático inglez, como fôra seu avô materno, de quem herdara o cabêlo arruivado, a paixão pelos desportos e o *spleen* que ás vezes o assaltava mergulhando-o em irritantes acessos de mau humor e misantropia.

No fundo era um libertino, — bestial e gasto.

Quando a sua posição exigiu que se tornasse um homem sério, resolveu casar. Não opoz resistencia ao projecto do pai. Tentava-o a carne fresca de Marilena. Bonita, meiga, educada e rica,

ela estava absolutamente indicada para criar o seu *home,* onde poderia receber os colegas e os superiores, revestindo-se assim da auréola de seriedade que ao homem dá o casamento.

Ingénua e confiante, não se introduziria na sua vida particular; casta e inexperiente, contentar-se-ia com o simulacro de amôr que êle tencionava dar-lhe.

Sentados num banco do jardim que rodeava o palacête situado numa serena rua de Lisbôa, conversavam socegadamente olhando o pôr do sol — poalha de topázios liquefeitos — que picava os cabêlos acobreados de Marilena de luminosos tons dourados.

Oscar interrogava-a sorrindo:

— E lembras-te daquêle dia em que me querias obrigar a ser teu marido, e eu fugi porque achei ser indigno dum homem de doze anos obedecer ao capricho duma mulherzita de oito?!

— Lembro, sim. Nada me esquece do que já lá vai. Nunca mais volta! Nunca mais! — respondeu ela num triste murmúrio.

— Dizes isso com tanta pena, minha querida! E no entanto, do teu passado vivido nesta casa, tão só e tão triste, não deves levar muitas saudades... Vais ser *madame,* terás o teu auto, serás rainha no teu salão e ter-me-ás como teu vassalo, sempre a teus pés...

Êste banal galanteio foi proferido num tom de voz que soou irónicamente.

Apertou-se o coração de Marilena enquanto

pensava que o seu futuro marido nem todos os dias diria assim amabilidades á mulher que se tornasse sua esposa.

Êle pegou-lhe na mão. Uma náusea instintiva obrigou-a a levantar-se e a fugir para casa. Mas, de súbito, reflectiu que não procedia bem. Consentira em ser esposa dêle: devia vencer a antipatia que a dominava e mostrar-se atenciosa.

Sem reparar no rictus de raiva que torcia a bôca do noivo veiu sentar-se outra vez junto dêle.

Um veu de tristeza toldou-lhe o olhar profundo, e as mãos juntaram-se-lhe num instintivo gesto de mágua.

Mágua pela vida interior que deixava — o seu jardim secreto em que haviam florido exuberantes as divinas flôres da esperança, ao desejo de ser amada, amando; e da fusão do seu espirito noutro espirito.

Esperava-a o brilhante convivio da sociedade, que detestava — conversas sôbre modas, politica e escândalosinhos que algumas mulheres saboreiam como se fôssem *bonbons*.

O meio da magistratura e da advocacia em que ia penetrar não era menos banal do que aquêle em que vivia,—sempre a mesma futilidade e má lingua imperando.

Precisaria de se colocar ao nivel dos outros para que a não julgassem orgulhosa.

O noivo já a avisára de que qualquer maneira de ver um pouco mais original, ou qualquer vôo intelectual ou emotivo numa mulher

na sua posição e no seu meio, seriam severamente julgados pelas pessoas de bom senso que constituiam os sérios alicerces da sociedade.

E rematara maliciosamente:

— O que é preciso sempre é salvar as aparências.

Inconscientemente desvendava a hipocrisia da sua vida: na aparencia era um austero e severo advogado; no seu íntimo não passava dum *jouisseur* grosseiro e libertino.

Marilena, apezar de toda a sua boa vontade de se tornar tão banal como as gentís bonecas palradoras que iam ser suas amigas, bem sentia que nunca conseguiria abafar a alma, a sensibilidade e o espírito que a faziam vibrar.

*
* *

Chegara o dia do casamento. Desde o minuto em que se ergueu do leito, onde estivera toda a noite acordada, até á hora de entrar na casa em que ia decorrer a sua nova existencia, Marilena viveu numa excitação ficticia e no absorvente esforço de não chorar, de não traïr por uma palavra ou um gesto a sua infinita decepção de amôr. Logo de manhã algumas amigas tinham vindo vesti-la. Vira o seu quarto querido, o seu refúgio sagrado invadido por uma frívola multidão de curiosas, que num alegre chilreio e em frases alusivas ao acto prestes a celebrar-se lhe

roubaram os últimos momentos que resolvêra dedicar a si própria.

Quando a obrigaram a contemplar-se no espelho, e se viu tão linda por entre a espuma de rendas e *tulle* que a envolvia; quando descobriu nos seus cabelos revoltos o virginal diadema de flôres de laranjeira que a divinizava — uma lágrima tremeu-lhe nos cilios, enquanto baixinho murmurava: «Sem amôr... Sem amôr!...»

Foi a angustiosa despedida áquela época da sua vida que findava.

V

Como noivo que se preza de em tudo seguir as normas estabelecidas pela sociedade (naquilo que não atacasse o seu capricho e o seu desejo), Óscar de Sá empreendeu com a noiva a tradicional viagem de núpcias á Itália.

Agarrando-se á amizade que tivera pelo marido quando ambos eram crianças; impelida pelo veemente desejo que a animava, de ser uma digna e dedicada esposa, Marilena esforçou-se corajosamente por vencer a secreta aversão que Óscar lhe inspirava, mostrando-se meiga e atenciosa.

Alugaram uma «vila» debruçada sôbre o lago de Como, a fantástica safira liquida que enormes montanhas emolduram e escondem.

Nêsse scenário de magia, influenciada pela grandiosa beleza de tudo o que a rodeava, houve uma noite em que ela teve realmente a ilusão do amôr.

Sob o velário azul do ceu lucitremente de estrêlas, no jardim antigo povoado de pequenas urnas e de estátuas orvalhadas pelo beijo quimérico da lua, num banco rústico atapetado de musgo, estavam sentados ambos.

Marilena deixava-se viver sem querer pen-

sar, desejando que a miragem de felicidade que a envolvia, se não desvanecêsse — como um sonho lindo que, ao findar, bruscamente nos precipita na vorágem negra da indesejavel realidade.

Óscar beijava-lhe os dêdos um a um e murmurava:

— És a minha felicidade e a minha razão de ser, querida! E se escolhi esta noite, em que fantasticas sombras nos rodeiam, para to dizer, é porque só nêste momento te vejo menos distante de mim, mais acessivel ao meu amôr e á minha ternura.

Os olhos da esposa fitaram-no admirados, esperando... Êle continuou:

— Quero que a tua voz me encha a alma como um inebriante canto de amôr, quero sentir-te palpitar e vibrar numa palavra que nunca me disseste e que os meus lábios trémulos vão proferir pousados nos teus: Amo-te!...

Vinha de longe uma lenta, dolente queixa de amôr que lábios de homem enamorado balbuciavam.

O zumbido monótono dos insectos que se perseguiam e enlaçavam na escuridão da terra era o suave acompanhamento da natureza ao canto de paixão que a brisa dôcemente trazia.

Sucumbida pela sôbrenatural beleza e poesia do que a rodeava, enlanguescida pelo murmúrio amoroso ciciado pelos lábios de Óscar, mas fechando os olhos para não ver o libidinoso olhar dêle, murmurou num beijo: — Amo-te!

VI

De regresso a Portugal, Marilena, encantada com as recordações que trazia de Itália, ocupada com a casa, os seus livros e a vida mundana a que a exterioridade do marido a obrigava, não tinha tempo de estudar as suas sensações e de analisar os seus mínimos pensamentos, como outrora fazia.

Quando ás vezes, num momento de abandono e recolhimento, os seus *papillons noirs* voltavam a persegui-la, afugentava-os bem depressa, para que em nada fôsse turbada a promessa que a si própria fizera de se dedicar exclusivamente á felicidade do marido.

Óscar devia, na verdade, considerar-se completamente feliz. Possuía a esposa ideal, aquela que sempre acompanha o marido, tanto na alegria como na tristeza, seguindo com interesse os seus projectos e a sua concepção da vida, sentindo e vibrando com êle.

Mas não a compreendia. Troçava-a quando ela falava emocionada dum quadro que a fizera vibrar ou dum trecho musical que lhe abrira as portas do sonho.

Marilena era-lhe superior intelectualmente;

a sua natureza vibrátil fremia ante o «Cristo sob a Cruz» de Miguel Angelo e chorava com um «Noturno» de Chopin.

O irritante perfume duma flôr com que antipatizasse tornava-a doente; a visão dum mundo de miséria e dôr que adivinhasse tirava-lhe o sono, obrigando-a a repartir com os pobres alguns dos bens que possuia.

Mas estas subtilezas de sensibilidade eram sarcásticamente ridicularisadas pelo marido, incapaz de as experimentar.

Vendo-se continuamente ferida pelo desdem e pelo grosseiro riso dêle, começou a retrair-se, a concentrar de novo no seu íntimo as emoções que a deixavam palpitante e ansiosa.

Óscar de Sá continuava a ser na aparência o mesmo fleumático e correcto homem de sociedade — atencioso e amável para com os outros, indiferente e distraïdo para com ela.

Marilena bem sentia o vácuo que na sua vida de novo se fizera.

A miragem de amôr, que a hipnotizara no encantado *décor* do maravilhoso lago de Como e do fantástico panorama de Bellágio, tivera a fugaz duração das rosas de Malherbe.

As palavras apaixonadas, proferidas naquela noite em que o luar lânguidamente esmaecia, nunca haviam sido repetidas.

O desejo de Óscar bem depressa morrêra. Fôra uma labareda que foge sem deixar vestigios.

E, no entanto, no *terre-à-terre* em que a sua existência decorria, esforçando-se por não pedir á vida mais do que ela lhe dava, Marilena mostrava-se quasi resignada.

Nunca ela suporia que tão depressa se viria a conformar com a insipidez da sua actual existência, desprovida de carinho e de amôr.

Pungira-a durante muitos anos a mágua de não ser mãe.

Como ela desejara essa gôta de sangue palpitando junto ao seio; flôr humana feita da sua carne e da sua alma; um pequenino ser que o Ceu lhe enviasse para nêle depositar toda a ternura que a sufocava, consolando-a assim da sua triste vida falhada!

Esperara com tanto ardôr êsse mensageiro de Deus que á sua alma traria paz e alegria, cuja carne teria a macieza e a transparência duma pétala de rosa e cujo amôr — mais tarde — seria para ela o milagroso bálsamo que cura todas as feridas!

Com êle construiria um cantinho do paraizo onde esqueceria a amargura da sua prosaica existência.

Sentia rugir-lhe no peito um amôr imenso, sem nome e sem destino.

Havia dez anos que estava casada.

Renunciara já á felicidade de ser mãe, mas nunca tocava numa criança sem que uma fibra oculta e dolorida a fizesse estremecer violentamente.

VII

O pai dera-lhe, como presente de nupcias, um encantador *chalet* no Estoril, no alto dos rochedos que se debruçam sôbre o mar.

A sua salinha particular, alegremente forrada duma *cretonne* côr de rosa, picada de miosótes, dizia bem com a sua delicada beleza mate. Pelos *divans* baixos que, em redor do compartimento, escondiam o roda-pé das paredes, estavam esparsas inúmeras almofadas e alguns livros.

Na cestinha da costura brilhavam as agulhas do *tricot*.

Sôbre o piano morriam rosas, cujas pétalas desenhavam novos arabescos na tapeçaria japoneza que o envolvia.

Algumas telas de Corot e de Malhôa espiritualizavam o ambiente.

Frágeis Saxes antigos e estilisadas figurinhas de Tanagra prendiam a vista.

Numa estante giratória, da mesma laca rósea das cadeiras e das mezitas, enfileiravam-se os livros preferidos de Marilena.

Era segunda-feira — o seu dia de recepção — mais uma exterioridade a que o marido a obrigara.

Enquanto esperava as visitas do costume, deitara-se no seu cantinho predilecto sôbre as almofadas que juncavam o chão. Sem ver os jardins nem os rochedos, tinha a nítida impressão de vogar em pleno oceano.

Desde manhã que chovia; o mar raivoso erguia as vagas em catadupas de espuma — eterno queixoso, chorando uma incompreendida mágua.

Marilena lia o *Noir et Rouge* de Stendhal.

Meditava no que o autôr dizia do amôr: «que se manifesta em lentas cristalisações...»

A sua natureza romântica e vibrátil revoltava-se contra aquela definição: Marilena admitia acima de tudo o *coup de foudre*.

Num gesto desalentado, fechou o livro.

De que lhe servia pensar no amôr — sentimento que a obsecava sem o conhecer — quando afinal chegara aos trinta anos sem saber se êle realmente existia?! A chuva tornava-a melancólica. Olhava para os barquitos ligeiros que fugiam, sem os ver. Aborrecida, pensava que em breve teria de ir para a sala de recepção, onde se amontoavam todas as reliquias da família Sá — poeirentos despojos de sucessivas gerações, dispostos ao acaso, sem harmonia de estilos ou apenas de bom gosto.

O seu apurado senso estético sofria, ao contemplar as nobres credencias italianas fraternizando com banais cadeiras de couro, ou um *Gobelin* precioso maculado pela vizinhança duma panóplia selvagem.

Mas tudo o que estava no *salão* — como pomposamente lhe chamava o marido — representava um sinal de respeito pelo passado, sendo portanto sagrado e inamovível.

Viriam as visitas de sempre.

Algumas mulheres bonitas, mas duma desconcertante frivolidade, e algumas senhoras de idade que apenas sabiam falar de criadas e das insubstituiveis maravilhas do século passado.

Os homens eram todos como o marido: adorando tudo quanto brilha e é *smart*, aparentemente correctos e intimamente imorais.

Encantados com a sua beleza e graciosidade, alguns haviam tentado conquistá-la, mas logo às primeiras palavras de amôr que pronunciavam, Marilena, com um olhar malicioso e um sorriso irónico, derrubava-lhes os planos.

Pretenciosos e fátuos, ocupados de ninharias, sem cultura e sem elevação, não a podiam compreender.

Passara calma por entre as labaredas que a envolviam — sem se queimar.

Tão alheia estava ao que a rodeava, que foi necessário o criado chamá-la duas vezes para lhe dizer que estava na sala o Snr. Dr. Juiz José de Aguiar.

Lançando um derradeiro olhar para a melancólica imensidão líquida bramindo a seus pés, tão triste como o céu que chorava dolentes lágrimas de chuva, levantou-se, arranjou maquinalmente o cabêlo e dirigiu-se para a sala.

Admirada ao ver que o Dr. Juiz não vinha só, abrandou um pouco o andamento.

Quem seria o novo importuno que a iria forçar a responder a cumprimentos que não apreciava e a sustentar alguma banal conversa que a aborreceria mortalmente?!

Ao menos, com os conhecidos de sempre não era preciso fingir. Se, às vezes, lhe acontecia alhear-se da conversação das visitas, ninguem estranhava: — tão habituados estavam todos às suas involuntárias ausências.

— Permiti-me a ousadia de lhe trazer hoje o meu sobrinho de que lhe tenho falado e que tanto desejo tem de a conhecer. Espero que Fernando de Aguiar fique prêso á magia do seu sorriso e do seu encanto...

— Sempre lisongeiro, doutor! Muito prazer em conhecê-lo.

E estendeu a sua mão esguia a Fernando, que a apertou na dêle.

O seu olhar fitou-a um momento e a conversa começou.

O doutor falou, falou sempre como era seu costume, enquanto os olhos negros, profundos de Marilena, observavam Fernando.

Algumas palavras por êste proferidas interessaram-na pela originalidade que as revestia e pelo seu dôce, quente tom de voz, que embalava como um cântico.

Uma paixão comum ligou-os mais depressa

do que podiam fazê-lo semanas de intimidade: o amôr pelos livros.

E foi quási com desgosto que se separaram, depois de Fernando ter bebido a aromática chícara de chá, que Marilena lhe preparara no *samovar*.

— Recebo á segunda-feira. Espero ter o prazer de o tornar a ver — disse ela.

— Não poderei deixar de vir — retorquiu êle, inclinando-se.

Os seus meigos olhos azúis, quentes como uma caricia, acariciantes como um murmúrio de paixão, pousaram, ao de leve, nos olhos extasiados de Marilena.

Já êles tinham saído, e ainda ela estava de pé no mesmo lugar, prêsa duma comoção desconhecida e dum anseio indefinivel.

Maquinalmente, dirigiu-se para a janela da sala. O *chalet* estava isolado por uma redoma de cristal a liquefazer-se.

Nunca um luminoso dia de sol lhe parecêra tão resplandecente como aquêle encantado dia de chuva. As lágrimas que o ceu chorava eram de misteriosa alegria e de indefinivel esperança. As outras visitas que recebeu acharam-lhe um ar de autómato, falando e sorrindo com o olhar longinquo e o pensamento ausente.

VIII

Fernando voltou na segunda-feira seguinte uma hora mais cêdo do que viera na semana antecedente, e sósinho.

Marilena, enterrada no *divan* fôfo, com um livro fechado no regaço, sonhava, quando o criado lho veiu anunciar.

—Faça entrar para aqui.

As faces coloriram-se-lhe subitamente, tomando o tom róseo do vestido de musselina que lhe cingia o corpo harmonioso.

Ergueu-se, deu um passo e tornou a sentar-se.

Fernando entrou e, antes de lhe apertar a mão, procurou-lhe os olhos, prendendo-os aos seus, num eflúvio de conquista e de posse, enquanto os lábios proferiam os cumprimentos usuais:

— Agradeço-lhe ter-me facultado a entrada nesta salinha que adivinho não estar aberta para toda a gente, minha senhora.

— Adivinhou, com efeito. Bourget fala-nos dum compartimento a que chamava o seu *soufroir.* A êste meu cantinho dei o nome de *reposoir,* não na acepção de altar, mas por ser o

sitio em que repouso e que me pertence exclusivamente. Aqui penso, sonho, escrevo e vivo!

Calou-se, de súbito enleada por assim se revelar a um desconhecido, ela, que tão avara fôra sempre das suas mínimas sensações e da maneira de as exprimir. Fernando notou-lhe o enleio, e como mundano consumado que era, não querendo talvez aproveitar-se duma vitória demasiado fácil, mudou o rumo da conversa.

— Tenciona ir ao baile do Stranger's?

— Não; não vou. Aborrece-me tanto dançar com um e outro, ser enlaçada por indiferentes que me não interessam, cujas banais conversas me horripilam!...

Fernando interrompeu-a:

— O baile tem o seu encanto, principalmente quando, perdidos na multidão que nos rodeia, extranhos ao *brouhaha* que nos ensurdece, parecemos fazer parte dum todo, quando afinal pertencemos só a uma determinada pessôa. É um delicioso misterio e uma suave voluptuosidade sabermos que, entre tantos, há um que só por nós vibra e que só em nós pensa!... Não concorda comigo?

— Não sei! Nunca experimentei essa sensação... — disse Marilena sorrindo.

— Se eu tivesse a felicidade de lha fazer experimentar... Mas perdôe a minha loucura!

Marilena empalideceu. Um arrepio percorreu-lhe o corpo e os olhos fecharam-se-lhe.

— Em que ansiedade vivi nêstes oito dias! Se soubesse como eu desejava tornar a vê-la!

Um delicioso torpôr invadiu-a ao ouvir-lhe a voz tão quente e tão rica de vibrantes sonoridades. Prostrava-a um desfalecimento desusado e o coração batia-lhe ofegante, enquanto uma aleluia de luz e de sons divinos lhe perpassava pela alma. Subitamente, por um violento esforço de vontade, voltou a si e, altivamente, desviou dos olhos ardentes de Fernando o seu negro olhar em que fulguravam scintilações apaixonadas.

Êle sentiu que o fluido amoroso que os unira um momento, se interrompêra.

Levantou-se, apertou-lhe a mão e saiu sem uma palavra.

IX

Fernando sabia que, todas as tardes, Marilena costumava passear sósinha. Quási sempre se dirigia para a Lapraia, pitoresca aldeia que encima S. João do Estoril.

Por um silencioso caminho marginado de espinheiros e massiços de rosas bravas, voltando-se para traz de vez em quando, êle ia caminhando vagorosamente, enquanto monologava:

— É realmente deliciosa. Será possivel que eu — o scéptico que tantas mulheres colheu no seu caminho — me deixe escravisar e apaixonar por esta?!

E num sorriso sarcástico rematou:

— Mais uma que tornarei doida de amôr. Mais uma paixão que morrerá antes de nascer!...

Sentou-se á beira do caminho e, um pouco nervoso, acendeu um cigarro.

— Não virá hoje?! — pensou.

Ainda longe, silhuetando-se como uma pincelada de luz a que delineados contornos dessem vida, Marilena avançava pensativa.

Como desejava encontrá-lo, ouvir de novo a quente voz cariciosa que a fazia estremecer num anseio!...

Quando o viu, empalideceu e parou. O seu vestido lilaz harmonizava-se deliciosamente com os ondeados cabelos em que morriam e nasciam reflexos de ouro e reflexos de bronze.

— Esperava-a, minha senhora, minha amiga. Deixe-me dar-lhe êste dôce nome. Sabia que viria. O coração não me enganou quando, num súbito presentimento, me fez entrever a esperança de a encontrar.

— Costumo dar êste passeio todas as tardes — disse ela, tomando lentamente posse de si própria —. É tão lindo êste caminho bordado de flôres dando-nos as boas tardes!

— Mas é uma terra impossivel! Há gente por todos os lados... E eu desejava tanto falar-lhe um momento, fazer de si a minha confidente, contando-lhe a minha vida! Vou pedir-lhe um favôr: conceda-me uma hora apenas para me ouvir e para ter dó de mim. Mas é impossivel! A vida desune-nos constantemente: Marilena na sua casa com o seu marido e as suas relações; eu, só e triste, não tendo direito algum de me aproximar de si!...

— Não me diga que é impossivel ceder-lhe uma hora da minha vida! Tudo que é facil ou banal me aborrece; só o que é realmente dificil ou elevado me seduz.

— *Les beaux esprits se rencontrent.*

E, com um sorriso, Fernando sublinhou a frase que os unia com um beijo espiritual.

Apezar do scepticismo e da sua prática de

homme à femmes, êle deixava-se dôcemente influenciar pelo encanto daquela mulher inteligente e meiga.

Ancioso preguntou:

—Então quando?

—Quarta-feira, ás duas horas, esperá-lo-ei no meu *reposoir*.

—Obrigado, Marilena. Queria agradecer-lhe com palavras que traduzissem o fogo, a paixão que me devora, mas tenho receio de a maguar. Diga-me: qual é a sua definição do amôr?

—Não sei... Há poucos dias não o conhecia. O tempo afigurava-se-me interminável e as horas vazias e inexpressivas.

—E agora?

—Agora, as horas que vivo a seu lado são segundos, e aquelas que passo longe de si são tão longas, tão lentas e molhadas de lágrimas!...

—Não quero que o nosso amôr seja triste, Marilena. Que extranha magia têm estas palavras: *o nosso amôr!* Peço-lhe apenas umas migalhas do seu ser; contentar-me-ei com o dom da sua alma e do seu espírito. Dê-me o que quizer: amá-la-ei como ordenar.

Uma alegria intensa fê-la vibrar, tornando-lhe luminosa a bôca húmida, que se entreabriu como uma flôr, aureolando-a de luz.

Fernando era bem diferente de todos os

homens que lhe haviam feito a côrte e que apenas viam o corpo dela como finalidade do seu amôr.

Êle amava-a espiritualmente, embora o coração lhe batêsse apressado.

Respeitava-a, desviando do pensamento toda a ideia de materialidade e de posse.

... E tão cegamente acreditava na pureza das intenções dêle—que foi aquele o momento sublime do seu amôr...

Emudecida, com os olhos semi-cerrados, sentia invadi-la um delicioso torpôr que a não deixava falar.

Uma sensibilidade nova, desconhecida, fazia-lhe fremir o corpo todo, numa subtil volúpia de que ela propria se admirava, extranhando a impressão fisica que a dominava.

Não podia já duvidar: amava-o!

O mixto de prazer e tortura que a alanceava, o despertar de sensações desconhecidas que a perturbavam e a saüdade que a pungia quando estava longe dêle—era decerto o amôr a nascer, a imperar e a viver.

Fernando seguia interessado as diversas modalidades por que passava o rosto expressivo de Marilena. De repente viu que o olhar dela se toldava e que os lábios tremiam.

Numa súplica, que parecia um gemido, murmurou:

—Meu marido... o mundo... Tenho mêdo, tenho mêdo!...

E como instintivamente se afastasse dêle, Fernando apressou-se a suplicar dôcemente:

—Não fuja de mim, Marilena. Não nos faça sofrer! Vejo que a perturbo falando-lhe do meu amôr. Se desperdiçarmos a hora que passa, ela nunca mais voltará, minha querida! Não quero que nos separemos numa nuvem de tristeza. Oiça e medite nêstes versos de Rabindranath Tagore:

«Murmurou êle: — Ergue os teus olhos, meu amôr! —
Ralhei e disse-lhe: — «Vai-te!» —
— Mas êle não se mexeu.
Ficou diante de mim e conservou as minhas mãos nas suas.
Eu tornei a dizer: — «Deixa-me!» —
Mas êle não se foi embora.

Aproximou do meu o seu rosto, e eu contemplei-o murmurando: — «Que vergonha!» —
Mas êle não esboçou o menor movimento.
Seus lábios afloraram a minha face.
Tremi e ciciei: — «Ousas demais!» —
Mas êle não se envergonhou.

Colocou-me uma flôr nos cabelos.
Eu disse apenas: — «Tudo é inútil!» —
Mas não se desconcertou.
Tirou-me a grinalda que me enfeitava o colo e foi-se embora...
Eu choro e pregunto ao meu coração:
«Porque não voltará êle?!»

. . . . . .

X

Marilena vivia isolada numa nuvem de sonho, longe da materialidade da existencia e de tudo o que até ahi a interessara.

Era preciso que o marido fizesse duas vezes a mesma pregunta para obter a resposta. Extranhava-lhe a expressão do olhar mais quente e scintilante, e impacientava-se com o seu ar abstracto e ausente.

Acostumado ao que êle chamava o «feitio fantástico» da mulher, não adivinhava o combate que na alma dela se travava.

Certa do seu amor por Fernando, presentindo que nunca êle se contentaria com o dom espiritual que lhe ofertava, desconfiando da sua carne pela vibração extraordinária que a fizera estremecer, Marilena sofria a tortura das grandes amorosas que o casamento manieta.

Deitada no *divan,* contemplando as ondas que, rindo e sussurrando, brincavam umas com as outras, ela pensava na delicia e no tormento que a invadiam.

E afinal, para que se havia de importar tanto com o marido, se êle era o primeiro a — na intimidade, nos raros momentos em que tirava a

máscara da austeridade — contar-lhe todos os escandalos que à volta dêles se desencadeavam?

Ainda na véspera, com um sorriso de maldade e de troça, êle narrara espirituosamente a aventura da Maria do Carmo com o amigo intimo do marido.

Se êle — o seu guia e conselheiro natural — era o primeiro a não ligar importancia a êsses factos e a achá-los naturais, para que havia ela de se martirizar e sacrificar pela ideia dum dever que ninguem lhe ensinara a respeitar?!

A sua honestidade nativa revoltava-se, mas a sua fragilidade de mulher, a quem toda a vida faltara um guia seguro e honesto, ia sucumbir.

E, deliciada, entregava-se á recordação de todas as palavras que os húmidos lábios dêle haviam proferido e ás cariciosas entoações da sua voz que possuía tesouros de meiguice e emoção.

Aninhada no sonho a que a realidade dava vida, passava horas e horas a pensar em Fernando.

— Amo-o tanto... tanto! Nem êle suspeita sequer da intensidade desta loucura! Assim, a paixão chega a ser um sofrimento: excede o que o coração pode conter. O amôr dêle é mais calmo, alegre e despreocupado. Enquanto eu choro, êle ri. Já está prático em revolver o coração das mulheres! E é duma prudencia... Eu sou orgulhosamente imprudente! Que me importa o mundo se o olhar dêle vive no meu?!

. . . . . .

Quarta-feira. O sol beijava o mar, espalhando sôbre êle uma luminosa poalha doiro.

Quási duas horas. Imovel, á janela do seu *reposoir*, Marilena aspirava lentamente o ar puro que vinha de longe e que lhe trazia uma voluptuosa sensação de infinito e de liberdade.

Acariciava-lhe os olhos o rolar das vagas, ondeando num alacre, cadenciado ritmo. Esperava.

Quando Fernando entrou, o sorriso que lhe descobria os dentes alvos obrigou Marilena a sorrir; a mão dêle atraiu-lhe a sua, apertando-a meigamente.

E foi ela própria que, cerrando os olhos, a foi elevando até a colar aos lábios dêle. Um silencio comovido pairou durante alguns minutos. Ouvia-se apenas a sublime melodia do mar.

— Meu amôr, em que pensa?

— Em si.

Nos seus olhos de adoração e de êxtase viu Fernando que ela falava verdade e, entre irónico e comovido, pensou: «os homens não merecem os sacrificios que as mulheres por êles fazem...»

Vencendo a timidez que lhe apertava a garganta, Marilena continuou:

— Sempre a mesma ideia. Desconheço-me. Ás vezes julgo que um encantamento extranho me tornou diferente... Se melhor ou peor, não sei...

— Melhor, infinitamente melhor, porque tem dó de mim. Não nos faça sofrer, Marilena! suplico-lhe...

—O que quizer que eu faça, fá-lo ei!

Uma chama passou pelos olhos azúis de Fernando; e pegando-lhe na mão, brincando com a pedra dum anel antigo que lhe maguava o dêdo frágil, murmurou baixinho:

—Seja minha!... Levá-la-ei para um paraiso de paixão e de ternura, para um feérico futuro de amôr, onde nada existirá além das nossas almas unidas e dos nossos lábios colados eternamente! Assim...

Num beijo de fogo em que vibravam chamas infernais e canticos divinos, cortou num impeto a resposta dela.

Nas scintilações do olhar luminoso, no palpitar do seio ofegante, na sua beleza avivada e subjugada, Marilena atingiu naquêle momento o ponto culminante da paixão, a altitude deslumbrante da felicidade, descida a qual já se não pode viver...

Foi aquêle—o mais delicioso momento do seu amôr.

Voltando á realidade, arrancou-se do beijo que a desvairava, desviando o rosto, tentando esconder-lhe os lábios húmidos e frementes como uma chaga que palpitasse, sangrando.

—Amo-a! Seja minha, Marilena!

—Mas não vê que não tenho o direito de dispôr de mim?!

—Há apenas um dever, um deus: o amôr! Quando êle se apodera de todo o nosso ser, num despótico fatalismo, devemos segui-lo, seja

bem ou mal, criminoso até! Prometi contar-lhe a minha vida. Dir-lhe-ei apenas que não conheci pai nem mãe...

Na sua lânguida voz de magia, de melancólico timbre, êle descreveu-lhe a sua infancia solitária, sem afagos e sem alegria.

Comovida, Marilena, de olhos húmidos e bôca entreaberta, ouvia atenta a tristeza da voz dolente que a embalava como uma dôce melopeia, enquanto as suas mãos esguias dormitavam felizes nas mãos dêle.

—... E antes de a conhecer, ignorava o amôr!

— Oh! não! Não posso acreditá-lo! — disse Marilena, impetuosamente —. Uma paixão, e depois outra, e outros tantos corações partidos, amortalhados no lúgubre veu do esquecimento... E eu serei mais uma das *mille e tre*... Que será de mim, mais tarde quando fôr apenas uma labareda de dôr, de paixão, estorcendo-me na tortura nascida do seu inevitável esquecimento?! Agora que conheço o encanto da divina canção, não poderei viver sem amôr...

— Que prazer sente em se martirisar, minha querida! O que a sua imaginação enlouquecida tem procurado atravez a vida, o que em si tem palpitado sempre num estado latente tem sido êle: o divino, o misterioso e imortal amôr!... Marilena! Venha refugiar-se no ninho dos meus braços, que anseiam por cingi-la na caricia suprema!... Peço-lhe... quero!...

Enlanguescida, no esplendor da beleza diferente e quasi sôbrenatural que aureóla as mulheres durante o tempo em que são amadas; com as pálpebras descidas sombreando-lhe o rosto crispado, e os dêdos enterrados na cabeleira que fulgia num brilho quente, Marilena, sem forças e sem vontade, tocada pelo ardente desejo do amado que a queimava e gelava ao mesmo tempo: — tentou falar, mas dos seus lábios exalou-se apenas um suspiro que parecia um gemido.

A sua cabeça tombou amorosamente sôbre o hombro de Fernando.

Toldaram-se-lhe os olhos azúis. Estremeceu.

Enlaçou-a febrilmente, numa alucinação de todo o seu ser.

Mas, num vislumbre de razão, viu onde estava. Era preciso reagir contra o momento de desvario que o enlouquecia.

Levantou-se e, nervoso, irritado, foi até á janela para que o ar forte do mar o acalmasse. Voltou passados momentos para junto de Marilena. Transtornado e *pantelant,* desfolhou raivosamente as rosas vermelhas que sôbre a meza morriam.

Mais sereno, depois daquêle acto de inconsciente brutalidade, abriu a carteira donde tirou um cartão com o seu nome e morada e estendeu-lhe um lapis de ouro, dizendo:

— Meu amôr, escreva aqui o dia da nossa felicidade. Esperá-la-ei de joelhos.

Com a mão a tremer, sem quási saber o que fazia, Marilena escreveu: «quarta-feira»

Fernando beijou-lhe as pontas dos dêdos gelados e saíu.

XI

Quando se viu só, com o cartão no regaço, as rosas mutiladas espalhando manchas sangrentas na *carpette* e a salêta afundando-se no silêncio desoladôr das coisas inanimadas, Marilena, teve que fazer sôbre si própria um esforço violento afim de reentrar na realidade.

Durante aquela hora encantada, vivêra hipnotizada pelos olhos dêle, perdêra a sua personalidade e o seu livre arbitrio, tornando-se, para sempre, uma escrava do amôr — irremediavelmente.

Agora, sósinha e assustada, pensava nos seus deveres de esposa.

Vinham-lhe á mente as aventuras de quási todas as suas amigas e de que o mundo falava a rir.

Para ela, o amôr, era um sentimento sagrado de que nunca troçara. Temia-o demais para dêle zombar.

De repente veiu-lhe á imaginação um incidente que, sem ela o suspeitar, se lhe gravara na alma.

Fôra na cerimónia do seu casamento: Quando o padre pronunciara as palavras «fidelidade mu-

tua» vira a bôca do marido torcer-se num rictus de sarcasmo e ironia.

Tantos anos haviam passado sem que nunca lhe viesse á memória a ligeira ferida que naquêle momento a maguara! Hoje, que a sua honestidade estava em perigo, ela vinha encontrar no seu sub-consciente aquela nota de incitamento ao mal e desrespeito ao casamento — dado pelo próprio marido.

A vida que ambos levavam era desoladôra de indiferentismo e desprendimento.

Oscar, sempre frio e distante, nunca tinha para ela uma palavra de meiguice ou de ternura.

Desprezara o amôr da espôsa, zombando das suas ideias romanticas, matando qualquer *élan* de paixão ou de carinho em que ela quizesse envolvê-lo.

E ela pedia tão pouco! Só um bocadinho de amôr a acalentá-la... A sua alma não podia viver só no mundo!

Na quinta-feira não viu Fernando, e na sexta recebeu dêle um livro. Dentro, em letras sublinhadas, avisava-a de que era obrigado a ausentar-se por três dias, terminando pelas palavras: «até quarta-feira». Os dias foram passando, lentos, cheios de esperança apaixonada e de terror pela hora que se aproximava — hora de renúncia á sua vida pura, sim! — mas hora de volupia... e quem sabe? — hora de sofrimento, talvez!...

. . . . . .

Terça-feira. O sol, no ocaso, tingia o ceu

dum ténue veu de ametistas esmaecentes. Ao longe, num caminho que serpenteava em frente da janela do *boudoir* de Marilena, torciam-se castanheiros frondosos que o outono matizava de tons vermelho-alaranjados.

O oirescer do poente envolvia a natureza numa suave túnica lilaz, salpicada de scentêlhas côr de rosa.

Pensativa, Marilena esperava nem ela sabia bem o quê.

De súbito, silhuetou-se um vulto na estrada silenciosa. Era Fernando.

Depois de tirar o chapeu, fez com as mãos um gesto, um sinal que Marilena não compreendeu.

E o vulto foi andando, andando, perdendo-se bruscamente numa curva do caminho.

Que significaria aquêle sinal?! Talvez fôsse para lhe recordar que a esperava no dia seguinte... Como se ela o esquecêsse um minuto sequer, como se toda a sua vida anterior não fôsse afundada pela aleluia do radioso dia que se aproximava!

XII

Quarta-feira. Pálida, nervosa, já com o chapeu na cabeça, escondida num simples vestido negro, olhando para o espelho sem se ver, Marilena estava pronta para sair. Os seus olhos negros tinham bruscas fulgurações no halo das fundas olheiras que os circundavam.

Passara a noite toda sem dormir, recordando religiosamente o rosário de palavras de amôr que êle lhe rezara ao ouvido, encerrando-a no circulo de paixão que a desvairava.

Aquêle dia era o mais belo de toda a sua existência, pois seria o da felicidade de Fernando. Levava-lhe a sua beleza e a sua adoração — um ser inteiro escravisado e fremente.

Seria para êle a amante, a amada e a consoladôra...

Antes de sair enviou ao espelho um sorriso, quási um beijo.

Era em Lisbôa, na casa de Fernando, que deviam encontrar-se.

Apressada, comquanto ainda faltasse meia hora para o comboio sair de Cascais, Marilena foi para a estação.

No alto do Parque destacava-se a cerrada

mole verde-negra dos pinheiros melancólicos sombreando o ceu.

Na sua frente fulgurava a imensidão do mar inquieto — turqueza esverdeada que uma luminosa poalha de prata irisava.

A correr, foi á igrejinha de Santo António e, com um longo olhar de súplica e humildade, pediu a Deus compaixão para a sua fragilidade.

Quando o monstro de ferro chegou resfolegando, impaciente por devorar o espaço, Marilena subiu ligeira para uma carruagem de primeira classe.

Nunca ela soube como passou a meia hora que o rápido leva a chegar a Lisbôa.

Ficou-lhe apenas na memória a imagem duma fita de água prateada acompanhando-a e ferindo-lhe o olhar fixo e ausente.

No auto que rodava veloz, Marilena sofria horrivelmente. Travava-se na sua alma o epílogo da luta que a lacerava. Dum lado: a revolta da sua virtude prestes a despenhar-se; do outro: a loucura, o divino martirio do seu amôr.

Só quando o carro parou no princípio da Avenida Duque de Loulé, ela voltou a si e á realidade da hora presente.

Num passo hesitante, olhando a mêdo os números das portas, foi andando, vagarosa e tímida.

Chegada enfim ao número que o cartão de Fernando indicava, entrou precipitadamente na escada vasta que brilhantes dourados animavam

e que uma passadeira de veludo tornava silenciosa.

Rez-do-chão. Ruborizada, ofegante, premiu a campainha electrica. Um criado veiu abrir e, sem lhe dar tempo a que êle formulasse qualquer pregunta, entrou no vestíbulo, admirada por não sentir a presença de Fernando. O criado olhava-a, hesitante:

—Mas... minha senhora... O sr. Doutor não está, nem me preveniu...

—Não faz mal. Eu..., espero.

O servo inclinou-se e abriu-lhe a porta do escritorio de Fernando.

Deixou-se cair num *maple*.

Uma lágrima scintilou e rolou vagarosa, caindo-lhe na mão trémula.

—Mas porque me aflijo eu? Êle vai chegar dum momento para outro. Perdeu o comboio, com certeza... Demorei-me na igreja e cheguei á estação no último minuto; por isso, nem o procurei com o olhar. E tão perturbada me sentia que nem o esperei quando o comboio aqui chegou! Daqui a uma hora tem outro.

E apoiando a face pálida á mão que uma tremura interna agitava, ficou á espera, emquanto os olhos húmidos contemplavam o que a rodeava.

Fernando dissera-lhe uma vez que não podia ver-se num meio banal ou inestético.

Era encantador o seu *home*.

As paredes estavam forradas de tapeçarias bárbaras vindas de paizes longinquos.

Jarrões fantásticos e *bibelots* exóticos contrastavam, nas suas côres berrantes, com emaciados marfins antigos e delicados Sèvres.

Alguns almadraques forrados de damasco casavam-se deliciosamente com os tremós doirados em que se miravam faianças antigas.

O *maple* em que se afundara dava com a meza de trabalho e com as estantes cheias de livros a nota moderna — quási futurista.

E uma tão dôce harmonia reinava entre as coisas do passado e as do presente, que Marilena não se chocou com o harmonioso *pêle-mêle* que via.

Magnificas telas de Columbano e de Boucher prenderam-lhe a atenção.

As otomanas profundas conservavam ainda a marca do corpo de Fernando, onde êle gostava decerto de afundar a sua sensual *nonchalance.*

Flutuava no ar um perfume de nardo e incenso, e no entanto o turíbulo de bronze estava apagado...

Alguns retratos femininos apertaram o coração de Marilena.

Sôbre a meza de trabalho, além dos utensilios de escritório em prata monogramada e de alguns livros, num *potiche* vermelho, jazia um ramo de cravos murchos, desoladôres — um ramo de esquelêtos de cravos.

— A imagem do nosso amôr!

Dos lábios de Marilena nenhum som saíra, mas a frase ficou a martelar-lhe o cérebro, como

uma melopeia incisiva e angustiosa de que ela queria libertar-se e não podia

...E uma hora passou.

Febril, não querendo ainda confessar a si própria quanto se sentia humilhada na sua carne e na sua dignidade, pegou num livro.

O eterno livro de quem espera, que fica horas e horas aberto na mesma página.

— Mas porque não virá êle?! Jurou-me que me esperaria de joelhos, que seria êste o dia da sua felicidade...

O timbre electrico soou apressado, despertando a casa adormecida, num alvoroço, numa esperança!

Palpitante, atirando fora o livro, o coração batendo em pancadas fortes — quási sonoras — numa tensão de todo o ser — vibratil e luminosa — Marilena ergueu-se.

Não conseguiu dar um passo; cambaleou. «Enfim! Era êle!»

A porta fechou-se, e os minutos passaram lentos, indiferentes.

Com os olhos muito abertos — donde o brilho ia fugindo — ferida e miserável — Marilena deixou-se tombar outra vez no *maple*.

«Não era êle!...»

Lágrimas augustiosas sulcaram-lhe as faces, correndo num ritmo de angústia. Foi aquêle o mais doloroso momento do seu amôr.

Como fôra crédula e insensata entregando a sua alma e a sua vida a um desconhecido que

a não merecia! Ignorava tudo dêle: os gostos, os pensamentos e a sua vida sentimental. Mas que lhe importava tudo isso naquêle momento?

O que ela queria, num anelante desejo de paixão e de morte, era que êle viesse! Embora nunca mais o tornasse a ver, embora fôsse depois precipitada num inferno de loucura!...

Vir entregar-se na renuncia suprema á vida pura que até ahi conseguira levar — apezar de estar só no mundo — e sofrer aquela humilhante punhalada na sua paixão e no seu amôr-próprio!

Caía o crepúsculo, escondendo num manto de sombra os objectos que permaneciam frios e indiferentes á sua agonia.

Ela tornara-se um farrapo de carne, sem côr nem expressão — miserável flôr cortada, moribunda de amôr.

Foi preciso que o criado a despertasse da letargia dolorosa em que mergulhara.

— O senhor doutor já não vem, decerto... Se V. Ex.ª quer, eu vou buscar um carro...

. . . . . .

Maquinalmente, tomou o comboio que a conduziu a casa. Queixando-se de dôres de cabeça, não foi jantar, facto a que o marido não ligou a mínima importancia.

Depois de êle ter saido, como acontecia todas as noites, Marilena, envolvida numa capa de veludo branco, desceu ao jardim e foi sentar-se no banco fronteiro ao portão, na vaga esperança

de ver Fernando aparecer a fim de lhe pedir desculpa e de se fazer perdoar.

Ali ficou até á meia noite, sem pensar e sem sentir.

... E êle não veiu!

Amortecida, rodeou o *chalet* e foi sentar-se nos degraus da escada que se perdia nos rochedos. Murmurava:

— Estará doente... Meu amôr! E eu a culpá-lo tanto!... Egoïsta, que só penso na minha dôr e no meu desespêro!... Mas ainda hontem o vi... Podia enviar-me um telegrama... alguem com uma carta. Enlouqueço, sinto-me perdida! Sem êle, sem o seu amôr sou ainda menos do que isto...

E chorando e gemendo, beijava frenéticamente os cravos mortos que de *lá* trouxera.

A maré baixa deixava a descoberto as rochas negras.

Uma força desconhecida e potente obrigava os olhos de Marilena a não se despregarem daquela anfractuosidade a que ela, numa noite desalentada, puzera o nome de *Berço da Morte.*

E era realmente um sinistro berço aquêle, formado pelos rochedos que pareciam gemer em torno dum esquife.

Quando a maré subisse chegaria a morte e cobriria o berço.

Era tão simples, tão fácil acabar com a tortura que a pungia! Bastava deitar-se no berço e esperar uns minutos...

Mas não! Precisava de reagir! No dia seguinte vê-lo-ia, e tudo seria facilmente explicado.

E a vida tornar-se-ia de novo um sonho encantado e delicioso!

Tão grande amôr não podia morrer com una simples vergastada do destino!

XIII

Três mezes passaram lentos, desoladôres e sobresaltados de angústia.

Uma vez, depois dum jantar em casa duma familia amiga, Marilena, ouviu repentinamente falar nêle.

A vida retirou-se-lhe do corpo para lhe fulgurar no olhar ansioso, estuante.

Alguem dizia que êle andava por terras de Espanha, divertindo-se ...

Na sala de fumo, onde os homens conversavam de desportos, escândalos e mulheres, tambem o nome de Fernando fôra pronunciado.

Felizmente, o barulho das vozes era tão grande que nada chegou aos ouvidos de Marilena — pálida e quási desmaiada na sala visinha.

Raul de Melo, o seu amigo mais íntimo, notava com uma pontinha de inveja e despeito a atracção irresistivel que Fernando exercia sôbre as mulheres.

— Está saturado de tanto amôr ajoelhado a seus pés; hoje apenas o satisfaz o prazer satânico de as enlouquecer com palavras e carícias incompletas, deliciando-se no gozo de as levar á beira do abismo, desaparecendo no momento

em que anteriormente prometêra despenhá-las nêle.

— Mas é um doido, um anormal!... — objectou o dono da casa.

— É um voluptuoso *sui generis*. O amôr é sempre a mesma banalidade; êle originalisa-o.

— Mas é possivel que não haja mulheres na sua vida?!

— Há apenas as que lhe resistem.

. . . . . .

Marilena voltara naquela noite para casa mais quebrada e mais triste.

Tão pouco fôra na existência de Fernando, que nunca lhe merecêra um longinquo sinal de vida!

Emagrecida, sentindo-se infinitamente só e desolada, reconheceu que de oravante não podia continuar a viver sem o amôr dêle.

A magia do sedutôr cântico picara-lhe a carne, entrando-lhe na alma e escurecendo-lhe o pensamento.

Fernando passára na sua vida como um banal *allumeur*, enlouquecendo-a de amôr para subitamente a abandonar sem um motivo ou um pretexto.

E era o que mais dolorosamente a pungia: a falta duma explicação ou desculpa.

Sentia-se mortalmente ofendida no seu pudôr.

Sofrêra a maior ofensa que a mulher pode receber do homem. Còrava de vergonha quando pensava nêle.

Um ódio fremente foi-se a pouco e pouco apoderando da sua alma, roendo-lhe as entranhas, enchendo-lhe os dias de fel.

A existencia, assim incolôr e gelada, tornou-se-lhe insuportável.

O seu corpo e a sua alma não podiam já resignar-se a viver sem amôr.

Voltou-se então para o marido — como o náufrago que tem vontade de viver apezar de ter sido sempre desgraçado.

Interessou-se mais carinhosamente pela sua carreira, pelas suas aspirações e pequenas manias.

Dignamente, como mulher e companheira de vida, tentou atraí-lo a si.

Admirado, constrangido, Óscar de Sá achava importuna a ressurreição de amôr que á sua volta floria, notando contudo que uma surda irritação vibrava na atitude da esposa.

— Que seria?! pensava êle. Os trinta anos trazem ás vezes extranhas perturbações ao mais bem equilibrado organismo feminino ...

Mas em breve a esquecia para se enterrar no seu egoismo e na doçura da sua vida sentimental, em que reinava deliciosamente a endiabrada Yvonne des Lys, a quem êle pertencia de corpo e alma havia já cinco anos.

Marilena bem sentia que nada era para o marido.

Desejosa de tortura, sedenta de martirio, quiz ir até ao fundo do incendio de infortunio que por todos os lados a queimava.

Mandou seguir Óscar, e teve conhecimento do amôr que o unia àquela antiga *chanteuse*, sem frescura e sem graça, mas rica de *canaillerie* e de impudôr.

Revoltada, sentindo-se ultrajada na sua dignidade de esposa, pensou em acusar o marido, indignando-se e reclamando o divorcio.

Mas a reflexão mostrou-lhe que não tinha o direito de assim proceder.

Se Fernando tivesse querido, se em vez de ter sido inconsciente e cruel se houvesse mostrado digno do sacrificio que ela estivera pronta a fazer por êle, Marilena, não teria guardado fidelidade ao marido.

Moralmente era obrigada a calar-se.

Uma náusea profunda invadiu-a, e o ódio que a fazia estremecer aumentou.

Ódio àquêle que a possuira virgem imaculada e a não soubera guardar nem guiar na vida, preferindo-lhe uma mão-cheia de lama encontrada no monturo da devassidão. Ódio ao outro, em face do qual ela se extasiára como uma trémula flama adorando o Sol.

Nêle vibrára momentaneamente o desejo — ave de fogo que aflora os corpos num vôo rápido e fugaz.

Nela nascera o amôr — o deus implacável cujas flechas envenenadas ferem o coração, numa tortura, numa delicia...

Fôra para êle a flôr que se corta e deita fora, sem ao menos se lhe aspirar o aroma!

Durante os três dolorosos mezes decorridos, nunca ela o esquecêra, nem um minuto.

A imagem querida e odiada de Fernando andava prêsa a todos os actos da vida de Marilena.

Logo de manhãsinha, — ao acordar — encontrava a sua mágua fiel a pungi-la.

E a si própria preguntava porque lhe teria êle fugido.

Tê-la-ia achado pouco expansiva, talvez?!

Era alegre, não gostaria de a ver triste?

E quem sabe?! Talvez o afugentasse o mêdo de complicações com o marido... Ou — o que era mais certo — mentira-lhe sempre.

Mesmo no momento em que o desejo lhe brilhara loucamente no olhar estuante, êle mentira.

Mas com que fim? Seria duma tão cruel ferocidade que tivesse prazer em transformá-la num farrapo de amargura?! Não. Êle ignorava o sofrimento que a lacerava. Julgava-a tão voluvel e superficial como as outras...

Nem uma carta, nem uma saüdade...

...E todas as interrogações que a si própria fazia ficavam sem resposta...

Rodeado por um halo de fogo, jazia oculto numa gavêta do contadôr do seu quarto o livro que Fernando lhe enviara: o *Dai-nippon*. Sabia que eram feéricas páginas, dum dôce exotismo que o compunham, mas conseguira ler apenas o primeiro capitulo que ficara todo maculado de lagrimas.

Todos os objectos em que as mãos dêle haviam tocado lhe eram odiosos e sagrados.

Convencida de que não podia viver sem amôr, e tendo o coração pequenino para albergar tão grande ódio, Marilena resolveu sair da vida.

XIV

Dezembro agonizava. O vento sinistro batia lùgubremente á janela do quarto de Marilena que, ajoelhada ante o retrato da mãe terminava a prece do perdão e da morte.

— Bem vê, minha mãe, que era impossivel! Só a morte pode substituir para mim o paraiso de amôr que sonhei!

Depois de um último, soluçado beijo ergueu-se, abriu a porta do quarto, desceu ao vestibulo e saiu. Um gelado turbilhão de vento arrepiou-a até á alma.

Pesadas nuvens cobriam o ceu, tornando negra a noite tempestuosa.

Tropeçando, tonta de horror e de angústia, mas firme no seu propósito de matar o sofrimento que a lacerava, Marilena foi andando, andando, até chegar á escada que, indo perder-se nas rochas, fazia já parte do mar.

Os lábios brancos murmuravam uma oração em que se entrechocavam as palavras: «amôr, Deus e sósinha». A maré subia estrondeante. Em breve cobriria o Berço da Morte. Era preciso apressar-se.

As vagas rouquejantes formavam, ora mon-

tanhas, ora abismos, e levantavam níveos penachos de espuma, babujando as nuvens baixas.

O vento bramia como uma alma penada uivando de dôr.

Marilena, curvada, tateando a pedra com as mãos, pisava o último degrau da escada.

Sedento da carne que se aproximava, o mar rugia frenético, numa convulsão de luxúria e de loucura. Poucos passos a separavam já do túmulo que escolhêra ...

Lá em cima ficavam a vida, a alegria e o amôr para o resto da humanidade.

Para ela, a felicidade, o descanço eterno residiam naquêle estreito esquife que o beijo do mar cobriria de paz.

Já lá chegou. Enlouquecida, quási desmaiada, beijando os cravos mortos que de *lá* trouxera, com os joelhos afundando-se na areia movediça, apenas teve tempo de murmurar:

— Sem amôr ... sem amôr ...

Um lívido relâmpago rasgou a noite, iluminando dum fulgôr satânico o rolar escumante da vaga que avançou num repelão.

Um grito vibrou, coberto pelo fragôr horrivel do mar que, num macabro abraço, apertou contra o seio gélido a mísera flôr humana que á mingüa de amôr morreu!

MATER

MATER

A sua vida decorrêra tão desoladora e tormentosa até àquêle momento, que lhe surgiu na alma uma aleluia de esperança ao ver o pequenino ente acabado de nascer.

Talvez aquela criancinha fôsse um enviado de Deus, que, nas suas mãos de pureza e amôr, lhe trouxesse um pouco de calma e de ternura.

Mariluiza passára uma infância triste e silenciosa numa antiga casa de Bemfica onde vivêra com o pai e dois criados velhos.

Não conhecêra a mãe. Diziam-lhe que tinha morrido quando ela era muito pequenina.

O pai, de génio irascivel atravessado por furiosos momentos de ternura, inspirava-lhe sempre um grande pavôr, um insuperável receio que ela mal sabia esconder.

Ás vezes chamava-a ao seu gabinete de trabalho onde os livros tapavam as paredes, enchiam as cadeiras e se espalhavam pelo chão.

Começava a falar-lhe meigamente, informando-se das suas lições e das suas bonecas.

Mas, de repente, Mariluiza começava a tremer porque via aproximar-se o momento que o seu instinto presentia:

— Os olhos dela, a bôca, a côr dos cabêlos!... Não tens nada meu, nada! Vai-te! Vai-te embora!

E iracundo, sacudindo a criança que tentava dominar-se para não romper em soluços, empurrava-a para a porta, num feroz desejo de nunca mais a tornar a ver!

...Até ao momento em que se punha a pensar que talvez Ela não tivesse mentido no supremo momento quando ao ouvido da velha criada jurára que a filha era dêle...

Os nervos de Mariluiza crispavam-se numa vibração de terror e de frio quando se recordava daquela gelada noite de inverno em que a velha criada a viera tirar da sua caminha tão quente e tão macia para a levar por umas ruas escuras e desertas que a tranziam de mêdo.

Depois de muito andar, febrilmente agarrada à mão da criada, haviam por fim chegado a uma humilde casa de paredes nuas e cheirando a remédios.

Deitada num pobre leito estava uma mulher nova ainda, um rosto pálido de que Mariluiza perdêra a ideia.

Lembrava-se apenas duns olhos ansiosos que um derradeiro fulgôr animava e duns braços frenéticos que a tinham apertado e sufocado num espasmo de morte.

Aquêle abraço, que começara na Vida e acabara no Além, sentia-o ela sempre — tranzindo-a de pavôr — nos momentos mais amargurados da sua existência.

Como um ardente cinamomo, que tivesse nascido na neve por engano — assim ela foi crescendo até ao dia do seu casamento.

O marido que o pai lhe deu, na ânsia de se libertar da sua presença, era um *viveur* que a fortuna de Mariluiza seduzia havia muito tempo e que a sua carne virgem entontecêra um momento.

Nunca soubera apreciar a companheira que o destino lhe dera.

A sua sensibilidade de mulher vibrátil, a sua cultura e o seu desejo de ver a vida num ideal de Altura e de Beleza — irritavam-no, provocando-lhe cortantes palavras de sarcasmo.

— A mulher fez-se para coser a roupa e olhar pelas criadas. Aquêle que se lembrou de a ensinar a ler e lhe mostrou os livros de sciências e de letras que só aos homens pertencem, merecia a fôrca!

Ao princípio, Mariluiza, embora se sentisse ofendida com as injustas palavras do marido, perdoava-lhas num impulso de generosidade e tambem porque julgava amá-lo.

Que enquanto a venda do amôr tapa os olhos das mulheres — elas perdôam tudo!

Ás palavras duras, revestidas do mais implacável egoismo, procuram sempre dar-lhes ou-

tro sentido, atenuando-as para assim diminuirem a culpa do ente querido!...

Mas, a pouco e pouco, o coração de Mariluiza foi recebendo golpes que o feriram profundamente.

Estroina e mentiroso, recolhendo a casa quási de manhã, passando as noites em ruidosas ceias com amigos e *cocottes*, êle ia a pouco e pouco destruindo na alma de Mariluiza as derradeiras ilusões e os ultimos restos de amôr que, apezar de tudo, ela via fugir com tristeza.

Noites inteiras levadas a chorar, num plangôr, numa revolta de todo o seu ser amante e puro.

Antes a vida que levara em casa do pae — gelada e tão triste! — do que aquêle inferno de todos os instantes, num doloroso desfibrar de tortura.

Por isso, o primeiro vagido da criancinha, que mal podia abrir os olhos, foi para ela o divino canto da ressurreição e do amor.

Aquêle pedacito da sua carne, ungi-lo-ia ela de toda a ternura e paixão que o marido desprezára.

Acompanhá-lo-ia pela existência fora, afastando os espinhos do seu caminho e desvendando-lhe dôcemente como é feroz a crueldade dos homens e como é profundo o seu egoismo.

Com a filha viveria numa suave comunhão de ideias e de sentimentos.

Unidas no mesmo abraço, as suas almas gémeas refugiar-se-iam num esquecido cantinho

do mundo onde não penetrassem a hipocrisia e a maldade.

Mas Mariluiza não contava com o génio despótico do marido.

Logo que a pequenina Mary — o snobismo do pai detestava a palavra Maria — completou dez anos, quando êle viu que filha não necessitava já dos cuidados materiais da mãe, encerrou-a num colégio interno.

Para Mariluiza foi o mesmo que tirarem-lhe o sol — a radiosa claridade que lhe iluminava a sua vida tão triste e tão só.

A criança ainda não podia compreender tudo o que de insatisfeito e amargurado lhe rugia no íntimo, mas a sua alegria e a sua turbulência acalmavam-na suavemente.

Tinha momentos delirantes em que apertava a filha contra o seio, cingindo-a loucamente e cobrindo-a de beijos.

Tudo o que a vida lhe negara até ahi, queria ela encontrá-lo naquela frágil criança que a olhava admirada, ansiosa por se libertar do abraço que a sufocava.

Egoista como o pai, a amimada e vaidosa Mary não sofreu nada com a separação. Em breve preferiu os mezes vividos com as companheiras às semanas de férias que vinha passar a casa — entre o pai que a afagava maquinalmente e as caricias absorventes da mãe em que quási sempre havia lágrimas.

Para Mariluiza, a semana tão longa e tão

triste, que passava sem ver a filha, era como um dia de chuva constante que nos encharca a alma de negrume.

Mas o domingo chegava — tudo chega... até aquilo que se deseja! — e só por essa hora que passava junto da criança, radiante com as guloseimas e as prendas recebidas, a mãe sentia-se feliz, com uma luminosa provisão de paciencia e recordações que a ajudavam a chegar ao domingo seguinte.

*

* *

Já nos três domingos anteriores ela notara a persistência daquêles olhos castanhos que a fitavam dôcemente.

Junto dêle uma criança vestida de branco falava-lhe com meiguice — a mãosita muito agarrada á mão do pai e os olhos enevoados de lágrimas assim que a sinêta tocava.

Tambem êle se comovia ao despedir-se da filha, e com palavras de ternura e gestos de carinho prometia voltar logo no domingo seguinte se ela não chorasse.

E Mariluiza via então o esforço enorme que a criança fazia para que as lágrimas lhe não brotassem do olhar maguado e os soluços que lhe embargavam a voz a não traíssem.

Com um longo, apertado abraço, despedia-se do pai, cujo rosto entristecido se contraía dolorosamente.

Como era diferente aquela despedida da sua!

Mary, ansiosa por ir mostrar às amigas tudo o que a mãe lhe trouxera, girava em torno dela, impaciente, respondendo distraída às suas carinhosas preguntas. Quando a sineta tocava dizia logo:

— Até domingo que vem, mamã! Não se esqueça de me trazer os *bonbons* e o vestido que me prometeu, não?

Deixava-se beijar pela mãe, cuja alma se enchia de frio, e fugia para o dormitório onde ia guardar as suas reliquias.

Alice, a filha dêle, era sempre a última a sair da sala.

Uma vez, Mariluiza que se esquecera das luvas, voltou ao locutório e viu-a enrodilhada no chão a soluçar — farrapito de dôr perdido no mar da vida...

Pegou-lhe ao colo e sentou-a nos joelhos, ciciando palavras de ternura e consolação. A pequenina, perturbada pela compaixão que a envolvia, sentindo a divina doçura dum regaço de mulher, murmurava apenas:

— Mamã! Mamã!

— Não chores, meu amor! A tua mamã há-de voltar, verás!

— Não volta, não... que o papá não quere! Êle diz que ela foi para o ceu, mas eu vi-a uma vez ali à porta e não a deixaram entrar! O que eu chorei...

E a vozita trémula — de passarito perdido no mundo — mal podia continuar:

— Porque é que sendo o papá tão bom não me deixa ir beijar a minha mamã? Porque é?! Diga!

Mariluiza, vendo aquela dôr tão semelhante à que lhe amargurara a infancia, sentia uma profunda piedade a apertar-lhe o coração, sem, no entanto, encontrar palavras que pudessem consolar a pequenina.

... E a queixa prolongava-se dolente, num espasmo soluçante:

— Mamã... mamã!...

Miss Betzy, uma destas inglesas que pertencem ao sexo neutro — *it* — ficou altamente admirada ao ver *miss* Alice nos braços da mãe de Mary e ao notar a comoção que a ambas oprimia. Estritamente delicada, cumprimentou Mariluiza e levou a pequenita, cujo lamento de dôr e de saudade ia enchendo de amargura o escuro corredor que conduzia ao dormitório:

— Mamã... mamã!...

*

* *

No domingo seguinte, Alexandre de Melo, enquanto conversava com a filha, prestando-lhe ainda mais atenção do que de costume, olhava de vez em quando para Mariluiza.

Nos seus olhos castanhos, que uma doçura

velava, lia ela a gratidão que os lábios não ousavam exprimir.

Só à saída, na rua, quando ambos seguiam na mesma direcção, êle lhe veiu pedir desculpa de se lhe dirigir sem lhe ter sido prèviamente apresentado.

— Perdoe-me, minha senhora. Mas a minha filha contou-me o seu doce gesto de compaixão e de amor maternal que a levou a interessar-se pela pobre criança, a quem a mãe faltou...

— Mas não deve agradecer-me... nem sei de quê... É tão natural nós procurarmos consolar os que sofrem, principalmente quando se trata dum pequenino ser que tanto precisa de amor e de ternura...

Subitamente enleada, Mariluiza calou-se e olhou confusa para o rosto do pai de Alice.

Fôra decerto imprudente em falar com tanta espontaneidade. Ia fazer sangrar mais a chaga que o corroía lembrando-lhe a esposa que abandonara o lar e a filha.

Mas Alexandre, com um sorriso que embora fôsse impregnado de tristeza, lhe desanuveava um pouco o rosto atraente, respondeu:

— Há palavras que servem de bálsamo para as peores feridas; são mãos de ternura que ungem e curam sem querer, sem saber...

E cumprimentando-a, afastou-se.

D'ahi por diante, Alice, embora estivesse com o pai, corria para Mariluiza logo que a via chegar, acabando por trazer Alexandre, em cujo

olhar maguado um clarão de esperança ia a pouco e pouco nascendo.

Falavam ambos com as crianças, baixando-se ao nivel dos seus inocentes cérebros.

Quasi sempre Alexandre acompanhava Mariluiza até casa.

Embora ela esperasse com igual ímpaciencia os dias em que ia visitar a filha, já não achava tão tristes e tão vazios os dias da semana.

Havia qualquer coisa que a acompanhava sempre — um *leit-motiv* em que uma desusada alegria vibrava.

Mais distante da existencia real, não a feria tanto a secura do marido e, quando a aureóla do Sonho a nimbava, sentia mais calôr e mais sol e mais vida!

Passava agora longos minutos a interrogar o espelho.

Trinta e um anos! Passára já o cabo doloroso!

E no entanto, embora não tivesse já a brilhante frescura da mocidade, sentia-se plenamente mulher — sabendo vibrar e sabendo sentir.

O seu rosto fino, levemente colorido, era emoldurado por quentes cabêlos castanhos.

A bôca, duma encantadôra mobilidade, entreabria-se às vezes num sorriso de ternura e inconsciente esperança.

Aos seus olhos castanhos, picados de scentelhas luminosas, davam as pestanas *mordorées* um encanto de languidez e de doçura.

Alta e flexivel, pisava harmoniosa e levemente.

Como de costume, prosseguia na sua vida de todos os dias, olhando pelas criadas e recebendo as poucas pessoas que a visitavam.

O génio iracundo do pai e a índole grosseiramente galanteadôra do marido haviam feito com que ela fugisse da sociedade.

Um contentamento interior denunciava-se na sua maior flexibilidade corpórea, um involuntário sorriso erguia-lhe os cantos da bôca, enquanto a poalha doirada que lhe picava os olhos tinha súbitas fulgurações que a faziam resplandecer.

Naquêle domingo, já o sol se envolvêra dôcemente no seu manto de ametistas quando êles saíram do colégio.

Andando devagarinho, foram falando de alguns livros que a ambos haviam emocionado, dum quadro que lhes dera uns minutos de sonho e dum trecho de música que os envolvêra como uma serpente, numa etérea espiral de emotividade.

Insensivelmente, contudo — sem quási darem por isso — a conversa ia-se tornando subjectiva.

Êle ia-lhe contando dolorosamente o golpe que recebêra da mulher quando ela abandonara o lar e a filha, mostrando-lhe a alma dolorida, onde apenas a descrença e o mêdo existiam agora.

Ela, embalada por aquela voz tão meiga em

que chorava a triste melopeia da dôr, ia a pouco e pouco descrevendo a sua monótona e descolorida existência de esposa *délaissée* e incompreendida.

Quando se despediram havia na alma de cada um qualquer coisa que ao outro pertencia.

Durante a semana seguinte, Mariluiza viveu completamente isolada.

Passava horas inteiras estendida numa *chaise-longue* recordando todas as palavras que êle proferira, fechando os olhos para sentir a doçura do olhar de Alexandre que a enlevara num emocionante sonho de magia.

Com o coração transbordante de amôr maternal, envolvia-o num manto de piedade, sem suspeitar sequer que no fundo dêsse sentimento se agitava o inicio da paixão.

Alexandre, que passara toda a vida sem sentir o calôr dum afecto sincero a acariciá-lo, desejava ansiosamente encontrar a alma que comungasse com a sua, e o espirito que no seu se fundisse. Tinha súbitos estremecimentos de anseio e esperança quando pensava em Mariluiza.

Ela representava para êle a mulher que, com as suas mãos de piedade, ungiria as chagas abertas pela vida.

Com a sua alma de mártir fá-lo-ia dôcemente renascer para o amôr.

E, de repente, tudo desaparece da sua vida. Do sofrimento, da descrença, do receio e do de-

sejo ergue um altar em que a coloca e a quem reza como quem se dirige a uma divindade.

Pensa apenas no momento em que a tornará a ver.

... E os minutos são horas, são longos séculos de impaciencia em que vibra e enlouquece o ardente desejo de que o tempo passe depressa, vertiginosamente, atê ao supremo minuto — aquêle em que todos os relógios do mundo deviam parar para sempre...

Quando êsse minuto chega, pelo enleio que os prende aliado à febril respiração que os sufoca, pelo tremer dos lábios e chamejar dos olhos — êles compreendem que são já tudo um para o outro.

Alexandre pedira-lhe tanto, que ela acabára por ir ter com êle naquela quarta-feira. Perdidos na verdura rumorejante que os cercava, tinham-se sentado num banco de pedra daquêle ignorado cantinho do Campo Grande.

E um comovido silêncio envolvia-os, tornando, de minuto para minuto, mais dificil o iniciar da conversa.

Estavam ambos tão longe das banalidades com que às vezes é forçoso mascarar os mais ternos sentimentos!

Foi a meiga e cariciosa voz de Alexandre que primeiro se elevou na serenidade da tarde.

— Quanto lhe agradeço por ter vindo, minha senhora, minha amiga! Se soubesse que felicidade eu sinto por a ter junto de mim, longe do mundo e de todos os laços que a manietam!...

Sinto-me tão só na vida que, às vezes, em negros momentos de desalento, penso que, se desaparecesse...

— Não acabe a frase. E Alice?

— A minha filha! Até há bem pouco era ela que me dava alento e energia para lutar contra mim próprio. Agora aspiro a mais, aspiro a uma tão grande altitude de felicidade que, se a não consigo atingir...

— Não seja tão exigente nem tão pessimista, meu amigo. Há tanta coisa bela susceptivel de nos prender o espírito, tanta emoção artistica elevando-nos, fazendo-nos sonhar... E nesta comunhão espiritual que nos une, não encontra uma pontinha de felicidade?

Um clarão de alegria e esperança transfigurou o rosto de Alexandre, tornando ainda mais ardente a voz embaladora:

— A felicidade só de si me pode vir, Mariluiza!

Ela afastou-se um pouco, retirando-lhe a mão que êle prendera nas suas.

O brusco relampago que nascera nos olhos de Alexandre amorteceu dolorosamente para dar lugar a um doce veu de ternura e amor.

Mariluiza fugia de o fitar. Um perfume mais perturbador ou um leve roçar de mãos bastariam para a afundarem no langor que temia.

A tristeza dêle vibrou no espaço:

— Não se zangue. Eu serei para si aquilo que a minha amiga ordenar. E, no entanto, minha querida, a vida tem-a tratado tão mal...

Que doçura sentiria ao ver-se embalada nos meus braços, adormecendo no esquecimento da dor e da crueldade humana as suas lágrimas e torturas!...

Com um gesto dolorido, Mariluiza impoz-lhe silêncio.

A custo, palpitante, ergueu-se. Depois de ter dado alguns passos tentando retomar posse de si própria voltou para junto dêle.

— Serei sempre sua amiga. Aquela para quem irão os seus pensamentos quando se sentir perdido na vida. Não me peça mais... Adeus!

E sem olhar para êle, afastou-se apressada, correndo atraz da sua força de vontade que lhe queria fugir.

Até ao fim da semana, Alexandre veiu passar todas as tardes naquêle cantinho isolado do Campo Grande, esperando sempre ouvir os ligeiros passos dela, escutando anelante os minimos rumores.

E foi sem surpreza, mas com a alma transbordante de felicidade, que na tarde de sábado a viu chegar.

— Não me foi possivel deixar de vir hoje. Uma vontade superior à minha obrigava-me a suspender todos os trabalhos que principiava — uma misteriosa telepatia avisava-me de que, nêste cantinho perdido no mundo, havia alguem a esperar-me...

Encantado, Alexandre ouvia-a e admirava-a. Cingida num simples vestido de setim liláz, os

olhos sombreados pela grande aba do chapeu em que morriam cravos rôxos, parecia a imagem do amor,—parecia a imagem da renuncia...

— Como lhe agradeço essas palavras, Mariluiza, meu amôr!

— Não profira essa palavra, Alexandre! Não pode ser!

— Mas não vê que suplicio horrivel é para mim tê-la na minha presença, na alma e no sangue, sem lhe poder tocar?! Se soubesse como passo as noites sem conseguir fechar os olhos, revolvendo-me num inferno de loucura e desejo, num martirio em que todo o meu ser vibra e desfalece! E que sonhos de inebriante felicidade eu arquitecto! Tenha dó de mim, Mariluiza: materialize o meu sonho!

Dos olhos semi-cerrados dela brotaram lentas, maguadas lágrimas de amargura e de piedade.

— E eu a julgar que, dando-lhe a minha alma, lhe daria tudo!

— A sua alma e o seu espirito são para mim o único tesouro que o universo encerra. Para que a sua alma não sofra eu darei a minha vida num sorriso. Mas a minha bôca quer morrer no beijo da sua bôca, e todo o meu ser...

— É impossivel o que me pede.

No olhar luminoso de Mariluiza passou uma tal sombra de gravidade e resolução que, para Alexandre, o sol deixou de brilhar e o tom verde do arvoredo foi escurecendo lentamente até se

tornar da soturna côr da desilusão e do sofrimento...

— Oiça, meu amigo! Acima de tudo, no mundo, muito para além da minha própria vida, existe uma pessôa ante a qual a minha alma vive ajoelhada, umas pequeninas mãos das quais todo o meu ser depende: a minha filha!

— Mas eu não pretendo ocupar o lugar dela. Peço-lhe apenas umas simples migalhas do seu coração e do seu corpo. Peço-lhe a sua alma e a sua bôca, uma gôta de água que sacie a martirisante sêde que me abraza... Oh! Se me tivesse algum amôr!...

— Nunca serei sua amante, Alexandre! Proíbe-mo o respeito que tenho de mim própria e impede-mo principalmente a veneração que tenho pela minha filha. Não quero que ela venha a sofrer, um dia, tudo o que fez a tortura da minha infância.

A voz maguada de Mariluiza tornava-se mais baixa, mais meiga, para não ferir tanto...

— Não quero que alguem possa mais tarde dizer-lhe: «a mulher que tu amas e respeitas, aquela a quem chamas a tua santa mãe, numa veneração de amôr filial — julgando-a impecável — faltou ao seu dever de esposa, manchando a sua vida e a sua honra que a ti pertencem».

Num rictus de revolta e sarcasmo a quebrar-se em ondas de dôr, terminou:

— E' só por ela, por mais ninguem. O marido que me não soube respeitar, que incons-

cientemente me amarfanhou a alma, matando o amôr que lhe dedicava e as ilusões que me seduziam, ferindo o ideal de beleza e intelectualidade que em mim vibrava, nem merece que falêmos nêle...

Alexandre, sucumbido, com a cabeça entre as mãos, ouvia-a sem poder pronunciar uma palavra.

— E no entanto, Alexandre, nêste momento, que sinto ser o último da nossa vida comum, não quero que alguma dúvida persista no seu espírito. Amo-o! Não há uma única célula do meu organismo que não chame por si.

A custo, baixando o olhar a que as scentelhas douradas imprimiam maior ardência, murmurou dôcemente a oração do seu amôr...

— Ao principio julgava ter-lhe apenas amizade, um profundo e comovido afecto de irmã. Mas a sua imagem, que constantemente me acompanha, as insónias, os desequilibrios do meu sistema nervoso bem depressa me fizeram compreender que nascêra em mim o único sofrimento que é um martirio... mas que é uma delicia: o amôr!

A voz de Mariluiza morreu lentamente. Alexandre, embriagado pela estranha magia das palavras dela, enlouquecido pelo harmonioso ritmo da Divina Canção, julgou ver chegado o minuto culminante da vida — aquêle em que o mundo desaparece, para só o *sentimento-deus*

existir. Enlaçando-a dôcemente, encostou a cabeça dela ao seu peito e murmurou:

— Minha querida! não deixe fugir a felicidade que passa... Seja minha!

Dolorosamente, numa voz trémula em que perpassavam frémitos de revolta e de angústia, mas com a imagem da filha a encorajá-la, desenlaçou-se do delicioso abraço que a perturbava e enlouquecia, murmurando:

— Tenha compaixão de mim, meu amigo! Amo-o, mas não quero tornar a vê-lo. Se de novo nos encontrassemos, talvez a minha vontade fraquejasse, e eu aspiro acima de tudo a ter durante a vida inteira o amôr e a veneração da minha filha. Para poupar um desgosto á minha pequenina, despedaço o coração e renuncio à felicidade...

— Vejo que nada sou para si, Mariluiza. Oxalá nunca se arrependa... Meu amôr... meu amôr!...

— Adeus. Perdão!

E a correr, tonta, tropeçando, fugiu... fugiu para nunca mais voltar.

Só ao chegar a casa o nó que lhe oprimia a garganta se desfez e lágrimas de paixão e amargura brotaram, — numa esfarrapada cadência de dôr...

Naquêle supremo minuto de renúncia, sentindo o coração a chorar baixinho e o plangôr das ilusões mortas a escurecer-lhe a alma, Mariluiza avaliou dolorosamente o *néant* da sua vida tão triste e tão só.

O dolente dobre dum sino, que o vento de longe trouxe, foi o *De profundis* do seu amôr!...

*

* *

Quinze anos passaram.

A vida de Mariluiza continuou a ser o desfiar lento e maguado dum inconsolável rosário de dôr.

Abandonada pelo marido, que, num ridículo acesso de loucura amorosa, fugira com uma bailarina *canaille* — tirou a filha do colégio para se lhe dedicar exclusivamente, tentando afogar no seu amôr maternal a paixão que lhe entremostrara o ceu e a que tão heroicamente resistira.

Nunca mais tornara a ver Alexandre. Sabia apenas que êle tirara a filha do colégio, partindo com ela para o estrangeiro.

Num prodigioso esforço de vontade, obrigava o seu pensamento a desviar-se da imagem dêle, sempre que inconscientemente ela se lhe erguia no espírito.

Fugia de si própria, mas havia dias em que sentia martelar-lhe o cérebro uma palavra que êle pronunciara, ou uma entoação de voz que a comovêra.

Dolorosamente, mas sem desfalecer, empurrava para o fundo da alma — *ad imo* — tudo o que de luminoso e dôce e suave perpassára uns momentos pela sua descolorida existência.

E a filha tornou-se então o seu deus.

Uma adoração constante e absorvente: toda a sua vida de mulher concentrada num único objecto.

Em ímpetos de amôr maternal, de olhos iluminados pela alma, contemplava Mary que, indiferente às caricias da mãe, ia crescendo num encantador desabrochar de beleza e atracção.

A alegria que experimentava com a presença dela, a satisfação dos seus mínimos desejos, um sorriso, uma palavra mais dôce — eram para Mariluiza os grandes lenitivos que a pouco e pouco iam adormecendo a sua alma dolorida.

Ante o seu ídolo, a mãe que outrora soubera querer e ser forte, apagava-se voluntáriamente, satisfazendo todos os caprichos da filha, cedendo sempre para a não contrariar.

Mary, voluntariosa e impulsiva, herdara do pai o desejo de investigações mórbidas e a índole aventureira e sensual.

Revoltando-se contra a mãe que a principio tivera a coragem de lhe proïbir a leitura de certos livros da biblioteca do pai, ia-os lendo primeiro às escondidas e depois abertamente.

Formara assim uma errada noção da vida criada pela sua extravagante imaginação.

Arquitectara um tal ideal de marido, de vida conjugal e de amôr que assustava os rapazes com quem convivia.

A sua liberdade na maneira de falar e de proceder, as opiniões ousadas que emitia e o seu

impetuoso desejo de *vivre sa vie*, segundo a sua fantasia, iam pouco a pouco afastando do seu caminho os homens que desejassem fazer dela sua esposa.

Escondiam-se, esperando que algum mais ingénuo ou mais scéptico a levasse ao altar, para depois aparecerem cubiçando a sua carne e o seu sorriso.

Mariluiza bem sentia que alguma coisa de anormal girava à sua volta, mas, enlevada no amôr que dedicava à filha, julgando-a tão pura como ela fôra sempre, não se alarmava.

Tomava as suas opiniões e anseios como um produto de desmedida leitura—efervescências que o marido, e principalmente os filhos, acalmariam.

O primeiro golpe que no seu afecto maternal a feriu, indo maguá-la na alma e na sagrada recordação do seu passado amôr, foi-lhe vibrado pela filha, num requinte de criminosa curiosidade e injustiça.

Voltavam dum baile onde Mary se sentira a perturbadora flôr de carne que atrae todos os olhos.

— Que deliciosa noite, passei, mamã!

— E como estavas linda, meu amôr!

— Devia estar, sim. Porque todos os rapazes com quem dancei me compararam ás rosas mortas que enfeitam o meu vestido, dizendo que eu era uma perfumada rosa viva a palpitar, estuante de seiva... Ficavam todos tontos com o perfume da minha carne.

— Mary! Não fales assim. Não sei que estranha opressão me punge ao ouvir-te exprimir dessa maneira, a ti que és tão linda e tão pura!

— Sou isso tudo, mas já fiz vinte e cinco anos e ainda ninguem me pediu a *honra* de ser sua espôsa... E no entanto, comigo a vida seria tão fácil!... Direitos iguais. A pena de Talião. Se êle fôr como o meu pai, por exemplo, tendo uma mulher tão linda como era a dêle...

E num sorriso em que vibravam a descrença e a perversidade, fitava a mãe, perscrutando-a àvidamente, tentando penetrar no mais intimo do seu ser, num acesso de mórbida curiosidade.

Mariluiza, em face do cruel olhar que lhe despia a alma, que ia talvez arrancar-lhe da bôca a revelação do seu puro amôr, sentiu-se còrar e, abafando um soluço, fugiu para o seu quarto.

D'ahi por diante uma plangente amargura mais lhe envenenou a existência.

Infinitamente triste, Mariluiza não queria de seu *motu-proprio* entrar de novo na esboçada conversa que a dilacerara, mas desejava ardentemente que uma ocasião nascêsse em que ela pudesse fazer desaparecer do espírito da filha a dúvida que lá entrára.

Ter renunciado á doçura única da sua vida, fechando obstinadamente os ouvidos à maravilhosa canção de amôr que a envolvêra em inebriantes ondas de som, de paixão e de luz — por ela! — para que nunca a mais leve nuvem de suspeita ou de mágua lhe penetrasse no espírito,

amargurando-lhe a existência... e ver agora o seu sacrifício inutilisado, o desfibrar da sua alma ridicularisado por uma dúvida nascida naquêle cérebro em que floresciam as pantanosas flôres da perversão e da aberração paternas!

Ter colocado o seu ídolo, a sua filha, entre lotus e açucenas, para hoje a ver mergulhar na nauseabunda torrente da desconfiança e da negação de tudo o que é alto e puro!

Mary, mais fria e preocupada, tinha agora repentinos acessos de ruidosa alegria, a que se seguiam negros, sombrios dias de muda tristeza.

Alegava demoradas provas na modista e lastimava-se das horas que perdia em casa do professor de canto, para que a mãe não notasse que pouco tempo estava em casa.

Inquieta, mas confiando sempre na honestidade da filha, deixava-a sair sósinha, como ela própria fizera na sua mocidade.

... Mariluiza ia-se aproximando lentamente, fatalmente, do minuto em que veria a sua vida de novo mergulhada num abismo de dôr e escuridão...

— Já é tão tarde! Sete horas. Ter-lhe-á acontecido alguma coisa?!

Ansiosa, debruçava-se na janela interrogando a sombra. A rua Rodrigo da Fonseca — onde havia tantos anos que moravam — estava hoje mais soturna e mais fria. Chamas extranhas lucilavam na treva e a inquietação ia crescendo no coração de Mariluiza.

— Meu Deus! Meu Deus! Quási nove horas, e ela sem ter voltado!

Maquinalmente, dirigiu-se para o quarto da filha e deu a volta ao comutador.

Sôbre a mezita de escrever, destacando-se numa vaga mancha lilaz, estava uma carta que imediatamente lhe atraiu o olhar assustado.

Trémula, com os joelhos vergando sob a angústia da emoção, sentou-se sôbre um *pouf* de feitio bizarro, no estilo do mobiliário do quarto que, à força de querer ser cubista, não passava de ingénuamente primitivo.

Nervosa, com uma louca expressão de ansiedade no olhar vago, abriu o sôbrescrito e leu o perfumado cartão, mensageiro da dôr:

«... e amo-o loucamente. Êle não é livre, por isso fugiremos para o fim do mundo. Adeus, mamã! A sua alma, o seu coração e a sua vida desculpar-me-ão, perdoando. A mamã bem sabe que a carne é fraca...»

Nem um grito, nem uma lágrima. Enquanto um arrepio lhe percorria o corpo e os dentes se lhe entrechocavam, circunvagou inconscientemente o olhar pelo quarto à procura de qualquer coisa que não sabia definir.

A noite ia descendo com lentidão, envolvendo no seu manto de negrura as pessoas e as coisas — a vida e o nada.

Levantando-se a custo, com o corpo a tremer e o olhar parado, Mariluiza dirigiu-se para o leito

da filha e começou a fazer festas ao travesseiro e à colcha bordada.

Encaminhou-se depois para o alto espelho incrustado na parede, que fantásticas tuberosas e inverosimeis orquídeas pintadas animavam. Sorria docemente, julgando ver a filha dando os ultimos retoques à sua cuidada *toilette*.

Ao passar pela mezita do *maquillage* viu no chão o talisman que Mary nunca abandonava e que consistia numa preciosa *netsuké:* duas figurinhas de marfim antigo que, careteando e sorrindo, trocavam um beijo.

Aquela pequena maravilha nipónica era o símbolo da vida de Mary: um beijo e um sorriso — uma careta no vácuo...

Mariluiza escondeu-a apressadamente no seio, olhando em redor, com medo que lha roubassem.

As mãos geladas continuavam a apertar convulsivamente o cartão que a colocára no limiar da demencia, enquanto os olhos secos, desmedidamente abertos e distantes, se prendiam ao incongruente *abat-jour* em que brincavam dragões e faunos, ninfas e musumés. Foi preciso que a criada a chamasse três vezes para que ela a ouvísse.

— Está na sala uma menina que lhe deseja falar à senhora.

Fazendo o gesto de quem afasta um pesadelo importuno, levantou-se e saiu do quarto.

Em pé, toda vestida de negro, pálida e triste, estava uma rapariga que ao ver Mariluiza não poude reprimir um grito de espanto.

Ela conservava da mãe de Mary, uma imagem tão bela, tão meiga e sedutora! Como poderia reconhecer naquela senhora de idade, de fundas rugas de martirio cavando-lhe o rosto esmaecido e de cabelos que uma poalha prateada nimbava — aquela figura de meiguice e paixão que uma vez, no locutório do colégio, a amimara, apertando-a nos seus braços?!

Mariluiza olhou-a uns minutos em silencio e depois, num ímpeto em que renascia todo o seu querido passado morto, abriu-lhe os braços, exclamando:

— Alice! Alice!

E foi só então que do choque das duas dores diferentes — e tão profundas ambas! — ao saber que Alice estava orfã — brotou a faísca da razão que já se lhe ia escapando.

Só nêsse minuto, arremessada bruscamente do inferno da demencia para o abismo da dor, ela conseguiu emfim chorar.

Lágrimas candentes em que se diluiam farrapos de alma torturada — lágrimas de sangue calcando gritos de amor e de saudade!...

Mais calma, reentrando a pouco e pouco na vida, Mariluiza contou a Alice o abandono que sofrera, a frieza com que a filha lhe fugira e a *duvida* — a atroz duvida que no espirito de Mary nascera e que a matava...

Alice, com palavras meigas como caricias, contou-lhe o martirio que o pai sofrera e a veneração com que a adorara sempre.

Momentos antes de morrer pedira-lhe para vir ter com Mariluiza afim de lhe entregar a carta que quizera conservar sobre o coração até ao minuto em que Deus o levara dêste mundo de miséria e de angustia.

«... É o desejo dum moribundo que a amou num delirio de paixão e de loucura, mas que soube respeitar a sua vontade até à morte. Alice não tem ninguem no mundo. Deixe-a viver junto de si, minha santa amiga. Se na verdade uma outra vida existe depois desta, que tão tristemente finda, a minha alma ajoelhará a seus pés, beijando-lhe religiosamente os seus dedos de pureza e de martirio...»

— É Deus que te envia, Alice! Queres ser a minha filha?!... Vamos esperar que ela volte...

No estreito abraço que as unia, no plangor das duas almas enlaçadas na dor, ouvia-se por entre os gemidos o dolente queixume da criança de outrora, o eterno lamento da pequenina abandonada:

— Mamã! Mamã!...

FIM

Biblioteca Civilização

DIRECTOR: DR. CAMPOS MONTEIRO

Colecção de pequenos romances nacionais e estrangeiros

CADA VOLUME . . . . 2$50

VOLUMES PUBLICADOS:

1. — **Perdão tardio,** novela regional por *Campos Monteiro.*
2. — **A primeira Dulce que houve em Portugal,** novela histórica por *Silva Tavares.*
3. — **O Vingador,** novela histórica por *João Grave.*
4. — **A verdadeira mãe,** novela por *D. Ana de Castro Osório.*
5. — **O Patriota,** novela militar, por *Rocha Martins.*
6. — **Páginas da vida,** por *Lourenço Cayolla.*
7. — **Martírio de noiva,** por *Eduardo de Noronha.*
8. — **Uma noite de Cleópatra,** por *T. Gautier.* Tradução portuguesa de *Campos Monteiro.*
9. — **Sem amor,** por *D. Aurora Jardim Aranha.*
10. — **A Morgada de Sortelha,** por *José de Faria Machado.*
11. — **A morte redimida,** por *Ferreira de Castro.*
12. — **O jogo da morte,** por *D. João de Castro.*

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇ

75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77

PORTO

Campos Monteiro

Os Lusiadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. . . . . 20$00
Versos fora de moda, 2.ª edi. 5$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso) 2.ª edição. 8$00
A oito dias de vista (crónicas) 10$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). . . . . 2$50
Miss Esfinge (novela) 3.ª ed. 10$00
O crime duma mulher honesta, drama em 2 actos . 2$50
Saude e Fraternidade, sátira politica (edição definitiva) 12$00
Moeda corrente, crónicas e contos. (4.º milhar) . . . 10$00
Quando se amava assim, peça em 3 actos . . . . . 8$00
Camilo Alcoforado (romance) 12$50
Auto das três barcas (4 quadros em verso) . . . . 4$00

João Paulo Freire (Mario)

O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos. 2.ª edição com uma carta do Senhor Conselheiro João Franco ao autor deste livro . . 10$00
Homens do meu tempo . . 10$00

Antonio Ferro

A Amadora dos Fenómenos 8$00

Silva Tavares

Quem canta (3.ª edição) . . 10$00
Rosario de Rimas. . . . 12$50
Mais Cantigas. . . . . 10$00
Varões e... lustres . . . 10$00

Eduardo de Noronha

A Marqueza de Chaves . 12$50
Com os olhos na Pátria . 15$00
Em redor d'Africa . . . 10$00
Pina Manique. . . . . 10$00
Heroinas, Mulheres... . . 8$00

Branca da Silveira e S

(GIESTA)

Contas do meu Rosário. . .
A Herdeira (romance). . .

Henri Ardel

Traduções de Campos Montei

Azul e Branco (romance). .
Fogo mal extinto (romance).
A Sombra do Passado (romance) . . . . . .

Tradução de João Grave

Renée Orlis (romance) . .

M. Delly

A Exilada (romance) . . .
Uma mulher sedutora (rom.)

Maria da Luz Sobra

Barquinhos de papel (contos para crianças) . . . .

(Biblioteca Civilização)

Colecção de pequenos romance portugueses e estrangeiros

I — Perdão Tardio (por C. Mont
II — A primeira Dulce que h em Portugal (por Silva Tavare
III — O Vingador (por João Grav
IV — A verdadeira Mãe (por A Castro Osorio).
V — O Patriota (por Rocha Ma
VI — Paginas da Vida (por Lou Cayolla).
VII — Martirio de noiva (por Ed de Noronha).
VIII — Uma noite de Cleópatra Teófilo Gautier, tradução de Ca Monteiro).
IX — Sem amor (por Aurora Ja Aranha).
X — A Morgada de Sortelha José de Faria Machado).
XI — A morte redimida (por Fe de Castro).
XII — O jogo da morte (por D. de Castro).

Cada volume 2$50

Biblioteca "Civilização"

Colecção de pequenos romances
portuguêses e estrangeiros

A MORGADA DE SORTELHA

POR

José de FARIA MACHADO

1925

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - Editora - Porto

ITONIO LIMA

A Morgada de Sortelha

Imprensa Civilização — Pôrto.

Do auctor:

Malaventurança
O Desterrado (esg.)
Sol de Maio
O Minuete da Rainha
Eterna fabula
O Satyro de Pedra (esg.)
Dialogos, momentos de drama e de tragedia
Simão Silvano
Dialogos, momentos de drama e de tragedia (3.ª edição)
A Morgada de Sortelha.

A SEGUIR:

Moinhos de Vento
Simão Silvano (2.ª edição)
O Desterrado (2.ª edição)
Os Novos Ricos (romance).

Biblioteca Civilização

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

X

A MORGADA DE SORTELHA

(NOVELA)

POR

José de FARIA MACHADO

1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO—EDITORA
Américo Fraga Lamares & C.ª, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

VINCIT

A Morgada de Sortelha

I

Tangeram trindades na sineta do pateo, e logo o sino velho da torre resoou, religioso e forte, as horas compassadas da reza.

Anna Sancha ergueu-se devota, riscou o signal da cruz na face amarellenta, e emquanto a criadagem cochichava na sala da Roda as rezas da noite, entoou solemne a Avé-Maria da tradicção pelos senhores d'aquella casa, marcando as palavras, arrastando-as, em extasis, os olhos serenos semi-cerrados, as mãos cruzadas em mansa beatitude.

— Santas noites, senhora Morgada!

— Santas noites! — respondeu, voltando a benzer-se e sentando-se á larga e velha mesa de bojo polido, recravada de metaes, as pernas retorcidas, toscas, onde um montão de roupa esperava os seus cuidados.

Dezembro corria ventoso, frio, com neve já

nos cêrros e a cheia feroz desbordando nos lameiros e nas veigas da beira-rio. Andavam atrazadas as fainas de lavoura, e os velhos, nas noites immensas dos serões, mal lembravam anno longinquo de tão roído inverno, como aquelle bissexto aziago, que se estreára cruel com uma cheia do Lima que destelhára as azenhas, derrubára devesas ribeirinhas, andára destruidora e travêssa nos engenhos e lagares.

Uma lufada mais forte ruflou nos vidros uma canção presaga, abalou os cyprestes do pateo e fez uivar de medo os rafeiros de guarda.

— Que horrivel noite! Olhem essas janellas, essas portas. Se o vento as apanha abertas, leva tudo, santo Deus! — avisou a Porfiria, a velha creada, que a um canto, perto da lareira larga, onde cantava a fogueira e a chamma esbrazeava festiva, sentada no chão, desfiava sôfrega um rosario bogalhudo, e entremeava a reza com remoques e expansões.

— O anno vae mau... Maldito! Deus me perdôe. Mas, se o levar ao fim, hei-de cravar-lhe uma figa...

— Então, Porfiria!... Não é christão maldizer do tempo, que é de Deus...

— Bem sei, bem sei! Santo Nome de Maria

me valha, mas este bissexto foi fatal... Ao sr. Morgado, ao paesinho de V. Ex.ª... deu-lhe aquelle mal ruim...

O vento soprou de novo, açulou as chammas da fogueira, parecendo vazar as velhas paredes. Era na sala nobre da Torre, um quadrado escuro apainelado d'azulejos, onde havia estantes fradescas pejadas de livros velhos, armaduras infançonas manchavam a cal branca com reverberos metalicos, e longos tapetes desciam, em pregas, ao sabor das paredes caiadas, em revoltos episodios de guerra. No cimo da lareira, sobre a pedra polida, onde avultava o brazão dos Mosqueiras, uma misula lavrada guardava a imagem de Santa-Maria, padroeira do solar.

A Torre de Sortelha, honra e solar dos Mosqueiras, dominava em chefe uma sombria moradia infançona, a meio d'uma devesa escura de sombrio olivedo. Na sua construcção desegual, retalhada, fragmentaria, como quasi todas as casas solarengas, feitas aos poucos ao sabor das glorias e dos revezes das familias, um mixto de tudo, desde a torrella medieva amparada de gigantes gothicos engolfando-se na severa silharia, até ao embrincado taful d'um *rocaille* precioso, aquella casa era o vivo pergaminho de

seus donatarios. Partindo da torre, berço nobre da raça, alargando-se á mercê do gosto e dos haveres de seus Morgados, ao geito das allianças prosperas que engrossaram o vinculo, erguiá-se como um tentaculo, distendendo as alas e os alpendres, memorando, atravez do tempo, a sua força e a sua grandeza.

Fôra Fernão Henriques, filho d'uma Dona gallega que Anrique de Leon roussara, certo dia de humor, e que na volta de Toro, onde pleiteára com sangue pelos direitos da Beltraneja, se quedára na Torre d'Uria e de lá sahira casado com a herdeira da casa, D. Dulce Mosqueira Ceballos de Montenegro, senhora de Sortelha no Minho, e de quintas e vigarias na ribeira do condado, quem reedificára a Torre, que a remoto pelejador romano relegava sua velha origem. Por muito tempo abandonada, só voltou a abrigar seus senhores quando Gonçalo Mosqueira ali se refugiou com o Prior do Crato, depois da derrota d'Alcantara, e onde veio a morrer muitos annos depois, desvairado e sem filhos. Extincto o ramo dos Henriques, passou o vinculo a um Mosqueira gallego, filho do poeta Miguel de Ceballos e d'uma senhora da casa de Rubianes, que casou com D. Anna

Violante Pereira, do termo de Caminha, oriunda da Torre dos Pereiras de Loivo, que dera varões illustres ás casas nobres de Portugal. Gente de guerra, engrandeceu-se em feitos e em riquezas até que no fim do seculo XVIII o riquissimo freire de Malta, D. Basilio Mosqueira, veio habitar a Torre, na posse então de Simão Gonçalo Mosqueira Pereira de Montenegro, casado com uma senhora da casa de Sergude, e lhe legou seus fartos cabedaes. O liberalismo, se cortára mais tarde nas honras e privilegios dos Mosqueiras, não lhe pudera tirar o renome e o prestigio.

Assim viera de mão em mão, atravez de allianças com as melhores casas do Minho, até João Gonçalo Mosqueira de Montenegro, seu actual possuidor. Cheia de lendas e maravilhas, a Torre de Sortelha era orgulho de seus Morgados e inveja damninha dos solarengos visinhos, menos opulentos em linhagem e haveres.

— Porfiria, Porfiria! — chamou Anna Sancha — veja se trazem luz.

E logo um velho creado, com usada libré, onde desbotavam as côres da casa, entrou trazendo o candieiro, um jarrão de faiança azul da Figueira,

que atravez do quebra-luz verde-escuro entornava na saleta uma claridade mortiça.

— O pae acordou?

— Dorme ainda.

— E o sr. D. Simão?

— O sr. Morgadinho?...

— O sr. D. Simão! — retrucou, vincando uma raiva discreta.

— Ainda não veio. Tambem a noite!... Com este inverno e por esses caminhos... Diz o Zé Caseiro que já se não passa nas Mós e que o fidalgo ou volteja pelo Lourinhal ou fica na villa; que, ámanhã tambem, é a feira dos Onze.

— Fica, fica. Não tenha duvida a senhora Morgada — affirmou o padre capellão que entrára havia instantes e surprehendera a conversa. — Vae um tempo medonho. Fui ao lagar do azeite por môr de duas molduras para o senhor primo de Fontellas, e vi-me maluco para voltar.

Padre Balthazar era um homem mediano, forte, a cara redonda e vermelha, uma certa firmeza de caracter n'um frasear indeciso e piegas. Filho de lavradores abastados, ordenou-se por calculo na herança d'um tio egresso, e fôra dado a estroinadas e a intrigas. Inculto mas esperto, matreirote, dotava-se com a manha soez do laponio

na disciplina repensada do theologo. Tinha quarenta annos, um patrimonio farto e uma ambição desmedida. Viera para o solar havia dez annos, substituir o velho Padre Cabeçudo, mestre de latim e lithurgia, que uma indigestão de chispe com feijão-manteiga remetera, n'uma aziaga terça-feira d'Entrudo, para o divino tribunal. Agora feitorisava a casa, e, com a doença do fidalgo, tornára-se indispensavel, consolidara a situação, fechava nas mãos o dinheiro e o mando d'aquelle immenso casal.

— Pois como ia dizendo, o sr. D. Simão não virá... Com esta noite e com comicas na villa, não é elle que se aventura á caminhada.

— Que cabeça!

— Um devasso!

— Padre Balthazar!

— V. Ex.cia perdôe, mas eu só digo a verdade. O senhor seu irmão vae por mau caminho... E depois... — baixando a voz, debruçou-se um pouco sobre a mesa, e, seguro do effeito que iria produzir n'aquelle feitio de meuda avareza, confidenciou:

— Uma desgraça! Não ha dinheiro que lhe chegue. Ainda hontem o feitor dos fóros, que veio pelo praso das remissões, me disse em se-

gredo que o sr. D. Simão já empenhára os prasos de Deão. Que eu, qualquer dia, previno o sr. morgado ...

Anna Sancha ouvia enlevada as objurgatorias do padre, sorria discreta a um intimo pensamento que a absorvia na sua raiva surda contra esse doidivanas, que lhe roubára um logar no coração do pae, como já lhe roubára as terças no vasto casal que a mãe legára. Mas não se atrevia a formular uma queixa, a confirmar um alvitre, absorta n'aquella ideia dominadora, fremente, de poderosa ambição. Tinha trinta annos e era feia, fria, sacudida; sem enthusiasmos, sem ternuras, não conhecera as lisonjas da mocidade, não sentira jámais os encantos da vida. Na companhia dos paes crescera n'aquelle casarão, n'um isolamento frio, sem amigas, sem companheiros, sem pretendentes, n'aquella atmosphera gélida de grandeza medieva, entre paredes vetustas pejadas de recordações, tendo do mundo uma ideia imprecisa, tendo da vida uma visão errada. Cedo se fez mulher para os encargos da casa, para os cuidados e canceiras da governação, que a mãe lhe abandonára, já minada pelo mal. Muito devota, boa por dever, attendendo os pobres e cuidando dos creados, insinuando-se por

instincto, por calculo, no animo de todos, ganhára fama de boa, de desprendida, de santa.

Aferrara-se na religião como um refugio, no dia azedo em que mediu a fundo o seu destino ingrato de solteirona, e fez-se economica, sordida, ambiciosa, rapace, convencida de que só um dote chorudo a levaria a reger em algum solar distante, onde os seus bens iriam desempenhar os encargos pesados d'algum Morgado decahido. Até aos 12 annos a sua phantasia deslumbrou-a. Filha unica, mimada, foi o enlevo do pae, que a enchia de caricias e de dadivas, enthusiasmado com aquelle rebento do seu casal serodio, «com a sua Morgada, que seria senhora da melhor casa do Minho». E dizia-se até que o velho Mosqueira confidenciára um dia ao primo de Requião:

— Não fosse ella a Morgada... e eu a daria ao Rei para o seu filho. — E a pequena, que viera a saber do orgulhoso dislate, toda rejubilára em pomposa alegria. Mas quando o irmão nasceu, um intimo rebate de receio alvoroçou o seu coração juvenil. O pae perdera a cabeça com o nascimento do varão, que seria lustre da casa e continuador d'aquella raça de poetas e de heroes. E desde esse dia ella percebeu que descera no con-

ceito dos seus, que perdera — e não podia explicar-se — um direito, uma situação, emfim.

No dia do baptisado, na capella do solar, opulenta de luzes e de damascos, entre a assistencia selecta dos parentes e amigos, ouviu irritada a allocução do vigario da vára predizendo venturas ao novo Morgado, e soffreou lagrimas de cruel despeito ao ouvir, na pequena sachristia, a leitura do assento que o velho Padre Cabeçudo, por mandato do Abbade, lavrára nos livros parochiaes e, por ordem do fidalgo, exarára solemne com referencia copiosa ao Morgadio, nos tombos do solar. A sua alma recolhida, triste, sentiu o primeiro espinho; no seu coração irrompeu feroz a primeira emulação; um odio intimo borbulhou felino na sua vida, envelheceu a sua adolescencia, alargou a sua visão, subtilizou a sua perspicacia; e... invejou como se exercesse um direito, odiou como se cumprisse um dever. A primeira decepção dilacerára a sua alma, arrasára as suas illusões, postergára os seus direitos; e foi assim que, julgando-se espoliada, sentindo-se vencida, uma surda inveja a sacudiu e a fez mulher.

Anna Sancha fôra creada n'aquelle velho solar, onde a tradicção mandava despotica, como dona medieva, entre creadas que lhe contavam

lendas, açulavam o orgulho com o historiar constante da grandeza dos seus, ouvindo o pae, doente, gasto, um tanto desvairado depois da morte da mulher—D. Anna Violante de Menezes, da casa dos condes dos Arcos, que annos antes uma doença do peito lhe arrebatára cruel—não fallando mais que de velhas linhagens, muito cheio de sua prosapia, entregue aos cuidados da casa e ao estudo de nobiliarchia. Quasi sempre vivera na sua velha Torre, alheio ao mundo, extranho aos embates da politica, dado aos prazeres da caça e da estardiota, a vida egual, isolada, d'um velho castellão. Muito escravo da sua prosapia, muito senhor de sua fidalguia, deixára em Coimbra, onde cursara direito e onde vivera isolado, com creado de libré e copioso exibir de brasões, certa fama d'altivez e de ridiculo. Esquecera-se que o mundo voltára a face carrancuda ao absolutismo e que um germen forte d'ideas novas pulverisára velharias e ridiculos, e assim creára, mercê da sua independencia e da sua riquesa, no seu lar e na sua vida, uma atmosphera de grandeza, de vaidade, de castellania, que sendo ridicula no amanhecer do seculo xx, apertava aquelle lar, aquella familia, n'um circulo estreito, errado, antiquado e anormal.

Aquellas almas eram aberrações sociaes, eram vivos anachronismos que deformavam os seres. N'esse ambiente, fechado, triste, postiço, em relação ao tempo, mas sincero já pela força do habito e da tradição nos velhos, em resultado da educação nas creanças e nos creados, gerára-se aquella alma hibrida, fortalecera-se aquelle caracter arrevesado e velho, aberto a toda a ambição e a todo o delirio, abrigando sentimentos que a epocha condemnava, mas que aquelle retrocesso moral justificava e robustecia. Fizera-se mulher, por despeito, por ambição, por odio, longe da sua epocha, fora do seu ambito normal. Era o producto errado d'uma educação errada, tacanha, retrograda, deformada das suas naturaes bellezas; e o seu feitio moral gritava, salientava-se monstruoso e ridiculo, como se tivesse aparecido na villa proxima, de saia de balão e *mitaines* de seda, n'um dia qualquer d'elegancia domingueira, á hora da missa ou da musica na alameda, entre a legião mundana das elegantes provincianas de saias curtas e cabellos cortados, já civilisadamente enredadas nas tramas do *flirt* com janotas de botas á americana e jaquetões londrinos.

Boa?... Talvez... Mas uma bondade espe-

cial antiga, uma d'estas bondades orgulhosas que curava chagas por dever do vinculo, repartia esmolas por encargo airoso de boa regra de castellania. A sua alma de rapariga tinha sollicitudes de fanatica, ambições de *dueña*, invejas cruentas, odios, aspirações, vislumbres de auctoridade, de força, que estavam acerbamente em harmonia com aquella psycologia estreita de Morgada antiga. E odiava o irmão porque se sentia vencida, espoliada no que julgava seu, no seu sagrado direito de primogenìta, instinctivamente, mais por defeza que por odio, mais por necessidade de zelar prerogativas que propriamente pelo prazer villão d'odiar.

Padre Balthazar forçou então aquelle silencio, aquelle reservado cogitar, que só elle adivinhara porque, de sobra, remechida a alma nas confissões quasi diarias, soubera vencer aquelle feitio reservado, refractario a expansões, discreto por indole, cauteloso por calculo, aquelle marulhar d'ambições desmedidas, que só elle sabia lisongear, estimulando aquelle despeito, no intuito ganancioso de um dia se servir de tudo isso para consolidar a sua influencia de capellão-feitor, que a doença crescente do Morgado quasi sagrára já.

— Bem, bem, fallemos d'outra coisa... É boa demais... O seu dever era dizêl-o ao pae. Não quer... Santa alma! Era o seu dever... Mas... fallemos d'outra coisa. Esta manhã estive em Fornellos por causa dos pinheiros da Retorta; mas o homem não se chegou.... «que eram caros, que fallaria ao sr. Morgado».

— O pae, desgraçadamente, não pode fallar-lhe.

— Isso mesmo lhe disse, mas o homem, que é *turrão,* respondeu-me que procuraria o menino.

— Simão não tem que ver com a casa, por emquanto, pelo menos — e, com amargura azêda, accentuou a palavra irritante.

— Nem talvez nunca, se quizer... — e chegou-se para ella, segredou-lhe quasi — se quizer obedecer-me.

Anna Sancha ergueu-se n'um repellão d'orgulho, fitou o padre altivamente, franziu a bocca n'um vago azedume, mas logo com decisão:

— Sim, sim, isto tem de acabar, eu fallo ao pae qualquer dia; conto-lhe tudo, a sua vida, as suas loucuras.

— E as suas dividas.

— Dividas?

— E não pequenas! Só ao Queimada anda já por uns contos.

— Que horror! Um fidalgo d'esta casa dever ao Queimada, a um caseiro... Mas joga?

— Peor, peor para a sua alma, se a tem, o devasso! V. Ex.cia perdoará, mas aquillo é um demonio vivo. Mette pécoras em casa...

— Padre capellão!

— Perdôe-me a franqueza, mas é assim. Arrebanha-as na cidade e hospeda-as na casa dos caseiros. Agora tem elle uma mulheraça, toda pimpona e fresca — *vade retro!* —, um demonio tentador, que trouxe da cidade. Dizem por ahi que a roubou á familia, e o Simões procurador garantiu-me hontem, na villa, que a conhecia, que era menina de creação.

— Fidalga?

— Lá isso não... Era o que faltava! Mas é gente limpa, gente de meios; o pae é um advogado de Miragaia.

— Vou dizê-lo ao pae. Tamanha affronta... Trazer uma perdida para a nossa casa!

— Foi para a casa do Queimada.

— Para a nossa, para a nossa! O Queimada é caseiro, e aquella casa, Padre Capellão, é a honra dos Montenegros Fagundes. É a nossa casa!

— Mas...

— Nada, vou dizer! — ouviu-se o resmonear d'uma praga que Porfiria soltára sem querer.

Voltaram-se. A velha, colhida de surpresa, esfregou os olhos como se acordasse, disse três ou quatro palavras sem nexo, á tôa, e ergueu-se n'um espreguiçamento, fingindo que só agora os vira, para acudir pressurosa, n'um enleio manhoso:

— Ai, perdôe, perdôe V. Ex.cia. Adormeci... Foi o calorsinho e os achaques; mas... que querem d'uma velha? — e foi até ao canto da sala, desinteressando-se, remecher n'um cesto de costura.

Olharam-se os dois n'uma muda interrogação, receosos de que a velha, que julgavam adormecida, os tivesse escutado; mas logo Padre Balthasar affirmou mais baixo:

— Não ouviu... Lá preciso prevenil-o, é, mas com cuidado, com geito, porque a menor commoção...

— Tem razão, tem. E mesmo é capaz de não acreditar — cortou logo a fidalga, não attingindo a ideia do padre. — Tem uma cegueira por elle! Uma cegueira!

Voltou-se para a velha; e affavel, embora

encobrindo um secreto azedume, ordenou solemne:

— Olhe, Porfiria, mande pôr a ceia na mesa. O mano já não vem com certeza. — E emquanto a velha sahia, continuou:

— É uma cegueira! Lembra-se da pequena das Lages, que elle perdeu como um villão? Lembra-se? A familia jurou-lhe na pelle, e o primo Gonçalo de Jolda veio dizer que o irmão andava irritado, que fallava em vinganças, em tribunaes, em esperas. Pois o pae mandou o mano p'ra Coimbra e todo se irritou, praguejando contra tudo, contra todos, «como se um rapaz não pudesse divertir-se». E sabe o que disse, (que eu até nem sei se aquella doença foi castigo de Deus) o que respondeu? «Acommoda-se a rapariga com um eido, casa-se por ahi com qualquer lavrador... Que queres tu que o rapaz faça, Gonçalo!? Foi assim sempre. Donde vem essa gentuça que por ahi vive? Das fraquezas dos fidalgos. Foi sempre assim». O primo Gonçalo sahiu furioso. Mas agora é outra coisa. É mais grave.

— Eu cá por mim não lhe dizia nada por emquanto, ou mettia no caso o padrinho de Requião.

Fóra, no pateo, ladraram os cães, e logo depois entrou na sala a velha Porfiria, toda ufana, toda alegre:

— É o menino! É o menino!

— Vamos então cear. — E preparava-se para sahir quando Simão entrou alegremente, esfregando as mãos:

— Ora vivam! Salvei-me do novo diluvio. Que noite! E o pae? — disse, indo beijar a irmã, que lhe chegou a testa com frieza.

— V. Ex.cia com certeza molhou-se? — perguntou o padre, attencioso.

Simão olhou-o com indiferença, e n'um relampago aquelles olhares cruzaram-se aggressivos, n'um mutuo desdem.

— Abriguei-me na casa do Queimada... Foi o que me valeu. Nas Mós já se não passa.

Anna Sancha e o padre sorriram com repassada malicia.

— Está medonha a noite! Vae uma cheia d'arromba...

— Vamos cear — tornou Anna Sancha, impertinente.

— Vae indo. Eu vou aquecer as mãos — e dirigiu-se para a lareira, onde as brazas esmoreciam n'um latejar abafado e morno.

— É de rachar! E tu, Porfiria? Não tens frio? — e disse-lhe ao ouvido qualquer graçola picante, a que a velhota respondeu faceira:

— Súme-te, Demonio! Este sr. D. Simão, este sr. D. Simão!...

Anna Sancha sahira com Padre Balthazar, fallando baixo, dissimulando talvez comentarios aggressivos. Simão olhou-os, sorriu e, encolhendo os hombros, perguntou á velha:

— Então, Porfiria, foi tareia d'escacha?

— Ai, o meu menino nem calcula... Ella é boa, mas elle azoina-lhe os ouvidos. O que disseram! Benza-me Deus, mas até affirmaram que o menino tinha para ahi uma qualquer, na casa do Queimada, e que vão dizê-lo ao sr. Morgado.

— Canalha!

— Vão, vão. Aquelle Padre não traga o meu rico menino, não o traga... É mau passaro...

— Deixa, que eu desfaço-lhe o ninho. Se apanho o pae melhor, ponho-lhe tudo em pratos limpos e corro-o a pontapés.

De dentro a voz crua de Anna Sancha chamou de novo:

— Simão, não vens?

— Lá vou, lá vou! — e batendo no hombro

de Porfiria uma palmada amiga, affirmou sorrindo por entre os dentes:

— Deixa, deixa, que eu desfaço-lhes o ninho...

II

Dias correram na vida placida do solar. O Morgado peorára e quasi se não levantava, crivado de dôres, a razão fraquejando, num decahir lento e fatal. Passava os dias no quarto numa modorra imbecil, raras vezes cortada por uns lampejos de lucidez. N'esses momentos, a sua razão amortecida clareava um pouco, e uma restea d'interesse parecia prendêl-o á vida, tornava-o curioso de tudo, queria saber, conhecer do andar da casa, pedia os livros, exigia explicações. Chamava o filho, e com elle, agarrado ao seu braço amigo, vinha até á Torre, sentava-se á lareira, n'um velho cadeirão almofadado de velludo, e alli se empenhava em longas e serenas conversas sobre as fainas da lavoura, lembrava as podas nas fructeiras, a muda do morangal, aconselhava plantações e mergulhas nos vinhedos das quintas.

Simão respondia que sim, que sim, que fallaria ao José Feitosa quando elle voltasse do Lourinhal, onde presidia á zafra das lagaradas. Mas

o pae confrangia-se, porque aquillo eram desculpas. «Não, não, Simão não se interessava pela lavoura e nada faria», e n'aquella ideia que o desesperava dava largas ao seu mal estar, todo em queixumes, em recriminações.

Uma manhã, em que o seu espirito amanhecera claro, sem nuvens, como o ceu ensoalhado e puro d'esse dia limpido de sol, pediu ao creado que o levasse para a janella que olhava a paizagem magnifica do valle. Sentou-se n'um dos silhares de pedra, encostou-se ao parapeito e estendeu a vista pelos campos verdes matizados de ingenuas flores silvestres, como um lindo e caprichoso tapete de verdura. Admirou commovido aquelle recorte esplendente de pura e romantica paizagem, e correu a vista pelos pinhaes e serranias, demorando-se em extasis na contemplação enternecida d'aquillo que tão intensamente amava e constituira o scenario maravilhoso da sua existencia feliz. Da larga janella que uma velha columna em gemina recortava, marcando o canto da fachada, podia ver o pateo da lavoura, varrido, ensaibrado, os quinxosos alfombrados de matto fresco, os estabulos e celleiros, a adega e o lagar. Divisava logo, fora do olival verde escuro, uma boa parte das suas terras, os seus

campos de lameiro, as suas ribeiras fundas já semeadas de pão macho, rompendo debil e infantil da terra revolta e gorda de fartas adubações. Via longe os seus montados com talhões escarvados da rossa ou verdejando em ondulações de tojo forte, os seus pinhaes fechados, negros, soturnos, os seus lagares d'azeite fumegando em labor, as rodas vazadas dos engenhos espadanando espuma no estreito das reprêzas, e a sua alma vagueava feliz n'aquelle pequeno valle magnifico que era o seu enlevo e o melhor torrão do seu immenso patrimonio senhorial. Mandou chamar o filho, e pensou mais uma vez que era preciso interessal-o no amor e no trato das suas lavouras, para o aferrar áquella vida calma, regular e feliz, que fôra a sua vida de felicidade, de socego, de doce e virgiliana paz rural. E quando elle entrou, surprezo de o vêr á janella, alegre, bem disposto, rejuvenescido, perguntou-lhe se sahira, se aproveitara a manhã, e com magua ouviu a resposta de Simão que afirmou ter acabado de se levantar quando o creado lhe dissera que o pai precisava d'elle.

— A estas horas? Tu tens que mudar de vida... Mas não queres, não queres! — E como o filho afirmasse que recolhera tarde da villa,

onde fôra tratar dos fóros de Fontão, teve uma vaga alegria e logo aconselhou:

— Tens que entrar n'isto a serio, meu rapaz! Mais dia menos dia vêr-te-has a braços com isto tudo, e vae ser bonito. O Feitosa está como eu, com os pés na cova, e terás que te haver sósinho. Vae ser bonito! Lá isso vae! Tu a mandares, a reger nas semeaduras e nas podas, tu, meu letrado, meu poeta! Podias e devias aproveitar agora, ir aprendendo, ir praticando, ouvir o Feitosa, ouvir-me... Mas não queres... Não queres, e arripio, a pensar que um dia, quando eu fechar os olhos, abandonas isto aos caseiros e foges como os outros, como sempre, para a cidade tentadora.

— Oh! meu pae!

— Foges para a cidade ou ficas, mas a aborrecer-te, desinteressado, alheio, ignorante, nas mãos marcenarias dos outros, á mercê do primeiro feitor manhoso, do primeiro caseiro intrujão. E a nossa casa, as nossas terras abandonadas, irão de ruina em ruina até ao fim. Olha os nossos visinhos... Como elles teem os casaes, os vinhedos e as devesas! E lá longe, na cidade, no tumulto incerto e confuso da vida moderna, só pensam nas suas terras para lhe arrancar o

maior lucro, egoistas, cynicos, sem canseiras e sem amor. E tu és como elles. Não queres, não queres...

— Não quero?

— Não, sê franco, não; mas desgostas-me, desgostas-me com isso. Serás um dia o senhor d'esta casa e não saberás mandal-a, não saberás regel-a — azedára; nervoso, excitado, dava ás palavras um tom vago, ansiado de queixume, de suplica, de despeito, que acerbamente feriam o coração do rapaz.

Simão tinha vinte e dois annos e um optimo coração. Doidivanas, femeeiro, dado á esturdia e á jineta, era no emtanto simples como uma creança, amoravel e bom. Alto, moreno, elegante sem requintes, educado sem preciosismos, era affavel, attencioso e gentil.

Em Coimbra, onde poetara, acommetido da brotoeja litteraria, que vive idilicamente endemica nas suas ruas romanticas e nos seus decantados salgueiraes, deixára boa fama de Tenorio e uma saudade viva em cada companheiro, uma alegre memoria d'algumas farçadas d'espirito e d'outras tantas generosas expansões. Temido como valentaço que manejava o cacete com a mesma graça com que dedilhava na banza um

fadinho choroso e fadistão, tornara-se querido pela sua bondade, auxiliando os companheiros pobres, accudindo aos extravagantes foliões.

«A bem, dá a camisa» — dizia-se por toda a parte; e a sua generosidade era proverbial. Carinhoso, affavel, interessando-se pela miseria que attendia, pela desgraça que procurava minorar, o seu feitio expansivo, brincalhão, não resistia ao mais insignificante pedido. Era o primeiro a interceder pelos caseiros quando o feitor exigia as rendas, a lembrar esmolas para os pobres do logar. Apontavam-lhe loucuras, mas attribuiam-lhe bondades, e assim ganhára justa fama de caridoso e esmoler. Vivo d'espirito, culto, fallava simplesmente sem artificios, sem vaidade, aos creados e aos senhores.

— Não, o pae engana-se. Eu gosto da lavoura, interessa-me, e se não faço mais é porque...

— Não queres, não queres — cortou vivamente o pae.

— Porque me não deixam! — e ante o pasmo do pae que se erguera irritado, arrependeu-se, callou. O estado d'espirito do Morgado não permitia aquella revelação, e só por isso suffocára tanto tempo o seu despeito cruel, guardara mal-

quistado o segredo d'aquella humilhação, supportára, passivo, a attitude d'aquelle capellão despotico, que o vexava e oprimia.

— Não te deixam?!

— Não me deixam, meu pae. Contrariam-me por principio, vexam-me por calculo, humilham-me, impondo uma vontade contraria, sempre, sempre, em tudo e a todos.

— Mas quem?

De novo considerou no rumo da conversa que fatalmente terminaria pela fatal revelação.

— Não faça caso, não faça caso... O pae tem razão, eu não me interesso, eu não quero, eu não sei — fallava á pressa, articulando a custo, as palavras ennovelladas n'uma dôr suffocada; e nos olhos, lagrimas expontaneas, lagrimas de receio, de orgulho sacudido, scintillavam ternuras, marcavam o esforço immenso que fazia, guardando a sua vergonha, o seu despeito para o não affligir.

O pae fitou-o espantado, mergulhando o seu olhar tremulo de doente n'aquelles olhos leaes, francos, aguados d'uma magua callada a custo no intimo do coração.

— Não, não, perdôe-me! — e no emtanto sentia a necessidade instinctiva de gritar, de pro-

clamar bem alto, n'um desabafo, a sua queixa de homem humilhado, a affronta recebida. Mas logo verificava, assustado, que a verdade fatal iria abalar a saude já fraca, a razão seriamente combalida d'esse homem que elle idolatrava, d'esse pae generoso e bom que elle doidamente estremecia.

— Simão! Simão! — gritou-lhe o pae n'uma inquietação suprema. — Falla, falla!... Quem te impede? Quem te estorva?

E Simão, commovido, quasi chorando, correu para elle como uma creança, abraçou-o com frenesi, poisou-lhe infantil, ternamente, a cabeça sobre o hombro, e a mêdo, no receio fatal d'uma crise, o orgulho calcado, chicoteando-lhe a energia, cegando-o, articulou entre soluços, quasi mimalho, timido, n'um ansiar de creança amuada:

— O Padre Balthazar!

— O Padre Capellão? Mas que tem elle que ver para aqui? Diz a sua missa, confessa, faz o seu serviço de padre e mais nada, mais nada, está bem de vêr. Então que faz o Feitosa, que fazes tu? — E Simão contou-lhe rapido que o capellão, depois da sua doença, tomara o governo da casa, ordenara tudo. Era elle já quem dava a vez nos lagares, vendia os pinheiros, cobrava os

fóros, recebia as pensões. Andava por casa dos caseiros a dizer que só a elle se dirigissem; e os irmãos, os da Remelga, anunciavam nas vendas e nas feiras que o mano padre era agora quem dispunha de tudo. O pae, que perdoasse, mas elle desgostava-se porque, se mandava fazer alguma coisa, ou sahia o padre a contraria-lo, ou vinham os caseiros logo dizer que era preciso attendêl-o «porque muito queriam ao sr. D. Simão, ao seu fidalgo» mas como «era o padre quem *aquellava* agora», era preciso ouvi-lo. O Feitosa andava desgostoso, triste «que só por môr da doença do paesinho se não despedia», ainda hontem lh'o dissera na volta da feira.

Desvairado de pasmo, o fidalgo abraçou tambem o filho e, n'um repellão, ordenou:

—Manda-lhe um recado á Remelga, para que me venha fallar.

— Á Remelga? Mas elle vive cá em casa. Deve estar na livraria.

— Vive cá? Que venha depressa, que venha depressa! — e foi até á mesa, tomou de cima do tinteiro de prata uma campainha que agitou nervoso. Entrou logo o creado, e João Mosqueira ordenou-lhe que chamasse o Padre Balthazar.

— Sabes onde está?

— Está na Torre com a sr.ª Morgada.

— Qual Morgada nem meia Morgada! N'esta casa ha um Morgado, que sou eu, e um senhor que ha-de sêl-o, que é este! — e apontou o filho.

O velho sahiu apressado, callando uma funda irritação, porque n'aquella casa a creadagem dividira-se nas suas affeições: dum lado, a Porfiria, o Feitosa, o Queimada e quasi todos os caseiros, agrupando-se em volta do menino; do outro, o creado e o padre, o jardineiro e o Zé da Tulha enquadravam nas hostes da Morgada ambiciosa.

— Meu pae, meu pae, não se apoquente!... — mas não concluiu porque já da porta se ouvira a voz meliflua do padre pedindo licença p'ra entrar.

— Louvado Deus, senhor Morgado, que o vejo melhor.

— Mandei-o chamar — atalhou severo, n'uma calculada altivez — para lhe agradecer os cuidados que tem tido, mas tambem para lhe prohibir...

— Senhor Morgado!

— Calle-se, Padre Balthazar! Eu sei que é boa pessoa e que é bom padre; estimo-o e não tomo a mal, por agora, o que tem feito, que levo á conta de zêlo excessivo.

— Mas... — vermelho, apopletico, o padre mal podia reprimir a sua indignação. Sentia desabar o seu debil castello de projectos, a sua torre illusoria de combinações, de manhas surdas, o trabalho tanto tempo calculado, meditado passo a passo, dia a dia, n'uma infernal combinação. Mas o fidalgo proseguia excitado, feroz, os olhos vermelhos de furia, os labios seccos e sem côr.

— Os padres são para a egreja. Respeito-os, mas na egreja, no seu mister. Capellães feitores, não quero, não preciso. De hoje em deante, já que Deus não quer que eu possa, entenda-me bem, quem manda aqui é Simão, é o snr. D. Simão»!

Uma onda de sangue subiu á cabeça do padre, desandou-lhe o tino, deu largas ao odio secreto que lhe escaldava o coração. Desvairadamente vociferou n'uma defeza:

— São intrigas, sr. Morgadó, d'esse...

— Padre Balthazar! É meu filho. É o senhor d'esta casa!

— A senhora D. Anna lhe dirá, lhe dirá. É um devasso, um perdido...

Simão ia atirar-se a elle, mas o Morgado interpoz-se e, com indignação, reganhando forças idas, cerrou os punhos e avançou para o padre.

— Saia! Saia!

Anna Sancha viera, assustada com o altercar, e parára á porta, hirta, gelada, com semelhante attitude.

— Pae! Pae! — atreveu-se a dizer.

— Saia! Saia! — gritava o fidalgo, fóra de si, congestionado, o corpo tremendo num tiritar nervoso.

— Foi elle. Foi elle que lhe mentiu... — gritou Anna Sancha, desvairada.

— Foi elle!

Mas o velho revolveu-se n'um derradeiro tremor, correu para o padre, o olhar incendido, feroz, os punhos cerrados n'uma ameaça, como se aquellas palavras lhe tivessem desvendado um mysterio cruel, que não se atrevia a perscrutar; e, n'um desvairamento, desgrenhado, horrivel, com os olhos incendidos, os dentes rangendo, ia articular uma fraze quando as palavras se lhe emmaranharam na garganta, um tremor enorme o agitou, sacudiu, como uma rajada de vendaval açoita uma arvore decrepita, vacillou, vergou pela cinta, e, n'um rouco grunhido que eccoou presago pelo velho solar, cahiu de bôrco, fulminado, as mãos apertadas em curva, como se estrangulassem alguem.

— Mataste-o! Mataste-o! — exclamou Anna Sancha, emquanto Simão, tresloucado, doido, ajoelhava a seus pés, rasgava-lhe o collarinho e gritava, angustiado, n'um berro de pavor:

— Um medico, um medico, por Deus!

III

N'aquella manhã limpida e soalheira, padre Balthazar da Remelga, tragada a missa, desparamentara-se á pressa e, depois d'umas graças breves, subiu á livraria. Havia três dias que não vira Anna Sancha e que nada descobrira dos successos do solar. Sabia pelo Zé da Tulha que o Morgado não recuperara a falla e que Simão não arredava do quarto um instante sequer. Não pudera vir, porque fôra para Jolda, a um confêsso para a festa de S. Sebastião, orago da parochia, e por lá ficára cautelosamente uns dias, com pretexto de ouvir o prégador, um varatojano alentado, que «fazia chorar as pedras», dizia, assim mesmo, o beaterio delirado.

A congestão do fidalgo causára a mais funda impressão nas redondezas, e elle aproveitára o momento para fazer constar que João Mosqueira cahira fulminado depois d'uma azeda discussão com o filho. Vingava assim a humilhação soffrida, preparando o terreno para justificar o desaparecimento do testamento, que elle projectava

fazer roubar. Na manhã seguinte á discussão, o Feitosa procurára-o por ordem de Simão para lhe pedir a chave da tulha e o livro das pensões, que elle entregára logo, satisfeito, «por se ver livre do encargo», mas não podendo dissimular um despeito tremendo. A seu tempo viria a desforra, dizia-se prazenteiro, como a querer consolar-se d'aquella affronta, d'aquella vergastada brutal. Odiava Simão, odiava-o cegamente, com um odio cruel, feito de despeito, de ressentimento, pelo vexame pesado que soubera infligir-lhe; agachava-se para um dia saltar, gafrar, ferir, como um tigre que espera o momento azado de cahir sobre a prêsa para melhor morder e dilacerar. Foi por isso que se desfez em amabilidades com o feitor, que perguntou interessadamente pelo Morgado, «tão seu amigo, tão generoso, tão bom senhor». Elle era um amigo da casa, dizia compungido, sacrificára-se ficando alli, e, para os servir, regeitara uma abbadia rendosa para a banda dos Arcos. E afinal pagavam-lhe assim. Mas perdoava, perdoava como christão e como padre, porque finalmente o menino — e punha ironias crueis no terno chamamento — era no fundo uma creança, que se irritára por elle o contrariar. E no in-

timo a sua alma tresvasava odio, sofregava rancor.

«Se não fosse a sr.ª D. Anna, tão boa, tão caridosa, uma santinha, teria ido para sua casa, que tinha que lhe sobrasse, bons campos, boa adega, bom capoeiro, sr. Feitosa» ... e... sempre ao dispôr dos amigos — affirmava risonho. Mas assim...

O feitor olhara-o admirado, e, apesar da sua boa fé, com aquella manha arguta, que no camponio é um sentido a mais, tambem se mostrára affavel, contemporisador.

Padre Balthazar vira tombar n'um instante o seu trabalho de muito tempo; desmoronava-se-lhe n'um segundo toda uma serie complicada de projectos ambiciosos, que friamente estudara e cynicamente puzera em pratica, a mêdo primeiro, ousadamente depois. Valera-se do confessionario para se insinuar na alma fraca d'aquella rapariga ambiciosa, soubera lisongeal-a, conseguira impôr-se-lhe como padre, como homem depois, a quem sua dura sorte condoêsse. Adulava-a constantemente com elogios, fazia-lhe por toda a parte uma reputação de santidade, pintava-a como uma victima do irmão, desamparada, só, á mercê dos seus caprichos. Cercava-a d'attenções,

sabia fallar-lhe ao coração, alimentando-lhe esperanças de casamento, dizia-lhe mysteriosamente que este ou aquelle a pretendia, e assim hora a hora, dia a dia, soubera enredal-a na rede estreita da sua vontade, captal-a, rendel-a.

Tinha-a na mão, prêsa e bem prêsa, manietada por aquella ambição que elle açulava, apontando-lhe como um direito a inveja tôrpe; e no dia em que ella herdasse o grosso da casa, que vencesse afinal, elle seria o senhor d'aquillo tudo.

Antegosava essa hora n'um inebriamento fallaz, seductor, que lhe amolecia o resto de bom que na sua alma houvesse, e divagava, sonhando no seu futuro, pondo e dispondo, podendo engrossar o seu casal, ganhar consideração, importancia com os votos da casa ao seu dispôr, fazendo-se valer, elevando-se no conceito dos caciques, do Arcebispo, que o encheriam de benesses e de prestigio e lhe dariam, emfim, chorudo beneficio na velha cathedral. E tudo isso, tudo via ruir, esfarelar-se, perder-se, se não conseguisse n'um derradeiro esforço conjurar o mal. Era preciso salvar-se, era preciso vingar-se, sobretudo, d'esse creançola devasso que tão cruelmente o humilhára. O Morgado não arribaria mais, dizia-se satisfeito, e era pre-

ciso que esse testamento desapparecesse, era necessario, custasse o que custasse, beneficiar Anna Sancha, ajudal-a, enriquecel-a, para lhe merecer a gratidão, para a prender ainda mais. Desacreditára Simão aos olhos de todos, apontando-o como um perdido, um devasso, que não hesitaria mesmo em insultar o pae, e mandava os irmãos espalhar nas feiras e nos serões que o Morgado de Sortelha morria victima dos desvarios do filho.

Preparava assim a athmosphera para que um dia parecesse natural a falta do testamento, que invalidava a doação formal que muitos annos antes o fidalgo fizera em favor da filha. Mas, como realizar o seu intento, privado como estava agora, de andar pela casa a seu gosto? Sabia que o testamento estava guardado n'uma das gavetas do velho contador, no escriptorio do Morgado; sabia que a chave d'esse movel fôra escondida na escrivaninha do quarto; mas sabia tambem a impossibilidade que tinha de pôr em pratica o seu plano infernal.

Só ella, só ella, poderia fazer tudo se quizesse; mas receava propôr-lhe semelhante feito, conhecendo-a como conhecia.

Despida de ambição, Anna Sancha era boa,

dedicada, honesta, e não acceitaria de bom grado tão repugnante missão. Pensou até conquistál-a como mulher, excital-a, possuil-a, e, no desvairamento do delirio, ordenar, impôr; mas temeu da severidade honesta do seu caracter, da repulsa natural que encontraria. Pintar a comedia do amor? Perderia a sua influencia de padre, e n'aquella alma extranha que a inveja dominava, producto hibrido d'uma educação doentia, só o padre imperava, tinha valor.

Por momentos tinha lampejos de pudor, clarões de dignidade, e olhava-se horrorisado da sua baixeza; mas logo cedia á embriaguez do sonho, enganava-se, seduzia-se enumerando para si os serviços que poderia prestar á egreja se conseguisse impôr-se, se lograsse vencer. Deus perdoaria, que no fundo, mais do que pela vingança a tirar, tudo era por Elle, pela egreja, pela religião. E encolhia os hombros, ria, confortava-se, absolvia-se já, *ad majorem gloriam Dei*...

Era preciso tentar, e tentaria tudo para vencer. Correu a vista pela sala, olhou os retratos dos senhores d'aquella casa, solemnes nas suas armaduras, nas suas vestes de gala — *sombreros* emplumados, gibões negros onde o habito de

Christo sangrava, casacas bordadas, mosqueadas de comendas, e baixou os olhos, medroso, envergonhado como se aquellas lonas pintadas, symbolos d'uma familia, d'uma geração, d'uma raça, o fulminassem com um olhar morto, mas de maldição.

Anna Sancha entrou n'esse momento e respeitosamente o saudou. Não o tornara a ver depois d'aquelle dia terrivel, e sentia-se envergonhada, confusa, mal suportando o seu olhar. Emmagrecera e trazia os olhos vermelhos das canceiras, das vigilias, de chorar.

— Sr.ª Morgada, perdôe-me se não vim mais cedo e, antes de mais nada, diga-me como vae o sr. seu paesinho, que eu muito estimo e a quem perdôo a exaltação — fallava devagar, commovido, adoçando as palavras, dando-se ares humildes de victima resignada, suportando a affronta com falsa e evangelica caridade.

— Ah, sr. Padre Balthazar, como eu estou arrependida de não ter seguido os seus conselhos! Como sinto remorsos! Eu é que lhe peço perdão, por elle, por elle tambem, que é meu irmão, emfim...

— Eu já perdoei, já perdoei. Deus manda-nos ser caridosos com os inimigos. Já o disse ao

Feitosa, já o disse por ahi. É uma creança, uma creança má! Mas bem vê, se eu perdôo... pelo que me fez, se esqueço emfim aquelle mau bocado, aquelle enxovalho, não posso, não devo esquecer qual é o meu dever. Por V. Ex.ª, sr.ª D. Anna, por V. Ex.ª, que não pode ficar nas mãos d'elle. Se o sr. paesinho melhorasse... Mas, infelizmente, aquillo vae mal, muito mal,— ficou-se a olhal-a, meigamente, candidamente, n'um grande olhar fraternal e amigo.

— Preciso do seu amparo, preciso dos seus conselhos sobretudo! Não calcula o que tenho passado n'estes ultimos dias, por si, que soffreu, que foi insultado, offendido por me querer proteger. Hoje não pude ir á missa porque o pae esteve de todo; mas amanhã irei rojar-me aos seus pés, pedir a Deus que me guie, que me ampare, que me dê forças.

Padre Balthazar tomou-lhe as mãos, carinhoso, attento, teve palavras boas de caridade christã, ameigou-a como se acarinha uma creança, todo consolações, melifluo, sagaz.

— Deus ha-de guial-a, ou melhor, ha-de inspirar-me para que eu a guie. Tenha fé, tenha confiança em mim! Hei-de ajudal-a, hei-de ajudal-a. Não é por mim, que já perdoei, que já

esqueci; mas é o meu dever, o meu dever! — e desfiou um rosario longo de razões, para lhe salientar os seus direitos, para lhe fazer vêr que devia opôr-se áquella expoliação. Era a primogenita, era ella a quem a casa cabia, com as suas terras para a poder sustentar. Isto de morgadios, que desculpasse, era uma cantiga, agora que impias leis ha muito tinham derrubado a instituição secular, mas por isso mesmo os paes tinham o direito de ceder ao mais velho o que pudessem, para os garantir na continuação da casa, para que elles dignamente lhe succedessem na representação do nome, mantendo através do tempo, pela tradição somente, idos direitos de castellania. Era o que todos faziam, os lavradores até, que doavam as terças aos mais velhos para assim evitar o desbarato das partilhas, a pulverisação dos haveres no retalhar das successões, como unica maneira de corrigir a lei jacobina que tão fundo golpeara os direitos da nobreza contra a vontade de Deus.

—Era preciso inutilisar esse testamento, fazêl-o desapparecer — ante o pasmo de Anna Sancha, que atonita o fitava, tomada d'um verdadeiro panico, suffocada n'uma revolta surda, P.e Balthazar sorriu, levantou-se, foi até á ja-

nella e estendeu a vista pelos campos adormecidos.

— Tudo isto lhe pertencerá. Este imenso dominio que os meus olhos mal alcançam será o seu dominio. Será a mais rica herdeira das redondezas, e o seu oiro poderá semear a felicidade e espalhar o bem. Que lhe importa ter de subtrahir, esconder as derradeiras vontades de seu pae, vontades que a lesam nos seus direitos, que a prejudicam, que a espoliam?! Poderá casar com quem quizer, crear a sua familia, refazer a sua vida. O que foi a sua mocidade? Um constante sacrificio. Aqui metida, enfermeira da mãe, enfermeira do pae, enredada nos encargos da casa, a sua vida consumiu-se, a sua belleza murchou. Creia, elle proprio revogaria esse testamento; elle proprio, se o tino lhe voltasse, seria o primeiro a desfazer essa generosidade fatal.

— Mas é um crime! É uma villania! — affirmou irritada.

— Palavras! Palavras! Que mais tem que se apodere d'esses papeis, ou que tivesse conseguido que o pae os rasgasse, no momento em que lhe fizesse ver a vida horrorosa do filho? Porque elle rasgava-o, rasgava-o se soubesse... E ha-de

deixar ir todo esse dinheiro, todos esses haveres, para as mãos devassas de quem o vae gastar no peccado, na onda voraz de todos os desvarios, quando nas suas mãos poderia ser aplicado em obras generosas e pias? Crime! Crime! Roubar ao demonio o que a Deus deve pertencer não é crime, não é peccado, não é villania; é servir a causa de Deus, é servir Deus. Não se mata para o defender? Não era justa a guerra que levava a desolação, a pilhagem, a morte, aos lares infieis? Que lhe importa o processo, se a intenção é pura, se o resultado é santo e bom?

— Padre Balthazar, padre Balthazar! Eu não devo... não sei se poderei!

— Confie em mim. Tem-me sempre a seu lado, e se eu pudesse, sem despertar suspeitas, apoderar-me do testamento, não hesitaria, pode crer. Mas não, depois da scena d'outro dia, é-me impossivel, impossivel, entrar no escriptorio sem chamar as attenções. Lembrei-me de si, lembrei-me de si!

E sentindo-a fraquejar, vendo a sua vontade dobrar-se debil n'aquella fascinação, disse-lhe á pressa, n'um tom severo de commando, altivo como se mandasse, o logar onde encontraria a chave, o meio de a obter quando a sós re-

vezasse o irmão no quarto do pae. N'um segundo, abriria a escrivaninha, guardaria a chave; e, de noite, quando todos dormissem, elle mesmo a acompanharia ao escriptorio, abririam o velho contador. Ninguem poderia suspeitar, e não causaria estranheza que o testamento não aparecesse, porque o que corria na villa, n'aldeia, por toda a parte, era que o fidalgo fôra acometido de congestão, no mais azedo d'uma discussão com o filho. Elle se encarregaria de tudo, de tudo.

Tinha tudo preparado, medido, calculado, e no dia seguinte á morte do Morgado começaria a verdadeira lucta. Simão, depois, receberia a metade da parte livre, tinha os terços da mãe, ficava bem. É certo que teria de conferir — e para isso lá estava elle — as despezas da formatura, das viagens, as dividas que o pai lhe pagara no Porto por intermedio do Simões. Era uma continha, uma continha!...

Anna Sancha parecia hesitar; mas, fraca, indecisa, não sabia resistir á vontade imperiosa d'aquelle homem que a desvairava, que a seduzia; na sua alma cantava diabolica uma toada perfida de tentação, sentia os ouvidos, zumbindo, n'um estranho rumor, e contra si propria,

contra a sua vontade amollecida, uma voz intima segredava-lhe: vae.

Tinha de ser, tinha de ser. Não só por ella, mas pelo bem que podia fazer, pelo bom emprego que daria depois a esse dinheiro, era preciso arrancal-o ás mãos vorazes d'esse tresloucado, que só em loucuras e crimes o dissiparia.

— Mas... mas — atreveu-se ainda a dizer, fraca, já convencida, a querer fortificar-se n'um novo conselho, n'um novo incitamento.

— Eu não sei se poderei...

— Vamos, vamos, minha filha! É necessario, e depressa, depressa, na primeira ocasião. O snr. Morgado pode morrer d'um momento para outro, e depois seria peor. E não tenha escrupulos... Elle seria o primeiro a fazel-o se reganhasse a razão. É a sua vontade, é a vontade de Deus!

De repente, na antesala ouviu-se a voz arrastada de Porfiria:

— Snr.ª D. Anna, manda dizer o snr. D. Simão se pode ir para ao pé do paesinho emquanto elle vae almoçar.

— Está melhorsinho, snr.ª Porfiria? — interrogou o padre, mal dissimulando nos olhos um clarão triumphador.— A snr.ª Morgada vae já; vá

dize-lo, snr.ª Porfiria. E eu vou-me até á Remelga, que ainda é um *estirão*.

Porfiria sahiu desconfiada, e P.ª Balthazar, rapido, decidido, correu até junto de Anna Sancha, sacudiu-lhe o braço brutalmente, como a querer desperta-la d'aquelle torpor, congestionado, fora de si, os olhos faiscando raiva n'um fugaz e demoniaco clarão.

— Vá, vá! É Deus Nosso Senhor que lhe envia esta occasião. Não a perca. Eu logo volto. Se puder, se tiver tempo, vá ao contador... Até logo, vá! — e empurrou-a para a porta, soffrego, brutal.

No pateo a voz do sino cantou o meio dia, e da cosinha de lavoura subia o som cavo das resas, na homilia suave d'uma Ave-Maria d'oiro, de graça e de perdão, que a creadagem entoava antes de abancar. Fugidio, longinquo, resoava o eco em estertor: — Louvado seja Deus!

P.e Balthazar seguiu-a no corredor, passou pela copa, desceu á cosinha larga, fradesca, que atravessou, correspondendo ás saudações dos creados; e já refeito, calmo, de novo unctuoso, beato, persignou-se e, repartindo bençãos, saudou-os a todos tambem, com evangelica doçura:

— Louvado seja e para sempre!

IV

O quarto do Morgado de Sortelha era na ala esquerda do solar, uma peça quadrada de tectos altos, em caixotão lavrado com furos d'oiro velho que fechavam ao centro n'um rendilhado florão, doirado tambem. Nas paredes caiadas, com fendas dos vendavaes, alguns quadros cortavam a monotonia da cal polida, e n'um canto, sobre uma velha mesa hollandeza fechada d'encontro á parede, um espelho doirado, restos d'uma velha credencia, o crystal comido de manchas negras d'humidade, dava um ar requintado e taful. Junto á janella geminada com fartos silhares almofadados, um largo cadeirão d'Utrecht, vasio, moldava a sua sombra abandonada no soalho largo de castanho colorido de gengibre.

Do outro lado, em frente á porta almofadada, cravada de pesadas ferragens, uma escrivaninha de pau santo, embrincada de embutidos luzentes, bojuda, negra, tinha um ar severo d'altar, com a sua redoma larga guardando a imagem velha da padroeira da casa e dois

pesados castiçaes de prata cinzelada, com velas de cera, uma minuscula jarra de faiança com duas ou tres perpetuas negras e ressequidas. Uma enorme arca de castanho encerada, enleada de ferragens e pregarias, alinhava sinistra como se fora pomposo esquife de realengo pantheon. A cama occupava largo espaço da quadra, com o seu rodapé de cambraia folhuda, as suas columnas lavradas, torcidas em caprichos, cruzadas nas juntas de grossos cravos amarelos; a cabeceira larga vasada em bilros, em florões, recravada de metaes, subia altiva pela parede fechando em bico com a aguia heraldica dos Mosqueiras, abrindo as azas fartas aos pés duma Madona em vidro, encaixilhada n'uma larga moldura vermelha, pendente d'um grosso cordão verde escuro. Ao centro, n'uma pequena mesa de pé de garra, um tinteiro de faiança com uma pena de prata, erguida, altiva, como um pendão de guerra no cimo d'uma torre de menagem, quebrava a tristeza d'aquelle interior severo e frio.

O Morgado descansava no largo leito, estendido de costas, o corpo meio erguido poisando inerte e molle em largos almofadões de alvissimo linho, com margens folhudas d'en-

tremeio, onde a cabeça cahia mansamente. Uma longa coberta de ramagens vermelhas, berrantes, contrastava com o escuro das columnas e do tecto soturno e frio. Parecia dormir, os olhos cerrados dando á cara a mesma côr amarella e doentia, o cabello humido de suores d'afflicção empastando n'uma mecha grisalha sobre a testa franzida de rugas. Anna Sancha, encostada á mesa, seguia attenta aquelle somno, cortado apenas por um arquejar enfermo, onde bem se distinguiam os haustos ansiados d'um coração opresso. Duas vezes já se approximara da escrivaninha, e duas vezes recuara assustada com o menor ruido, convencida de que o pae a pressentia, porque no momento em que lançara a mão para a tampa e correra a aldraba polida, parecera-lhe que um ronco mais forte se fizera ouvir. Sugestão, medo, dizia-se, mas sempre que se voltava para o lado do movel o pae mexia-se ou roncava mais forte. E pensava desistir, envergonhava-se, assustava-se, sacudia-se, tremula e medrosa, uma restea de caracter borbulhando intimo; mas nos ouvidos zumbia-lhe a voz aspera do Padre, e pelos olhos passava-lhe de novo uma onda torva d'ambição. Pedia a Deus que a inspirasse, que lhe desse um indicio, um signal que a

detivesse n'aquillo que ella julgava um crime, mas um crime que por honra e amor de Deus se dispunha a cometer. Porem um vazio enorme enchia a sua alma, e a vaga ambiciosa que sempre incitara a sua inveja, sacudira a sua ambição, fluctuava tentadora e interesseira.

De novo, n'uma decisão, voltou ao movel. Tremendo, dominada por um oculto poder, cega por uma ambição torpe, abriu a tampa larga que rangeu, correu as mãos, a cara meia voltada para a cama, ao acaso pelas pequenas gavetas, e rapida, ao encontrar o batente, voltou-se sofrega. Verificou ser aquella, abriu-a nervosamente e lá viu a pequena chave amarella sobre uma ruma de papeis. N'um pavor instinctivo, quedou-se a olhal-a, n'uma extranha fixidez, inerte, sem poder resolver-se, quando ouviu um soluço mais distincto. Apertou-a soffregamente nas mãos, passou d'esguelha pela cama, sem olhar o pae, e foi ao escriptorio, todo em sombra, com as janellas fechadas, vasando apenas pelas frinchas uns frouxos raios de luz; acercou-se do contador, contou as gavetas, tacteou-as, n'um tremor de frio e de medo, n'uma ansia torpe, ambiciosa e gatuna. Puchou-a para si, remexeu, garrou um largo envellope, apalpando os sellos do lacre, e

meteu-o rapidamente no peito, entre a camisa e a carne que palpitava oppressa n'uma ansia desconhecida; fechou de novo a gaveta, tirou a chave e voltou ao quarto do pae, direita á escrivaninha, direita ao pequeno escaninho que fechou, cerrando em seguida a larga tampa. E quando, n'um ah de satisfação, de jubilo, de revolta, de nojo por si propria, sentindo um peso, uma impressão nova de desalento e de dôr, se voltou, viu o pae soerguido no leito, os olhos abertos, sinistros, esbugalhados, scintillando odio, horriveis, chammejando furias ignotas, um dos braços distendidos, a mão cerrada na direcção da escrivaninha, como se indicasse a Deus que sómente o via e vira aquillo tudo, a suprema dôr, a suprema vergonha da sua existencia, a que não poderia resistir.

Anna Sancha recuou horrorisada, entendeu aquelle gesto presago, vingador, aquelle braço estendido, hirto como um anathema vivo, emquanto que da bocca, entre uma massa d'espuma negra, sahia um ronco estentorico, brutal, ameaçador. E subjugada, perdida, não podendo gritar, sem forças para fugir, pregada ao chão, tiritando, os dentes batendo n'um frio de morte, viu que uma derradeira convulsão sacudia aquelle

corpo, que aquelles olhos embaciavam, e teve a noção exacta de que, tendo recuperado o entendimento, seu pae vira tudo, comprehendera tudo, fizera um esforço sobrehumano para gritar, para impedir aquella monstruosidade, mas, sem poder resistir á comoção hedionda, sacudira-se, inteiriçara-se, o coração extinguindo-se n'um hausto derradeiro, a bocca articulando n'uma derradeira energia: — Mal... di... ção!!

E subito cahiu inerte sobre as almofadas, as mãos garrando as rendas do lençol no arrepelo extremo, os olhos esbugalhados, vitreos, fulminando, fulminando...

Apavorada, doida, sem resistir á funda comoção d'aquelle ronco sinistro, fraca na remissão cruel do tremendo esforço empregado, da forte coragem dispendida, soltou um grito enorme, agudo, cortante, um brado de pasmo e de soccorro e cahiu desmaiada, aos pés da larga cama torneada, onde João Gonçalo Mosqueira de Montenegro, Morgado de Sortelha, Donatario de Fontellas e Serêm, Senhor de honras e vinculos na Gallisa e no Minho, morria de vergonha, vendo a sua raça degenerar gatuna n'um roubo de villões...

V

Ainda o sol primaveril doirava o cabeço dos cerros, madrugava epico no escuro das devesas, nos pinhaes e nos olivedos sombrios, já Simão, de pijama de seda, subira á livraria do solar.

Viera cedo, aos primeiros alvores, para a rebusca dos tombos e dos prasos nas largas caixas de lata pintada, alinhadas na estante fradesca, ao lado das escripturas e dos formaes. Dias antes chegara de Requião o tio e padrinho, Simão de Montenegro, para o ajudar, porque na manhã seguinte viriam da villa o Simões procurador, o Ferraz tabellião, para decidir das partilhas que Simão desejava ultimar. Havia três mezes que o morgado de Sortelha expirara de repente, no largo leito armoriado, com um certo mysterio que ninguem soubera explicar. O medico, que só pudera contastar a morte, affirmara solemne que só uma evidente comoção determinaria a surpreza fatal. Deixara-o horas antes, em estado grave mas sem perigo imediato, o coração «e grande coração aquelle!», funcionando bem,

calmo, viril, sem um symptoma que alvoroçasse, sem uma suspeita que pudesse indicar aquelle proximo fim. Anna Sancha, a unica talvez que poderia elucidar d'aquella agonia subita, fôra encontrada sem sentidos aos pés da cama e estivera dois dias n'um estado de prostração que não permitia uma pergunta. Depois, já refeita, mas ainda sob o peso d'aquelle momento fatal, não soubera explicar e, atrapalhada, comovida, fornecia dados sem nexo, fixava detalhes pueris e, entre soluços, fora de si, n'um pasmo, n'um pavor dizia «que tinha ido á janella, quando um grito agudo, feroz, unico d'ansiedade, d'agonia, resoou no quarto, a fez voltar para o leito onde o pae já se revolvia, suffocado, a expedir» ... Depois desmaiára, e não podia, não sabia, não se lembrava mais; e no meio de grossas lagrimas, n'uma sincera afflicção, terminava sempre por dizer «que não sabia, não sabia» ...

Um certo mysterio, presago e negro, envolvia aquella morte; e lá fóra, no adro e nas vendas, rumorejava-se, rumorejava-se, em invenções, malicias de soalheiro «que havia coisa, que havia coisa, que a hora do fidalgo não chegara por seu pé» dizia sentencioso o mestre escola de Calvos; e mais, e mais, que o beaterio impingia

á sahida da missa, que os lavradores, com risinhos de malicia soez, francamente insinuavam.

Anna Sancha aparecia pouco, recolhida na sua dôr, alheiada á governança da casa, faltando á missa, fugindo ao convivio, preferindo estar só.

Evitava o irmão, mas nas raras vezes que o trato das partilhas, o cuidar da lavoura e dos negocios, os obrigava a conversar, mostrara-se affavel, terna, delicada mesmo, concordando com tudo, n'uma indifferença pensada, n'um calculo frio; e Simão, que levava á conta de delicadeza aquella attitude que elle não ousara sonhar, nos ultimos tempos de hostilidade aggressiva, redobrava de ternura, procurando consolal-a com palavras, compensal-a com generosidades, offerecendo-lhe as melhores terras e as melhores joias. Como não aparecia testamento, prevalecia a primitiva disposição paterna, que legava á primogenita, o terço da casa, onde se encabeçava a Torre de Sortelha, os moveis e as alfaias, as pratas e as tapeçarias, e para Anna Sancha seria a maquia grossa d'aquelle imenso casal. O irmão, uma tarde que fallara de partilhas, dissera-lhe que achava bem, que ella encarregasse alguem de acompanhar os louvados, e lembrara-lhe o Simões procurador; mas ella dignamente respondera

que se entregava nas suas mãos e daria por bom e valioso o que elle fizesse.

Simão, surpreso, enleado, arrependia-se até de certo dia ter pensado mal da irmã, que no fundo era delicada e boa e, redobrava de interesse, de isempção, de escrupulo no organizar dos quinhões para a partilha. Pedira ao tio para o aconselhar, para o ajudar, para lhe indicar louvados escrupulosos, honestos, «porque queria tudo bem avaliado, tudo direito, honestamente». E a tal ponto levava a sua meticulosidade, tanto interesse mostrava pelos interesses da irmã, que o tio até lhe condenara tamanha isempção, que redondaria em seu prejuizo.

— Deixe, deixe, tio Simão! — dissera, dizia sempre — para mim chega... Ficam-me a casa dos Arcos, os bens de Coura, os fóros, os engenhos do Lourinhal. E depois... — e todo se ufanava, sinceramente, franco, como a querer esquecer-se que o pae o lezara — eu tambem tive os terços da mãe. É um casão, um condado! É pena ser tão longe. Gostar por gostar era d'isto... mas um homem é para o mundo!...— e o tio, com as lagrimas nos olhos, tivera apenas uma resposta: abraça-lo amigamente.

Anna Sancha quasi não aparecia, sumida

no seu quarto, os dias, as noites, chorando, chorando, n'um acabrunhamento cruel. Já inquietava aquelle estado de alheamento, aquelle constante carpir, agravando-se longe de calmar, irritando-se, n'um crescente estado de afflicção e de pesar. Pela callada da noite, a sós com o seu remorso, tinha visões lugubres, sinistras, via o pae na hora extreme, amaldiçoando-a, fulminando-a, aquelle olhar vitreo, feroz de moribundo, scintillando nas paredes do quarto, um echo sinistro d'aquella maldição resoando no corredor, agressivo e presago.

Accendia a luz, afflicta, soffocada, coberta de suores, o corpo n'um tremor convulsivo, a alma n'um espasmo ansiado, e a visão mantinha-se, aquelles olhos dançavam na penumbra dos cantos, agudos, metalicos, ameaçadores. Metia a cabeça debaixo da roupa, mas mesmo alli sentia o frio mortal que aquellas duas pupilas iluminadas projectavam na sua alma, ferindo-a, lacerando-a n'um golpe frio e certeiro. E chorando, tremendo, não atinando com as rezas a que pretendia amparar-se, erguia-se de chofre e ia ajoelhar no velho genuflexorio almofadado, aos pés d'uma grande copia da Virgem de Murillo, e, de olhos erguidos n'uma suplica, as

mãos apertadas, nervosas, n'uma prece, implorava perdão, pedia forças para esquecer. Mas, mesmo assim, como por encanto, aquelle olhar piedoso e doce illuminava-se, desfigurava-se n'um clarão e, o mesmo olhar de rancor, de ameaça, de sentença, que ella vira horrorisada nos olhos moribundos do pae, tomava posse d'aquelles olhos piedosos, de amor e de perdão.

E a rezar e a chorar, enrodilhada como um farrapo, assim ficava longas horas até que ao romper do dia, quando a manhã entrava alegre, amparadora, pelas friestas da janella larga, um somno pesado de cansaço a vencia, afinal.

E uma noite, outra, sempre, o mesmo pavor, a mesma ansiedade, dominavam a sua alma fraca, onde um remorso surdo roía e minava vingador.

Depois, mais refeita, mais tranquilla, levava horas longas a pensar... a pensar no seu crime. Attentava na generosidade do irmão, cercando-a de carinho, zelando os seus interesses, sem despeito, sem má vontade, sem uma queixa. Vía-o expoliado mas via-o contente, resignado, quasi feliz. Padre Balthasar de quem se lembrava com odio e com medo, não aparecia no solar. Viera para o enterro, para as cerimonias, mas evitara

depois conversas e visitas, sempre a desculpar-se com uma gotta impertinente que o prendia na Remelga.

Mas uma tarde, que viera por uns instantes para a entrega d'uns prasos, procurara Anna Sancha e mostrara-se triste, arrependido, pesaroso, como a querer alijar a carga pesada de remorso, de cumplicidade n'aquella morte fatal.

— Quem supunha, quem supunha! — dizia atrapalhado, evitando olhá-la, fugindo-lhe tambem.

E em visões de pavor e remordidas lembranças dobavam-se os dias no triste solar.

VI

Simão accendeu um cigarro e deixou-se cahir n'um amplo cadeirão de sola lavrada com larga pregaria.

— Basta por hoje, que já ganhamos o dia...

— Se ganhamos, meu rapaz!... Esse praso vale a questão. Que venham lá os da Lagariça pleitear pelas aguas! Agora é que é dar-lhes na cabeça...

— Não se atrevem... Mas como os engenhos ficam para a mana, eu queria tirar tudo a limpo. Vou almoçar com mais apetite... E se dá licença... vou-me vestir...

— Pois avia-te... Eu vou até ao pomar, caturrar com o Feitosa e vêr se lhe apanho as sementes de melões — e levantando-se do canapé de palhinha doirada, foi á larga mesa buscar o chapeu braguez e lepido, fresco, nos seus sessenta e cinco, e no seu jaquetão curto de marialva sahiu cantarolando uma modinha do seu tempo!...

Simão tirou outro cigarro, bateu-o na cigarreira pollida, accendeu-o, sorveu soffrego

duas ou tres fumaças, e, espreguiçou-se molle, n'um bocejo de fadiga, quando Anna Sancha transpoz a porta estreita que dava para a sala dos retratos e, abafadamente murmurou:

— Simão...

— Annica, Annica! o que tens?— voltou-lhe o irmão surpreso d'aquella ansia, ao vê-la, hirta, espantada, amparando-se á porta, como uma estatua do pavor.

— O que tens, o que tens?

— Preciso fallar-te. Perdoa. Vae ser doloroso para os dois, horrivel mesmo. Mas é preciso, é! Não tentes demover-me! — e arrastando-se correu as portas, fechou-as, cautellosa, a medo.

Simão olhava-a, espantado, surpreso d'aquelle mysterio, d'aquelle abatimento, sem se explicar a razão intima que minava, roia aquelle corpo magro, definhando, mirrando de repente.

— O que tens? O que tens?— repetiu preocupado, um sinistro rebate de desgraça oprimindo-lhe o coração. Mas Anna Sancha voltou ao meio da sala e, n'um violento esforço, olhou-o de frente. Horrorisava. A cara magra, esqualida duma côr doente de pergaminho, vincada por olheiras fundas, apoucara-se, sumira-se, os olhos perdido o brilho, quietos, fixos n'um assombro.

O corpo emmagrecera tanto que se perdia no vestido largo vasio de carne, como um pobre manequim. Envelhecera, gastara-se, estatua viva d'uma dôr severa, pasmada, sem viveza, sem expressão, attonita, sob o dominio cruel d'um torvo pesadello.

—Ouve-me, Simão. Por ti, por mim, retardei esta hora. Luctei para me vencer, dominar esta vergonha, ganhar força, alento, para te dizer... só Deus me guiou!... E não calculas o que eu soffri, o que eu soffri!—e as lagrimas cahiam-lhe pela cara, continuas e crueis, ante o pasmo de Simão que, mal podendo articular, a fitava apavorado.

—Tem que ser—disse, n'um esforço, cerrando os olhos, reganhando a vontade, que uma commoção profunda parecia gelar.—Tem que ser. Amanhã sahirei d'esta casa. Não pasmes. Sahirei. Como vem o notario, dar-te-hei uma procuração, para tratares de tudo. Não tentes demover-me. Sahirei. É uma resolução pensada a frio, serenamente. Pensei tudo, tudo. Resolvi.

Marcava uma resolução, nervosa, firme, vincando as palavras, resoluta, decidida.

—Irei para Hespanha; quero professar... Mas antes, antes, devo entregar-te, a ti, só a ti—

e tremula, n'uma excitação crescente, tremendo, soluçando, circumvagou a vista pela sala, acercou-se d'elle e baixando a voz n'um medo subito, n'uma vergonha intima, continuou: — A ti... o que roubei, o que roubei, Simão! Não me perguntes nada, não me martyrises, não me interrogues. Perdoa-me se podes, mas não me envergonhes mais! — e, n'um tremor, estendeu-lhe um enveloppe lacrado...

— É o testamento do pae! — e convulsa, chorando, cahiu-lhe aos pés.

Simão teve um repellão de colera, de nojo, e, instinctivamente, o seu pé roçou aquelle corpo n'um despreso; mas logo a sua alma apiedou-se, o seu coração condoeu-se e, olhando commovido aquella ruina, aquelle trapo, tremendo, miseravel servil, enrodilhado, sem pensar na monstruosidade, no crime, que tudo explicava agora, viu apenas que aquella mulher soffria, que era sua irmã, criminosa ou não, repellente ou sublime, alma feminil vergada ao peso d'uma dôr brutal. E manso, sollicito, ergueu-a com carinho, ameigou-a, cingindo-a n'um abraço meigo como outr'ora na adolescencia longinqua, mimalhavam os dois aos pés do pae.

— Desgraçada! Desgraçada! — e já refeito to-

mado de repente por uma idea subita que o acabrunhava, vislumbrando n'um relance de pavor a morte do pae, não resistiu que baixinho, açorado, a medo quasi, não perguntasse:

— Mas?...

— Tinha... — affirmou suffocada, chorando as letras.

— Mas então?

— ??!

— Tu?! Tu?

Desprendeu-se d'ella, abafou o resto da pergunta com vergonha e com rancor, com piedade e com repulsão. Todo o pavor horrivel d'essa morte lhe passou pela mente desvairada, sacudiu-o, agitou-o, e uma onda de vergonha subiu-lhe á cara n'um afogueamento, n'uma intima aversão, ennovelou-se-lhe na garganta, suffocou-o, estarreceu-o. Pallido, tremendo, teve um instante fugidio de repulsa, mas de novo a bondade da sua alma imperou e venceu. Anna Sancha encostára-se á mesa, espantada de semelhante altitude, o remorso avolumando, ferindo mais, ante aquella generosidade piedosa, que lhe mostrava a grandeza do seu crime, marcando acremente a grandeza d'aquelle coração. E quanto mais elle procurava tranquillisal-a, terno, atten-

cioso, bom, olhando apenas a sua dor, esquecendo e fazendo esquecer, no intimo da sua alma, um peso brutal, um remorso immenso avultava, trepava, crescia, n'um hausto recondito, suffocante, até á garganta apertada no tremor nervoso dos soluços.

— Perdoa-me, perdoa-me, Simão! — suplicava Anna Sancha, as mãos erguidas num gesto humilde de misericordia. — Perdoa-me, perdoa-me.. que a sua alma me perdoe tambem! Amanhã começarei uma outra vida. Professarei na ordem das hospitaleiras e procurarei, sacrificando-me, soffrendo, longe de tudo que amei, longe de ti que hoje idolatro, crê, vergando o meu orgulho, esmagando a minha vaidade, na humildade e no esquecimento, resgatar-me, vencer. O meu orgulho cegou-me, a minha vaidade perdeu-me. Pois é esse orgulho que eu vou escravisar, é essa vaidade que procurarei amarrotar nos serviços mais infimos, nos sacrificios mais duros, nos hospitaes entre pustulas, entre chagas, entre horrores, engolfando-me na dor, na miseria, na desgraça, para encontrar uma dor maior, uma desgraça maior!

Novamente uma convulsão agitou-a e, já sem forças, amparou-se ao irmão que chorava n'um

amargo absorvimento, a sua alma debatendo-se n'uma dualidade terrivel: uma sêde natural, instinctiva, de vingar tantos annos d'affrontas, de vexames, uma ancia enorme de perdoar e d'esquecer...

E abraçou-a, suffocado tambem, vertendo lagrimas sinceras, amparando-lhe a cabeça, embalando-a quasi na toada mansa que a sua alma recitava ungida n'um murmurar grave d'oração.

— Perdoo-te, perdoo-te, porque soffreste, porque te resgataste chorando, porque te amo tambem.

Um silencio amargo vagou na serenidade augusta d'aquelle instante de terror, deixando ouvir apenas o latejar oppresso d'aquelles corações unidos, pela primeira vez, na mesma fé viva e redemptora.

E como o velho sino cantasse então na sineira da torre, o meio dia, compassado, triste, marcando n'aquelle abril já quente e primaveril um momento de descanso, de calma nas canceiras do dia afadigador, nos largos campos revolvidos pelo arado para a gestação fecunda das searas, onde a vida despertava epica, nos rebentos das fructeiras e das vinhas, que uma serena paz virgiliana envolvia aquella paizagem ardente

enquadrada na larga janella de gemina, Simão apertou-a contra o peito, beijou-a na testa, meigamente, mansamente, como se aquelle beijo marcasse, n'aquellas existencias revoltas, a sua hora serena de paz, o instante de calmo repouso, para tanta desgraça e tamanho horror.

Grades Verdes,
Maio de 1925.

Biblioteca Civilização

DIRECTOR: DR. CAMPOS MONTEIRO

Colecção de pequenos romances nacionais e estrangeiros

CADA VOLUME . . . . 2$50

VOLUMES PUBLICADOS:

1.—**Perdão tardio,** novela regional por *Campos Monteiro.*

2.—**A primeira Dulce que houve em Portugal,** novela histórica por *Silva Tavares.*

3.—**O Vingador,** novela histórica por *João Grave.*

4.—**A verdadeira mãe,** novela por *D. Ana de Castro Osório.*

5.—**O Patriota,** novela militar, por *Rocha Martins.*

6.—**Páginas da vida,** por *Lourenço Cayolla.*

7.—**Martírio de noiva,** por *Eduardo de Noronha.*

8.—**Uma noite de Cleópatra,** por *T. Gautier.* Tradução portuguesa de *Campos Monteiro.*

9.—**Sem amor,** por *D. Aurora Jardim Aranha.*

10.—**A Morgada de Sortelha,** por *José de Faria Machado.*

11.—**A Morte redimida,** por *Ferreira de Castro.*

12.—**O jogo da morte,** por *D. João de Castro.*

Campos Monteiro

MISS ESFINGE

Romance (3.ª edição) . . . . . 10$00

. . . . . .

Miss Esfinge revive nas suas páginas pedaços de história do Porto estroina e galante de ha sessenta anos, recordando os episodios das luctas politicas e civis do constitucionalismo, e põe em foco personagens de nomeada na politica e na literatura, representada esta no seu vulto mais ilustre, o genial romancista **Camilo Castelo Branco,** que no romance desempenha papel preponderante.

Narrativa ao mesmo tempo impressionante e sentimental, **Miss Esfinge** tem paginas admiraveis de descritivo, como esse dramatico capitulo **Uma noite tragica,** que é dos trechos mais impressivos, empolgantes e arrebatadores de toda a novela, bastando por si para definir a tempera de um escritor do talento do Sr. Dr. Campos Monteiro.

MOEDA CORRENTE

Crónicas e contos humoristicos . . . . 10$00

N'esta interessante colecção de narrativas e diálogos humoristicos, versando os mais variados temas, o autor passa em revista, com uma nitidez de *cliché* fotográfico, tipos e episódios da sociedade actual, tão cheia de ridiculos e de aspectos cómicos. **Moeda corrente** é a crónica faceta da época de dissolução e banalidade que sucedeu á Grande Guerra. E é talvez, de todos os livros de Campos Monteiro, aquele em que o distincto escritor revela mais fundamente as suas faculdades de observador e de critico... Quanto ás de prosador, basta citar o conto *A felicidade,* que é perfeitissimo, como se não escreve melhor na Europa.

A OITO DIAS DE VISTA

Crónicas . . . . . 10$00

SAUDE E FRATERNIDADE

Sátira politica. 20:000 exemplares vendidos em Portugal — 9.ª edição **definitiva,** completamente remodelada, inserindo 22 caricaturas e a do autor, a cores, no frontispicio e capa. Desenhos de Amarelhe . 12$00

Os vinte mil exemplares vendidos em menos de três meses falam bem alto do valor d'esta obra, que foi o maior sucesso de livraria que tem havido em Portugal. Trabalho

de admirável ironia política, no qual se faz a história futura do período que vai de agosto de 1924 a novembro de 1926, na vigencia da republica radical e do bolchevismo, *Saude e Fraternidade* espalhou-se rápidamente por Portugal, colónias e Brazil, fazendo rir — e pensar — todos que tiveram a ventura de o ler. E' que sob aquela forma risonha Campos Monteiro mostra perigos que estão muito longe de serem imaginários, e, revelando fundos dotes de observador, poz em jogo pessoas e acontecimentos, tirando, das premissas estabelecidas, conclusões absolutamente lógicas, «Panfleto terrivel» chamou a esta obra um grande jornalista.

VERSOS FORA DE MODA

2.ª edição . . . . . 5$00

Livro encantador pela expontaneidade da ideia, pelo burilado da fórma, pela candura quási religiosa que o inspirou, e sobretudo pela sinceridade com que foi escrito. Ha n'ele pequeninos quadros regionalistas, doces tonalidades de aguarela que revelam, além do poeta de intensa sensibilidade, a fantasia brilhante de um pintor.

Não há meio de escolher n'este adorável volume. Todas as poesias que o formam são animadas por uma beleza superior.

MUSA IRÓNICA

Monologos e contos em verso (2.ª edição) . 8$00

Um livro delicioso pela graça. Versos de uma técnica irrepreensivel... E' um ramilhete bizarro de poemetos, contos e monólogos, esfuziantes de ironia singela e viva, revelando a mão de mestre que a traçou, e nos quais o artista acamarada superiormente com o poeta... Através de todo o volume, desde o mais insignificante monólogo até á blague catralizada para fazer rir o público, o poeta e o comediógrafo, o literato impecável e o autor dramático aplaudido transparecem.

QUANDO SE AMAVA ASSIM

Peça em verso. . . . . 8$00

Comédia regionalista, apresentando-nos a vida transmontana dos meados do século XIX, repassada de um sôpro intenso de idealismo, há nesta peça scenas encantadoras. Em *Quando se amava assim*, que tanto pode ser representada num palco como numa sala, a fluência e a elegância dos versos só são egualados pelo profundo conhecimento da carpintaria teatral que fez de Campos Monteiro um dos nossos primeiros dramaturgos.

O CRIME DUMA MULHER HONESTA

Drama em 2 actos. . . . . 2$50

A PROMESSA

Peça em verso. . . . . 2$50

AUTO DAS TRÊS BARCAS

4 quadros em verso . . . . . 4$00

OS LUSÍADAS

Parafraseados e com 2:660 anotações, edição para as escolas, belamente encadernada . 20$00

PERDÃO TARDIO

Novela regional . . . . . 3$00

Campos Monteiro está sendo um nababo literário. Da sua pena brotam, a cada passo, joias raras de variado fulgor e variado aspecto. A poesia lírica, a sátira em prosa, o conto e o romance... N'esta última espécie se filia o **Perdão Tardio**, de pungentissimo enredo, desenrolado na nossa província de Trás-os-Montes, e onde os caracteres, os costumes e a paisagem regionais surgem descritos por mão de mestre, estabelecendo o conflicto da vida em lances amorosos, destes resultando a tragédia que principios de honra rural, rigida, severa, anacrónica, como as agrestes montanhas e os fundos vales que lhe servem de scenário, aguilhoam, deturpando a visão estreita dos seus protagonistas e esmagando a bondade. São páginas empolgantes e soberbas.

CAMILO ALCOFORADO

ROMANCE

Um grosso volume . . . . . 12$50

Sequencia de «Miss Esfinge», mas podendo ler-se independente, foi neste romance que Campos Monteiro se revelou absolutamente seguro dos processos literários que o teem notabilizado como o primeiro dos nossos romancistas. Em «Camilo Alcoforado», alem do interesse do enredo, ha uma técnica perfeita, uma superior beleza de forma, e um fim altamente moral. Aquelas 400 páginas são uma lição de bondade. E ao volver a última página, a alma do leitor sente-se consolada, certa de que ainda há no mundo, apesar da corrupção que o invade, almas puras e perfeitas.

Climent Terrer

COMO SE CHEGA A MILIONARIO

Tradução portuguesa de Augusto Moreno, autor do Dicionario Popular . . . . . 10$00

É uma obra notável, narrando a vida de 50 arqui-milionarios e inserindo os seus retratos.

D. B. Ross

SERÕES DE LONDRES

I *MANUAL DA FELICIDADE* . . 9$00

II *CONSULTORIO DA FELICIDADE* . . . . . 9$00

III *O SECRETARIO DA FELICIDADE* . . . . . 9$00

IV *CATECISMO DA FELICIDADE.* 9$00

São livros que honram as melhores livrarias—verdadeiras maravilhas literárias.

Etiénne Marcel

A AVÓ

É um romance que tem a moralidade do entrecho e do pormenor. Forma sobria e brilhante. Tradução irrepreensível. O dialogo tem levesa e vivacidade. Deleita e constroi, edifica e encanta. Livro emocionador e de vibração extranha. Um vol. broch. . 10$00

Franz d'Uringny

HISTÓRIA DA MÚSICA

Tudo o que é preciso saber desde a sua origem até aos nossos dias. Tradução portuguesa. Um volume brochado. . . . . 5$00

Henry Bordeaux

A NEVE SOBRE O PASSADO . . . 10$00

Henri Hardel

A SOMBRA DO PASSADO

Romance. Tradução portuguesa de Campos Monteiro. . . . . 10$00

AZUL E BRANCO

Romance. Tradução portuguesa de Campos Monteiro. . . . . 8$00

RENÉE ORLIS

Romance. Tradução portuguesa de João Grave. . . . . 10$00

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77

PORTO

Campos Monteiro

Os Lusiadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. . . . . 20$00
Versos fora de moda, 2.ª edi. 5$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso) 2.ª edição. 8$00
A oito dias de vista (crónicas) 10$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). . . . . 2$50
Miss Esfinge (novela), 3.ª ed. 10$00
O crime duma mulher honesta, drama em 2 actos . 2$50
Saude e Fraternidade, sátira politica (edição definitiva) 12$00
Moeda corrente, crónicas e contos. (4.º milhar) . . . 10$00
Quando se amava assim, peça em 3 actos . . . . . 8$00
Camilo Alcoforado (romance) 12$50
Auto das três barcas (4 quadros em verso) . . . . 4$00

João Paulo Freire (Mario)

O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos. 2.ª edição com uma carta do Senhor Conselheiro João Franco ao autor deste livro . . 10$00
Homens do meu tempo . . 10$00

Antonio Ferro

A Amadora dos Fenómenos 8$00

Silva Tavares

Quem canta (3.ª edição) . . 10$00
Rosario de Rimas. . . . . 12$50
Mais Cantigas. . . . . 10$00
Varões e... lustres . . . 10$00

Eduardo de Noronha

A Marqueza de Chaves . 12$50
Com os olhos na Pátria . 15$00
Em redor d'Africa . . . 10$00
Pina Manique. . . . . 10$00
Heroinas, Mulheres... . . 8$00

Branca da Silveira e Si

(GIESTA)

Contas do meu Rosário. . 8
A Herdeira (romance). . . 10

Henri Ardel

Traduções de Campos Monteiro

Azul e Branco (romance). . 8
Fogo mal extinto (romance). 10
A Sombra do Passado (romance) 10

Tradução de João Grave

Renée Orlis (romance) . . 10

M. Delly

A Exilada (romance) . . . 10
Uma mulher sedutora (rom.) 10

Maria da Luz Sobral

Barquinhos de papel (contos para crianças) 10

(Biblioteca Civilização)

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

I — Perdão Tardio (por C. Monte
II — A primeira Dulce que ho em Portugal (por Silva Tavares)
III — O Vingador (por João Grave
IV — A verdadeira Mãe (por An Castro Osorio).
V — O Patriota (por Rocha Marti
VI — Paginas da Vida (por Loure Cayolla).
VII — Martirio de noiva (por Edu de Noronha).
VIII — Uma noite de Cleópatra Teófilo Gautier, tradução de Cam Monteiro).
IX — Sem amor (por Aurora Jar Aranha).
X — A Morgada de Sortelha José de Faria Machado).
XI — A morte redimida (por Ferr de Castro).
XII — O jogo da morte (por D. J de Castro).

Cada volume 2$50

Biblioteca "Civilização"

Colecção de pequenos romances
portuguêses e estrangeiros

A morte redimida

POR

FERREIRA DE CASTRO

1925

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - Editora - Porto

A MORTE REDIMIDA

Do mesmo autor

PUBLICADOS:

Criminoso por ambição — novela. Ed. F. Lopes. Pará, 1916.

Alma Lusitana — Peça em 2 actos. Ed. F. Lopes. Pará, 1916.

O Rapto — Entre-acto representado no Teatro Bar Paraense. Pará, 1918.

Mas... — Estudos literarios e sociologicos e novelas — Lisboa, 1922.

Carne Faminta — Novela — Ed. «Hora novelesca» — Lisboa, 1922.

O exito facil — Novela — Ed. «Novela Sucesso» — Lisboa, 1923. (Traduzido em castelhano por José André Vazquez).

Sangue negro — Novela — Ed. «A Hora» — Lisboa, 1923.

A Boca da Esfinge — Novela — (Em colaboração com Eduardo Frias). Ed. Aillaud Bertrand — Lisboa, 1924.

A Metamorfose — Novela — Ed. «Novela Contemporanea» — Lisboa, 1924.

Biblioteca Civilização

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

XI

A morte redimida

NOVELA

POR

Ferreira de Castro

1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO—EDITORA
Américo Fraga Lamares & C.ª, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

Composto e impresso na Imprensa Civilização
Rua das Oliveiras, 75—PORTO.

Paralisem-se os teares da fantasia e grave-se no portico desta novela o nome de Stanislawa Umiuska — que teve na vida real gestos de sacrificio lendario.

A morte redimida

I

Amavel, mas frio, agindo por habito, automaticamente, o emprezario Saavedra ia fazendo as apresentações:

— O sr. Afranio Navarro, o autor... M.elle Leontina, que fará o papel de Alice... M.me Silveira, que interpretará a baronesa... O sr. Augusto Ricardo, o galã... O sr. Borges...

Afranio era bastante orgulhoso para respeitar a convenção social das apresentações, afirmando que tinha prazer em relacionar-se com um individuo que via pela primeira vez, cujo passado ignorava e cujo convivio futuro constituia para ele ainda um enigma. E limitava-se, por isso, a fazer com a cabeça um ligeiro movimento de cortesia.

Chegaram mais artistas, mais actores. E Saavedra, por obrigação, repetia:

— O sr. Afranio Navarro, o autor... O sr. Edmundo Sampaio, que fará de barão... M.elle Berenice, a protagonista...

— Já nos conhecemos... — respondeu esta, apertando a mão de Afranio. — Apresentou-nos ontem o Macedo...

Formavam-se grupos no palco, e ao fundo, sob a luz dum projector, iniciava-se o ensaio.

Era aquela a primeira peça de Afranio, e ele sentia-se deslocado ali, no palco agora em desordem, onde se acumulavam pedaços de madeira, de folha, molhos de ripas, portas de papel e onde os scenarios estavam suspensos, escondidos na treva ou dobrados e empilhados nos cantos e não abertos, visiveis, maravilhosos, como nas noites de representação.

Tivera sempre um horror instintivo e pueril pelos bastidores, pois sabia que a sua sensibilidade não podia fraternisar ou ser compreendida por aquela gente. Sua altivez era inimiga de qualquer subserviencia, e á sua linha moral, duma grande austeridade, as aranhas eram demasiado desprezíveis, para que ele se prestasse a tecer intrigas.

E assim, agora que o concurso publico dum teatro do Estado fizera triunfar uma peça sua, que pela violencia das idéas nela contidas e pelo arrojo da efabulação ele não quizera apresentar em nenhum dos outros teatros, certo de que estes a recusariam, Afranio encontrava-se isolado no meio daqueles seres, aos quais não o ligava nenhuma simpatia pessoal nem possivelmente nenhuma afinidade artistica.

E tendo interrompido, por lhe ser desagradavel, a palestra que o emprezario Saavedra com

ele vinha mantendo sobre a parte financeira do teatro, Afranio foi sentar-se silencioso, junto do ensaiador.

Os artistas, como tivessem estudado superficialmente o papel, estavam ainda muito longe de interpretar os personagens, tal como Afranio os sonhara.

E este, vendo a sua creação deturpada, entendeu dar-lhes algumas indicações, que eles fingiram aceitar, sem que todavia ocultassem um leve sorriso de desdem por aquele que consideravam um neofito em teatro, mau grado os seus romances, lá fóra, lhe terem conquistado um recente prestigio.

Só o terror de ligar o seu nome a uma obra que não fosse a justa interpretação do seu pensamento, inibiu Afranio de abandonar imediatamente o palco. Aguilhoava-o ali o seu orgulho de creador — e as flexas do sorriso desdenhoso foram por ele interceptadas e destruidas, ocultamente, intimamente.

Entre os artistas, porem, distinguia-se Berenice, pela sua naturalidade, pelas suas expressões e pelo carinho com que estudara e procurava interpretar o seu papel — que era o papel principal da peça. Devia ter vinte anos — e tinha uma voz melodiosa, ritmica, uns olhos enigmaticos, onde os desejos e as sensações da alma não se espelhavam e antes se transformavam em hieroglifos. Suas palpebras longas, morenas, eram duas cortinas fechando ainda mais o misterio das

pupilas — e suas mãos, compridas, esguias, dir-se-hiam feitas para demoradas caricias, para voluptuosos afagos.

E apezar de ser o primeiro ensaio que fazia do novo papel, ela marcava bem, com gestos de rara distinção, mas inexoraveis, definitivos, a angustia e a revolta que devia assinalar a personagem creada pelo autor.

Enlevado, Afranio quedou-se a contemplá-la, e quando dos labios dela se desprenderam, plenas de ritmo, de ternura e de sentimento, as ultimas palavras, ele constatou que estava ali a interprete ideal da sua obra.

II

Mas a peça não triunfou. Era demasiado arrojada para ser aplaudida por um publico acostumado a emoções vulgares e a idéas comuns. Depois, na noite da *première,* tinham-se juntado no teatro todos os que neste haviam fracassado e tambem os detractores de café e os que invejavam a recente celebridade que Afranio conquistara com seus romances... E os legionarios da mediocridade conseguiram abater a obra, já que não podiam lapidar o autor.

Afranio, que na vespera tinha abandonado a cidade, para, no caso de a peça triunfar, não ceder a essa vaidosa tentação que constitui o maximo sonho de todo o dramaturgo novo e que tem levado tantos jovens a pejar as gavetas de originais jamais representaveis, e que é vir á scena agradecer os aplausos do publico e sorver o seu triunfo, soube do fracasso pelos jornais matutinos. E sorriu com tristeza — uma tristeza vizinha do desdem. Ele conhecia demasiadamente a psicologia do publico, para que aquela sentença o fizesse duvidar do valor da sua obra.

E deixou-se ficar, tranquilamente, na casa amiga onde se hospedara.

No fim da semana, porem, de regresso á cidade, ele entendeu dever regularisar a sua situação com o teatro — e para este se dirigiu.

O administrador encontrava-se no palco e, prevenido da presença de Afranio, mandou pedir-lhe que chegasse até ali.

Procedia-se ao ensaio de nova peça e, quando Afranio pisou aquelas tabuas, sobre as quais se dera o fracasso da sua obra, os artistas, que não lhe toleravam o aspecto concentrado, rebelde a futeis exteriorisações, trocaram entre si um olhar ironico, agudo, um olhar-espada, que feriu a Afranio...

Vingavam-se das correcções que ele, por intermedio do ensaiador, austeramente, sem eufemismos, lhes exigira na interpretação dos papeis, contrariando-os na sua maneira de realisar os personagens. Vingavam-se, celebrando assim a derrota de Afranio.

Apenas Berenice não comungava com seus colegas. E, quando Afranio se despediu do administrador, depois deste lhe ter augurado, em homenagem ao seu nome literario, um breve triunfo no teatro, se transigisse a escrever uma peça ao gosto da maioria, ela caminhou ao seu encontro, deteve-o e disse-lhe, gracil, sinceramente:

— Não o lastimo pelo seu fracasso... Eu sei que ha derrotas que constituem o nosso unico triunfo sobre os outros... Todavia, você não imagina a pena que tive por a sua peça cair...

— E... porquê?

— Porque aquele papel dir-se-hia escrito de proposito para mim! Nunca representei com tanto prazer e todavia nunca representei tam pouco... É que eu tenho a mesma alma, a mesma sensibilidade daquela personagem.

— Eu já tinha adivinhado...

— E porisso me copiou?

— Não. Criei-a na minha alma, sem a conhecer...

Berenice perturbou-se. Afranio sorriu, tranquilisadoramente.

— Não é um madrigal... Não se faça córada...

— Eu?...

Terminava o ensaio: — os artistas debandavam, apagava-se o projector, e agora o sol crepuscular, filtrando-se atravez dum largo postigo, vinha desenhar no palco um estranho arabesco.

— Sai?

— Sim; um momento apenas... Vou buscar a capa...

E em breve os dois demandavam a rua.

Estava uma tarde gloriosa — tarde de primavera que as mulheres aproveitavam para estrear, já decotados, os colos sensuais, perturbantes, que as peliças até ali tinham ocultado. Em redor dos transeuntes, que andavam lentamente, mui lentamente, adensava-se um ambiente de volupia, desprendido quiçá dos jardins onde a essa hora as rosas desabrochadas se curvavam em extase vespertino.

As casas de chá eram intensamente frequentadas — e juntos ás mesas quedavam-se belos corpos femininos, em languidas atitudes. E as asas do *flirt* estremeciam ali — voavam de olhos para olhos, conduzindo subtis desejos.

Junto a uma dessas casas, Afranio deteve-se, num discreto convite a Berenice.

A actriz aceitou — e os dois entraram. Escolheram uma mesa solitaria, ao fundo — uma mesa que os distanciava e quasi isolava dos individuos ali presentes.

E instintivamente sentiram que essa mesa tinha algo de cumplicidade com o estado de alma que eles então experimentavam. E emquanto sorvia o seu chá, em pequenos intervalos, Berenice perdia-se numa serie de palavras frivolas, que não eram mais do que a mascara daquelas outras palavras que ela sentia formar-se em seu espirito, mas que não se articulavam...

Berenice corroborava a opinião do emprezario Saavedra, — insinuava em Afranio a idéa de escrever uma dessas peças que, por futeis, teem o condão de agradar a todas as platéas.

Ele, porem, recusava, argumentando com a sua personalidade, com a sua arte — uma arte de *élites* e que mesmo nos seus romances nunca descera até aos sentimentos vulgares para conquistar o publico.

— Se durante a minha vida a sensibilidade colectiva não evoluir, nunca mais escreverei para o teatro.

— Orgulhoso! Mas lembre-se que eu interpretaria a protagonista...

— Embora! Basta-me que tenha interpretado essa mulher que eu criei, que o publico não compreendeu e que você declarou ser muito semelhante a si...

Entre eles, por momentos, ergueu-se e pairou um desses silencios que antecedem as confidencias. Berenice titilava levemente a chavena, e Afranio, extinta no ar a ultima espiral do seu cigarro, concluiu:

— Não me admira que o publico não compreendesse essa mulher. Eu criei-a para mim e não para ele... Essa estranha personagem que você, Berenice, interpretou com tanta alma, é a mulher que eu desejo, que eu sonho...

III

A primavera orquestrara aquele amor nascente — o estio chancelara-o, tornando-o definitivo.

E numa peregrinação de sonho, atravez de todo o país, de praia em praia, de terma em terma, no silencio sinfonico dos grandes bosques e sobre os penhascos donde se vislumbra a planicie convulsa do mar, eles foram desfolhando seus beijos e dedilhando requintadas caricias. Entraram em plena novela, em pleno romance — um romance muito mais ameno do que aqueles que Afranio escrevia...

E quando o estio, por fim, ameaçava esvair-se, eles regressaram á cidade — ébrios de amor errante e trazendo nas pupilas, acumuladas, como esses scenarios que pela tarde se ostentavam, em pilha, pelos recantos do palco, as paisagens surpreendidas desde a sacada dum hotel ou desde a janela dum comboio.

E vinham refugiar esse amor, tornando-o menos dispersivo, mais denso, na casa de Afranio — casa até ali celibataria e ninho efêmero de passageiras relações.

Mas, por detraz da volupia do amor, ha sempre, vigilante, o rosto macerado do sacrificio.

E Berenice não se lhe pode furtar ao beijo doloroso. Os seus pais, de tradição aristocratica, dificilmente haviam transigido com a sua entrada para o teatro e repudiaram-na completamente quando souberam que ela se entregara a Afranio, livremente e sem os aros do casamento.

Maguara-a o facto, tanto mais que em sua alma floresciam, exuberantes, todas as rosas filiais; mas nem essa atitude paterna, nem o secreto escandalo que nos meios artisticos provocara a sua partida com Afranio, lhe fizeram bruxolear o seu intenso amor.

E agora, no lar recem-fundado, ela dividia a sua alma entre o homem amado e a sua arte, que era ainda a alma daquele.

Viviam com grande elevação, mascarando propositadamente, sistematicamente, todas as cousas prosaicas da vida — e a contemplá-la, Afranio esquecia-se longas horas.

Estimava vê-la estendida, negligentemente, sobre o «divan», lendo á luz coada pelo «abat-jours» os mesmos livros que ele lia...

Adorava vê-la percorrer, leve como uma mariposa, toda a casa — ou estudar, defronte do espelho, com gestos pueris, o seu futuro papel...

Deliciava-se em ouvi-la falar, com sua voz cheia de melodia, quente e perturbante como os ritmos dum órgam...

Suas palpebras longas, morenas, côr de jambo, eram para ele alvo de demorada admiração — e suas mãos indolentes, quando pousadas,

como duas asas mortas, sobre o regaço, constituiam o motivo de muitas e refinadas caricias...

Afranio amava Berenice integralmente, amava-lhe o corpo e a alma — essa alma que, se por ser mais suave e menos creadora, não era em absoluto igual á dele, era desta, todavia, um reflexo. E da sua condição de mulher ele não exigia mais.

Entretanto, iniciava-se no teatro a epoca de inverno, e Berenice passava de artista contratada a artista-sociataria e obtinha no seu novo papel um grande triunfo.

Era considerada actriz em moda — e sob a sua cabeça mui jovem começaram acumulando-se os lôuros da gloria.

Contudo, por uma rara fraternidade, ela não julgava esse triunfo completo, emquanto Afranio dele não partilhasse.

E como a não satisfizesse esse outro triunfo, menos ruidoso mas mais duradouro, que ele obtinha com seus romances, á noite, quando regressava a casa, com os braços fechados sobre os ramos de flores que lhe haviam oferecido, dizia com ternura:

— Porque não escreves outra peça, Afranio?

Ele sorria um sorriso que era uma oferta ao seu carinho, mas que era tambem uma recusa ao pedido feito.

— Nunca me has de fazer a vontade...

— Tolinha! Mas se não me compreenderiam! Seria um novo fracasso...

— Mas tu farias uma peça como o publico gosta ...

— Nunca! Não me exijas essa transigencia ...

— ... Provarias que, se quizesses triunfar no teatro com o mesmo processo dos outros, ser-te-hia facil... Assim, supõem-te um pensador hirsuto, que só pode crear uma vida imaginária ...

— A unica vida que seria bela! Não, esse argumento é fragil... Não quero mais contactos com o teatro nem com a sua gente...

— Não os conheces bem. Ha bons e maus, como em toda a parte... Lembra-te que foi lá que me encontraste...

— Tu és uma excepção, meu amor!

E beijou-a, querendo assim encarcerar-lhe na garganta aquelas palavras de tentação.

Mas Berenice insistiu, coleou o assunto, e o grande amor que Afranio lhe tinha acabou por vencer, levando-o á transigencia que ela lhe pedia — e que ninguem mais do que ela teria obtido:

— Escreverei a peça ...

IV

As semanas que se seguiram foram para Berenice duma intensa e alvoroçada espectativa.

Ela ia, emfim, realisar um grande sonho — ligar e chancelar no mesmo palco o triunfo da sua arte e da arte de Afranio. E em seu entusiasmo não admitia mesmo que a nova peça do amante fracassasse como a primeira. Aceitava o talento dele com esse sentido indiscutivel das coisas absolutas; e á noite, quando volvia do teatro, como ele aproveitasse as horas da sua ausencia para trabalhar, ela ia, sorridente, infantil, percorrer com a vista as scenas realisadas.

— Preguiçoso! Indolente! Trabalhou tam pouco!...

Outras vezes agitava no ar as folhas de papel, como se desfraldasse a bandeira da sua propria vitória.

— Bravo! Bravo! Mais um mez, mais dois, e isto estará pronto... Ou não?

E corria a sentar-se sobre os joelhos dele e, erguendo-lhe o rosto com o ritual de quem ergue uma taça preciosa, premiava-o com um beijo.

Contudo, e apesar desse estímulo, Afranio

vinha notando, dia a dia, desesperadamente, que as suas energias se exauriam — prostrando-o uma densa lassidão fisica.

Não se dispunha já ao trabalho com o ardor antigo, e o proprio fogo, a propria volupia da creação, dir-se-hiam prestes a extinguir-se.

Sua côr agora era o palido-perola, e sofria algo ainda indefinivel mas já torturante.

— Sentes-te doente? — preguntava-lhe Berenice.

— Não; apenas fadiga...

Mas de tarde, pretextando motivos para ausentar-se de casa, ele demandava o consultorio dum medico amigo.

— Aterrorisa-me esse tumor, doutor...

— Não deve ser coisa de importancia... Todavia, como a analise n'esse lugar é dificil, quere você ir ao consultorio do meu colega Sepulveda? Ele far-lhe ha uma laringoscopia... Escrevo-lhe uma carta...

— Pois sim, irei...

O medico traçou nervosamente algumas palavras sobre uma folha de papel, e depois entregou-a a Afranio. E este saiu, levando na alma, agora mais fundas, as suspeitas que ha dias lá se acoitavam. Julgava ter observado nitidamente no rosto do medico amigo, ao aconselhar-lhe a laringoscopia, a admissão das duvidas que a ele proprio o assaltavam.

— E se fosse verdade? Se fosse verdade?

Quando chegou ao consultorio do dr. Sepul-

veda, encontrou-o fechado. Passara já a hora da clinica, e só no dia seguinte ele poderia ouvir da boca do medico a sua sentença de morte ou a sua absolvição.

Mas Afranio sentiu-se sem coragem para esperar tanto. Numa subita resolução, resolveu decifrar ele-proprio o misterio da sua enfermidade. E foi percorrer as livrarias, adquirindo aqui e ali livros de medicina, revistas medicas, tudo o que encontrava e fazia parte da bibliografia do cancro...

E quando as rosas da noite se preparavam para derramar sobre a cidade o seu polen negro, Afranio regressou a casa, trazendo sob os braços inumeros volumes, inumeros folhetos— que pressurosamente foi esconder no seu gabinete, escondê-los do olhar de Berenice...

E quando, já livre daqueles delatores do seu estado de espirito, ele se aproximou da amante, esta olhou-o com surpresa, e exclamou:

— Oh! Mas tu estás doente! Vens tam abatido... tam...

— É fadiga, meu amor... Andei tanto a pé!...

Durante o jantar, Afranio procurou manter o ambiente dos dias normais, dominando o seu proprio sofrimento e apagando voluntariosamente os silencios de angustia que pautam as tragicas espectativas — e que entre eles, de momento a momento, vinham pairar. Mas logo que Berenice saiu, a caminho do teatro, ele foi encer-

rar-se no gabinete, abrindo e lendo nervosamente, sofregamente, os livros comprados ha pouco. E o seu espirito voejou, como uma borboleta inquieta, por todas as teorias sobre o cancro — teorias, apenas teorias, que se desmoronavam ante essa unica coisa nunca desmentida pela pratica e que era a morte, certa, fatal...

Veiu desde os estudos de Laënnec sobre as celulas cancerosas até Sawestchenko; desde Borrel até Bilbroth, até Critzman, até Duroux... Leu os relatorios dos congressos do cancro, sorveu vertiginosamente os artigos dispersos em boletins de institutos medicinais. E sempre, sempre, a impotencia da Sciencia ante o feroz inimigo! O homem quedava-se vencido, inexoravelmente, irremediavelmente, sob as celulas vorazes... O homem ainda não pudera esconjurar a grande fatalidade milenaria...

E só uma coisa Afranio encontrava certa, positiva — eram os sintomas. Do trabalho, do sacrificio e da paciencia de todos aqueles sabios, só lhe ficava a certeza de que tinha um cancro — e com este a morte proxima...

Todavia, ele queria ainda ludibriar-se, atribuindo ás sugestões das leituras que acabara de fazer a analogia que encontrava entre os seus sofrimentos e aqueles que os medicos indicavam como sintomas do fatidico mal.

E voltou a reler, agora impondo ao seu espirito uma austera serenidade, os volumes e os folhetos que lhe haviam revelado seu tragico

destino... Mas não, não! Não havia ilusão possivel. E sentindo-se vencido, Afranio deixou tombar, sobre um dos volumes ainda aberto, a cabeça — como se a oferecesse já, para ser decapitada, ao alfange da morte.

Sua alma soluçava, não pela vida perdida, porque ele, sensibilidade mui aguda, propicia a sofrer com todos os prosaismos e vilezas que a Vida encerra, não a amava demasiadamente, mas sim por esse filtro de encanto que ela retinha e que era o amor de Berenice.

E assim, quando Afranio ouviu os passos da mulher amada, que regressava do teatro, escondeu rapidamente os livros e os folhetos e, interrompendo o seu estado emocional, caminhou ao encontro dela, com um sorriso bailando-lhe nos labios — um sorriso cuja hipocrisia lhe era tam dolorosa, como lhe seria a propria confissão da sua angustia.

— Sabes? O administrador disse-me que, se escreveres a peça até ao fim do mez, ele no mez seguinte leva-a à scena...

Afranio ensaiou um gesto de indiferença, mas logo Berenice, meiga, terna, procurou catequisá-lo:

— Faze um esforço, peço-te! Se perdermos esta oportunidade, ele terá de escolher outra peça, e a tua só no fim da temporada será representada...

E como ele repetisse o gesto anterior:

— É que tu nem supões o quanto anseio

ver-te triunfar no teatro; triunfar em mim, seres aplaudido ao meu lado!

Afranio pensou com tristesa na sua falta de energias, essa falta que iria aumentando sempre — contudo, em novo holocausto á amante ideal, prometeu:

— Bem; concluirei a peça até ao fim do mez...

V

O exame á laringe confirmára a existencia do cancro. Debalde o dr. Sepulveda empregara eufemismos, esboçara esperanças — debalde, porque Afranio ia decifrando nos olhos dele os hieroglifos da terrivel verdade...

Não quiz, porem, crear um ambiente de tragedia, não quiz transformar-se em personagem de drama -- essas personagens, cuja psicologia sua pena fecundava. Ele conhecia a alma humana, conhecia o estado de espirito dos enfermos, e dominava-se agora, impondo o cerebro ao instinto, fazendo triunfar sobre as suas fraquezas de homem a sua vontade de intelectual. E para que o medico não tivesse para ele as mesmas palavras de sugestão, a que todos os doentes aspiram, mesmo quando exigem a verdade, preguntou bruscamente:

— O que devo fazer para tornar suportavel a vida ainda algum tempo?

O dr. Sepulveda não respondeu logo: — olhou-o inquiridoramente e, depois de ler naquela fronte voluntariosa, naqueles labios austeros que não imploravam a hipocrisia dum consolo, duma esperança, disse:

— Iniciaremos o tratamento pelos Raios X...

E não ousou formular a hipotese duma cura, nem Afranio lhe pediu que a formulasse.

— Amanhã, doutor?

— Sim, pode ser amanhã... Depois das quatro.

E Afranio volveu a sua casa. Havia preparado o espirito para receber o oráculo fatal, mas queria aproveitar, em homenagem a Berenice, aquela ultima parte da sua vida.

E recomeçou a trabalhar na peça interrompida. E cada dia que passava, esse trabalho tornava-se mais angustioso — mas Afranio persistia, persistia sempre.

Sua palidez aumentara, definhava-se visivelmente, e sua voz, agora afonica, perdera as suaves modulações que tinha quando falava com Berenice, perdera esse timbre austero que dava ás suas palavras algo de indiscutivel e profundo, sempre que ele dialogava com individuos estranhos.

— O que diz o medico? O que diz o medico? — preguntava insistentemente Berenice.

— Que é um tumor benigno... Nada de importancia... Não te preocupes... Logo que vier á supuração, estarei curado...

Escondia-lhe a verdade, para que ela não compartilhasse da sua dor — e pedira mesmo ao dr. Sepulveda que a ninguem revelasse o estado da sua doença.

E trabalhava, trabalhava, sorvendo suas

ultimas forças, apagando as suas ultimas chamas.

E piorava de dia para dia — o cancro ia distendendo suas garras, a ulceração era cada vez maior. O tratamento pelos Raios X não conseguira dominar, deter sequer, as celulas em sua marcha sinistra.

Mas, apesar disso, Afranio conseguiu concluir a sua obra. E na desolação da sua alma, essa hora soou com um ritmo alegre. Estava realisado o sonho de Berenice. Aquela peça, brotada do seu martirio, oferecia-lha ele como um legado de amor... Berenice saberia conquistar o duplo triunfo, tantas noites por ela idealisado. Ele, se a vida lho permitisse, saberia esperar, guardando bem fundo o seu segredo, aqueles novos louros — que logo fariam parte da sua coroa funebre.

E a mulher amada, ante as folhas manuscritas, exaltava-se de carinho e derramava sobre ele as fontes da sua ternura.

— Já has de estar bom na noite da *première!* Já has de estar bom! E irás comigo ao palco agradecer os aplausos, no fim de cada acto... Transiges?

Ele, benevolente, fazia com a cabeça um gesto afirmativo, e seus olhos tristes, comovidos, seguiam com atenção o alvoroço dela.

Contemplá-la, era agora a sua unica volupia, pois que, pretextando uma indispensavel higiene fisica, ele extinguira, ha já muito tempo, seus beijos, suas caricias de amor.

E assim, enlevado, quedava-se a sorver com os olhos todos os gestos dela, todas as suas atitudes — como se quizesse levar para a ultra-tumba, bem impressa nas pupilas, a visão querida.

VI

Naquela tarde, o dr. Sepulveda, depois de ter feito, mais uma vez, as aplicações dos Raios X, entrou no aposento contiguo e, sentando-se á sua secretária e oferecendo uma cadeira a Afranio, disse:

— O tratamento que estamos seguindo, meu amigo, não produz resultados satisfatorios, como você já deve ter observado...

Fez uma pausa, na qual Afranio julgou desnecessario intercalar quaisquer palavras. Depois, continuou:

— Você é bastante inteligente e forte, e eu admiro-o muito, para não lhe falar com a maxima sinceridade... De resto, nem eu teria argumentos suficientes para o sugestionar, convencendo-o de que era possivel de cura o que até hoje é considerado incuravel...

Era um preambulo inutil aquele que o dr. Sepulveda julgara dever fazer — mas Afranio escutava-o resignadamente, como se escutasse o seu proprio responso.

— Para lhe dar qualquer esperança — prosseguiu o medico — teria de mentir-lhe e de mentir a mim mesmo... Todavia, é possivel

ampliar a sua vida. Os Raios X não conseguiram dominar o cancro; mas... porque não fazer uma laringotomia? As celulas avançam agora para o feixe vasculo-nervoso e, antes que o ulcerem irremediavelmente, aconselho-o a que faça uma ablação...

— Mais sofrimentos, doutor?

— Pode prolongar a sua vida. É raro, é mesmo muito raro, que não surjam as recidivas...

— Então...

— ...Mas podem aparecer muito tarde. Daqui a um ano, a dois, talvez mais...

— Normalmente, porém...

— ...Surgem em seguida, já sabe. São imensamente proliferas...

— E nesse caso... Fatais?

— Sim.

— Então, doutor, não valerá a pena...

— E porque não? A perspectiva de mais alguns anos de vida não o seduz? Depois, ha casos em que as celulas, que não foram completamente eliminadas pela ablação, localisam-se, tomam consistencia, enquistam-se... como direi? formam uma especie de bolbo ante a defesa natural dos tecidos e podem tornar-se menos malignas...

— Casos raros...

— Rarissimos, bem vê... Falo-lhe com toda a franqueza, tanto mais que, a fazer a laringotomia, aconselho-o a que vá a Paris. O dr. Foucault, lembra-se?... já lhe falei ha dias nele...

— Sim, sim, recordo-me...

— ...Tem-se especialisado nos estudos do cancro. Os resultados não são, é certo, definitivos; mas parece-me que ele é mais competente do que eu e do que a maioria dos meus colegas...

— Pensarei, doutor...

— Eu aconselho-o a que vá.

Afranio saiu perplexo, indeciso. Aquele novo horizonte, aberto ante seus olhos de condenado, não o deslumbrava, não o exaltava. Sentia que no mar alto e infindavel da sua fatalidade, aquela tabua era demasiado fragil para fazer a travessia.

Não acreditava, não acreditava. E em casa, nos dias que se seguiram, Afranio hesitava entre a idéa do suicidio e aquela esperança que o dr. Sepulveda esquissara ante ele.

E entre essa dualidade do espirito surgia, modelada nas gazes do sonho, a visão de Berenice com o seu amor.

Ela, agora, estudava persistentemente o seu papel na nova peça de Afranio — gesticulando ante os espelhos, monologando, enchendo a casa de ritmos e de requintadas atitudes.

Concentrava todo o seu fogo, todas as labaredas da sua alma, na interpretação da personagem querida — essa personagem que para ela Afranio propositadamente creara...

E tinha para si propria censuras puerís quando seus gestos não se delineavam com a

correcção que ela idealisara ou quando sua voz não fazia com naturalidade as transições que as rubricas exigiam...

Afranio, sufocando sua angustia, assistia por vezes a esses ensaios secretos que á tarde eram repetidos no palco, em frente do ensaiador oficial.

E pedia-lhe que insistisse com o administrador do teatro para que a representação da peça se desse o mais breve possivel.

— Mas... Não seria melhor esperar que ficasses bom, para assistires á *première?*...

— Não, não! Assistirei assim mesmo...

E dando á sua voz afonica um tom de ligeireza e ironia, que nele já era mui dificil, acrescentava:

— Estou com curiosidade de ver esse triunfo...

Estas palavras ecoavam na alma de Berenice, não com sua expressão literal, mas como algo que levasse em si os germens duma tragedia oculta. E ela detinha-se com o rosto subitamente imobilisado, a observá-lo, desejando penetrar esse misterio que as suas palavras envolviam.

— Falas sério?

— Porque não?

E procurava convencê-la do seu alvoroço em comungar com ela no esperado triunfo, sobre o palco transformado em peanha de gloria. E ante os seus argumentos, Berenice tranquilisava-se, embainhava as espadas das suas suspeitas e prometia, com infantil contentamento, lutar para que

a peça não fosse retardada na sua representação. E ao convencer-se de que Afranio tambem era sensivel aos aplausos, á admiração das platéas, sentia-se desculpada por tê-lo levada á transigencia de escrever uma obra para a maioria...

VII

Conseguira ir ao teatro, conseguira levar até ao fim o doloroso sacrificio. O publico aplaudira, e ele viera algumas vezes á scena, não por volupia pessoal, mas para volupia de Berenice, a quem não quizera furtar aquele prazer — que era tambem o ultimo que lhe podia dar.

Com a transigencia, feita por sua pena e sob a égide da mulher amada, ás predilecções dramaticas da maioria, triunfara completamente — e até os artistas, que outrora trocavam sorrisos ironicos quando ele dava alguma indicação por eles julgada pueril, o receberam nessa noite afectuosamente, admirativamente.

Mas Afranio notara que o olhar deles se aguçava de surpresa, para logo se velar de piedade, quando constatavam a sua ruina fisica — seu corpo definhado, esqualido, e cujo sangue dir-se-hia sorvido por um duende faminto.

Fugira sempre, desde que o cancro lhe devorava a garganta, ao convivio com as pessoas das relações de Berenice, mas agora não o pudera evitar—e a verdade, que até ali os olhos da amante não tinham decifrado, ser-lhe-hia revelada por labios estranhos, que sobre a doença dele tece-

riam mil hipoteses, comparações entre mil casos identicos, até inocularem nela a terrivel realidade...

Nessa propria manhã, após a noite de triunfo, Berenice preguntara-lhe, sugestionada por uma observação que, no seu camarim, lhe tinham feito na vespera:

— Tens a certeza de que isso é um tumor benigno?

— Pois o que havia de ser?

Tudo isso, porem, Afranio previra, e tudo tinha disposto para que Berenice não fosse espectadora do drama que ele vinha representando a sós, e que era o reverso dess'outro que ela representava no teatro.

Embarcaria nessa noite para Paris, á mesma hora em que a mulher amada, entre aplausos dum publico entusiasta, interpretasse pela segunda vez a obra que em sua homenagem ele escrevera...

Voltaria se conseguisse decapitar os tentaculos do pequeno monstro — voltaria a sorver, embora por mezes apenas, o mel do seu amor, nos labios de Berenice, que agora lhe estavam vedados... Mas, se não vencesse nenhuma das vagas probabilidades que o dr. Sepulveda lhe enunciara, ele então saberia apressar o tragico fim — poupando Berenice de a ele assistir...

Queria desviar aquela mulher querida das sendas de martirio que ele trilhava — e que por ela ia trilhar ainda, na perseguição duma espe-

rança fujidia, que ele proprio não esperava alcançar — jámais, jámais...

E assim colheu nessa tarde as ultimas instruções do dr. Sepulveda, e, de regresso a casa, aguardou que fluissem as breves horas que o separavam da ausencia.

E durante o jantar, sua voz adulterada conseguiu envolver-se de ternura, e seus olhos percorreram sofregamente o rosto de Berenice — na ansia de o fixar bem, muito bem, para sempre...

Depois, quando ela saiu, a caminho do teatro, Afranio teve de dominar-se para não lhe denunciar sua intenção, dando á ligeira e habitual despedida um caracter definitivo.

Mas a porta cerrou-se sobre Berenice, sem que se tivesse produzido nenhum incidente delator. E Afranio correu, então, ao seu quarto, ao seu gabinete, colocou dentro duma maleta alguns papeis e algumas roupas e chamou em seguida a sua velha criada:

—Fica aqui esta carta para a senhora... Ela já sabe...

E como a serva se mostrasse surpreendida ante aqueles preparativos de viagem, ele acrescentou:

—Voltarei breve... Boa noite.

Mentia, contrariando-se, forçando sua sensibilidade, tornando-se actor. Mas não queria precipitar a revelação da tragedia.

E saiu.

Levava na alma, caindo uma a uma, constantemente, como gotas no seio duma velha gruta, as lagrimas que ele adivinhara nas pupilas da creada. E levava nos ouvidos, soando perenmente, repercutindo-se sempre, as palavras que Berenice lhe dissera essa manhã:

— Tens a certeza de que isso é um tumor benigno?

Caminhava lentamente, exausto de forças, para a estação — e agora as ruas pareciam-lhe mais belas e encontrava nos arcos voltaicos, nos traseuntes anonimos, na noite rumorosa, um encanto que até ali ele ignorava. Não era só a cidade de quem se despedia — sentia que era á propria Vida a quem dava o ultimo adeus...

VIII

Com a carta na mão, onde as lagrimas, decompondo a tinta, haviam desenhado exoticas aranhas, Berenice exigia do dr. Sepulveda que lhe indicasse a direcção de Afranio.

O medico hesitava.

— Mas se ele lhe diz aí, minha senhora, que não a quere fazer compartilhar do seu sofrimento, que não quere interromper a sua carreira...

— Embora, doutor! Embora!

E insistia, insistia sempre, com frenesi, com desesperante alucinação. O medico tentou ainda demovê-la, apezar dos seus conhecimentos de psicologia lhe demonstrarem a inutilidade de todos os argumentos.

— Mas se ele lhe promete voltar, se ficar bom, porque não o espera?

— Mas ele não fica bom! Ele tem um cancro, não é? Ah! não diga que não! Sei-o! Adivinhei-o! Ele tem um cancro, ele não volta, não volta! Doutor!...

Ante o martirio daquela mulher, o dr. Sepulveda quedou-se, em silencio, a interrogar a sua consciencia. E convencido, por fim, de que

o desespero de Berenice seria mais intenso se ela continuasse distante de Afranio, e de que para este a presença da amante constituiria um belo elemento de estimulo e reacção, resolveu trair a promessa que fizera ao enfermo de não revelar o lugar para onde ele seguira...

E deu a Berenice o endereço da clinica do dr. Foucault.

— Paris!

Sentia a distancia apenas pelo tempo que perderia até ver de novo o homem amado.

E saiu, desvairada, na companhia da velha serva, a organisar tambem a sua partida.

Quebrara-se a sua serenidade: — ha muitas horas ela vivia suspensa, atonita, vendo tudo abstractamente, e de concreto apenas a sua dor, a sua enorme angustia.

E uma vez de regresso a casa, libertou roupas intimas da penumbra das gavetas, juntou objectos — e emalou-os em seguida, nervosamente. Suas mãos amarfanhavam aqui, despedaçavam acolá, não tinham sentido algum de selecção — e nesse alvoroço, se seus olhos não chorassem, se um «rictus» doloroso não lhe pregueasse os lábios, dir-se-hia uma virgem em vesperas de viagem de nupcias.

A criada saíra a comprar-lhe a passagem e a levar uma carta ao administrador do teatro, prevenindo-o de que ela ia abandonar a cidade e pedindo-lhe que a fizesse substituir.

E improvisados os preparativos de viagem,

sob a fadiga que se lhe seguiu, ela recordou-se de seus pais. N'um impulso da sua ternura, quiz despedir-se deles. Talvez encontrasse nos labios maternos as palavras de meiguice e de esperança que sua alma solicitava. Mas não. Demandou-lhes a casa, bateu-lhes á porta — eles, porem, negaram-se a recebê-la.

E foi mais desesperada, mais vencida, que ela volveu ao lar desfeito — agora para buscar a maleta que devia acompanhá-la na longa viagem.

Esperava-a ali o administrador do teatro que, alarmado pela carta, resolvera dissuadi-la do seu intento.

— Pense bem, Berenice. Você vai comprometer o seu futuro...

— Não me importa...

— ... Não pediu, com o prazo estabelecido, a licença necessaria e exigida pela lei...

— Não faz mal...

— ... Eu ver-me-hei obrigado a demiti-la...

— Faça o que entender! Não posso perder tempo! — respondeu nervosamente.

O administrador, porem, insistia, procurando encontrar uma razão que solucionasse o assunto.

— Bem vê: temos de interromper os espectaculos, precisamente quando a peça alcança um grande interesse... Os prejuizos serão grandes para o teatro... Depois, este acto de indisciplina... como direi?... de abandono, influirá nas outras empresas, e quando você quizer recomeçar a sua carreira, encontrará dificuldades...

Sim, porque quando é para inutilisar uma creatura, ha sempre...

Um gesto de viva contrariedade, da parte de Berenice, levou o administrador a eliminar as suas divagações e a precisar, alvoroçadamente, uma solução recem-descoberta:

— Espere, espere! Parece que resolvemos o caso, sem contar, é logico, com os prejuizos... Arranje-me um atestado de doença, que eu arranjarei o resto... Quere?

— Pois sim.

— Mande a sua criada chamar um medico, depressa!

Berenice ia levantar-se, quando o velho relogio deixou cair, lentamente, mui lentamente, as oito horas.

Ela, então, levantou-se num só impulso, levou os seus olhos aos grandes ponteiros, a certificar-se de que não se enganava, e tremula, nervosa, exclamou:

— Não pode ser! Não pode ser! Faltam vinte minutos para o comboio!

E logo, erguendo a voz, chamou:

— Margarida! Margarida! A minha maleta! Depressa! Acompanha-me á estação...

O administrador, alteradissimo, procurou detê-la ainda:

— Espere um momento, Berenice! É um instante... Eu mesmo irei chamar o medico!

— Não tenho um minuto a perder!

— Mas se não fôr neste comboio, irá ama-

nhã... Não comprometa o seu futuro por algumas horas apenas...

Contemplou-o, então, friamente, surpreendida por ele não compreender o quanto valia para ela a hora que decorria. Depois, com palavras graves, austeras, disse-lhe:

— Muito obrigada pelo interesse que mostra por mim. Mas nesta ocasião é inutil, meu amigo...

E voltando-se para a criada, e já de novo inquieta, nervosa:

— Vamos, depressa!

E demandou a porta, seguida pelo administrador, a quem na rua ela logo abandonava, para se meter num carro com a criada.

Faltavam ainda alguns minutos para o comboio partir quando as duas entraram na estação. Ali os grupos nervosos dos que embarcavam, e dos que se despediam, formavam um conjunto incaracteristico, o conjunto de todas as estações movimentadas, e onde apenas se destacava um homem obeso, que ia dum lado a outro, acotovelando, deslisando dificilmente, á procura de alguem que decerto não viera. Presa pela mão polpuda, ele trazia uma maleta encostada ao grande, ao mui grande abdomen — e ali, essa maleta, povoada de rotulos de hoteis, dir-se-hia um «affiche» que um fenomeno de circo passeasse por entre a multidão. A criada de Berenice seguia-o, com a vista, curiosamente, quando a actriz lhe gritou lá de cima, da janela do seu compartimento:

— Adeus, Margarida!

O comboio punha-se em marcha — e parecia agora, na noite densa, com seus vidros iluminados, uma grande flauta errante, dentro da qual alguem houvesse acendido uma tremula luz.

A viagem era longa, monotona; e ali, no compartimento solitario, Berenice sentia, emfim, seu corpo repousar da grande fadiga que ela lhe infligira nas ultimas horas.

O seu espirito, porem, continuava torturado, procurando espraiar-se até esse ponto longiquo onde Afranio fora buscar refugio á sua angustia.

Sofria intensamente, e o proprio comboio dir-se hia indolente, vagaroso, ante a velocidade que ela desejava atingir, para mais depressa alcançar o homem amado — que se foragira dos seus braços na ansia de evitar um duplo sacrificio.

Quiz distrair-se, acalmar-se, penetrar-se de resignação, e levou os seus olhos, atravez dos vidros, até á margem da linha ferrea. Mas, na noite entenebrecida, ela nada descortinou, e apenas a luz do compartimento bailava e reproduzia lá fóra, fantasmagoricamente, os aspectos de dentro.

E Berenice, então, deixou que o seu olhar extenuado se pousasse e prendesse no vidro da janela, onde aquela mesma luz formava, por invulgar ilusão optica, um estranho e maravilhoso vestibulo.

E pouco a pouco, obsessionadamente, nesse

local e ante as pupilas assombradas de Berenice, se formava, a fogo, algo de exotico, alucinante e estarrecedor. Primeiro, surgira indeciso, apenas delineado; mas logo fôra-se tornando nitido, avolumando-se, até alcançar a semelhança dum desses pequenos monstros que habitam o leito dos mares. Era como um polvo em miniatura, mas de largos tentaculos tingidos de vermelho — um polvo voraz que sugava, que se comprimia, para em seguida se distender, mais faminto ainda. Depois, metamorfoseava-se, passava inclassificado na zoologia e tomava o aspecto duma aranha monstruosa, que eriçava, abria e cerrava, constantemente, suas multiplices e horrorosas pernas. Transformava-se ainda e aparecia como uma braza viva, formada de sangue — uma braza que crepitava, que ardia sempre, que ia penetrando e devorando o lugar onde estava colocada e que tinha tambem uns tentaculos de fogo, que se emaranhavam sobre invisivel presa.

O cancro! O cancro!

Berenice procurou furtar-se á sinistra visão, mas seus olhos, depois de percorrerem o compartimento, foram de novo atraidos para o vidro — e de novo ali encontraram, numa terrivel obsessão, a braza que não esmaecia, a braza rubra que crepitava sempre, sempre — interminavelmente.

IX

Foi encontrá-lo estendido num leito branco, muito branco — um branco que vinha desde as paredes do quarto até aos lençois, que se espraiava por toda a parte, tam intenso que a sua propria pulcritude se tornara agressiva.

Fizera-se admitir como visita, sem precisar o seu nome, mas assim que deu entrada no aposento, os olhos de Afranio, que aguardavam um ser estranho, tornaram-se fixos, assombrados, suas palpebras recolheram-se, como dois reposteiros já inuteis, e as exclamações que lhe vinham em cataractas até á boca, não foram sequer articuladas.

Emudecia, atonito, ante a rara surpresa. Berenice, porem, correu para ele, abraçou-o, emocionada, num estarrecimento de dôr e de alegria. E quiz sorrir, mas sob o esgar dos labios vieram tombar as perolas das suas lagrimas.

— Meu amor! Meu amor!

Trocaram depois palavras sem ligação, farrapos de angustia — interrogações á doença, afirmações de carinho. O momento levava-lhes a alma, como um barco despedaçado, até ao turbilhão das grandes tragedias.

— Já sabes, Berenice... Já sabes, então, tudo?

— Sei, sim...

Era uma hora melodramatica, hora de pranto e de soluços, hora excepcional no relogio da vida.

— E porque vieste? Não devias ter vindo...

— Então, tu pensavas...

— Não, meu amor; eu não duvidava de ti. Tam certo estava de que, se soubesses o meu destino, me seguirias, que quiz evitar que o conhecesses. Como o soubeste? Como?

Ela fez um gesto vago — delineado e perdido no ar.

— Eu não queria, eu não queria, ouves? que te sacrificasses mais... E contudo, sinto agora alegria por essa delação que te trouxe até aqui. E ante o facto já irremediavel, eu o bendigo!

Entardecia, e a luz vespertina, plena de morbidas vibrações, tam densa que dir-se-hia feita de pó de esmeraldas, de rubis e de diamantes, invadia o quarto e dulcificava sua agreste brancura.

Anelante ainda, sufocada de comoção, Berenice achegou-se á janela. Lá em baixo, havia um pequeno jardim, mui arruado, mui quadrado — um triste jardim de hospital, onde as proprias rosas, por esmaecidas, dir-se-hiam tambem enfermas. E ao fundo, uma larga planicie, que o sol crepuscular povoava de reverberos.

Era como se um deserto se rasgasse ali, para que sobre ele corressem todos os fantasmas

do Sonho, em busca da Vida que estava para alem da curva do horisonte. E a contemplal-o Berenice se quedou alguns instantes. Logo, volvendo-se para Afranio, preguntou com voz funda, mixta de panico de extase:

— E que esperanças te deram?

— Uma operação na garganta, amanhã...

Voltou para junto dele e, agarrando-lhe as mãos, agora definhadas, esqualidas, exaustas, murmurou-lhe:

— Tu has de viver, Afranio...

Queria ludibriar-se, iludir-se a si propria, mas o sorriso triste que ele não poude evitar ante essas palavras levou-a a interromper o desfiar de seu rosario de esperanças.

— Quero ser tua enfermeira; ficar sempre aqui, a teu lado...

— Meu amor!

Chamado o dr. Foucault, foi este elucidado sobre o desejo de Berenice — desejo que ele julgou natural para ser formulado, mas extraordinario para ser atendido.

O celebre medico, apezar de aureolado já com o titulo de sabio, não tinha nem a abstracção, o ensimesmamento constante, nem o descuido fisico dos sabios doutrora.

Era um homem moderno, rigorosamente barbeado, sem melenas e sem oculos — e sua elegancia discreta não podia servir de modelo a qualquer actor que quizesse interpretar um grande vulto da Sciencia...

Era pequeno de estatura, tinha o nariz adunco, uns olhos muito vivos, muito inquietos, e uns gestos mui nervosos.

Possuia um automovel, que ele proprio guiava; mandara instalar no hospital um aparelho de telegrafia sem fios, e quer para fixar observações clinicas, quer para distracção pessoal, servia-se duma maquina cinematografica, cujos *films* ele fazia projectar numa das salas da sua casa de saude.

Dominava-o, porem, uma grande austeridade moral, que não se reflectia em seu rosto mas sim no seu procedimento, sempre que se tratava dos enfermos que se haviam confiado á sua sapiencia.

E o desejo de Berenice, a ser atendido, iria contrariar o severo regulamento da sua clinica.

—Doutor: eu não posso viver afastada dele... Vim a Paris de proposito para estar a seu lado...

Mas o dr. Foucault não transigia. Ele ouvira, no decorrer da sua vida de medico famoso, muitos argumentos como aqueles, muitas suplicas timbradas de lagrimas—e nunca transigira... Para o dr. Foucault a enfermeira, desde que em seus ombros se colocava esse manto de pulcritude, que era a bata branca, constituia a propria deusa da saude, que não podia ser substituida, porque só ela conhecia o segredo dos horarios, a inflexibilidade desses minutos em

que os enfermos devem obedecer a todas as prescrições medicas.

Só as enfermeiras, de gestos solicitos, mas frios, tinham o condão de não se comover — eram como uma mãe comum que, depois de ver sofrer todos os seus filhos, chegara a anestesiar a sua propria sensibilidade, procedendo agora conforme o cerebro e não conforme o coração. Tinham sido osculadas pelos labios algidos da Sciencia, e assim, livres de toda a comoção, secos os olhos por cansados de relerem o livro negro da Dor Humana, elas agiam automaticamente, não penumbravam a alma dos enfermos com lagrimas inuteis, antes dispersavam o desespero deles com algumas palavras, sempre repetidas, de estimulo e de esperança.

—Não, minha senhora. Custa-me ser-lhe desagradavel... mas é no interesse do seu proprio amigo... Depois dos medicos, só as enfermeiras podem executar, com regularidade, tudo o que os doentes precisam. E só elas, tambem, depois de nós, podem estimular nos enfermos o estado moral...

—Mas, doutor! eu saberei cumprir todas as suas indicações... Eu serei forte. Alem disso, a minha presença não evita que a outra enfermeira cumpra o seu dever...

E insistiu, insistiu, não até convencer o dr. Foucault, mas até o comover. E quando ele, emfim, lhe deu a ansiada autorisação, ela teve palavras de alvoroço e de reconhecimento.

Aquele triste triunfo ultrapassava em sua alma, desgrenhada pelos furacões da angustia, os grandes triunfos que a sua arte lhe dera.

E poude sorrir para Afranio, que a tinha ajudado a vencer a resistencia do medico. E quando este se retirava, Berenice acompanhou-o até ao corredor, e ali, em voz baixa, preguntou-lhe:

— A que horas se realisa, amanhã, a ablação?

— Ás dez, minha senhora.

— E espera salvá-lo?

O dr. Foucault fez um gesto vago, impreciso.

— Não crê, então, doutor?...

Ante o desespero, que envolvia as palavras dela, sofregas de verdade, o medico, para se furtar a uma resposta categorica, limitou-se a dizer:

— E tinha-me afirmado a senhora que era forte!...

X

O dr. Foucault andava inquieto, irritado, e dificilmente conseguia dominar seus gestos, cada vez mais nervosos. Os resultados da ablação não se enfileiraram entre esses casos extraordinarios, excepcionais, que muitas vezes surpreendem os proprios medicos.

Ao contrario, pautara-os a normalidade, e a excepção que poderia salvar Afranio não se dera. Com a laringotomia extraíra-se o cancro, mas não se extraíra todas as suas celulas. E estas, em breve, se reproduziam. Avançavam, distendiam-se, volviam a ocupar o logar de suas irmãs decapitadas. E vinham mais famintas, mais vorazes, destruindo, totalmente, sigilosamente, as cartilagens, rompendo os tecidos, sugando, penetrando, atraindo a morte.

E o dr. Foucault, que seguia atentamente a marcha daquele inimigo invencivel, constatou certa tarde que, dentro de pouco tempo, ante a sua impotencia, o cancro abraçaria com seus tentaculos as carotidas, o feixe vasculo-nervoso, é dizer, atingiria o cume da sua fatalidade. E nada mais havia a fazer! Nada mais havia a fazer! Seus estudos, suas pacientes investigações,

suas composições de laboratorio, tudo isso que constituia o esforço da sua vida e a razão da sua gloria, não poderiam salvar aquele homem, que levava tambem um nome glorioso.

Nunca acreditara na cura de Afranio, mas era-lhe doloroso que este, vindo de longe sob a atracção da sua fama, morresse sem ver o efêmero triunfo duma dessas hipoteses que o dr. Sepulveda lhe fizera.

E exaltava-se consigo mesmo, seus nervos alteravam-se — eles que raramente perdiam sua normalidade, ante essa carne de experiencia e de analise que era a maioria dos seus enfermos. E de novo ele observava a parte ulcerada, onde as celulas se iam avolumando, adquirindo o aspecto duma couve-flôr em miniatura. E de novo ele chegava à mesma tragica conclusão — nada mais havia a fazer...

E quando saía, Afranio, que lhe tinha seguido os gestos e as expressões, viu em seus olhos inquietos passarem, fugidias, como pombas perseguidas atravez dum ceu lutuoso, as ultimas esperanças.

A tarde era precocemente primaveril: — um sol palido filtrava-se pela janela, e em toda a casa pairava um denso silencio, agora apenas perturbado pelos passos do dr. Foucault que se afastava atravez do corredor.

Na quietude do momento, Afranio cerrou suas palpebras, concentrando-se na resolução que ha dias vinha esvoaçando, ainda imprecisa, ainda por concretisar, em seu espirito.

E acabou por a tornar concreta.

— Berenice...

A mulher amada abandonara seu corpo a uma cadeira — e ali, a carne morena, capitosa, assetinada, jazia em quebranto, sob o habito branco de enfermeira.

— Chamaste?

— Sim...

Ergueu-se, distendendo as suas linhas harmoniosas — e era agora mais pulcra sob o niveo traje e tinha o aspecto duma virgem prestes a imolar-se ante ignorado altar. E em seu rosto havia uma doentia resignação e seus olhos cavos, seus labios desmaiados e febris, assinalavam as noites de interminavel espectativa — noites de vigilia e de insonia.

E em passos leves de sonambula, caminhou até ao leito — esse leito que era o cadafalso onde seria executado o seu amor...

— Dize...

Ele triturava pensamentos, esmagava palavras, mas seus labios não se descerravam, e apenas suas pupilas convergiam para Berenice, penetrando-a, querendo alcançar-lhe a alma, querendo adivinhar a resposta que ela daria...

— Dize... Precisas de alguma coisa?

Afranio fez um gesto vago e pediu então:

— Senta-te...

Instintivamente, Berenice sentiu o ambiente tornar-se solene, grave, pesado — sentiu-se no prologo duma grande revelação.

Sentou-se na margem do leito, quedando-se a interrogá-lo com os olhos, sob o silencio que agora invadia tudo.

Ele deixou ainda que se dinamisassem novos pensamentos e depois, numa exalação de cansaço a que se põe termo, arrepanhou, sob um esgar voluntarioso, as palpebras, os labios, todo o rosto, e disse, pausadamente:

— Vais prometer-me, Berenice, que farás o ultimo sacrificio que de ti exijo... Eu sofro horrivelmente, muito... Tenho-o ocultado quanto me é possivel, para não aumentar tambem o teu sofrimento...

— Meu amor!...

Calou-se ele por instantes, e seus olhos desviaram-se até à janela, onde a luz da tarde já ia desmaiando, extinguindo-se lentamente.

— E daqui por deante, cada vez sofrerei mais... Eu li, eu sei...

Ela sentia-se aguilhoada, presas as palavras — fugiam-lhe os argumentos, e não tinha nenhum consolo para opôr àquela tragica verdade que se levitava dos labios do enfermo.

— Agora é preciso que saibas... O meu fim será horroroso, Berenice... Não imaginas, não imaginas!

Ela já o sabia: — ela fôra tambem, quando ele repousava, ler-lhe a sina estranha nesses grossos volumes que uma legião de sabios tinha escrito sobre o cancro, e que se acumulavam em altas estantes no gabinete do dr. Foucault. Ela

sabia, mas calava, calava, na ansia de sepultar na sua alma aquele segredo — no anelo de que as observações desses sabios fossem falsas, como inuteis eram seus esforços para exterminar o mal fatidico. Ela não quizera admitir que aquilo fosse mais do que um horoscopo, de mui duvidosa confirmação. E martirisara-se muito, martirisava-se ainda, para fazer calar aquela voz que do amago do seu espirito lhe gritava que era verdade! que era verdade!

E agora, sobre eles volvia a pairar o mesmo angustioso e inquietante silencio, onde pareciam condensadas as palavras de Afranio:

—O meu fim será horroroso... Não imaginas...

Berenice tentou soerguer-se, não porque julgasse terminado o pedido do enfermo, mas porque se sentia sufocada.

Ele, porem, expressou-lhe com os olhos o desejo de que ela continuasse ali. Depois, atropelando as palavras, que sua voz já mal articulava, disse:

— É horrivel o fim dos cancerosos! E no meu caso ainda é mais... Berenice!... Para evitar esses inuteis sofrimentos, eu te peço, eu te exijo...

Adivinhando a tragica razão daquele momento, ela debruçou-se sobre o enfermo, estarrecida, desvairada, vibrante o seu subconsciente e emaranhado todo o seu raciocinio:

— Afranio!

Era um grito de loucura e de desespero — que parecia querer esconjurar os proprios elementos que a fulminavam.

Mas ele estendeu sua mão exausta, murcha, num gesto que implorava e ordenava, e de novo falou:

— Peço-te que me escutes com serenidade... Sê forte... Nada remediarias... Peço-te... O valor autentico do cerebro está em podermos analisar a frio, austeramente, a chegada da nossa propria morte... É preciso dominar o instinto; é preciso que não sejamos covardes...

Procurava encorajá-la, insuflar-lhe as teorias da sua obra, essas teorias que o levavam a aceitar agora a morte com grave serenidade. E pouco a pouco ela foi cedendo, não porque estivesse convencida, mas porque o seu proprio desespero lhe indicava que aquelas palavras, sintese ou não da verdade, eram as unicas propicias aos instantes que se esvaíam. E deixou de ter flectido o seu busto, e suas mãos, até ali crispadas, vieram cair, como duas pombas mortas, sobre o ninho do regaço.

— Dize...

Expatriava-se do quarto a luz da tarde, e havia agora no ar algo como uma poeira mui fina — uma poeira que se ia adensando, hesitante entre o pardo e o escuro.

— Eu quero, Berenice que antecedas a morte, matando-me, quando verificares que o

meu sofrimento é inutil... — pediu ele, friamente, resolutamente.

Ela compreendia agora, em toda a sua plenitude, o motivo, até ali apenas pressentido, daquele instante tragico. E não se poude conter, e protestou, erguendo seus braços num gesto de panico e de horror.

— Ah! não! não! Tu deliras! Tu estás louco! Pode lá ser!

Afranio assistiu ao desespero da amante ideal, impassivelmente. E quando ela soluçava, arquejante o seio, tremulos os labios, já sem palavras, como se estivesse ante um facto consumado, irremediavel, ele tentou atenuar o seu enorme pedido, repetindo:

— É só quando já fôr inutil todo o meu sofrimento... Quando verificares que é um gesto de generosidade libertar-me da vida...

— Afranio!...

E soluçava, soluçava sempre.

Ele, então, arrastando sua voz já dificil, foi em longo monologo dispondo a flotilha dos seus argumentos:

— Não é a mim, que só vivo já para a dor, mas sim ao proprio mal que me devora, que tu destruirás... Foi ele que me roubou ao teu amor... Lembra-te: foi ele... Os inuteis não vivem por direito proprio, porque este tirou-lho a natureza, mas apenas pela magnanimidade do coração humano... Pois é para essa magnanimidade que eu apelo... Se é licito deixar viver

um homem, para quem ainda restam esperanças de salvação, não é licito tambem matar aquele que implora a morte, porque todas as esperanças já o abandonaram?... Deixa que o teu coração proceda, porque eu já não posso, já não posso... Não tens observado o medico? Tens visto em seu rosto a minha irremediavel sentença... Ah! não digas que não! Não mintas, Berenice! Eu tenho visto teus olhos seguirem-no interessadamente, tenho visto neles a mesma certeza, o mesmo desespero que me fica quando o dr. Foucault sai... E esses ultimos dias não viverei senão para a dor, cada vez mais veemente... Porque me queres deixar, então, sofrer ainda mais? Promete-me, Berenice!... É bom termos coragem! E não tenhas remorsos! É o maior sacrificio que me pode dar o teu amor... Recorda-te que eu nunca amei a vida; recorda-te que em meus livros exalcei sempre a morte... E se desejava viver era por ti... Mas, agora, bem vês, tudo é inutil...

Calava-se, extenuado pelo longo esforço feito para articular aquelas palavras de sugestão. E ela, que o ouvira transidamente, como se escutasse um oraculo que lhe revelava seu fatídico destino, ergueu-se, silenciosa, e caminhou a passos lentos até á janela. Levava a resignação dum automato que obedecesse a uma vontade transcendente e incognoscivel. Colou um momento seu rosto aos vidros, e ali se quedou ante a noite que avançava, que já invadia tudo.

Depois, serenamente, voltando-se, preguntou, interrompendo o ruído opresso da respiração do enfermo:

— Quando?

— Hoje... Amanhã...

E como ela tivesse um estremecimento de horror:

— Quando quizeres... Quando teu coração t'o ordenar... Quando o teu amor te gritar que esse é o ultimo bem que me podes fazer...

Ela, então, percorreu com o olhar o quarto que as trevas já assaltavam, á procura de algo que ali não existia: — o elemento com que devia executar a vontade do enfermo, executar a ele proprio... Mas Afranio, adivinhando-lhe, no denso silencio que os envolvia, a intenção, disse-lhe ainda:

— Vais ao logar onde arrecadam as bagagens... Está lá uma mala com roupa, que comprei em Paris, antes de vir para cá. Está tambem um revólver... Trá-lo.

Ela deteve-se um momento, pensativa, hesitante. Mas logo, sentindo o olhar dele a segui-la, a queimá-la, demandou a porta, e seus passos, em breve, ecoavam no longo corredor.

A noite, caricia dos que se desesperam, brisa de olvido e de morte, cobria agora a terra de luto — e o quarto de Afranio, onde Berenice, sob a angustia que vinham de passar, se esquecera de dar a volta ao comutador electrico, escondia-se sob as asas da treva.

E lá em baixo, ouvia-se o ruido do automovel do dr. Foucault, que conduzia o medico celebre para a cidade — para a Vida.

Mas a distancia foi amortecendo esse ruido, até extingui-lo completamente nas fauces da noite.

E de novo um sufocante silencio se acoitou no quarto do enfermo. Afranio meditava, evocava, deambulando pelos jardins da sua infancia, da sua juventude, que para ele foram sempre jardins de melancolia. Sentia-se ali já provisorio, o proprio leito parecia querer expulsá-lo — negando-lhe o direito de ser seu hospede.

Não se apavorava da morte: — desde a sua adolescencia, mentalmente e ante as torturas que a Vida infligia ao seu espirito — inquieto, vinha-se preparando para a receber, como unica oferenda digna que a sua existencia lhe podia dar. E se sofria agora, era por ver o rosto dela, descarnado e tragico, mascarar-se um instante com o rosto de Berenice, para logo o afastar — separando-os para sempre, para a eternidade...

As estrofes do seu amor constituiam o unico poema que ele não quizera dedicar á morte... Mas era inevitavel, era inevitavel!

Os passos de Berenice, soando de novo no corredor, vieram interromper o seu estado emocional.

E descerrou-se vagarosamente a porta do quarto, e ela, branca, muito branca no seu habito de enfermeira, recortou-se no aposento em trevas, como um fantasma brotado do proprio seio da noite.

E, tambem lentamente, caminhou, no silencio imperante, até á pequena mesa. E logo ouviu-se um ruido seco — o ruido do revólver que ela fôra buscar e que agora caía dentro da gaveta...

XI

Nos dias seguintes o estado do enfermo agravara-se — abrindo plenamente, amplamente, as sendas da morte.

O cancro atingia agora a sua fase maxima de horror e destruição. E os sintomas assinalados pelos sabios confirmavam-se inexoravelmente, mau grado o ingenuo anseio de Berenice, que os quizera tam hipoteticos como os proprios elementos empregados para os debelar.

Afranio definhara-se completamente: — seus olhos, mui cavos, escondiam-se agora sobre as proeminencias do rosto; seus labios tinham-se adelgaçado até colarem-se, fenecidos, sobre a dentadura. Entregaria á morte, não o corpo, pois este fôra-lhe devorado em vida, mas o esqueleto, que uma epiderme palida e caritativa consentia em revestir ainda.

Sob a tortura da dispnêa, já acentuadissima, tinha convulsões horriveis, crispava-se, debatia-se entre a impassibilidade das almofadas e dos lençois — e acabava num espasmo longo, mui longo, em que tudo se tornava indiferente e vão perante a dôr invencivel.

O medico pensara ainda em fazer-lhe uma

traqueotomia, mas isso mesmo fora julgado inutil para aquela vida que se extinguia.

E Afranio era agora a propria encarnação do sofrimento — um sofrimento ilimitado, profundo, que revoluteava surdamente, como um mar em cujo leito se desse uma erupção vulcanica.

Perdera a voz: — de seus labios só se exalavam gemidos de dor incontida, e apenas seus olhos ligavam, nos momentos de treguas, os olhos da amante á mesa onde se encontrava o revólver com que ela o devia assassinar.

E esses olhos imploravam, então, a morte prometida, a morte jurada pelo amor de Berenice.

Mas ela dominava-se ainda, protelava ainda o cumprimento da sua promessa — protelava, nem sabia porquê, pois era risivel acariciar já qualquer esperança.

Afranio entrara em plena caquexia e, conforme prenunciavam aqueles grossos volumes que ela lera e os factos confirmavam, ou a dispnêa tornar-se-hia absoluta e ele morreria asfixiado, ou os tentaculos avançariam mais e mais, abraçando-se como heras famintas ao feixe vasculo-nervoso, até ulcerarem um dos grandes vasos e provocar uma hemorragia fatal.

O proprio dr. Foucault, quando vinha àquele quarto aplicar anestesicos ao enfermo, tinha gestos irremediaveis e procedia como um sacerdote que fosse dando, lentamente, com costumada paciencia, a extrema-unção.

Todavia, Berenice vacilava ainda, hesitava sempre. Martirisava-a o sofrimento do homem amado, sofria veementemente ao vê-lo sofrer, mas uma covardia instintiva ia-lhe detendo o gesto redentor.

Os olhos de Afranio, porem, ainda obedientes ao cerebro, perseguiam-na, imploravam-lhe com uma mobilidade estranha, o almejado fim. Iam dela à gaveta onde jazia o revólver, volviam aos olhos dela, a exigir a promessa feita, a suplicar, a suplicar... Tinham uma singular eloquencia: — diziam-lhe que não tivesse remorsos, que não prolongasse o martirio, que fosse corajosa, que procedesse imediatamente...

E como ela continuasse a hesitar, a não obedecer, naquela manhã, sob novas convulsões produzidas pela dispnêa, o braço de Afranio, esqueletico, branco, quasi transparente, ergueu-se do leito, apontou a gaveta num gesto imperativo e delineou depois no ar um signo de repreensão e de colera.

E ao mesmo tempo, os olhos dele exigiam, autoritarios, a obediencia dela — e nesses olhos, que já não suplicavam, Berenice viu uma censura à sua covardia.

Ela, então, vergou, como uma rosa ao crepusculo, sua cabeça — em sinal de passividade. E tambem então, os olhos dele voltaram a ameigar-se, a sorrir-lhe, agradecidos — e absolvendo-a, absolvendo-a...

Foi apenas um instante e o ultimo, esse em

que as duas almas se voltaram a fundir, agora já sob o portico negro da morte. Foi apenas um instante, porque logo as convulsões sinistras, horriveis, prosseguiram, em contorcionismos mefistofelicos, que faziam enroscar-se, distender-se, espalmar-se e avolumar-se sobre o leito aquele corpo martir, que a Fatalidade elegera para seu holocausto.

Prevenido, o dr. Foucault surgira e, em gestos rapidos, aplicou ao enfermo uma injecção de morfina. E emquanto se procedia á operação, os olhos de Afranio pediram mais uma vez á mulher amada, por detraz do busto curvado do medico, que cumprisse, que cumprisse a sua palavra. E mais uma vez os olhos dela prometeram-lhe obedecer — e agora para não faltar.

E logo que o dr. Foucault saiu, Berenice aproximou-se do leito. Sob o poder da morfina, Afranio adormecera. Seus braços e suas mãos, já quasi imateriais, estendiam-se ainda ao longo da roupa revolta. Ela, então, carinhosamente, recolheu esses braços sob os lençois, — e repuxou estes até alcançarem o pescoço do enfermo.

Sob a roupa branca, o corpo delineava-se rigido, hirto, como se fosse já um cadaver. E a contemplá-lo Berenice se quedou alguns instantes. Depois, vagarosamente, dirigiu-se para a pequena mesa, abriu a gaveta e de lá retirou o revólver.

Havia ali o mesmo silencio fundo das tardes de angustia — e que contrastava com o silencio

lá de fora, que era ritmico, sinfonico, prenhe de encanto e de luz primaveril.

A passos leves, ela volveu ao leito, volveu a debruçar-se sobre Afranio. Pelos labios dele, entreabertos, escoava-se uma respiração dificil, surda, monotona. Berenice debruçou-se mais, e a esses labios exaustos, que desde os primeiros sintomas do mal fatidico a deixaram de beijar, achegou sua boca — num osculo longo, interminavel, num triste osculo de despedida.

Depois, soergueu-se, distendeu seu braço e encostou à boca dele o cano do revolver. Não queria assassinar-lhe o coração, que era nobre e que sempre a amara. Queria fusilar o cancro, que lhe roubara o seu amor, que lhe roubara a sua vida.

E premindo o gatilho, disparou. E no fundo silencio que os envolvia, o estampido soou rouco, abafado, mas fatal.

A ALEGORIA DO MELODRAMA

(EPILOGO Á NOVELA)

E agora, na prisão, Berenice esquecia-se em longos êxtases, em longas evocações melodramaticas. Pela tarde, um jacto de sol perfurava as grades, para desenhar na cela estranhos quadrados de luz. E pela manhã, num beiral distante, limoso, esverdeado e onde floresciam plantas peregrinas, vinham brincar e amar-se alguns casais de passaros inquietos. Dir-se hia que traziam nos olhos a imagem de todos os panoramas da terra e nas asas farrapos azuis do proprio firmamento que eles sulcavam livremente.

Mas Berenice não os invejava. As provações que se haviam filtrado em sua alma, como numa alta ampulheta, anestesiaram-na para toda a sensação vulgar — e seu corpo macerado e seu espirito exausto só desejavam repouso, paz, olvido.

E seus olhos contemplavam com tristeza as rosas que as senhoras romanticas da cidade, admirando seu gesto heroico, lhe enviavam todos

os dias. Rosas vermelhas, rubras, embriagantes, como fôra o seu amor. Rosas-chá, palidas, desmaiadas — rosas de sacrificio e de melancolia, como a sua propria alma, ante paisagens de tragedia.

Amava-as igualmente, consorciava-as no mesmo vaso, e a aspirá-las se demorava longo tempo. E em frente ás rosas, ela era uma sombra augusta, na cela silenciosa. E seus labios, por vezes, desprendiam a seta dum sorriso doloroso, que ia alcançar o seu proprio drama, por ela evocado constantemente. E seu espirito deambulava então por todos os jardins melodramaticos.

E constatava, com amarga ironia, que o drama por ela vivido era arcaico — traía a vida contemporanea e estava fora da arte moderna. Era um desses dramas antigos, hoje só aplaudidos em teatros populares e cujos personagens dir-se hiam já esfumados sob os veus do tempo. E todavia, fôra dum drama assim que ela se tornara heroina. Ela, que em arte amava as obras modernas, onde já não adejam as paixões veementes e onde não existem já os longos sacrificios, pela propria epoca tornados inverosimeis. E muitas vezes, nos meios artisticos, ao falar-se desses melodramas preteritos, feitos para despedaçar nas pupilas dos espectadores as anforas das lagrimas, ela negara-lhes qualquer relação com a verdade e afirmara desdenhosamente que eles só podiam ressuscitar seu remoto prestigio

em teatros de amadores. Semelhavam velhas mumias que só ao contacto das mãos tornadas sortilegas pela inexperiencia, como outrora o eram pela magia da virgindade, podiam animar-se, já que não podiam adquirir de novo o seu encanto perdido. Obra de romantismo, os melodramas não tinham sequer o poder denso da mentira que, quando profunda e estarrecedora, chegava a eternisar-se como verdade nas tragedias classicas. Eram meramente convencionais, adulteravam a vida normal, viviam apenas desse fogo de artificio florescendo numa noite silente, que é a retorica — e não conseguiam interessar a quem, como ela, se comprazia em trilhar as sendas do teatro moderno. Ela só amava esses personagens que não levavam, para não parecerem arcaicos, o estigma dos grandes sacrificios, das intensas abnegações — que preferiam a infidelidade a uma fidelidade monotona, que não conduziam sobre o coração medalhas misteriosas, em volta das quais se gravava, como um hieroglifo numa lapide, todo o argumento da peça e que tambem não se suicidavam nem assassinavam, para que não atribuissem ao autor processos já sediços, esvaidos já nos anos mortos. Ela, alma fundida nos cadinhos da sua epoca, só amava esses personagens que sabiam equilibrar o ritmo do coração com o ritmo mecanico do seculo em que viviam e que sabiam tambem dispersar com as lampadas electricas a cerrada penumbra em que palpitavam os amores infelizes d'outrora. E não acreditava

que os melodramas podessem estar dentro das muralhas da vida — e ria-se do tempo infantil, já tam longiquo, em que as declamações estentorosas dos personagens centrais lhe pareciam verdadeiras, e todas as palavras lhe soavam aos ouvidos com um sentido imutavel, inexoravel.

Mas verificava agora que a vida se vingara, elegendo-a para protagonista dum desses dramas antigos, a cuja leitura ou representação ela só podia assistir com um sorriso piedoso. A vida elegera-a para heroina dum melodrama real e pelo genio melodramatico fôra pautado todo o seu amor. O teatro, onde conhecera Afranio, a viajem nupcial, o sonho longo de felicidade, com a doce transigencia do homem amado em escrever para as maiorias que ele repudiava; logo a desdita, com a clinica do dr. Foucault; tudo isso constituia elementos para melodrama, tudo isso não era mais do que um melodrama dividido em actos e em scenas...

E esse melodrama não terminara ainda, pois, como consequencia daquele acto que tivera por scenario a casa de saude, surgira inevitavelmente, irremediavelmente, como nas peças arcaicas, ess'outro que tinha por pano de fundo a parede dum carcere, com suas classicas grades e com seu eterno raio de sol.

E ainda como nos melodramas, numa dessas manhãs de prisão, seus pais, vindos de muito longe, assomaram-se com o pó do caminho ás grades da porta e, descerrada esta, entraram,

não para lhe conjurarem o tragico gesto, mas para lhe perdoarem, em nome do seu grande amor, que não vacilara ante a propria morte e que porisso aos olhos deles a redimira.

E então Berenice compreendeu mais nitidamente que vinha de representar, e que representava ainda, um melodrama real, que a Vida, numa suprema ironia ao genio moderno, para ela escrevera.

E sorria tristemente... Sorria tristemente, ante essas rosas rubras e essas rosas palidas, que eram tambem elementos melodramaticos.

Era verdade que a Vida plagiava a Arte! Era verdade...

E de novo ela se esquecia nessa alegoria do melodrama, sob a qual se esquissava o vulto de Afranio, que fôra o galã e com ela contrascenara quasi até ao fim.

E evocava a tortura dele, para que seus romances fossem a expressão da sua epoca e a tuba prenunciadora das epocas futuras; para que neles não se projectasse a sombra melodramatica desses romances antigos, ingenuos e pueris, onde um beijo valia uma vida e os noivos separados por preconceitos de familia acabavam unindo-se e conquistando todas as grinaldas do amor.

Recordava-se dessas longas palestras, em que ele lhe confessava que, depois de ter creado seus personagens, lhes eliminava varios gestos e estados emocionais, não porque estes estivessem

fora da vida, mas porque estavam dentro do melodrama — e que pareceriam assim fatalmente antigos, falsos, convencionais, mesmo quando fossem verdadeiros.

Recordava o sorriso desdenhoso que ela e o homem amado tinham, quando alguem das suas relações confessava que lia com interesse e admiração essas obras que vinham desde os rodapés dos jornais até esses fasciculos que mãos distribuidoras de emoções espalhavam pelos domicilios e onde se descreviam com tintas romanticas, amores aventurosos beijados na fronte pela fatalidade.

E recordava ainda que da biblioteca de Afranio todas essas obras estavam proscritas e em seu logar só se ostentavam aquelas que traziam um anelo inedito — uma ansia de arte nova, equilibrada ou exotica, dificil ou bizarra, mas não chancelada pelo Passado.

Evocava tudo isso, e afinal constatava agora que o numen melodramatico, que eles repudiavam, a eles precisamente elegera para faquires da sua ressurreição.

E ela sentia-se assim transportada a um momento antigo, soado já em mui velhos relogios. E sentia que sua alma moderna não transigira, não abdicara, para escutar esse ritmo preterito. Seu coração fôra voluntariamente, sem luta com o cerebro, regular, sob a égide do seu amor, aquelas horas de sacrificio que dir-se-hiam esgotadas já no silencio dos seculos mortos.

E interrogava a si propria se era a vida que se repetia ou se o coração era imutavel e exalava sempre, adentro de qualquer arte ou de qualquer epoca, a mesma musica dos tempos biblicos.

E voltava a sorrir tristemente, sob a funda mudês que a envolvia e ante as rosas que iam esmaecendo.

Não aceitara, jamais, um desses papeis intensos que justificam o exilar-se do olvido a os melodramas arcaicos — e todavia esse papel, que sua arte se recusara a interpretar, a ceitara-o a sua vida, e sem nenhum protesto.

E fundia-se mais e mais em êxtase, ante a luz roxa dessa apoteose melodramatica que não terminara ainda.

E só quando o carcereiro descerrou a porta da sua cela, e dois guardas hirtos, rígidos, a vieram buscar, para a conduzir ao tribunal, ela compreendeu que se aproximava o fim do melodrama.

Nas peças antigas seria aquele o quinto acto — esse acto ultimo onde se absolveriam e glorificariam os personagens até ali sacrificados.

E como nessas peças antigas e sob o numen melodramatico que a elegera, o juiz absolveu-a; e o publico, que assistia ao julgamento, comoveu-se. E ela encontrou-se livre, ante a cidade emocionada pela conclusão daquele drama passional e ante as lagrimas dos que a puderam contemplar.

Mas sentia-se exausta, desgrenhada, sorvida pelos vendavais melodramaticos, que por ela passaram rugindo e que agora passavam entoando arias de paz e olvido. Sua arte moderna já não a atraía, e o mundo parecia-lhe uma estepa interminavel, que perdera todo o encanto desde que sobre ela já não se reflectia a sombra de Afranio.

Assim, Berenice pensou em entregar-se definitivamente ao seu destino melodramatico — encerrando-se num convento, como suas irmãs preteritas, que candidos dramaturgos exalçaram e em cuja fronte o primeiro beijo de amor se quedara gravado para sempre, como um estigma de fatalidade.

E só então ela voltou a constatar que todos os relogios marcavam unicamente horas modernas — e que essas horas não soavam já no silencio de convento algum que a pudesse recolher. E resignada, trocou esse templo de olvido por um templo do Sofrimento Humano — e inscreveu-se como enfermeira duma casa de saude. E suas belas mãos agora de novo se distendiam, brancas, pulcras e compassivas, sobre os corpos enfermos, onde revivia o drama desse homem que ela amou ainda para alem da morte e a quem por amor assassinara. Procurava redimir assim o seu tragico gesto, já que não podia resgatar perante a vida o crime que praticara.

Lisboa, março de 1925.

Biblioteca Civilização

DIRECTOR: DR. CAMPOS MONTEIRO

Colecção de pequenos romances nacionais e estrangeiros

CADA VOLUME . . . . 2$50

VOLUMES PUBLICADOS:

1.—**Perdão tardio,** novela regional por *Campos Monteiro.*
2.—**A primeira Dulce que houve em Portugal,** novela histórica por *Silva Tavares.*
3.—**O Vingador,** novela histórica por *João Grave.*
4.—**A verdadeira mãe,** novela por *D. Ana de Castro Osório.*
5.—**O Patriota,** novela militar, por *Rocha Martins.*
6.—**Páginas da vida,** por *Lourenço Cayolla.*
7.—**Martírio de noiva,** por *Eduardo de Noronha.*
8.—**Uma noite de Cleópatra,** por *T. Gautier.* Tradução portuguesa de *Campos Monteiro.*
9.—**Sem amor,** por *D. Aurora Jardim Aranha.*
10.—**A Morgada de Sortelha,** por *José de Faria Machado.*
11.—**A morte redimida,** por *Ferreira de Castro.*
12.—**O jogo da morte,** por *D. João de Castro.*

Campos Monteiro

MISS ESFINGE

Romance (3.ª edição) . . . . . 10$00

. . . . . .

Miss Esfinge revive nas suas páginas pedaços de história do Porto estroina e galante de ha sessenta anos, recordando os episodios das luctas politicas e civis do constitucionalismo, e põe em foco personagens de nomeada na politica e na literatura, representada esta no seu vulto mais ilustre, o genial romancista **Camilo Castelo Branco,** que no romance desempenha papel preponderante.

Narrativa ao mesmo tempo impressionante e sentimental, **Miss Esfinge** tem paginas admiraveis de descritivo, como esse dramatico capitulo **Uma noite tragica,** que é dos trechos mais impressivos, empolgantes e arrebatadores de toda a novela, bastando por si para definir a tempera de um escritor do talento do Sr. Dr. Campos Monteiro.

MOEDA CORRENTE

Crónicas e contos humoristicos . . . . 10$00

N'esta interessante colecção de narrativas e diálogos humoristicos, versando os mais variados temas, o autor passa em revista, com uma nitidez de *cliché* fotográfico, tipos e episódios da sociedade actual, tão cheia de ridiculos e de aspectos cómicos. **Moeda corrente** é a crónica faceta da época de dissolução e banalidade que sucedeu á Grande Guerra. E é talvez, de todos os livros de Campos Monteiro, aquele em que o distincto escritor revela mais fundamente as suas faculdades de observador e de critico... Quanto ás de prosador, basta citar o conto *A felicidade,* que é perfeitissimo, como se não escreve melhor na Europa.

A OITO DIAS DE VISTA

Crónicas . . . . . 10$00

SAUDE E FRATERNIDADE

Sátira politica. 20:000 exemplares vendidos em Portugal — 9.ª edição **definitiva,** completamente remodelada, inserindo 22 caricaturas e a do autor, a cores, no frontispicio e capa. Desenhos de Amarelhe . 12$00

Os vinte mil exemplares vendidos em menos de três meses falam bem alto do valor d'esta obra, que foi o maior sucesso de livraria que tem havido em Portugal. Trabalho

de admirável ironia política, no qual se faz a história futura do período que vai de agosto de 1924 a novembro de 1926, na vigência da república radical e do bolchevismo, *Saude e Fraternidade* espalhou-se rápidamente por Portugal, colónias e Brazil, fazendo rir — e pensar — todos que tiveram a ventura de o ler. E' que sob aquela forma risonha Campos Monteiro mostra perigos que estão muito longe de serem imaginários, e, revelando fundos dotes de observador, poz em jogo pessoas e acontecimentos, tirando, das premissas estabelecidas, conclusões absolutamente lógicas, «Panfleto terrivel» chamou a esta obra um grande jornalista.

VERSOS FORA DE MODA

2.ª edição . . . . . 5$00

Livro encantador pela expontaneidade da ideia, pelo burilado da fórma, pela candura quási religiosa que o inspirou, e sobretudo pela sinceridade com que foi escrito. Ha n'ele pequeninos quadros regionalistas, doces tonalidades de aguarela que revelam, além do poeta de intensa sensibilidade, a fantasia brilhante de um pintor.

Não há meio de escolher n'este adorável volume. Todas as poesias que o formam são animadas por uma beleza superior.

MUSA IRÓNICA

Monologos e contos em verso (2.ª edição) . 8$00

Um livro delicioso pela graça. Versos de uma técnica irrepreensivel... E' um ramilhete bizarro de poemetos, contos e monólogos, esfuziantes de ironia singela e viva, revelando a mão de mestre que a traçou, e nos quais o artista acamarada superiormente com o poeta... Através de todo o volume, desde o mais insignificante monólogo até á blague eatralizada para fazer rir o público, o poeta e o comediógrafo, o literato impecável e o autor dramático aplaudido transparecem.

QUANDO SE AMAVA ASSIM

Peça em verso. . . . . 8$00

Comédia regionalista, apresentando-nos a vida transmontana dos meados do século XIX, repassada de um sôpro intenso de idealismo, há nesta peça scenas encantadoras. Em *Quando se amava assim*, que tanto pode ser representada num palco como numa sala, a fluência e a elegância dos versos só são egualados pelo profundo conhecimento da carpintaria teatral que fez de Campos Monteiro um dos nossos primeiros dramaturgos.

O CRIME DUMA MULHER HONESTA

Drama em 2 actos. . . . . 2$50

A PROMESSA

Peça em verso. . . . . 2$50

AUTO DAS TRÊS BARCAS

4 quadros em verso . . . . . 4$00

OS LÚSÍADAS

Parafraseados e com 2:660 anotações, edição para as escolas, belamente encadernada . 20$00

PERDÃO TARDIO

Novela regional . . . . . 3$00

Campos Monteiro está sendo um nababo literário. Da sua pena brotam, a cada passo, joias raras de variado fulgor e variado aspecto. A poesia lírica, a sátira em prosa, o conto e o romance... N'esta última espécie se filia o **Perdão Tardio**, de pungentissimo enredo, desenrolado na nossa província de Trás-os-Montes, e onde os caracteres, os costumes e a paisagem regionais surgem descritos por mão de mestre, estabelecendo o conflicto da vida em lances amorosos, destes resultando a tragédia que principios de honra rural, rigida, severa, anacrónica, como as agrestes montanhas e os fundos vales que lhe servem de scenário, aguilhoam, deturpando a visão estreita dos seus protagonistas e esmagando a bondade. São páginas empolgantes e soberbas.

CAMILO ALCOFORADO

ROMANCE

Um grosso volume . . . . . 12$50

Sequencia de «Miss Esfinge», mas podendo ler-se independente, foi neste romance que Campos Monteiro se revelou absolutamente seguro dos processos literários que o teem notabilizado como o primeiro dos nossos romancistas. Em «Camilo Alcoforado», alem do interesse do enredo, ha uma técnica perfeita, uma superior beleza de forma, e um fim altamente moral. Aquelas 400 páginas são uma lição de bondade. E ao volver a última página, a alma do leitor sente-se consolada, certa de que ainda há no mundo, apesar da corrupção que o invade, almas puras e perfeitas.

Climent Terrer

COMO SE CHEGA A MILIONARIO

Tradução portuguesa de Augusto Moreno, autor do Dicionario Popular . . . . . 10$00

É uma obra notável, narrando a vida de 50 arqui-milionarios e inserindo os seus retratos.

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃ
75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77
PORTO

Campos Monteiro

Os Lusiadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. . . . . 20$00
Versos fora de moda, 2.ª edi. 5$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso). 2.ª edição. 8$00
A oito dias de vista (crónicas) 10$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). . . . . 2$50
Miss Esfinge (novela), 3.ª ed. 10$00
O crime duma mulher honesta, drama em 2 actos . 2$50
Saude e Fraternidade, sátira politica (edição definitiva) 12$00
Moeda corrente, crónicas e contos. (4.º milhar) . . . 10$00
Quando se amava assim, peça em 3 actos . . . . . 8$00
Camilo Alcoforado (romance) 12$50
Auto das três barcas (4 quadros em verso) . . . . 4$00

João Paulo Freire (Mario)

O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos. 2.ª edição com uma carta do Senhor Conselheiro João Franco ao autor deste livro . . 10$00
Homens do meu tempo . . 10$00

Antonio Ferro

A Amadora dos Fenómenos 8$00

Silva Tavares

Quem canta (3.ª edição) . . 10$00
Rosario de Rimas. . . . . 12$50
Mais Cantigas. . . . . 10$00
Varões e... lustres . . . 10$00

Eduardo de Noronha

A Marqueza de Chaves . 12$50
Com os olhos na Pátria . 15$00
Em redor d'Africa . . . 10$00
Pina Manique. . . . . 10$00
Heroinas, Mulheres... . . 8$00

Branca da Silveira e Sil

(GIESTA)

Contas do meu Rosário. . 8$
A Herdeira (romance). . . 10$

Henri Ardel

Traduções de Campos Monteiro

Azul e Branco (romance). . 8$
Fogo mal extinto (romance). 10$
A Sombra do Passado (romance) . . . . . 10$

Tradução de João Grave

Renée Orlis (romance) . . 10$

M. Delly

A Exilada (romance) . . . 10$
Uma mulher sedutora (rom.) 10$

Maria da Luz Sobral

Barquinhos de papel (contos para crianças) . . . . 10$

(Biblioteca Civilização)

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

I — Perdão Tardio (por C. Monteir
II — A primeira Dulce que hou em Portugal (por Silva Tavares).
III — O Vingador (por João Grave).
IV — A verdadeira Mãe (por Ana Castro Osorio).
V — O Patriota (por Rocha Martin
VI — Paginas da Vida (por Loureu Cayolla).
VII — Martirio de noiva (por Eduar de Noronha).
VIII — Uma noite de Cleópatra (p Teófilo Gautier, tradução de Camp Monteiro).
IX — Sem amor (por Aurora Jardi Aranha).
X — A Morgada de Sortelha (p José de Faria Machado).
XI — A morte redimida (por Ferrei de Castro).
XII — O jogo da morte (por D. Jo de Castro).

Cada volume 2$50

Biblioteca "Civilização"

Colecção de pequenos romances portuguêses e estrangeiros

O Jogo da Morte

POR

D. JOÃO DE CASTRO

1925

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - Editora - Porto

NIO

LIMA

O JOGO DA MORTE

Obras do mesmo autor

POESIA

Alvoradas de Abril, primeiros versos, com prefações de Tomás Ribeiro e Camilo Castelo Branco. — Porto, 1889. (Esgotado).
Livro Branco, líricas. — Porto 1890.
Alma Póstuma, poemeto. — Lisboa, 1891. (Esgotado).
O Morgadinho — Porto, 1892. (Esgotado).
Jesús, poêma dramático. — Coimbra, 1895. (Esgotado).
Via Dolorosa, poêma dramático. — Porto, 1898.
Jesús, poêma dramático, 2.ª edição refundida, com ilustrações de António Carneiro. — Porto, 1920.

A PUBLICAR:

O Morgadinho, nova edição, refundida.

PROSA

Os Malditos, romance. — Lisboa, 1892.
Os Malditos, 2.ª edição, aumentada. — Lisboa, 1895. (Esgotado).
Morte de Hómem, romance. — Lisboa, 1898.
Redenção, romance. — Lisboa, 1904.
Jornadas no Minho. — Lisboa, 1906. (Esgotado). — 2.ª edição, Lisboa, 1909.
A Desonra, romance. — Lisboa, 1910.
A Desonra, peça em 3 actos, representada no Teatro da República de Lisboa. — Lisboa, 1913.
O Anel de Ferro, conto para crianças, ilustrado. — Lisboa, 1913.
A Comédia de Lisboa. — Lisboa, 1920.
Sangue de Amor, novela. — Lisboa, 1921.
O Pecado de El-Rei D. Afonso Henriques, novela histórica. — Lisboa, 1921.
Portugal Amoroso, episódios românticos da marcha do Amor em Portugal, desde a fundação da nacionalidade. — Rio de Janeiro, 1923.
O Canto da Sereia, romance. — Rio de Janeiro, 1925.

A PUBLICAR:

Portugal Heroico.
Portugal Cristão.

Biblioteca Civilização

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

XII

O Jogo da Morte

NOVELA

POR

D. João de Castro

1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO—EDITORA
Américo Fraga Lamares & C.a, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

Composto e impresso na Imprensa Civilização
Rua das Oliveiras, 75—PORTO.

O JOGO DA MORTE

I

O Joaquim Boaventura, apesar de ter vindo, aos quinze anos, dos confins do Minho, com uma mão atrás e outra adiante, como êle próprio dizia, conseguira encaminhar com tamanho tino e acerto os seus negócios em Lisbôa, que antes dos quarenta já era proprietário de uma drogaria bem afrèguesada, *A Flôr do Loreto,* onde, além dos artigos ordinários do seu comércio, vendia também clandestinamente, a fazer fé o que assoalhavam os seus competidores menos felizes, certos produtos químicos inimigos da moral sanitária.

A causa mais conhecida de tão rápida fortuna fôra o seu casamento. Ambicioso, trabalhador, sujeitando-se a todos os serviços sem esquivanças nem enfados, o Boaventura conquistara em poucos anos a estima do segundo patrão que servira em Lisbôa, o Canelas droguista; e êste, quando a gôta o entrèvecera, tinha-se resignado a tomá-lo por genro, dando-lhe com as mais escravizadoras condições sua filha única, a Nazaré, — que o Boaventura no fundo da alma desprezava, porque era uma

rapariga de constituição débil, pobre de carnes, só pele e ôsso, sem feitio de mulher.

— Êle dá-me um cabo de faca — considerou, para os seus botões, quando o casamento se decidiu; — mas há-de dar-me também a faca... E atrás da faca virá o queijo, para eu cortar e comer à medida da barriga!

Ao fim de um ano de vida conjugal, em que nenhuma intimidade confessável apertou os laços atados pela Igreja, a Nazaré deu ao casal uma filha, para quem escolheu o nome de Beatriz, com notório desgôsto do Boaventura que, até junto da pia do baptismo tinha rabujado, com escândalo de todos os assistentes, protestando que nenhuma criatura fêmea do seu sangue fôra jàmais vexada por um chamadoiro que só poderia convir à raínha da Negrícia ou à preta do mexilhão.

— Não é um nome; é um espirro! — argumentou, convicto. Depois, exemplificando: — Beatriz! Beatriz!

E o dôce nome que fez palpitar o coração do Dante e poetizou a beleza da sinistra filha dos Cenci, assim arrancado com irrisão e asco das cavernas glóticas do droguista, semelhava em verdade um dêsses mal imitados espirros com que o rapazio selvagem das nossas cidades persegue nas ruas o africano civilizado.

Á volta dos oitenta, o velho Canelas morreu, muito amimado pela filha e pela neta, — e o Boaventura, com a alma em festa, viu finalmente nas suas unhas a faca com que podia talhar, sem dar contas a ninguem, o grôsso queijo deixado pelo sogro.

Tinha então cêrca de quarenta anos; era forte, de uma solidez bovina, ombros largos, membros de atleta, e começava a engordar.

Depois do casamento havia rapado o bigode, que a principio deixara crescer, ao uso da cidade, e das suas faces espessas brotou então, negra, cerdosa, encrespada, a pelugem de duas grandes suíças — que, cofiadas a miúdo pelas suas mãos brutais, em breve tomaram o aspecto de longas barbatanas coladas à sua cabeça de cetáceo.

— Aquilo não são suíças — motejou certo dia um estanqueiro da vizinhança; — são asas de morcego! Se tivesse outro par nos calcanhares, seria o Mercúrio das drogas!

— Um par de ferraduras é o que êle devia têr, nos calcanhares e nas plantas! — remordeu outro vizinho, o Moreira da sola, um invejoso que por desabafo usava atribuír a decadência do seu comércio de cabedais ao facto de ser mais numerosa a clientela dos ferradores que a dos sapateiros.

Dono incontestado e único da *Flôr do Loreto,* o Boaventura tinha adoptado, involuntariamente, todas as idéas e prejuízos do sogro; e nos dias em que acordava embuziado por máus sonhos ou digestões penosas, não raro increpava aos seus caixeiros, como o velho Canelas costumava fazer outrora, os cuidados de asseio ou compostura no trajar, argumentando que «um homem que quere levar a sua vida direita não deve perder tempo em monarias».

Tamanha rigidez de princípios tinha sempre dificultado o acesso da *Flôr do Loreto* a empregados ciosos da integridade dos seus dotes físicos ou das práticas aconselhadas pela higiéne moderna.

— Você pode ser um alho no ofício — disse êle, em certa ocasião, a um rapazola que lhe ofereceu serviços de balcão; — mas, com essa lesma

no beiço, não me convém. Não pônho bonecos na taboleta, meu amiguinho! Viva!

A «lesma» era o buço penugento e breve que o candidato, ainda adolescente, prezava como o mais honorífico distintivo das suas prerogativas virís; e essa imaginosa designação, usada outrora pelo Canelas em remoques amigáveis, empregava-a agora o Boaventura com um desabrimento que tornava quasi agressivo o seu desprezo.

Estava rico, e ao aumento incessante dessa riqueza não negava nenhuma canseira, nenhum sacrifício. Com toda a violência da sua vontade tirânica, fizera-se avaro. A mulher e a filha eram para êle «dois tropêços». Não as amava — e às vezes, em amargos solilóquios, arrepelava-se por não descobrir meio de dar, depois da sua morte, ao oiro que acumulava, um destino que o beneficiasse directamente. Não! Tinha de o deixar à mulher e à filha, duas seresmas que gastariam tudo em trapos e bugigangas — talvez em esmolas!

Para que a Beatriz fosse educada convenientemente, e não tivesse de ir para a loja servir os fregueses, tornou-se necessário que a mãi, com angélica paciência, lhe arrancasse uma a uma as concessões indispensáveis para levar a cabo um resumido programa de instrução: — primeiro, a frequência de uma escola da vizinhança onde, além do director, velho militar que todo o dia fumava cachimbo e tratava por «mulas» ou «cachorras» as crianças, havia uma professora, a D. Glória, que exigia das alunas mais crescidas todos os serviços domésticos da sua casa sem criada; depois, a mudança para outro colégio de mais amplos recursos; e por fim, quando a rapariga completou 14 anos, o ajuste de uma mestra de línguas estrangeiras e piano, inglesa fusi-

forme, de rigidez marcial, que vinha três vezes por semana à *Flor do Loreto* e chamava ao droguista, nas suas breves saudações, «Master Drug». Mas esta última condescendência, agravada pelo desembôlso dos cem mil reis que custou, num leilão judicial, o velho piano de estudo, só a tinham conseguido, mãi e filha, depois de jurada pela rapariga a promessa de tomar tambem activas lições de escrituração comercial, para mais tarde se encarregar da contabilidade do estabelecimento.

Corridos alguns anos, um vizinho do Boaventura,—o Isaías dos trastes, como lhe chamavam no bairro — morreu quasi de repente, deixando por única herdeira do seu armazem de móveis e tapêtes uma irmã já velha e raquítica, a Balbina Petinga, tão ignorante do artigo que não sabia distinguir um toucador Luís XVI de um tremó Império.

O droguista, como lhe constasse que alguns comerciantes da especialidade procuravam aproveitar-se da ocasião para obter o trespasse da loja em condições vantajosas, sentiu o apetite mercantil estimulado pela perspectiva de um novo manancial de ganhos. O armazem do Isaías era contíguo à drogaria; ambas as lojas tinham as suas portas no mesmo prédio... Comprando o estabelecimento por baixo preço — calculava o Boaventura — o negócio devia dar duzentos por cento, p'ra cima que não p'ra baixo, e sem grandes canseiras... Uma pechincha! O senhorio, grossa bêsta que nunca quisera vender-lhe o prédio, de bom grado concederia, por certo, a licença necessária para abrir uma discreta passagem na parede que separava as duas lojas. E assim, sem suar a camisa, teria um pé na drogaria e outro no armazem dos móveis. De

resto, o Jerónimo, o empregado do Isaías, apesar de ser um cabeça de alho, tinha jeito para aquêle comércio de «cadeiras e palheiras» — e, comendo da caldeira da casa («onde comem dois, comem três!») o seu ordenado era uma côdea!

Depois de estudar o assunto uma noite inteira, tomou pé na resolução, — e a irmã do Isaías, confiando demais na honradez do vizinho, foi facilmente embaída. Tendo feito um óptimo negócio, o Boaventura tratou de dar execução ao seu programa; e tão contente andou, nêsse primeiro mês, que deu à filha uma mesa de costura, e um tapête desbotado à mulher, chegando ao extremo de reconhecer que o bigode frisado, o fato moderno e os sapatos lustrosos do Jerónimo eram artifícios indispensáveis num empregado que tinha a seu cargo receber e seduzir clientelas mais ou menos contaminadas pela preocupação do luxo.

O Jerónimo, antes de se iniciar no Comércio, fôra durante três anos o mais preguiçoso aluno do seminário de Santarem. Dessa antiga situação tinha trazido, além de umas noções muito superficiais de letras sagradas e profanas, certas maneiras submissas, sempre aveludadas de sorrisos, que dentro ou fóra da loja lhe careavam os mais espontâneos agrados — e sobre tudo essa gula secreta do amor e da mulher, com que a ameaça do celibato perpétuo atormenta, no limiar do sacerdócio, os sentidos dos jóvens ordinandos. Tinha vinte e cinco anos. Era delgado de corpo, sem ser débil, e ufanava-se da sua altura (um metro e setenta e cinco, meus senhores!) como de um privilégio anunciador de brilhantes destinos. Alvo como uma dama, o seu rosto descolorido, de feições miúdas, entrevisto na meia-luz da loja, assemelhava-se por vezes a uma

máscara de gesso, tão acentuado era o contraste que lhe opunha o cabelo de longas melenas, negro e luzidio como o verniz dos seus sapatos. Depois de despida pela última vez a batina de seminarista, como a barba lhe nascia basta e pujante, tinha-a deixado crescer livremente, — não em sinal de protesto anti-canónico, conforme insinuava, afectando scepticismo de espírito moderno, mas para ocultar a linha recorrente do queixo — tão breve e mal acusado que prejudicava, com uma vaga configuração simiesca, a parte inferior do seu rosto; todavia, considerando mais tarde que êsse luxo capilar o envelhecia um pouco e lhe não dava bôa apresentação comercial, decidira conservar apenas o bigode, que frisava todos os dias, e mantinha com asseio uma farta cabeleira de artista, destinada a atenuar a desproporção que se notava entre a sua pequena cabeça e o seu corpo de gigante faminto.

Tendo borboleteado por estabelecimentos comerciais de vária espécie, amparado pela protecção de um beneficiado da Sé, seu tio, que tentara em vão encaminhá-lo para a vida eclesiástica, o Jerónimo acabara por se fixar no negócio dos móveis, já porque a morte do protector lhe fizera temer os perigos da sua versatilidade de rapaz, já porque aquela ocupação de promover a venda de bôas ou más mobílias a clientes que escutavam com deferencia as suas opiniões sobre estilos, arranjos estéticos de interiores, etc., era o mais suave e lisonjeador de todos os que conhecera até então.

Como estava sempre só na loja e os freguezes eram raros, o Jerónimo enganava a lenta marcha das horas de serviço trocando breves palavras com os vizinhos, compondo o bigode e a grenha romântica em frente dos espelhos que

tinha para vender, e lendo dissimuladamente, mas com voracidade, grandes romances em cinco volumes, que por aluguer lhe fornecia uma livraria dos Paulistas. No tempo do Isaías alcançara as bôas graças do Boaventura, certo dia em que êste, vendo a *Flôr do Loreto* em risco de saque, por obra e desgraça de uma revolução, estivera a ponto de sêr preso e espancado, quando vociferava sem comedimento contra os revolucionários. O Jerónimo fôra então um dos que mais eficazmente tinham defendido o vizinho, gabando-lhe a honradez, a seriedade e o seu amor às instituições...

— Um cidadão prestante, camaradas! Um negociante honesto! — clamara êle, sentindo-se capaz de impressionar os homens da revolução, semi-ébrios e armados até aos dentes. — Aqui não há podres! Um chefe de família exemplar, que não cuida da política!

Um chefe de família! Era essa, de facto, a qualidade que o Jerónimo mais apreciava no Boaventura; contudo, a sua admiração apenas se expandia quando ninguem podia escutá-lo, e em expressões bastante descaridosas para o droguista:

— Parece impossivel que um javardo daquela casta seja pai da mais linda pequena do bairro! A flôr do Loreto é ela, e não essa possilga de drogas onde grunhe a fossa tamanho animal!

Havia muito tempo que a Beatriz lhe agradava. A rapariga, sàdia, desenxovalhada, perfeita estampa de mulher, era certa todas as manhãs, depois do almôço, no varandim do primeiro andar, a cuidar dos craveiros e dos geránios que cultivava, com desgôsto do pai, em velhos vasos alinhados junto à grade de ferro. O Jerónimo, a

essa hora, aparecia sempre à porta da sua loja — e, simulando lêr com fastio o «Diário de Notícias», esperava que ela o notasse, para a saudar com uma mesura ceremoniosa adoçada pela sombra de um sorriso. Às vezes, quando sabia que o Boaventura estava ausente ou absorvido pelo seu labor mercantil, aventurava uma frase de bôa vizinhança:

— Encantadora manhã, não acha?...

Ela respondia quási sempre com benevolência e timidez. O Jerónimo parecia-lhe um excelente rapaz, sério, asseado, de maneiras apuradas, bem diferente do pai e dos caixeiros da drogaria. Quando saía com a mãi, êle, perfilado à porta da loja de móveis, saudava-as sempre com um respeito que a sensibilizava:

— Minhas senhoras, passem vossências muito bem!

— É muito delicado, êste rapaz! — notava então a mulher do Boaventura. — Deve ser filho de bôa família.

— Com certeza!

Quando o pai tomou de trespasse a loja do Isaías, a Beatriz exultou. Já então o Jerónimo lhe tinha mandado uma carta, escrita a primor em papel lilás, para lhe dizer que o seu destino era amá-la e procurar o esquecimento na morte se ela o desprezasse. Essa confissão incendiária abalara profundamente a filha do Boaventura. Era o primeiro rebate do tão desejado e temido mal de amar. Vigiada, com o tempo miùdamente repartido entre a canseira das lições e duros serviços domésticos, tendo apenas diante dos olhos, para orientar as suas idéas sôbre os benefícios do matrimónio, a despoetizadora união dos pais, a pobre rapariga, apesar de vizinhar já os vinte e dois anos, só conhecia o amor como se pres-

sente a luz do dia pela ténue claridade que trespassa as frestas de uma janela fechada... Vagas frases ouvidas sem curiosidade, notícias de jornais ou algum folhetim lido a ocultas, tinham sido até então, para ela, os únicos sucessos reveladores dêsse maravilhoso segredo da existência.

O Jerónimo achou assim, desde o início da sua maquinação amorosa, a vantagem incalculável de descobrir e dar à filha do Boaventura um mundo novo. E que mundo esplendoroso ela viu então, saindo da sonolenta monotonia da vida ordinária para um sonho de felicidade quási divina, que a sua inteligência não compreendia bem, mas que lhe dava já um prazer superior a todos os que até êsse dia sentira, e sem semelhança ou ligação com nenhum dêles!

Como demorasse a resposta, embaraçada, o Jerónimo impacientou-se, e em nova carta pediu-lhe exaltadamente que fixasse o alvo do seu destino: — paraíso ou sepultura!

Foi então que o falecimento do Isaías arrancou de súbito, com novos e mais opressivos cuidados, da torre de marfim onde vivia em sonhos com a Beatriz, a alma enamorada do rapaz. Contando com a amizade e o celibato infecundo do patrão, esperava o Jerónimo que êle lhe daria, mais tarde ou mais cedo, honesta sociedade no seu negócio — e nessa esperança fundara outra não menos ambiciosa: a de conseguir que o Boaventura consentisse «de bôa cara» no seu casamento com a rapariga. Agora tudo ruía! — E a sua tristeza foi tamanha, tão impressionadora, que a Beatriz, no dia da reabertura da loja, vendo-o assim sucumbido e carregado de luto, a bocejar sobre o «Diário de Notícias» junto ao guarda-vento da porta princi-

pal, acentuou o sorriso costumado com um gesto que consolava e prometia...

— Ela parece que gosta de mim! — notou de si para si, alvoroçado.

Mas logo que a Beatriz desapareceu da janela, a maré dos pensamentos negros subiu de novo no seu espírito inquieto; e, arremessando para longe o jornal, reconsiderou com amargura:

— Se gostasse, já me tinha respondido!

A encorporação da loja de móveis no haver comercial do Boaventura, então divulgada, restituiu ao coração do rapaz a antiga confiança e aumentou com deliciosos devaneios a alegria da Beatriz. Esta, quando o pai, já próximo o dia em que devia ser assinada a escritura do trespasse, falou na obrigação de «dar comedorias» ao novo empregado, logo induziu a Nazaré a distinguir o Jerónimo, reservando-lhe um lugar na mesa da família:

— A mãi bem sabe... É um rapaz de educação; não se pode comparar com os caixeiros da drogaria, que são todos uns lapuzes, grosseiros e sebentos como moços de cozinha... Temos de vêr as coisas como elas são!

— Sim... Mas teu pai? Deixará?... — objectou a Nazaré, sempre atemorizada pela autoridade do marido.

Ela conhecia de longa data o desprezo tirânico com que o Boaventura, antigo caixeiro, tratava os seus caixeiros — e recordava-se ainda da violenta oposição que nêle encontrara, anos antes, o projecto de admitir os pobres rapazes no banquete destinado a solenizar o cincoentenário da fundação da casa...

— É dizer-lhe que o Isaías o sentava à sua mesa! — aconselhou a Beatriz.

— E será verdade?

— Deve sêr!

E como a Nazaré continuasse irresoluta:

— A mãi bem vê que é uma vergonha... Êle melindrava-se, com certeza; era capaz de se despedir... E então que dificuldades para o pai, que não sabe patavina do negócio de móveis!... Que a mim pouco se me dá; o mal é para êle!

A relutância timorata da Nazaré foi talvez mais difícil de vencer que a do Boaventura. O droguista, quando a mulher lhe falou no caso, teve, é certo, um breve sobressalto — êsse irreflectido alarme do instinto de defesa em presença de uma idéa ou de um sucesso imprevisto; mas depois que a Nazaré, animada por tamanha desproporção entre a resistência que encontrava e a que tinha receado, repetiu os argumentos com que a filha a convencera, o Boaventura cedeu, nêstes termos esfriadores:

— Isto de caixeiros, minha rica, é gado que se precisa de trazer muito à curta... Bem sei que o Jerónimo tem decência e sabe onde sim, onde não, nisto de cortesia e farfalhices; mas a novidade não me agrada, e só porque preciso dêle, nêstes primeiros tempos, é que abaixo a orelha. São coisas contra os meus princípios!

— Não te hás-de arrepender; o rapaz é muito bem educado...

O droguista assentiu, com um riso acre:

— Pois é, é... Até de mais! Verás que êle, ainda por cima, há-de fazer pouco de nós!

A ameaça dêsse perigo tão cruamente vaticinado pelo Boaventura já tinha pungido, lá muito no fundo, a alma simples da Beatriz — que, ufana de sêr amada, pressupunha no seu adorador delicadezas e merecimentos injustamente obscurecidos pela mediocridade da posição social. Que o Jerónimo a achasse ridícula,

não o receava ela, porque tinha o seu amor e a sua intuição a defendê-la; mas que as indisciplináveis afabilidades da mãi e a exuberância brutal do pai diminuíssem o seu prestígio no espírito dêsse rapaz que tão bem sabia apresentar-se e falar — ah! isso amedrontava-a como o preságio de uma calamidade sem remédio!

Mas, logo no primeiro dia de prova, um grande sossêgo lhe pacificou o coração. O Jerónimo mostrava-se atencioso, discreto, procurando sòmente o seu olhar quando via o Boaventura curvado sobre o prato da sôpa ou em luta com algum traço de vianda rebelde ao gume da faca; conversava sem acanhamento, mas também sem impertinência, e não raro instruía a familia com a narração de sucessos internacionais, «coisas lá de fóra», que lardeava de elucidações substanciosas, nem sempre exactas, mas prodigalizadas com uma confiança e uma despretensão que encantavam as senhoras.

— É um rapaz muito instruído... Faz gôsto ouvi-lo! — louvava a Nazaré, a quem o Jerónimo lisonjeava com mais generosas deferências, farejando uma simpatia útil.

— Coisas que lê nas fôlhas... — conjecturava o Boaventura, com a autoridade depreciativa de um espírito profundo. — O que êle tem de melhor é ser fraca tripa! Come pouco e não bebe mais.

De facto, o Jerónimo, com uma concepção muito espiritual das suas responsabilidades de namorado, apenas debicava nos pratos que lhe apresentavam, declarando-os todavia «deliciosos», «de fino gôsto», quando a Nazaré, inquieta, lhe perguntava se o aborreciam os refogados da sua cozinheira. Esta continência de anjo exilado custava-lhe todavia os olhos da

cara, conforme êle próprio confessava, em amargos colóquios com as suas algibeiras, quando à noite, depois de saír de casa do patrão, ia reconfortar o estômago ao *Leão Triste*, por meio de uma refeição suplementar, em que fundia o melhor do seu magro ordenado. Só uma tarde, em que a sobremesa do jantar foi aumentada com um pudim cozinhado pela Beatriz, repetiu a dose com a voracidade de um Adão faminto, gabando o sabor, o perfume, até a graciosidade da fôrma, e afirmando com ardor que bem se via ter sido feita por «mãos de aneis» a apetitosa iguaria.

O Boaventura, surpreendendo então um requebro mais expressivo nos olhos com que o seu caixeiro encarava a filha, rosnou comsigo, sacudindo os ombros, divertido e seguro do seu poder:

— Se vais por êsse caminho, dás com as ventas numa parede-mestra, meu farsola!

II

No fim do outono daquele ano, chegou a Lisbôa, vindo da Ilha de S. Tomé, onde enriquecera em vários e vagos negócios, um primo do Boaventura, homem de quarenta anos, que deixara aos trinta e cinco o cargo de capataz de negros, com uma alcunha em que por fim quási se perdera, esquecido, o seu nome de Eusébio. Era o Carrascão. Êle próprio, convencido de que jàmais lograria sacudir de si êsse importuno epíteto, acabara por adoptá-lo; rico, senhor de si, assinava-se desenganadamente Eusébio Gonçalves Carrascão. Protestava assim, com inteligência e brio, contra os ditos de alguns inimigos coloniais, que filiavam o sôbrenome — não na sua côr escura e nos seus grossos membros de lutador, como êle pretendia — mas na crueldade com que inspirara aos negros a idéa de inventar um aumentativo para a palavra «carrasco».

O Boaventura, depois de se certificar, num quarto do «Hotel das Duas Nações», da riqueza do primo — pois parentes pobres eram piores que uma camada de sarna, dizia — abriu-lhe as portas da sua casa no domingo seguinte, e solenizou o facto com um jantar aparatoso em que o pato recheado lourejou nas ricas porcelanas do velho Canelas, a aletria de ovos foi comparada a um mimo Bemaventurança, e o antigo vinho do Pôrto, desamuado dos subterrâneos da drogaria, correu

abundante e reanimador como os veios de água que Moisés arrancava das rochas para refrigerar o povo de Deus.

Essa festa, sem precedentes na *Flôr do Loreto*, foi um tormento para os dois namorados. O Carrascão impava, distinguido pelas atenções do Boaventura, fértil em risos e graçolas, e remirando sem cessar a Beatriz — que, perto dêle, de olhos baixos, não podia apartar a vista das mãos do homem: dois cachos de dedos grossos e negros que, em contraste com os aneis de brilhantes que os adornavam, mais negros e mais grossos pareciam. O seu carão moreno, com o nariz deformado por um antigo golpe, os olhos laivados de manchas biliosas, a bôca de animal carniceiro mal oculta pelas cêrdas do bigode espêsso — toda essa máscara que se cuidaria refeita nos sertões de África por um Adão saído da costela de Cham, havia amedrontado a rapariga desde o primeiro instante. Não podia convencer-se de que êsse homem, com proporções e jeitos de Ferrabraz das selvas, tivesse nas veias uma só gôta do seu sangue.

A repulsão, que então sentira, cresceu quando o africanista, encarando em Jerónimo após a apresentação constrangida do Boaventura (que o tinha admitido à festa contra vontade) exclamou, com um riso de superioridade e afronta:

— O senhor é muito adamado, meu rico! Não tem cara nem corpo para homem de negócios!

Mas o Jerónimo, pundonoroso, e esforçado pela presença de Beatriz, logo replicara com agudeza ervada de ironia:

— De negócios da África, talvez; mas isto por cá é diferente... O valor dos homens, em terras civilizadas, não é mercadoria de balança; não se calcula às arrobas!

Á sobremesa, quando o efeito dos vinhos começou a acentuar-se, o Carrascão tornou-se aínda mais expansivo. Falou pròdigamente da vida do emigrante europeu nas colónias; referiu episódios da cultura do cacáu, do café, do coconote; exagerou as manhas dos negros e os riscos das plantações equatoriais; e por fim alargou-se num amargo panegírico do seu «trabalho de moiro», curtindo soalheiras de rachar, cacimbas sufocadoras, febres — um inferno com breves sonos, ilusórios descansos e péssima alimentação!...

— Hoje, felizmente, tudo isso acabou; e, em paga, tenho mais em farelo do que muitos em farinha! Portanto, quero repousar. Vou comprar uma bôa propriedade, coisa de rendimento e regalo, e esperar a velhice, a engordar, como um frade!

— Precisavas de casar... — lembrou o Boaventura, metendo vivamente a sua colherada no programa.

O outro condescendeu, com um gesto de agrado:

— Não digo que não... O ponto está em encontrar mulher que me convenha.

— É procurar! É procurar!... Talvez não seja difícil!

— Fácil é que não há-de sêr! — contraveio o ricaço. — Eu, matronas, não quero; e, como estou quási no calçado velho, as raparigas de jeito hão-de-me torcer o bico!

O Boaventura trejeiteou com ímpeto, quási escandalizado:

— Com a riqueza que tens, não há moça que te não queira! É só pôr-lhe o dedo!

O Carrascão sacudiu os ombros, com uma cascalhada sarcástica.

— Isso é o que tu cuidas! As moças de

agora são de má bôca. Pergunta aqui à tua filha se ela casaria de bom grado com um machacaz como eu!

O riso com que êle aventurara êste conceito ficou aínda contraíndo a sua face, mas sem vida, como o cadáver de um riso, durante os breves segundos em que procurou nos olhos da Beatriz a resposta que indirectamente havia provocado.

Ela ficara atordoada. Um frio de morte subira-lhe pela espinha e como que lhe gelava, dentro do crânio, as fontes do pensamento. E no olhar que instintivamente erguera — primeiro para o Jerónimo, que levava aos lábios, a tremer, num movimento de disfarce, o cálice vazio de vinho do Pôrto, depois para o africanista expectante — havia uma sombra que não deixava vêr o fundo dos seus olhos.

Mas já o Boaventura acudia, rápido:

— A Beatriz é uma rapariga de juízo; se tu a pretendesses, não deixaria de se julgar muito feliz.

— Ela não diz nada! — observou o outro, com a malícia acre de um despeito em supuração.

O droguista, já avinagrado, interveio então directamente:

— Tu não ouves, Beatriz?...

— Que hei-de eu dizer?... — balbuciou ela, com os olhos cheios de lágrimas.

Nêste momento, quando o final do jantar tão mal se agourava, um incidente de farsa pôs inesperadamente fim ao tormento da rapariga.

Foi o caso que o Boaventura, procurando desenvolver no primo a excitação que lhe fizera notar com gula de pretendente as graças estimulantes da Beatriz, tinha persistido sem tréguas no cuidado de renovar o precioso licôr das

cepas do Douro no cálice do africanista, já várias vezes esgotado em palavrosos brindes; mas, ou porque a esperança lhe fizesse tremer o braço ou porque a cólera lhe desse ganas de enxugar à bofetada a face lacrimosa da filha, a garrafa caíu-lhe da mão no momento em que ia mais uma vez executar a sua manobra — e foi sôbre o fato do Carrascão, uma andaina côr de palha, estreada na véspera, que o vinho do Pôrto correu em grossos borbotões sanguíneos, manchando, alastrando, empapando até, em alguns segundos, as roupas mais íntimas.

O antigo capataz de negros ergueu-se aos urros, sacudindo todo o corpo como um cachorro molhado — e, emquanto o Boaventura e a Nazaré, com guardanapos, entre lástimas, tentavam esponjar o vinho tão infaustamente derramado, o Jerónimo conseguiu aprôximar-se sem reparo da Beatriz, e segredou-lhe:

— Resista, Beatriz! Resista!

Mas o Boaventura, com o lume no ôlho, logo os interrompeu:

— Beatriz! — bradou êle, furioso. — Vai ao meu quarto e traze uma garrafinha azul que está em cima da cómoda, ao lado da redoma do Santo António! — Depois, como a rapariga saía a correr, tranquilizou o primo: — Não te amofines, homem! O mal não é de morte! Tenho ali uma água que tira todas as nódoas num assôpro!

— Bem me fio eu nisso! — replicou o Carrascão, com brutalidade. — O fato perdido está, com vinho ou com água!

O Boaventura quási se ofendeu. Tomando o frasco das mãos trémulas da Beatriz, que acabava de chegar, recalcitrou:

— Homem, se eu to digo!... É um produto alemão, usado no palácio do rei... Até se chama

Água Imperial! Só tem o defeito de ser um veneno sem remédio. Algumas gôtas, em meio copo de água, tiram as piores nódoas em-quanto o diabo esfrega um ôlho; mas tambem matam como um raio, se fôrem parar ao estômago de uma pessôa!

Depois do droguista ter lançado numa chícara três escassas pingas do famoso líquido, o Carrascão remirou o rótulo em que o Boaventura tinha sobrepôsto uma tira de papel com a palavra «veneno» escrita a tinta vermelha; mas logo desistiu de qualquer esforço de interpretação, consternado pelos caracteres góticos da escrita teutónica.

— Não se entende nada! — rosnou êle, teimoso na desconfiança. — E êste passarôlo com duas cabeças — prosseguiu, indicando a águia heráldica do império germânico — cheira-me a intrujice! Nem na África há bichos com duas cabeças!

O Jerónimo, vendo o frasco luzir sobre a mesa, também o foi examinar, curioso. A idéa de que naquela garrafinha de cristal anilado, pouco maior que os charutos do Carrascão, estava um veneno terrível, uma arma silenciosa de morte, apaixonou um instante a sua imaginação esquentada pelo abuso dos romances de aventuras e crimes em que o seu espírito andava sempre embrenhado. E aínda cogitava, com os olhos colados ao rótulo misterioso, no vasto poder de que dispõe quem conhece os segredos da química, evocando as lendárias façanhas dos Bórgias e da Brinvilliers, quando a Beatriz, que se aproximara dêle, lhe segredou em voz tremente, com os olhos fitos na *Água Imperial*:

— Se me obrigarem a casar com êsse monstro...

O Jerónimo não a deixou concluir; largando o frasco, como se sentisse as mãos escaldadas, suplicou:

— Não, não! Não diga isso!

— Digo, e faço-o, se fôr preciso! — insistiu ela, com a intrepidez de uma amazona a quem a morte não assusta.

— Oh, Beatriz!...

Era de enlevo e de enternecimento a entoação dêsse brado. Um beijo de amantes não seria mais discreto e sensual. E como o pai, irritado por aqueles segredinhos, tivesse chamado a rapariga para junto de si, pretextando a necessidade do seu auxílio, o Jerónimo, de longe, quedou-se a admirá-la, maravilhado por se vêr alvo de uma paixão que só transigia com a morte. Era linda, sem lisonja, a verdadeira «flôr do Loreto», com os seus cabelos côr de avelã, leves e frisados, que se doiravam e pareciam de espuma quando uma luz mais forte os tocava. Alva como a Nazaré, herdara os olhos escuros do pai — olhos de energia, talvez um pouco duros, mas onde uma scentelha de sagacidade acendia volúveis lumes; — e a bôca fresca sublinhava com o traço sanguíneo e ondulado dos lábios um nariz ligeiramente levantado, que era talvez a mais irregular e a mais graciosa feição do seu rostozinho vivaz. No corpo robusto, que ela adelgaçava com artifícios de vestuário, pressentia-se a herança de saúde e de fôrça dos seus avós da serra — afirmava-se, embora atenuada, essa espécie de consanguinidade que existe quási sempre entre a terra e o cavador que a faz frutificar.

Aquela pujança, que era o mais perigoso escolho da sua graça de mulher moça, fôra tambem a principal causa do sobressalto que ao longo

do jantar mortificara sem alívio o seu coração trasbordante do amor do Jerónimo. O Carrascão, antes de se aperceber do harmónico conjunto de feições que tornava agradável à vista o rosto da prima, tinha admirado, com olhos de gato guloso, as linhas boleadas do seu corpo: as ancas largas, bem arredondadas, o seio alto, os braços polpudos e brancos — e da chama de concupiscência que então lhe aqueceu o sangue, foi que jorrou, com a sobrecarga do vinho do Pôrto liberalizado pelo Boaventura, a idéa de associar a Beatriz aos seus vagos projectos matrimoniais.

Vagos eram êles, em verdade... Mas o Boaventura, depois de os ter arrancado da sombra com sacrifício da sua garrafeira, logo tratou de lhes dar consistência e finalidade. Casando a Beatriz com um homem tão rico, livrava-se de cuidados e de despesas — e talvez se livrasse tambem da mulher, a inútil Nazaré, pois esta, tendo vivido sempre com a filha agarrada às suas saias, não se resignaria por certo a apartar-se da rapariga. E, amadurecendo planos e conjecturas, acariciava já a idéa de trazer para casa, como governante, a Luzia Cachucha, uma mulheraça possante, de garbo sevilhano, que êle mantinha, havia já uns dez anos, com uma loja de capelista e exemplar constância, no Largo do Pôço Novo.

Quando, depois de apurada durante dois meses a industriosa amizade do droguista, o Carrascão decidiu pedir oficialmente a mão da Beatriz, já esta, contaminada pela persistência do Jerónimo e aínda mais por certos livros que êle lhe emprestava a ocultas — extravagantes narrativas de paixão, em que as mulheres, abrindo as asas de anjos sacrificados, nunca deixavam de fugir com os amantes à tirania paternal, e pre-

feriam exaltadamente a pobreza com amor á opulência minguada de ternura — já a Beatriz tinha levado a sua audácia ao extremo de conceder àquele que amava algumas entrevistas nocturnas, com tanta habilidade e tal segrêdo que nunca a mãi, apesar de dormir no mesmo quarto, descobriu jámais o menor rasto de tamanha imprudência.

Como nos romances, o recurso da fuga foi proposto e aceito, nesses colóquios inflamatórios, para o caso de falharem outros elementos de resistência com que ela contava. O Jerónimo, na febre de angariar meios pecuniários para custear tão arriscado cometimento, jogava agora em todas as lotarias; mas a sorte não se condoía dos seus infortúnios de amante. Os bilhetes, com tanta esperança comprados, com tanta fé recomendados a vários santos, acabavam sempre dilacerados em face da «lista geral», como passaportes que a Felicidade não visava...

— Nem sequer o mesmo dinheiro me saíu aínda! — bramia êle, nêsses momentos, revoltado contra a parcialidade da roda grande da Misericórdia.

A Beatriz, temendo a acção depressiva dêstes desfalecimentos de coragem, procurava consolá-lo, firme nos seus raciocínios, sentindo acordar em si as fortes seivas de afouteza e tenacidade que tinham temperado a energia do pai para a conquista da riqueza.

— Não te amofines! Minha mãi possui bastantes joias de valor, e já me disse que podia contar com elas como se fossem minhas. Além de isso, eu fiz em tempo algumas economias; e, se fôr preciso, não nos faltará crédito, pois meu pai é rico e não tem outra herdeira!

Ante estas sisudas reflexões, o Jerónimo,

considerando apoucada a sua poesia de amante extremoso, diligenciava sempre reabilitar-se com nobres desabafos de mágua:

— Não me fales assim, Beatriz! Ai, quem me déra ter um reino para to oferecer com o meu coração!..

Êstes arroubamentos, assim traduzidos em frases que as suas habituais leituras lhe tinham deixado na memória e que a sua voz suave tão bem modulava, eram para a Beatriz qualquer coisa semelhante às nuvens de ascenção que nas alegorias místicas furtam à realidade e levam ao céu as almas que a fé diviniza... O senso prático da vida, de que ela possuía a ténue parcela que o pai conseguira filtrar no seu espírito através do confuso idealismo da mãi, obscurecia-se totalmente em tais momentos — e foi assim, aproveitando com destreza uma dessas crises de imaginação e de sentidos, que o Jerónimo obteve da rapariga o que era necessário para que, como êle dizia, o pai lha não pudesse recusar.

Depois de alcançada tão preciosa garantia, o Jerónimo mostrou-se mais calmo, certo de triunfo da sua ambição. A Beatriz agora não o largava, e as suas imprudências de noiva apaixonada iam até à insânia de estreitar as mãos do rapaz, por debaixo da mesa do jantar, na bochecha dos pais, e a procurá-lo ostensivamente na loja dos móveis, pela porta que comunicava com a drogaria, a pretexto de ouvir os seus conselhos sobre o arranjo ornamental de uma almofada que andava a bordar para o canapé da sala de visitas.

O Boaventura, acanaviado pelos progressos dessa amizade, meditava em «pôr o rapaz com dono»; não queria porém despedir o golpe antes de casar a filha com o Carrascão, receoso de que o Jerónimo, para se vingar, desacredi-

tasse a rapariga e fizesse gorar os seus projectos.

— Inda eu quebrasse as pernas — praguejava êle — quando me veio a tentação de comprar a loja dos trastes!... Ninguem sabe onde as tem armadas!

Certo, o negócio fôra bom, porque o capital empatado rendia mais de duzentos por cento, líquidos; mas êsse benefício parecia-lhe insuficiente para contrabalançar os desgostos e inquietações que a intimidade do Jerónimo tinha semeado na sua vida doméstica.

— Não é só o atrevimento dêsse pandilha, a requestar a rapariga — monologava, inconsolável; — é a revolução que êle tem feito na cachimónia das mulheres!

A «revolução», como dizia o Boaventura, consistia sôbre tudo na quebra que tinha sofrido, pouco a pouco, o seu prestígio de chefe de família, omnipotente e sabedor, desde que o Jerónimo penetrara na intimidade do seu lar. A curiosidade, a deferência, a atenção com que noutro tempo mãi e filha escutavam as suas palavras durante a hora comunicativa das refeições, só o rapaz as desfrutava agora. Era êsse bisbórria o árbitro, o instrutor, o homem que tudo sabia e tudo esclarecia com expressões nobres, a miúdo entrecortadas por gatimanhos de modéstia. Êle, Boaventura, outrora venerado como um oráculo e temido como um Deus, passara à categoria de um conviva subalterno — uma personagem secundária que só se fazia notar quando se fazia temer pelos seus impropérios de vilão ou algum dêsses arremessos com que, longe a longe, em dias de máu humor, estilhaçava a loiça.

— Deixa, meu alma de rabeca, que eu te

pagarei a carga e a canastra! — remordia sempre, entre dentes, notando a rapidez com que medrava a autoridade do seu caixeiro.

III

Quando o Carrascão veio, afinal, pedir a mão da rapariga, o Boaventura respirou forte, como quem toma fôlego para correr em desbravadas terras de libertação. Mas breve com um beijo da fortuna foi o seu contentamento. A Beatriz, chamada à sala de visitas, onde o pai caprichara em receber o pretendente com a solenidade que o caso requeria, não tartamudeou para se declarar contrária ao casamento, alegando que estava no princípio da vida, com pouco mais de vinte e um anos, que não se julgava habilitada para governar casa sua, e que lhe causavam mêdo os encargos e os deveres conjugais, mòrmente com um homem que mal conhecia...

— Que mal conheces?!...— impugnou o Boaventura, interrompendo-a, apopléctico. — Que mal conheces?!... Uma pessôa do nosso sangue, meu primo direito?!...

A rapariga, mais pálida, rebateu:

— Há primos que a gente nunca viu... Eu só conheço êste senhor há três meses.

— «Este senhor»!... — desabafou então o pretendente, com irrisão. — Vê tu como ela me trata, Joaquim! Nem para primo me quere!

O Boaventura urrou, abalando o soalho com uma patada digna das cóleras de Sansão:

— Há-de querer! Sou eu que to digo! Quem manda aqui sou eu!

Como êle crescia para a filha, agitando alto os grossos pulsos cabeludos, a Nazaré interpôs-se, com um gemido implorativo:

— Joaquim!...

— Deixa-me! — gritou o droguista, sacudindo-a de si com brutalidade. — Por tua causa é que ela assim fala! P'ra vós tudo são gaifonas e parolices! Mas eu vos endireitarei! Tanto me importa que vocês chorem como que cantem! O que eu quero é o que se há-de fazer! E, tão certo como eu ser Joaquim Boaventura, a rapariga há-de casar com o primo!

— E acredite que há-de ser feliz, Beatrizinha! — ajuntou então, adoçando a voz e o olhar, o obstinado Carrascão.

A «flôr do Loreto», enxugando duas lágrimas teimosas, balbuciou:

— Eu já disse... Não tenho vontade de casar.

E o pai, desapiedado:

— Casarás sem vontade!

O africanista, ferido na sua vaidade por tão apaixonada resistência, acrescentou, com um risinho que a intenção tornava quási torpe:

— A vontade virá depois, há-de vêr!

A Beatriz, esporeada pelo riso e pela pertinácia do homem, sentiu crescer em si uma tão alta chama de ira que, quási sem consciência, soltou então o melhor dos argumentos que o Jerónimo lhe ensinara:

— Sou maiór... Ninguem me pode obrigar!

A êsse novo golpe, o Boaventura cambaleou, estonteado por uma congestão de furor. Como a Nazaré e o Carrascão o impedissem de esbofetear a rapariga, vociferou sem continência:

— Ah, perdida! Foi êsse maltrapilho que te ensinou o recado?... É para êle que tu te pen-

teias?... Estás rica!... E para isto se cria uma filha! Para que um gandaieiro, que não tem onde caír morto e toda a vida andou com a sela na barriga, se lembre de encher a tripa com o que eu ganhei a trabalhar como um moiro!...— E notando que a Beatriz o escutava, muito pálida, mas imóvel e sem palavra ou gesto de arrependimento, de novo esbracejou contra ela:

— Ah, perdida!

Apesar de todas as diligências da Nazaré aflita, não foi possível vencer, nos dois dias de tormento que se seguiram a essa scêna memorável, a intransigência do pai ou a da filha; apenas o Boaventura tinha desistido de despedir o Jerónimo, conforme projectara, cedendo às instâncias da mulher e do Carrascão, que lhe entremostraram, como consequência dêsse acto, o irremediável descrédito da Beatriz.

Com a serenidade, renasceram as esperanças de um e outro lado: o droguista induzia a mulher a convencer a rapariga; esta, a chorar, pedia à Nazaré que resolvesse o pai a consentir no seu casamento com o Jerónimo, se não queria vê-la morta. Mas o tempo corria — e nenhuma das causas ganhava terreno. O Carrascão, com o desejo estimulado pelo obstáculo e o amor próprio aziumado de pensamentos de vingança, todos os dias aparecia na *Flôr do Loreto,* e durante longas horas conferenciava em voz baixa com o Boaventura, num recanto do armazem de drogas, ao fundo da loja.

Foi por êste tempo que a Beatriz, cansada de esperar em vão, e já atormentada pela vigilância que agora impedia as suas entrevistas nocturnas com o Jerónimo, confessou à mãi o principal segrêdo da sua constância amorosa.

— Pois êle fez isso, o tratante?!...— clamou

a Nazaré, já desiludida das virtudes do caixeiro.
— Ai, minha filha, agora é que tu estás perdida!

Choraram ambas — e dessa comunhão de lágrimas saiu mais forte a sua união para a difícil empresa de arrancar ao Boaventura o consentimento que tantos males sanaria.

O droguista, quando soube do caso, não quis acreditar, seguro de que se tratava de uma armadilha disposta como último recurso para o fazer capitular. Essas entrevistas nocturnas da filha com o caixeiro pareciam-lhe puro romance, desde que a Nazaré jurava que só por artes do Inimigo poderia a rapariga ter saído do quarto comum, — tão certo era que nunca o ténue fio dos seus sonos de quinquagenária enfermiça fôra quebrado, ou sequer ferido, por qualquer rumor suspeito.

— Uma palhaçada, digo-to eu! — protestava o Boaventura, sentindo crescer a sua fúria, ao perceber que a Nazaré, lavada em lágrimas, o não acreditava. — Não sejas pacóvia, mulher! O que êles querem é lançar o barro à parede, a vêr se pega! Ah, bom arrocho!...

Depois, como a mãi da Beatriz insistisse, repeliu-a com palavras imundas, clamou mais uma vez que ninguem lhe fazia ninho atrás da orelha, ameaçando para remate:

— E se essa desavergonhada se faz fina e não toma tento, prégo com ela no hospital, para ser examinada pelos médicos, como uma mulher perdida!

Estas cruas palavras de intimidação, repetidas algumas horas mais tarde na presença do desdenhado primo de África, realizaram um milagre de pundonor e clarividência, sem precedentes conhecidos na história da sua vida.

— Cá por minha causa — advertiu o Carras-

cão com firmeza e sisudez — não faças nada. Eu não aceito por mulher uma menina que, com verdade ou sem ela, se diz desonrada para não casar comigo!

Foi o último trago de fel. O Boaventura, como boi atordoado por um golpe de malho, esteve uma tarde inteira sem descer à loja, aos arrancos, afugentando com ameaços e ultrajes ora a mulher ora a filha — duas croias, berrava, que se tinham coligado para amargurar a sua velhice!

No dia seguinte, depois de ir ao Largo do Poço Novo desabafar com a Cachucha — que se riu, descrente da possibilidade de quaisquer dores morais em pessôa tão rica — alongou os passos até à loja do Nunes das Tintas, ao Pote das Almas.

O Nunes era primeiro caixeiro da drogaria do Canelas, quando o Boaventura para lá entrara como marçano; e da identidade das suas ambições nascera uma tão vivaz amizade de protector e protegido, que nem a separação, motivada pela independência comercial do Nunes, lhe tinha secado as raízes viçosas. Mais velho dez anos que o pai da Beatriz, o Nunes fôra sempre o seu conselheiro nas ocasiões dificeis da vida; de resto, o Boaventura tudo merecia, porque, depois de enriquecido pela sucessão do sogro, várias vezes tinha alimentado com grossos suprimentos a caixa da drogaria do Pote das Almas.

Aferrolhados num camarim envidraçado, onde a Firma tinha o seu cofre, os seus papeis e a banca do guarda-livros que vinha duas vezes por semana fazer aos serões a escrita da casa, longo tempo praticaram os dois amigos.

Essa conferência, interrompida a breves in-

tervalos pela labuta do negócio, só terminou à bôca da noite, quando se avizinhava a hora do jantar — e os caixeiros do Nunes ficaram convencidos de que o droguista do Loreto tinha açulado contra êles a ira do patrão, tanto êste os maltratara depois da saída do amigo, acoimando-os de ralaços, comedores e ingratos, sem motivo algum:

— Súcia de calaceiros! Se o quereis têr, ganhai-o! A mim não me meteis vós os dedos nos olhos nem as unhas nas algibeiras!

Entretanto, o Boaventura, reanimado pelos conselhos que ouvira, entrou em casa de melhor sombra, jantou com apetite, e no fim da tarefa alimentar pôs termo ao desfavor expiatório da mulher convocando-a para uma entrevista, que foi breve e terminou por estas palavras, proferidas com selenidade de sentença:

— Ficamos entendidos! A rapariga que case com o tal farroupilha, logo que ambos tenham os papeis em ordem, e depois que vão tratar da sua vida, longe da minha vista. Eu não os quero vêr mais! Nem me tornam a pôr os pés em casa! Toma bem sentido no que te digo, e vai lá dar-lhes conta do recado.

— E então êles hão-de morrer de fome?... — gemeu a Nazaré.

O Boaventura, incapaz de se conter, exasperou-se, gritou:

— Já disse! Não lhes dou um pataco, o que se chama um pataco! Se tens muita pena dêles, passa-lhes para as unhas o que tens na Caixa Económica, que bom pago hás-de receber!

IV

Foi com tão descaridoso consentimento, mas felizes apesar de tudo, que a Beatriz e o Jerónimo casaram numa manhã de Janeiro, à capucha, na igreja dos Paulistas. A Nazaré, que assistiu à ceremónia com a alma em luto, tinha vazado na magra bôlsa da filha, antes de saírem de casa, o produto das suas economias, cêrca de um conto e duzentos mil reis acumulados durante trinta anos, numa incessante canseira de formiga, sob as tutelas administrativas do pai e do marido.

— É tudo quanto tenho de meu, filha! — disse ela, com amargura de escrava, sufocada pela dôr da separação. — Permita Deus que êsse dinheiro, há tanto tempo guardado, te dê alguns dos bens que eu esperei para mim, quando o juntava!

Crendo-se ricos, gozando com sofreguidão a liberdade de se amarem, os dois noivos logo saíram para o Estoril e por lá estanciaram longamente, delineando programas de uma larga existência de luxo e prazer, à vista das habitações de recreio que encontravam, sentindo-se actores de uma comédia de felicidade entre êsse scenário onde tudo favorecia a ilusão teatral de que tantas almas carecem... A drogaria, fedendo a enxofre e águaraz, a loja dos móveis, fria e desconsoladora, semelhando uma casa desabitada — ah, como isso estava longe!... A realidade era aquela: amar e procurar no microcosmo da sua vida comum

aspectos, coisas, sêres, que reflectissem como espelhos a felicidade de que se criam senhores!

Passados quinze dias, como o fundo do mealheiro conjugal começava já a entrevêr-se, aliviado de grande parte dos recursos liberalizados pela Nazaré, os noivos foram constrangidos a descer das altas núvens do seu sonho e a reconhecer a necessidade de mais sólidas amarras para a nau em que, tão escoteiros, tinham partido à descoberta da ventura.

O Jerónimo, com brios espartanos, declarava em voz alta que nem com a corda na garganta aceitaria do sogro tanto com um grão de milho; que tinha dois braços para trabalhar, cinco unhas em cada mão, e não era de uns tais que só conhecem a arruda pelo cheiro e as urtigas pelo tacto! Que havia de levar a bom pôrto a sua vida, sem ajoelhar diante de ninguém, e fazer venturosa a sua Beatriz, aquela pomba que renunciara aos mimos e às pompas da riqueza por sua causa!

Estas bravatas de melodrama, que êle a todo o instante repetia, foram uma tarde, ao longo de um passeio, escutadas com simpatia e curiosidade por um companheiro de hotel, o Garrido, quadragenário viçoso, que viera do Pôrto para agenciar uma grande exportação de vinhos, e que, após o fecho do negócio, tinha ido parar ao Estoril, chamado pela recordação dos dias felizes ali vividos outrora com a mulher que o deixara viúvo.

Do desabafo do Jerónimo à confidência completa das suas contrariedades sentimentais, curta foi a distância. O Garrido, penetrando no segredo das desditas dos dois noivos, louvou-lhes a constância e falou com reprovação dos pais que tiranizam os filhos na idade deliciosa em que o amor

se revela e junca de astros o duro chão dos caminhos da vida.

— Tambem por lá passei... — confessou, afinal, com melancolia. — E aínda hoje, apesar de não sêr já criança, não me atrevo a dizer: «desta água não beberei!»

Tão perfeita conformidade de opiniões e de sentimentos, em breve apertou com maior firmeza os laços da simpatia que os atraíra. O Garrido parecia admirar o verbalismo sonoro do Jerónimo e aínda mais as graças pujantes da Beatriz. Animava-os, incutia-lhes fé no futuro — e, nostálgico, declarava invejar a sua mocidade e até as suas penas...

— É homem para te arranjar uma bôa colocação! — asseverou a Beatriz ao marido.

— No Pôrto?

— Seja lá onde fôr! A terra pouco importa! Um com o outro, estaremos bem em toda a parte!

O Jerónimo enterneceu-se:

— Querida!... — E logo em seguida, buscando incitamento: — Estou capaz de lhe falar...

— E antes hoje que amanhã! — correspondeu, pronta, a Beatriz. — O pão cose-se em-quanto o fôrno está quente! Demais, êle pode abalar de um momento para o outro. Aínda ontem me disse que se estava demorando aqui mais tempo do que devia.

A diligência que o Jerónimo tentou naquela mesma tarde, sem grande confiança na inspiração da mulher, teve o mais rápido e satisfatório êxito. O Garrido, às primeiras palavras, logo declarou que era seu propósito oferecer-lhe, antes de partir para o Pôrto, um cargo que havia pouco tempo tinha vagado no seu escritório comercial de Vila Nova de Gaia... Não falara

mais cedo, porque receava que a senhora D. Beatriz não gostasse de deixar Lisbôa...

— Qual não gosta! — refutou o Jerónimo, exultante. — Foi ela mesma quem me aconselhou a fazer-lhe este pedido. Vai ficar contentissima!

— Pois então, meu amigo, é fazer as malas sem detença!

Partiram juntos para o Pôrto, com familiariedade de irmãos, dois dias depois. E durante a viagem nocturna, em-quanto o Garrido fingia dormir a um canto da carruagem, o Jerónimo e a Beatriz, alvoroçados por esse primeiro sorriso da fortuna, acariciavam, em segredinhos entremeados de beijos furtivos, o projecto de abrir caminho para a Riqueza nêsse alto comércio de vinhos que para sempre enchera de oiro os cofres do seu novo protector.

A bôa estrêla que os seus olhos tinham entrevisto no céu azul do Estoril, durante a sazão nupcial, não os desamparou, com efeito, nas terras hospitaleiras da riba-Douro. O novo patrão do Jerónimo mostrava-se delicado, afectuoso, — e tanto se empenhava em ajudá-los, nêsse difícil começo de vida, que logo de entrada lhes cedeu, por baixo preço de aluguer, com encantadora simplicidade, uma pequena casa de campo que anos antes construíra na vizinhança das Devezas, para contentar um capricho da mulher que perdera. Além disso, presenteava-os a miúdo; e alguns vinhos de estimação, destinados a mimo e regalo de paladares estrangeiros, mais de uma vez tinham ido parar, com cativantes palavras de desculpa, à garrafeira dos noivos.

— Não é um patrão, é um amigo, e dos melhores! — encarecia a Beatriz, com o coração contente, a casa farta e o desafôgo de dispôr do seu tempo, livre da vigilância do pai.

O Jerónimo concordava. Sim, de certo, um bom amigo! Mas achava-o bom de mais. Tamanhas generosidades em benefício de um homem que alguns meses antes lhe era aínda desconhecido, asseteavam-no de suspeitas. De resto, as visitas que o Garrido quási todos os dias lhes fazia, depois do jantar, com o pretexto de faltarem em Vila Nova outras diversões, desagradavam-lhe instintivamente. A Beatriz, coitada, era um anjo; desconhecendo as maldades do mundo, deixava-se levar sem o menor sobressalto pela ladeira de intimidades com que o astuto vinicultor a lisongeava... Tratavam-se sem cerimónias, como irmãos — conforme êles próprios diziam; mas o Jerónimo pensava de si para si que os extremos fraternais do Garrido se assemelhavam bastante a galantarias de namorado... E um dia, como a situação tendia a agravar-se, confessou à Beatriz os seus receios.

Ela riu, invulnerável:

— Coitado do homem!... Se gosta de mim, piór para êle! Não dá o frade o que bem lhe sabe! Tó rôla!...

Esta resposta, entrecortada de risos e trejeitos que, se não eram do melhor gôsto, denunciavam uma alma incontaminada, sossegou o Jerónimo; contudo, como nem o Garrido desanimava, nem a Beatriz se retraía, as vagas do ciúme sobrevinham, enchendo dos mais negros pensamentos o seu cêrebro intoxicado por fermentos de imaginação romanesca.

Nêsse estado de intranquilidade quási permanente, afigurava-se-lhe que no escritório comercial do Garrido se formara, e engrossava cada vez mais em volta de si, um venenoso ambiente de hostilidade; certos olhares, certos sor-

risos, conversas que se interrompiam de súbito quando êle chegava, palavras ou atitudes de um respeito vagamente irónico, começavam a tornar-lhe odioso êsse cargo que com tamanho sobressalto de esperança aceitara.

—Invejas, é o que é... — considerava. Mas, ntimamente, achava que a inveja tinha fundamento, e que não faltava a todos êsses empregados antigos, preteridos por êle, razão de sobra para atribuírem uma causa ultrajante ao favoritismo que o fazia prosperar.

Todavia um dêsses colegas, o Calhamar, sexagenário desfeito pelo álcool, magro como um caniço e com jovialidades cáusticas de homem sem moral, tratava-o com afabilidade de amigo e várias vezes o levava ao Clube da vila, encarecendo a necessidade higiénica de diminuír com passatempos agradáveis os enfados de uma vida de tão aturado trabalho. A sós com o rapaz, o Calhamar zombava dos outros empregados — uns tratantes que, tendo passado por cima dêle a poder de intrigas, se revoltavam agora por verem que o patrão lhes preferia o Jerónimo...

Esta amizade, assim oferecida através dos ódios burocráticos que o desassossegavam, foi grata ao marido da Beatriz — e, sempre que algum caso fortuito o obrigava a saír do escritório durante as horas do serviço, era ao Calhamar que êle deixava a guarda da caixa, agora a seu cargo.

Entretanto, alguns meses tinham corrido. Veio o verão — e o Garrido, que alugara uma casa na Foz do Douro, para diminuir com as refrigerantes brisas da beira-mar o rigor das calmarias estivais, convidou o Jerónimo e a mulher para passarem algum tempo na sua companhia. Bem sabia que, na sua qualidade de homem

viúvo e sem família, estava impedido de oferecer hospitalidade a uma senhora; todavia, em homenagem à bôa amizade que os ligava, vivendo quasi como irmãos, parecia-lhe que os usos sociais poderiam sensatamente transigir... Além de isso, seria mais um favor que a ambos ficaria devendo, pois se o condenassem a ficar só, nessa casa estranha, em meio da alegria tumultuária de turistas e banhistas, a sua vida tornar-se-hia na verdade intolerável.

O Jerónimo, mais orgulhoso que pusilânime, — pois não queria confessar receios que considerava humilhantes, — aceitou o indiscreto convite, limitando porém a quinze dias o período da sua permanência na Foz.

— Não devemos abusar da sua generosidade... — alegou êle, ante o patrão, franzindo num sorriso os lábios mordidos com raiva. Mas á mulher, livre de todo o disfarce, declarou exaltadamente: — Não quero que êsse bilontra julgue que eu tenho algum mêdo de que as suas basófias de ricaço ou os seus bigodes de cabo de esquadra me roubem o teu coração!

— E não te passa essa balda! — replicou a Beatriz, com censura e altivez de mulher impecável. — Deixa lá o homem! Êle já está farto de saber que a filha do meu pai nem com sebo escorrega!

Apesar destas prevenções de máu agouro, o prazo de quinze dias, com tamanho rigor condicionado antes da partida, prolongou-se ilimitadamente além da data de expiração, com aprazimento de todos. Um breve debate, na hora amolecedora da sobremesa, foi suficiente para decidir a primeira ampliação; depois, como o calor apertava e a concórdia doméstica era semelhante à de Deus com os anjos, todos acharam

razoável que outras se seguissem, sem necessidade de resolução especial.

O Garrido, muito cauteloso, nunca deixava de acompanhar o Jerónimo, sempre que êste tinha serviço no escritório; e a tal extremo levava os seus escrúpulos que nem quando se sentia incomodado de saúde, ou carecido de repouso, consentia que êle partisse só.

— Você bem compreende — tinha explicado sem refolhos, quando ambos seguiam a par, no mesmo banco do carro eléctrico — eu não posso ficar só em casa com a senhora D. Beatriz... As línguas do mundo são viperinas, meu amigo, mesmo quando se trata de uma senhora digníssima como sua esposa e de um homem de cabelos brancos como eu.

Esta isenção de alma pura acabou por comover o Jerónimo; e, alguns dias depois, quando o Garrido, separando-se dêle junto da paragem do eléctrico, em Carreiros, lhe confidenciou que ia dirigir a instalação da Gina Caroça, sua amante, numa casa de Matozinhos, partiu para Gaia tranquilo e regalado, antegozando o prazer de revelar secretamente à Beatriz aqueles desatinos sentimentais — «bem ridículos, em verdade, num homem de quarenta anos!»

Um dia, o Jerónimo, tendo mandado fazer um recebimento importante por conta do patrão, tomou o dinheiro da mão do cobrador, o velho Ezequiel, e pô-lo àparte, em uma gaveta, dizendo:

— Deixe ficar, Ezequiel! Logo conferirei.

Tressuava, nêsse momento, preocupado, quási enraivecido, porque toda a manhã estivera procurando debalde, com o auxílio do Calhamar, um êrro de soma que não deixava regularizar a atrazada escrita da Caixa. As faltas ocasionadas

pelo veraneio tinham prejudicado pouco a pouco o serviço — e o guarda-livros, que o detestava, nunca perdia ensejo algum para se queixar, alto e bom som, dos embaraços que a desordem da Caixa lhe causava.

— Se isto assim continua, — tinha êle dito, naquele dia, aos outros empregados, de modo a ser ouvido pelo Jerónimo — terei de cruzar os braços. Quem paga é o patrão!

— Deixa estar, meu velhaco, que ainda hoje te hei-de esfregar as ventas com as contas do mês! — fanfarronou então, entre dentes, pálido de raiva, o marido da Beatriz.

Mas, ai! antes da hora do encerramento do escritório, quando o fim da tarefa estava próximo, o Garrido aparecera — e, sem atender a razões nem a lástimas, constrangeu o Jerónimo a saír de pronto com êle.

— Amanhã concluirá isso facilmente! — rematou, pondo termo às objecções do amigo. — Você agora está muito cansado ou muito nervoso. Já não sabe o que faz.

— Lá isso é verdade! — confirmou o Jerónimo, respirando com fôrça. — Tenho os miólos em água!

Os miólos em água! ... — Êste desabafo, tão inofensivo, levantou grande celeuma de escárneo entre o pessoal do escritório, logo que o patrão e o caixa desapareceram. — Que asno! Que pedante! — E o guarda-livros, que comandava a guerra e era chalaceador, acrescentou, com um risinho mordaz:

— Se êle tem os miólos em água, vocês verão que aínda lhe rebentam dois repuxos na cabeça! — e agitou os indicadores nos cantos da testa, receoso de que o sal da facécia se perdesse.

No dia seguinte, o Jerónimo chegou mais

cedo ao escritório, resolvido a pôr em ordem todos os serviços a seu cargo, mas menos firme no propósito de castigar o guarda-livros com as palavras que na véspera estudara para dar solenidade ao acto da entrega das contas... Começando a trabalhar, bem dispôsto, rosnou até, comsigo:

— Afinal, êle tem razão! Com as coisas assim, ninguem se entende.

No princípio da tarde, já definitivamente aliviado de preocupações e rancores, procedeu à conferência dos valores recebidos — e, depois de contar e recontar várias vezes, com progressiva inquietação, notou que na importância entregue pelo Ezequiel no dia anterior faltavam duzentos mil reis.

— Duzentos mil reis, muito certos!

O velho cobrador, chamado a explicações, declarou com mau modo que se alguem tinha surripiado os duzentos mil reis, não fôra êle — e que o dinheiro entregue na véspera representava integralmente a importância do recibo que levara. A disputa, logo empeçonhada por insinuações afrontosas, acendeu-se com rapidez, na ausência do Garrido, e tomou graves proporções, porque todos os empregados do escritório intervieram em defesa do Ezequiel — antigo sargento da Guarda, com mais de dez anos de serviço na casa e quasi setenta de honrada vida. O próprio Calhamar, constrangido pelo velho a pronunciar-se sôbre a sua probidade, havia declarado, muito pálido, a voz incerta:

— Sim... Sempre o tive por homem digno de toda a confiança... Não conheço nada em seu desabono.

A chegada do patrão pôs termo a essa encarniçada guerra de palavras, e o conflito entrou então em outra fase. O Garrido tambem acreditava

na honestidade do seu cobrador; mas o desespero do Jerónimo era tão persuasivo que nem um instante encarou a hipótese da sua culpabilidade. No gabinete do caixa tinha estado tambem o Calhamar; mas a inocência dêste (de quem o Garrido suspeitou, por saber que êle era alcoólico e jogador) afirmara-a convictamente o Jerónimo, declarando que o dinheiro não passara pelas mãos do seu amigo.

O Garrido, apertado entre a obrigação de culpar o marido da Beatriz ou o Ezequiel, tomou o partido de condenar o último. Despedido êste, o intangível caixa teve fóra do escritório um inimigo mais activo e desapiedado que todos os outros. A notícia de que o Jerónimo, perito nas artes de explorar o patrão com o auxílio da mulher, metia a unha na caixa e imputava depois os seus roubos aos outros empregados, espalhou-se largamente nos formigueiros comerciais de Vila Nova. Além de isso, logo que os primeiros frios outonais puseram termo à estação balnear da Foz, e a filha do Boaventura regressou com o marido à casinha das Devesas, o Ezequiel, não contente com a sementeira de descrédito que fizera, todas as tardes esperava o Jerónimo, quando êle recolhia para jantar — e, no meio de outros homens de má catadura, chamava-lhe em voz alta gatuno, cabrão, malandro sem vergonha, não poupando sequer a Beatriz ausente, a quem atribuía cubiças de ladra e torpezas de cadela.

O Jerónimo vivia ralado; e às vezes, ao entrar em casa com os ouvidos cheios dos horríveis brados do Ezequiel, maltratava a mulher, acusando-a de ter favorecido, com as suas leviandades, o equívoco que o estava desonrando. Depois, como ela rompia a chorar, clamando que nem o Carrascão teria alma para a tratar com

tamanha crueza, arrependia-se, pedia-lhe perdão — e afogava desgôstos e raivas no vinho do Pôrto com que o Garrido, mais astucioso que a serpente bíblica, constantemente regava, naquele revôlto paraíso de Vila Nova, a árvore da sciência do bem e do mal.

V

Certa manhã de Novembro, o Jerónimo, ao entrar no escritório, encontrou sôbre a sua banca de trabalho uma carta, escrita à máquina, em que «um amigo» anónimo e calemburista o prevenia de que todas as tardes, emquanto êle manuseava, por dever de ofício, os grossos *fundos* do Garrido, alguem, no poético ninho das Devesas, fazia o mesmo às *superfícies,* não menos grossas, de sua mulher.

— Canalhas! — rugiu por entre dentes, certo da calúnia, envesgando para os outros empregados um olhar que claramente os acusava da perfídia.

Contudo, desde êsse dia, mau grado seu, nunca deixou de pensar no caso atroz. Não queria interrogar a mulher, para não provocar os acessos de lágrimas que sempre sucediam às disputas, e os longos amúos que sempre se seguiam às lágrimas... Mas, como não podia extirpar do pensamento aquele cancro, resolveu vigiar o Garrido — e, procurando-o no seu gabinete duas tardes seguidas, entre as três e as quatro horas, verificou, transido, que o melro estava ausente.

— Aí pelas três, três menos um quarto, sai quási sempre — elucidou o contínuo, a quem êle interrogou com mal sofrida impaciência.

Saía quasi sempre! E às horas indicadas na carta anónima!... — Seria possível que a denúncia tivesse algum fundamento?...

Nada mais fácil de alimentar que uma dúvida dolorosa. Qualquer conjectura, a menor coincidência, a recordação de uma palavra ou de um facto de incerto alcance, tudo assimila a ânsia de sofrimento que existe no fundo da natureza humana.

Convencido já de que a Beatriz e o Garrido o atraiçoavam, o Jerónimo entrou arrebatadamente na atmosfera dos grandes dramas de imaginação — e, durante dias seguidos, pensando em comprar uma arma, para desfecho da tragédia que sentia avizinhar-se, saíu furtivamente do escritório à hora suspeita, arrastado pelo desígnio de espiar, com precauções de amante e paciência de caçador, os arredores da sua casa.

Nas primeiras tentativas, apertado pela necessidade de voltar sem demora ao armazem, contentou-se em verificar a perfeita e honesta tranquilidade do seu lar: a criada ensaboando as roupas domésticas no tanque do quintal, e a Beatriz costurando junto da janela da sala de jantar, pura e solitária como uma pomba cativa. Ante êsse espectáculo confortador, o Jerónimo, sem poder despegar a vista da cabeça da mulher, que aparecia com a graça de uma flôr sobre a linha do peitoril enramado de trepadeiras, exclamava, revoltado:

— Os biltres! Como se pode caluniar uma rapariga que não é capaz de qualquer acção má, e que me ama deveras, só a mim!...

E da sombra do pinhal onde se acolhia para estas ingratas tarefas de espionagem, dirigia-lhe olhares agradecidos, palavras ternas e beijos nas pontas dos dedos.

Mas um dia, abalado pela insistência das denúncias, o Jerónimo, olhando mais atentamente, julgou perceber que a Beatriz, sempre visível no

seu lugar favorito, junto à janela, estava falando a qualquer pessôa sumida no interior da sala. Houve até um momento em que o seu riso indiscreto, quebrando o largo silêncio dos campos, lhe feriu o ouvido, semelhante ao sibilo de uma seta que leva a morte comsigo... E, como se isto não bastasse, logo em seguida viu a sua mão ondear, alta, próxima do rosto, com os dedos erguidos no gesto familiar de uma ameaça de mimo...

— Está alguem com ela, não há dúvida... Talvez seja a criada.

De facto, naquêle dia, a criada não mourejava no quintal; mas o Jerónimo, como tão vaga hipótese o não satisfizesse, buscou outro observatório mais elevado; e, tendo conseguido equilibrar-se sobre as pedras soltas de um pequeno valo, distinguiu afinal, na sombra da sala, perto da mesa de costura da Beatriz, uma cabeça de homem, muito trabalhada a pente, lustrosa de cosméticos.

— É êle! — clamou, estrangulado. — É o Garrido!

Sim, era o Garrido! E tão familiarizado com a Beatriz que estava segurando nas mãos espalmadas, canhestro e ridículo, uma meada de retrós que ela preguiçosamente dobava!

— Parecem dois noivos! Que grande desafôro!

Um desejo sinistro acometeu-o, com arripios quasi voluptuosos: — entrar de golpe no teatro do delito, gritar horrendamente: — «Ah, traidores!» — e afogar em sangue o pecaminoso idílio! Porque êle, o falso amigo, só merecia a morte! Era um libertino, que soubera enganar com tanta perversidade a Beatriz como a êle, seu marido fiel e amado! Mas o escândalo aterrou-o — e a perspectiva de penar o resto da vida na Penitenciária ou nos sertões de África, minado pelo re-

morso de ter assassinado a Beatríz ou pela raiva de a deixar livre para gozar sòzinha e sem peias a choruda herança do Boaventura, pareceu-lhe desmarcada sandice.

— O melhor é regularizar estas coisas à porta fechada, no escritório! — considerou. — De resto, se o Garrido já tivesse obtido da Beatriz mais alguma coisa além de simples familiaridades, não se mostraria com certeza tão enamorado.

A acção apaziguadora dêste raciocínio, embora não diminuísse a chama de ódio que lhe cancerava o coração desde que se certificara da perfídia do Garrido, fortaleceu-o todavia com a coragem necessária para ocultar à mulher, naquele dia, a tempestade que ameaçava a sua felicidade.

Durante o jantar, caprichou até em arrancar à Beatriz, com os seus ditos e remoques, êsses lascivos gorgeios de riso que tanta vez saíam da sua garganta fresca depois que a vida lhe corria fácil e sem brigas, longe da bastilha paterna; mas, sem que êle mesmo o notasse, a dôr que o minava foi-se instilando, com a subtileza de um óleo muito fino e corrosivo, nessa alegria de comédia, e pouco a pouco os seus motejos convergiram apenas, como setas, para os círculos concêntricos de um único alvo: a pesporrência do patrão, a imbecilidade afortunada do patrão (Quanto mais burro mais peixe! — lá dizia o anexim) o viço serôdio do patrão — e até os cuidados femininos em que êsse crasso negociante de vinhos, já a caminho dos cincoenta anos, se esmiolava, para vestir à moda os seus untos de ricaço e lustrar como gáspias de verniz as melenas com que ocultava a calvície incipiente! . . .

— Lá estás tu às voltas com o homem! — censurou por fim a Beatriz, molestada pela veemência agressiva dos gracejos. — Deixa-o lá, que não

é êsse o melhor modo de pagar os favores que lhe devemos!

— Eu lhos pagarei, os tais favores! — fanfarronou o Jerónimo. — E com bom juro, afirmo-to! Eu cá pago sempre o que devo!

A filha do Boaventura teve um gesto de enfado:

— Pois sim; mas, emquanto esperas a ocasião, põe um freio na língua e não sejas ingrato!

— Ah! ... Se já não é permitido falar de sua excelência diante de ti, o caso muda de figura! — tornou o rapaz, com um riso amarelo. E, logo a seguir, furioso: — Sabes que mais? ... Vou-me embora, para não fazer alguma tolice!

Foi na tarde do dia seguinte, depois de uma hesitação aflitiva, que o Jerónimo resolveu «ajustar as contas» com o patrão. Á hora do encerramento do escritório, alegando a necessidade de concluír certos serviços da sua secção, não saiu, como costumava, a par dos outros empregados, antes se afervorou, com redobrado zêlo, no exame das contas e dos papeis que pejavam a sua banca de trabalho, recusando com impaciência o auxílio que o Calhamar teimava em prestar-lhe:

— Não! Não! Isto é serviço para ser feito só pela minha mão! Vá também, Calhamar, vá! E obrigado pela sua bôa vontade!

Quando finalmente se viu só, respirou com fôrça, aliviado — ou talvez mais oprimido aínda. Uma súbita necessidade de movimento sacudiu os seus membros. Lançando de si com impaciência os papeis em que tantos algarismos inúteis rabiscara para iludir os colegas, levantou-se, abriu um pequeno armário embutido na parede, junto ao cofre, e do mais escuro recanto das suas prateleiras desentranhou uma garrafa de

vinho do Pôrto e um cálice ainda embuziado por anteriores libações. Então, ali mesmo, a pé firme, — uma, duas, três vezes, com sombria decisão, encheu e levou à bôca a impura taça. Em seguida, tendo repôsto as coisas em ordem, escutou. O silêncio pareceu-lhe esmagador — e foi com um suspiro de desafôgo que ao cabo de alguns instantes ouviu o pigarrear bronquítico do Galochas, o guarda do armazem, que passava os dias a dormitar no pátio de entrada, com o cachimbo entre os dentes.

Minutos depois, quando êle, com os olhos brilhantes e o cabêlo descompôsto, entrou sem pedir licença no gabinete do patrão, o Garrido, que estava escrevendo, logo se ergueu, advertido da tempestade por um milagre de instinto ou talvez pelos rebates da consciência culpada. E foi assim, de pé, inclinando o busto sôbre os braços mal firmados na chapa de cristal da sua secretária, onde três grandes camélias floriam o bocal de uma jarra da China, que êle escutou, sem poder falar, as piores acusações, saídas como jactos de saliva da bôca do seu empregado.

Tamanha explosão de ira, assim de improviso, tinha-o atordoado. Homem pacato e sem ânimo para scenas violentas, mal ousava crêr no que ouvia. Tudo aquilo, dentro da sua vida plácida e livre, afigurava-se-lhe tão inconsistente, tão inverosimil como um sonho.

— Que diabo, Jerónimo, sossegue! — balbuciou, afinal, quando o outro tomou fôlego. — Isso não são modos!... Eu nunca o ofendi! Você está doido!

O Jerónimo, mais ameaçador por se vêr temido, clamava que não, que nunca estivera doido, graças a Deus; que êle, Garrido, era um

birbante, uma criatura sem fé e sem carácter. Falou na sua «honra de homem pobre», no seu «modesto lar» tão desapiedadamente destruído por um «bezerro de oiro» em perpétuo cio; e prometeu que lhe havia de atirar à cara, diante dos empregados do escritório, diante do mundo inteiro, toda a lama das suas tremendas culpas!...

O Garrido tremia; mas, já impaciente, tendo recebido em plena face o bafo do Jerónimo, empestado do vinho do Pôrto com que êle se esquentara, ganhou coragem para lhe dizer:

— Você, doido, talvez não esteja; mas está bêbedo!

— Bêbedo, eu?!... Você atreve-se a dizer isso?!...

Dementado, procurou uma arma, para castigar o insultador. Não a achou. Mas como nêsse instante uma estatueta de bronze, que fazia parte da ornamentação do gabinete e representava a «Paz» de Prieur, tombasse com fragor, atingida por um dos seus gestos de tigre assanhado, o Jerónimo logo a levantou com arrebatamento — e, antes que o Garrido pudesse defender-se, abateu-lha de alto, como um malho, sôbre a cabeça.

O discreto cortejador da Beatriz caiu sem amparo, como um cadáver, na felpa mole da alcatifa vermelha que revestia o soalho. Uma onda de sangue, rompendo a grossa camada do cabelo em desordem, manchou-lhe o rosto, o pescoço, a camisa... Durante alguns segundos, o Jerónimo ficou olhando, petrificado pelo espanto, êsse pobre corpo de assassinado que ali, a seus pés, imóvel sobre o tapête rubro, parecia prestes a afogar-se num charco de sangue. E como a sua mão, súbito desamparada de vigor,

só então largasse a estatueta homicida, que na queda lhe atingiu um dos pés, êle, chamado pela dôr física a uma nova realidade, hesitou, circunvagou um olhar de louco pelas quatro paredes que tinham testemunhado o seu crime, e logo alcançou a porta com ímpeto de fuga. Sem chapéu, com o cabelo revôlto, ofegando como se acabasse de subir uma montanha, atravessou a correr o pátio da entrada, surdo aos brados do Galochas, que o seguiu, coxeando, até à rua, a perguntar se havia fogo. E foi assim, desfeito, cambaleante, com o abandono renunciador de um animal ferido e perseguido por matilhas ferozes, que êle entrou pouco depois em sua casa e disse, num sôpro, à mulher, que acorrera sobressaltada:

—Estou perdido! Matei o Garrido!

VI

Logo nessa noite, o caso foi largamente soado. O Garrido, transportado para um hospital do Pôrto ainda com vida, não pôde todavia elucidar a polícia sobre a estranha agressão de que fôra vítima. Só no dia seguinte, depois de ouvido o Galochas e confirmado o desaparecimento do Jerónimo, começou a nomear-se o criminoso.

Os jornais, penetrando o segrêdo do delito, romantizaram-no a seu modo, com os mais desapiedados pormenores: o casamento de Jerónimo contra vontade da família da mulher, a sua ostentosa privança com o Garrido, as assiduìdades dêste junto da Beatriz... Classificado de «passional» e condimentado com grande cópia de indicações, verdadeiras e falsas, o crime tornou-se interessante como um folhetim.

Soube-se então que o herói da sanguinária façanha se evadira com singular habilidade, sem deixar rasto, constando que já tinha alcançado a fronteira da Galiza; e um jornalista mais minucioso, como a Beatriz desaparecera também, perguntava, em normando, na cabeça de uma longa notícia:—«A esposa infiel acompanhou o criminoso?»

Entretanto o Garrido melhorava com surpreendente celeridade, deixando a tragédia sem desfecho condigno das violências que a princípio a tinham recomendado à sensibilidade pública. A mão do Jerónimo, menos esforçada que a sua

imaginação, vacilara por certo ao descarregar a pancada fatal, porque a estatueta, apesar de brandida como uma clava, apenas atingira de raspão a cabeça do Garrido e mal achara o pericránio através da espêssa, quasi feminina manta de cabelo que a guarnecia.

Ao cabo de três dias de tratamento, os médicos declararam-no acessível ao inquérito policial, e logo nas suas primeiras declarações o Garrido se empenhou em sacudir de si o odioso papel de sedutor da mulher do seu empregado, atribuindo o desatino do Jerónimo a uma questão suscitada entre ambos por irregularidades de serviço. Simultaneamente, a confirmar esta versão, espalhou-se que o balanço dado à caixa que estava a cargo do fugitivo, acusava um desfalque importante. O Jerónimo, assim infamado de gatuno, sofreu imediata diminuição na sua auréola romanesca. Era um patife vulgar, um rato doméstico que mordia quando não devorava — e a polícia, tão desencantada como a opinião pública, renovou as deligências de perseguição com maior actividade, aganando-se em pistas que nenhum êxito feliz justificava.

Ora emquanto o desabonado faro dos caçadores da Autoridade se perdia em estéreis buscas e começava a aceitar-se sem contradição a hipótese da fuga para a Espanha, o Jerónimo aborrecia-se, encerrado com sua mulher, ali, a dois passos dos seus perseguidores, em casa do velho Calhamar. Êste pagava assim, a seu modo, a culpa que lhe cabia na desgraça do Jerónimo; pois fôra êle quem, com cegueira de jogador, àliás não confessada aínda, tinha desfalcado em consecutivos saques a caixa do Garrido.

Acusado publicamenle de ladrão, o Jerónimo arrepelava-se com frenesís de possesso. Falava

em se matar, acabar de uma vez para sempre com aquela vida de cão danado; e a Beatriz, humilhada pelas vilezas que lhe assacavam os jornais e descrente de maiór fortuna, encarniçava-o nêsse desígnio, declarando-se pronta a morrer com êle, para provar a toda a gente que só amava o seu Jerónimo e sempre lhe fôra fiel.

O Calhamar, ouvindo êstes compungentes desabafos, repetia-lhes que a melhor resolução a tomar era a de embarcarem ambos para o Brasil, antes que se esgotassem as suas economias — que morrer só uma vez se morria, e êles estavam aínda na flôr da vida, umas crianças. Mas o efeito reanimador destas considerações era fugaz como a sombra de uma ave que atravessa o espaço voando e cantando; logo que a voz rouca do Calhamar deixava de ouvir-se, o desespero ganhava-os de novo. Para mais, sondando as algibeiras virgens de dinheiro mal ganho, o Jerónimo verificou que não tinha recursos suficientes para comprar as passagens, subornar os olheiros da polícia e amparar a sua vida comum em país estranho antes de conseguir trabalho remunerado...

— Isso de partir para o Brasil será uma coisa excelente — considerou êle, sorrindo com a amargura dos mártires resignados; — mas o piór é que a vida lá também custa dinheiro, e o que eu tenho mal chegará para pagar o preço das passagens em terceira classe!

O Calhamar, soprando com maior deleite o fumo do seu cigarro, sentenciou:

— O dinheiro é como a gente: reproduz-se! O ponto está em ter vontade firme e uma migalha de sorte...

E, convicto, declarou que se o Jerónimo quisesse ceder-lhe cem mil reis — êle, Calhamar,

Serafim Augusto Calhamar, aplicando no Clube Vilanovense certas regras que tinha inventado para ganhar infalivelmente à roleta, lhe traria, ao cabo de algumas horas, uns cinco ou seis contos, em bôas notas do Banco de Portugal.

— Contos são histórias!... — desdenhou o Jerónimo, desagradecido e scéptico. — Bem bom jôgo faz quem fecha a sua bôlsa a sete chaves!

Em todo o caso, para tentar a fortuna, e por antigo vício de lisboêta, mandou comprar um vigésimo da lotaria do Natal, que estava à porta. Além de isso, permitiu que a Beatriz escrevesse à mãi, a fim de lhe narrar com verdade os sucessos que os tinham desgraçado e pedir auxílio para as despesas da expatriação.

Entretanto, esmorecida a sua confiança nos benefícios da sorte-grande e na piedade do Boaventura, os dois sentiram-se de novo possuídos pela tentação do suicídio. A sós, na ausência do Calhamar — que já se mostrava cansado de tais hóspedes e que, para se vêr livre dêles, inventava suspeitas da polícia, rondas de vigilância nas imediações da casa e até misteriosas ameaças anónimas — discorriam largamente sobre o mais fácil e suave meio de realizarem êsse intento de almas desesperadas. A Beatriz queria que o Jerónimo a matasse com um tiro no coração, quando ela estivesse a dormir; mas o rapaz discordava, ébrio de dôr, alegando que nunca acharia em si coragem para tal atrocidade. Depois, mais românticos, pensaram em obter duas pistolas — e, assim armados, cada um dêles desfecharia contra o outro à queima-roupa, trocando um beijo — o último! — Mas êsse alvitre, que a princípio os entusiasmou, tambem foi repudiado; ambos reconheceram que o horror de tão extrema desgraça lhes faria tremer a mão, no momento supremo;

e o risco de ficarem apenas feridos, a sofrer longamente num catre de hospital ou nas garras da justiça, arripiou-os de pavor.

Foi então que a Beatriz se lembrou de que tinha trazido de Lisbôa, entre os seus trapos, o frasquinho dessa misteriosa *Agua Imperial* que o pai acusara de veneno fulminante quando quisera limpar das nódoas do seu vinho as finas roupas do Carrascão... Algumas gotas dêsse líquido num copo de água — e a morte viria rápida e sem dôr, como trazida por um raio.

Tão benigno e desornado processo de aniquilamento pôs termo à irresolução que durante todo aquele dia os tinha demorado — não com angústia de pacientes, mas com volúveis emoções de espectadores — em frente do drama da sua vida. Certo, o propósito do suicidio, que ambos haviam tomado livremente, não era uma impostura ou um vão alarde de infortúnio. No pântano em que por seu mal tinham caído, a morte aparecia-lhes como o único benefício desejável; mas, vendo-a ainda a distância, obscurecida por inconfessadas e mal-distintas esperanças, encaravam-na sem desgôsto maiór que a vaga melancolia suscitada, acaso, por alguma fortuita antevisão do fim natural da vida, ao cabo de uma longa doença. E assim, essa idéa de morrerem juntos sob a acção do veneno do Boaventura, tendo-os encantado logo a princípio, chegou quasi a envaidecê-los, com cegueira de autores, quando um após outro, soprando forte o lume da imaginação, lograram aperfeiçoá-la e tornar desconhecido o instante em que o sacrifício se consumaria.

Das suas reservas de regalos domésticos, uma das mais abundantes era a do vinho do Pôrto liberalizado pelo Garrido no tempo da sua

cavilosa intimidade. Apartando seis garrafas dêsse vinho, perfeitamente iguais, e vazando em uma só (que logo confundiriam com as outras) algumas gotas do veneno, encontrariam a morte um belo dia, no meio de uma palestra de sobremesa, sem agonias, sem dramatização, sem nenhum sobressalto de cobardia ou arrependimento... Era a morte certa em hora incerta, de que falavam os livros piedosos.

Mas, contra o projecto desta engenhosa viagem para as trevas do Não-sêr, um obstáculo se ergueu também, logo aos primeiros praparativos: tanto o veneno como o vinho jaziam ainda na casinha idílica das Devesas; e, porque a autoridade tinha selado todas as portas, logo após o desaparecimento do casal, devia ser difícil, se não impossível, transpôr agora os umbrais dêsse paraíso tão prontamente achado e tão desatinadamente perdido.

O Calhamar, a quem êles expuseram, com discretas ressalvas, o contratempo, encarecendo a necessidade de alguns objectos e até de dinheiro esquecido na hora da fuga, contou que dias antes, passando perto da poética moradia, lhe parecera vêr, através das grades do jardim, uma janela mal fechada — e propôs ir lá uma noite com o Jerónimo, ambos bem encapotados, averiguar se as suas presunções eram exactas. Caso assim acontecesse, fácil seria retirar, com a prudência aconselhada pelas circunstâncias, tudo aquilo de que necessitassem.

— O sitio é êrmo, como vocês sabem — animou o velho, desejoso de vêr reabastecida a bôlsa dos seus hóspedes — e de noite, no meio daquele arvoredo, até se póde caçar o diabo à unha!

O alvitre, repelido nos primeiros instantes

como um dislate pueril, suscitou depois reflexões, controvérsias, até bravatas de coragem — e uma noite, já próximo o Natal, sob a grossa neblina que caía das profundidades sepulcrais do céu sem estrêlas, os dois homens, com a vaidade masculina excitada pelo testemunho da Beatriz, tentaram finalmente a aventura. E, como a fortuna os protegeu e o Calhamar não se tinha enganado, em breve regressaram ao seu esconderijo com uma carga digna dos alforjes de Ali-Baba.

— Trabalhámos com a habilidade e a felicidade de ratoneiros de alta escola! — gracejou o inspirador da façanha, depondo aos pés da Beatriz, como um troféu, o grande e bem recheado saco de linhagem que tinha trazido.

Ela sorriu com satisfação, aliviada emfim das inquietações da espera; mas o Jerónimo, apalpando o ombro pisado pela caixa de garrafas que transportara, desabafou num novo acesso de dôr moral, a que a dôr física não era estranha:

— Não há motivo para espanto! Que sou eu, se não um ladrão?... Não o dizem os jornais?... Pois aí está: o ladrão do dinheiro, que outros roubaram ao Garrido, foi hoje roubar-se a si mesmo, para não perder o costume!

O Calhamar, impressionado pelo riso de demónio que rematou estes sarcasmos, ergueu a voz rouca em um brado que tanto podia sêr de confôrto como de cólera:

— Não se desespere, homem! Tudo nêste mundo tem remédio!

E até a Beatriz, com o desgôsto de se vêr lançada pelas lástimas do marido nos cuidados da sua voluntária escravidão, observou, impaciente:

— Tens a consciencia sossegada, pois não

tens?... Então deixa correr os rios para o mar!

—Vale-me muito ter a consciencia sossegada! Se a tivesse menos, talvez não vivesse no inferno em que vivo! Felizmente, isto agora está por pouco! — concluíu em voz cava, procurando os olhos da mulher com um olhar de náufrago.

No dia seguinte, quando o Calhamar partiu para o escritório, os dois logo iniciaram, com desalento de condenados, as manipulações indispensáveis ao bom sucesso do drama de morte que tinham imaginado. Foi uma operação muito demorada e difícil, porque ambos se mostravam empenhados em estabelecer por sua mão êsse primeiro contacto com os sonhos do eterno sono que buscavam... A sua discórdia cresceu, sôbre tudo, erriçada dos mais absurdos alvítres, ante as precauções a tomar para que não pudesse jàmais distinguir-se das outras a garrafa em que fôsse lançado o veneno. Afinal, já fatigados de desavenças e reconciliações igualmente inúteis, decidiram confiar à sorte a solução do problema — e, lagrimejando como crianças, trocando beijos que desatinavam os seus movimentos, verteram em uma das garrafas, não algumas gotas, mas todo o resto dessa enigmática *Água Imperial,* que no fundo do seu frasquinho anilado estivera esperando, como um amigo cruel, aquele supremo apêlo, desde o dia já distante em que na *Flôr do Lorêto* fôra purificada a andaina domingueira do Carrascão...

Realizada assim a parte mais melindrosa dos preparativos, a Beatriz caprichou em misturar imediatamente com todas as outras a garrafa sinistra, para evitar que o Jerónimo a reconhecesse e se matasse sòzinho, como era seu intento...

Guardou-as em um armário de canto — reservatório de frascos mal esgotados de antigos remédios, loiça partida e objectos inúteis, a que o Calhamar chamava com ironia e azedume a sua garrafeira. Mas, ao dispô-las na prateleira triangular, depois de ter afastado para o fundo os ferros-velhos do seu hospedeiro, aproveitou a abstração do Jerónimo, que ficara junto à mesa, silencioso, de cabeça entre os punhos, para lanhar de leve, com a unha afiada do polegar, a ourela de um dos rótulos. E logo em seguida, como para melhor disfarçar a emoção com que executara essa manobra, perguntou ao marido:

— Começamos hoje, sim? ...

O rapaz voltou para ela o olhar vidrado e sem lume, sacudindo os ombros, como se a morte lhe tivesse já aniquilado a vontade:

— Pois sim!

A Beatriz, pressurosa, logo colocou a um canto da mesa já disposta para o almôço, uma das garrafas, dizendo quási com jovialidade:

— Há-de ser esta! Veremos se fiz bôa escolha!

Sucumbido, admirando intimamente a afoiteza da mulher, o Jerónimo perguntou:

— Tu não tens pena de morrer tão nova, Beatriz? ...

— Teria, se pudéssemos ser felizes ... — declarou ela, com um sorriso contrafeito, traíndo o nervosismo pelo excesso e a inconstância dos movimentos. — Mas assim ...

Aproximou-se dêle para o beijar, para lhe incutir coragem — sentindo-o fraco como uma criança.

— Se tua mãi nos valesse! ...

— Pudesse ela, coitada! — exclamou a Beatriz, com fé. — Mas o pai não a deixa. Vê lá se

ela nos respondeu, e já há mais de oito dias que lhe escrevi!

O Jerónimo conjecturou aínda, a mêdo:

— Quem sabe?... A demora pode sêr de bom agouro. Talvez teu pai se deixe amolecer...

— Isso sim! — contestou ela, com irreverência e rancor. — Nem com água a ferver! Tem o coração duro como os chifres do diabo!

Nêsse dia, à sobremesa do almôço, o Jerónimo esteve a ponto de desistir do jôgo da morte, quando viu diante de si o cálice de vinho do Pôrto que a Beatriz animosamente lhe servira. Mas como a filha do Boaventura, intemerata, com um sorriso de anjo, bebesse de um trago o seu vinho, depois de um amigável gesto de saudação, talvez de adeus, êle teve vergonha da sua cobardia e, muito pálido, sob a pressão de um pavor que abolia quási a consciência da temeridade, vazou também o seu cálice.

Só uma hora depois, como a Beatriz se não queixava de qualquer desordem visceral, e as incertas pontadas que êle julgara sentir no estômago tendiam a desaparecer, recobrou a antiga serenidade, mas com tamanho ímpeto e desafôgo que no fim do jantar bebeu, de súcia com o Calhamar, — que propôs uma saúde irónica ao Garrido, dador do precioso néctar — mais de metade da garrafa.

Na tarde do dia seguinte, o velho solteirão entrou em casa antes da hora habitual, mais leve da perna, desengonçando em gestos de alvorôço os seus longos membros de gigante escanelado.

— Alvíçaras! Alvíçaras! — bradou logo da porta, agitando um grande papel impresso.

O Jerónimo e a mulher, no primeiro instante, crêram que um capricho do destino, talvez

um milagre, vinha repentinamente pôr termo à sua desgraça...

—Que diz o jornal?... Descobriu-se o ladrão?...—interrogou àvidamente a Beatriz, mais impetuosa nas bôas e más horas.

—Que jornal?... Que ladrão?...—tornou o Calhamar, um momento perplexo, mas sem deixar apagar a luz de riso que lhe ardia nos olhos. E de repente, compreendendo:—Isto não é um jornal, vejam! É coisa muito melhor!... Um cartuchinho de um conto e pico!...

Era a lista geral da última lotaria. O número do vigésimo que o Jerónimo mandara comprar oito dias antes, o 6538, estava ali impresso «com todas as letras»—como repetia o Calhamar, dando largas ao seu entusiasmo de jogador.

—Um conto duzentos e cincoenta mil reis, é quanto você abicha, seu felizão!

O contentamento produzido por esta bôa nova só atingiu o coração do Jerónimo e da Beatriz ao cabo de alguns segundos, quando a esperança insensata que a princípio os alvoroçara se desvaneceu como um sonho que a realidade desampara.

O rapaz foi o primeiro a festejar o sucesso.

—Isto é sinal de que a fortuna está outra vez com-nosco!—exultou, abraçando a mulher.

Mas três dias depois essa fortuna, que êle cria para sempre propícia, voltou-lhes outra vez a face. A mãi da Beatriz, num aviso dirigido ao Calhamar, esclarecia que o Boaventura lhe tinha apanhado a carta da filha e teimava no propósito de prevenir a polícia do paradeiro do «ladrão». Aconselhava-a a procurar outro abrigo sem detença —e, entre lamentos, desenganava-a da possibilidade do auxílio que lhe solicitara, pois ela nada tinha de seu e o pai mostrava-se de dia para dia

mais enfurecido contra o Jerónimo, jurando que à sua morte nem êle nem a filha herdariam tanto como um tôno de cebola, aínda que para isso tivesse de lançar fogo a tudo quanto possuía.

O prestante Calhamar, com o seu zêlo estimulado pela participação que o Jerónimo lhe déra no prémio da lotaria e pelo receio de sêr preso, ou despedido do escritório do Garrido, como encobridor do criminoso, arranjou, sem mais demora que uma tarde de pesquisas, um novo refúgio para os dois emboscados — alguns compartimentos, com mobília modesta mas asseada, em casa de uma senhora viúva, à Aguardente. Em nenhuma outra parte, asseverava o Calhamar, poderiam viver com maiór segurança; no Pôrto ninguém os conhecia, e em tão afastado lugar da cidade não era provável que o Garrido ou algum dos empregados do escritório os visse jàmais.

A mudança fez-se sem dificuldade, numa velha carruagem fretada às primeiras horas da noite na praça da Batalha. E a vida dos noivos, mais livre pela diminuição das cautelas e mais desafogada pela liberalidade da esquiva fada das lotarias, tornou-se agradável como a lua-de-mel de duas rôlas bem acasaladas. Provisòriamente, tinham desistido do suìcídio; as garrafas, empalhadas no seu caixote por ocasião da muda, foram durante longos dias esquècidas como um remédio inútil. E sabendo que o Garrido, já convalescente, se transferira para a sua casa de Gaia, e que as autoridades (talvez por vontade dêle) estavam dormindo sobre os autos do crime — pois nem sequer tinham feito a receada busca em casa do Calhamar — os dois, marido e mulher, com as algibeiras quentes, começando por arriscar-se a breves passeios pelos arrabaldes da

cidade, bem cedo ganharam ousio para visitar, em imprudentes jornadas de recreio, algumas povoações do Minho, que só de fama conheciam.

VII

Uma tarde, regressando de Braga, entristecidos pela saudade dos largos horizontes do Bom Jesus e pelo grande vácuo que na sua bôlsa de ociosos tinham sofregamente cavado as mãos de ambos, ao longo de um mês de excursões e regalos, lêram em um jornal comprado durante a viagem uma notícia que os aterrou. O Garrido, tendo reassumido a gerência da sua casa comercial, verificara que o desfalque acusado na caixa, por ocasião da saída do Jerónimo, ascendia a uns seis contos; e, não podendo perdoar o roubo como perdoara a agressão, havia reclamado à polícia novas e mais activas diligências para captura do empregado infiel. E — pormenór assustador — o jornal acrescentava que havia razões para supôr que o ladrão estava «bem perto do teatro das suas lastimáveis proezas».

Perante estas reviravoltas da fortuna, a idéa do suìcídio desvairou-os mais uma vez. No dia seguinte, nova garrafa foi encetada, ao almôço.

A Beatriz agora não tinha um minuto de sossêgo, porque o Jerónimo, desesperado, parecia dispôsto a procurar deveras a morte, e teimava em fazer, êle próprio, a escolha do vinho, no intuito de abreviar aquele «tormento sem remédio».

Eram apenas três as garrafas que resta-

vam, e entre elas esperava, como um carrasco, a hora da execução, aquela onde se escondia a terrível *Água Imperial*. A Beatriz, na manhã em que devia abrir-se a primeira dessa última série, ergueu-se mais cedo do que costumava e revolucionou a pequena sala onde tomavam as suas refeições com grandes lidas de limpeza e ordem, como se estivesse em casa sua; e no fim dêsses trabalhos, simulando descuido de mulher moça, deixou sobre a mesa, bem visíveis, duas das garrafas agourentas, sumindo a restante — aquela que conservava no rótulo o discreto sinal da sua unha afiada — dentro do armário. Graças a êste ardil, aínda nêsse dia o Jerónimo não encontrou a morte no exíguo cálice de vinho que saboreou à sobremesa.

O rapaz andava nervoso, intratável, com receio de ser preso e condenado como ladrão — êle que nunca desviara uma aresta da caixa forte do Garrido! Demais, o Calhamar, sempre vigilante, tinha vindo uma noite avisá-lo de que era grande a actividade da polícia, e lembrar a conveniência de mudar mais uma vez de poiso...

— Mas como? Para onde?... — contrapôs o Jerónimo, desnorteado, abafando a voz para não ser ouvido pela dona da casa. — Para onde hei-de eu ir, se estou sem dinheiro?!...

No dia imediato, ao abrir o «Primeiro de Janeiro», logo outro golpe o feriu. Sob a epígrafe «O crime de Gaia», em excitantes parangonas, noticiava o jornal que a polícia tinha recebido uma denúncia anónima e estava na pista do ardiloso gatuno.

— Gatuno, eu!... — clamou, entre lágrimas de raiva, amarrotando o jornal. — Canalhas!

A Beatriz estava na cozinha, preparando o

jantar. Êle, acabrunhado, já sem ousar aproximar-se das janelas, sentiu necessidade de se aturdir. Com decisão, quasi com violência, vazou num copo e logo bebeu, em breves sorvos ansiosos, o resto do vinho do Pôrto que ficara do almôço; depois, para evitar que a Beatriz notasse a sua fraqueza e o censurasse por abusar da bebida, como já tinha sucedido algumas vezes, lembrou-se de a enganar passando para a garrafa que esgotara uma parte do vinho que atestava as outras, aínda intactas. Havia só duas. Uma estava fóra, sobre a mesa — e essa não podia êle abri-la sem risco de vêr descoberto pela Beatriz o seu estratagema. Procurou portanto a outra; e, tendo-a encontrado no mais profundo recanto da prateleira do armário, com tanta pressa e receio procedeu à transfusão que encharcou um dos punhos da camisa.

—Se acertei agora, — monologou, concluída a tarefa — acaba-se tudo, e ela não dará pela mudança; se não acertei, sucederá o mesmo, porque então a garrafa envenenada é aquela que está em cima do armário e a outra não chegará a vir à mesa.

O jantar começou triste, porque a falta de dinheiro já os estava obrigando a penosos sacrifícios de sobriedade nas suas refeições. Além disso, a Beatriz mal podia conter as lágrimas, humilhada no seu brio de mulher irrepreensível pelas palavras com que pouco antes, na cozinha, fôra constrangida a enganar a sua hospedeira, a fim de acalmar as inquietações que à bôa senhora estava causando o atrazo do pagamento da última mensalidade...

— Nunca esperei descer a isto!... — desabafava ela, entre dorida e raivosa. — Que vida, meu Deus! Que vida!...

O Jerónimo, com a esperança de reduzir pela ternura aquela dôr sem outro remédio, perguntou melancòlicamente:

— Queres-me mal por tantos infortúnios, Beatriz?...

— Não digas isso! — protestou ela, firme no seu amor. — O que fizemos, feito está! Mas talvez fôssemos mais felizes, se não tivessemos gostado um do outro.

— Talvez!... — murmurou êle, quási contra vontade, revendo a loja de móveis do Isaías, tranquila, sonolenta, com *maples* onde era mais doce o repouso e mais consoladora a leitura dos folhetins...

Quando o jantar ia em meio, chegou o Calhamar com uma carta da mãi da Beatriz. A compadecida Nazaré mandava-lhes o produto da venda clandestina de algumas joias — cêrca de duzentos mil reis — e pedia-lhes que fôssem para longe de Portugal, pois o pai todos os dias jurava que não sossegaria emquanto não mandasse o Jerónimo para a Penitenciária.

— Salvo o devido respeito, é um tigre, o tal seu sogro! — observou o Calhamar.

— Tem lá aquelas idéas!... — murmurou a Beatriz, com uma vaga entoação de desculpa, que para ela própria foi surpresa. — A mãi, coitada, é uma santa!

Disse — e, com os olhos húmidos, serviu a sobremesa: um prato de «viùvinhas», bôlos folhados com recheio de amêndoa e ovos, especialidade do Convento dos Remédios, de Braga, que tinham trazido, por ocasião do seu regresso do Bom Jesus, com sofreguidão de formigas e imprevidência de cigarras.

O Calhamar, guloso, conheceu logo os afamados pasteis:

— Bravo! Tratam-se a doces de freira!...

A mulher do Jerónimo ofereceu-lhe o prato:

— Coma um, Calhamar! São muito bons!

O velho serviu-se com carinho e gôzo, sorrindo, já esquecido dos desgôstos dos seus amigos; e a Beatriz, sem hesitação, confiadamente, encheu de vinho os três cálices que tinha alinhado na mesa.

— Tu não queres? — preguntou depois ao marido, vendo-o absorto, de lápis em punho, a garatujar algarismos no sobrescrito da carta da sogra.

— Sim, dá cá... — respondeu, tomando uma das «viúvinhas» do prato, quási sem erguer os olhos da conta que estava concluíndo.

Mas como o tênue folhado do mimo freirático se quebrasse entre os seus dedos e tombasse em pequenas escamas doiradas sôbre o papel, logo se impacientou — e, sem prazer nem compostura, como quem rilha uma côdea em aperto de fome, devorou ràpidamente a preciosa «viùvinha». Depois, aínda impetuoso e distraído, tomou o cálice que tinha diante de si e sorveu de um só trago o vinho que o enchia.

Saboreando o doce com beatitude, a Beatriz, e o Calhamar conversavam em voz discreta, porque o velho, vendo o Jerónimo alheado, resolvera expôr sem refolhos uma idéa que ultimamente lhe ocorrera: a possibilidade de fazer voltar o tempo antigo se ela, Beatriz, fôsse em pessôa afirmar ao Garrido a inocência do marido no desfalque da caixa e o arrependimento com que o Jerónimo deplorava a cegueira que tinha motivado a agressão. O Garrido sempre tivera por ela uma asa quebrada (era homem de bom gôsto, o patrão!) e, com certeza, seria todo mel e rosas

se a Beatriz soubesse falar-lhe ao coração, entre um sorriso, e duas làgrimazinhas bonitas...

— Porque êle, no fundo, não é máu homem... — rematou.

A Beatriz concordou. Para ser justa, só podia dizer bem do Garrido. Se gostava dela, era um cavalheiro; nunca lhe faltara ao respeito. Confiança de amigo, isso sim; mas, tratando-se de uma pessôa que ia a sua casa todos os dias, e vivia com êles como um parente borralheiro, sem cerimónias, era o que havia de mais natural!... E tambem estava convencida de que, se ela lhe falasse, tudo se havia de remediar...

— Pois então fale-lhe, que diabo!... — aconselhou com veemência o Calhamar. — É o fim de todas as aflições! Aínda podem ser felizes!...

— Sim; mas o Jerónimo de certo não deixa.

— Ora!... Ora!... — descreu o Calhamar.

Depois de esconder um sorriso de amizade e malícia no gesto com que procurou sacudir do bigode grisalho o polvilhado açúcar da «viùvinha», alçava em jeito de saudação o cálice do vinho que a Beatriz lhe oferecera, quando o Jerónimo, largando de repente a sua escrita de algarismos, bramiu:

— Com mil diabos!...

Afastara de repelão a cadeira em que estava sentado — e, com as mãos no ventre, muito pálido, estorcia-se como se as dôres de uma queimadura o dilacerassem.

A Beatriz e o Calhamar precipitaram-se.

— Que é?... Que tens?...

O Jerónimo, lívido, fazendo saltar com as mãos crispadas os botões do colete, como se tentasse estrangular a serpente de fogo que lhe minava as entranhas, mal pôde erguer para

êles um olhar já sem brilho. Regougou, num estertor:

— O vinho... Cá está!

A Beatriz, de salto, lançou mão à garrafa quási vazia; mas, examinando o rótulo, soltou um suspiro de alívio.

— Não! Sossega, não é o que cuidas!... Êste vinho não é...

Calou-se, transida de pavor. O Jerónimo tinha-se soerguido, e em murmúrios que deviam ser a agonia de um brado, balbuciou:

— É outro... Mudei-o hoje...

A tremer, mas aínda aferrada a uma louca esperança de salvação, a Beatriz correu ao armário onde tinha sumido o vinho de morte, e logo verificou, horrorizada, que o marido a não enganara...

— Matou-se! Matou-se! — desabafou, em grita. E, desvairada, apertando nos braços o corpo do Jerónimo, que cedia aos seus movimentos com a inércia de um fardo desconjuntado por uma queda, implorou num gemido desgarrador o auxílio do Calhamar, a quem aquele inesperado lance de tragédia havia petrificado: — Um médico! Vá buscar um médico!

Quando o médico veio, meia hora depois, já o Jerónimo, estendido em um sofá de palhinha, a cabeça imóvel no colo da mulher, não respondia aos beijos e às lágrimas com que ela, desorientada, pretendia confortá-lo. Estava morto.

Morto!... Quando tal ouviu, a Beatriz ergueu-se, como doida, e correu para a mesa onde, entre os restos do seu malfadado jantar, brilhavam com a mais bela côr de topásio os dois cálices de vinho que nem ela nem o Calhamar, por seu bem alheados num discreto garrular de amigos, tinham sequer aprôximado dos lábios. Aínda

alongou o braço para tomar o que lhe pertencia, mas o seu gesto de sacrifício não se completou; e, sem coragem, humilhada talvez pela fraqueza com que fugia à morte, abateu-se de golpe sôbre a mesa, a chorar, a chorar, como se nêsse instante apenas se sentisse viúva do primeiro homem que amara.

Biblioteca Civilização

DIRECTOR: DR. CAMPOS MONTEIRO

Colecção de pequenos romances nacionais e estrangeiros

CADA VOLUME . . . . 2$50

VOLUMES PUBLICADOS:

1. —**Perdão tardio,** novela regional por *Campos Monteiro.*
2. —**A primeira Dulce que houve em Portugal,** novela histórica por *Silva Tavares.*
3. —**O Vingador,** novela histórica por *João Grave.*
4. —**A verdadeira mãe,** novela por *D. Ana de Castro Osório.*
5. —**O Patriota,** novela militar, por *Rocha Martins.*
6. —**Páginas da vida,** por *Lourenço Cayolla.*
7. —**Martírio de noiva,** por *Eduardo de Noronha.*
8. —**Uma noite de Cleópatra,** por *T. Gautier.* Tradução portuguesa de *Campos Monteiro.*
9. —**Sem amor,** por *D. Aurora Jardim Aranha.*
10. —**A Morgada de Sortelha,** por *José de Faria Machado.*
11. —**A morte redimida,** por *Ferreira de Castro.*
12. —**O jogo da morte,** por *D. João de Castro.*

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇ

75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77

PORTO

Campos Monteiro

Os Lusíadas anotados e parafraseados (0.6 milhar), enc. . . . . 20$00
Versos fora de moda, 2.ª edi. 5$00
Musa Irónica (monólogos e contos em verso) 2.ª edição. 8$00
A oito dias de vista (crónicas) 10$00
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). . . . . 2$50
Miss Esfinge (novela), 2.ª ed. 10$00
O crime duma mulher honesta, drama em 3 actos . 2$50
Saude e Fraternidade, sátira política (edição definitiva) 12$00
Moeda corrente, crónicas e contos (4.º milhar) . . . 10$00
Quando se amava assim, peça em 3 actos . . . . . 8$00
Camilo Alcoforado (romance) 12$50
Auto das três barcas (4 quadros em verso) . . . . 4$00

João Paulo Freire (Mario)

O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos, 2.ª edição com uma carta do Senhor Conselheiro João Franco ao autor deste livro . . 10$00
Homens do meu tempo . . 10$00

Antonio Ferro

A Amadora dos Fenómenos 8$00

Silva Tavares

Quem canta (3.ª edição) . . 10$00
Rosario de Rimas. . . . 12$50
Mais Cantigas. . . . . 10$00
Varões e... lustres . . . 10$00

Eduardo de Noronha

A Marqueza de Chaves . 12$50
Com os olhos na Pátria . 15$00
Em redor d'Africa . . . 10$00
Pina Manique. . . . . 10$00
Heroínas, Mulheres. . . . 8$00

Branca da Silveira e S

(GIESTA)

Contas do meu Rosário. .
A Herdeira (romance). . .

Henri Ardel

Traduções de Campos Montei

Azul e Branco (romance). .
Fogo mal extinto (romance).
A Sombra do Passado (romance) . . . . . .

Tradução de João Grave

Renée Orlis (romance) .

M. Delly

A Esilada (romance) . . .
Uma mulher sedutora (rom.)

Maria da Luz Sobra

Barquinhos de papel (contos para crianças) . . . .

(Biblioteca Civilização)

Colecção de pequenos romanc portugueses e estrangeiros

I — Perdão Tardio (por C. Mon
II — A primeira Dulce que em Portugal (por Silva Tavare
III — O Vingador (por João Gra
IV — A verdadeira Mãe (por A Castro Osorio).
V — O Patriota (por Rocha Ma
VI — Paginas da Vida (por Lo Carolla).
VII — Martirio de noiva (por Ed de Noronha).
VIII — Uma noite de Cleópatr Tomás Gautier, tradução de C Monteiro).
IX — Sem amor (por Aurora J Aranha).
X — A Morgada de Sortelh José de Faria Machado).
XI — A morte redimida (por F de Castro).
XII — O jogo da morte (por D de Castro).

Cada volume 2$50

UNC- LSC
00001333195